



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE LETRAS - FLet
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS– PPGL
MESTRADO EM LETRAS

ASPECTOS DIALETAIS DO MÉDIO AMAZONAS: UM ESTUDO SOBRE O
LÉXICO

MANAUS-AM
2019

BRYANA CONNIE LINDA LOPES BATISTA

ASPECTOS DIALETAIS DO MÉDIO AMAZONAS: UM ESTUDO SOBRE O
LÉXICO

Dissertação de mestrado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Área de concentração: Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva
Azevedo

MANAUS-AM
2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B333a	Batista, Bryana Connie Linda Lopes Aspectos Dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico / Bryana Connie Linda Lopes Batista. 2019 212 f.: il. color; 31 cm. Orientador: Orlando da Silva Azevedo Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Dialetoлогия. 2. Geolinguística. 3. Léxico. 4. Amazonas. I. Azevedo, Orlando da Silva II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	--

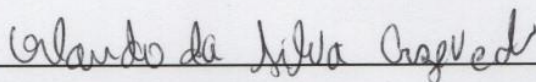
Bryana Connie Linda Lopes Batista

Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico

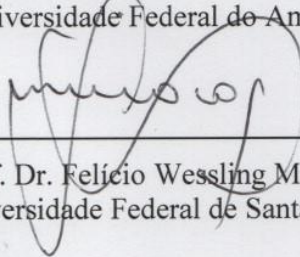
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 05 de abril de 2019

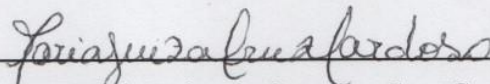
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – **Orientador**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Prof. Dr. Felício Wessling Margotti – **Membro**
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Flávia Santos Martins – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Maria Sandra Campos – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

RESUMO

Esta pesquisa é de natureza quantitativa e está pautada nos princípios teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998), nos trabalhos de CRUZ (2004), MARGOTTI (2004), AZEVEDO (2013) e na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). O objetivo geral é mapear o fenômeno da variação linguística, em seu aspecto lexical, no português falado no Médio Amazonas, mais precisamente em Itacoatiara e Silves (AM). A teorização sobre léxico considera os apontamentos de Pottier (1978), de Biderman (1998; 2001), de Oliveira e Isquardo (2001). Além disso, serão brevemente abordadas as concepções de norma, a partir de Coseriu (1973) e do tratamento estatístico realizado por Cristianini (2007). A pesquisa foi realizada *in loco* e deu-se por meio da aplicação de um Questionário Semântico-Lexical (QSL) contendo 100 perguntas distribuídas em 10 campos semânticos. Após a transcrição, as respostas foram armazenadas em um banco de dados do software SGVCLin e depois as cartas linguísticas lexicais foram geradas. Os dados coletados foram comparados com os trabalhos de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005), Azevedo (2013) e Maia (2018). Os resultados apontam para o uso categórico nos dois municípios de algumas variantes e para a substituição de variantes regionais por outras inovadoras.

Palavras-chave: Dialectologia. Léxico. Amazonas

ABSTRACT

This research is of a quantitative nature and is based on the theoretical-methodological principles of Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998), in the works of CRUZ (2004), MARGOTTI (2004), AZEVEDO (2013) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008). The general objective is to map the phenomenon of linguistic variation, in its lexical aspect, in Portuguese spoken in the Middle Amazon, more precisely in Itacoatiara and Silves (AM). The theorization on lexicon considers the notes of Pottier (1978), of Biderman (1998, 2001), Oliveira and Isquerdo (2001). In addition, conceptions of the norm will be briefly discussed, based on Coseriu (1973) and the statistical treatment performed by Cristianini (2007). The research was carried out in loco and was given through the application of a Semantic-Lexical Questionnaire (QSL) containing 100 questions distributed in 10 semantic fields. After transcription, the responses were stored in a SGVClín software database and then the lexical linguistic charts were generated. The collected data were compared with the works of Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005), Azevedo (2013) and Maia (2018). The results point to the categorical use in the two municipalities of some variants and the substitution of regional variants for other innovative ones.

Keywords: Dialectology. Lexicon. Amazonas.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - LEXIAS COM 100% DE FREQUÊNCIA	181
TABELA 2 - LEXIAS COM FREQUÊNCIA \geq 50%	182
TABELA 3 – LEXIAS COM FREQUÊNCIA $<$ 50%	183

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DIVISÃO DIALETAL DO BRASIL POR NASCENTES (1953).....	34
FIGURA 2 - ESQUEMA DE H. THUN	54
FIGURA 3 – PLANILHA COM OS DADOS DA PESQUISA.....	80
FIGURA 4 – SOFTWARE LIVRE QGIS 3.0.....	81
FIGURA 5 – REGISTRO DA ÁREA URBANA E RURAL NA CARTA LINGUÍSTICA	82
FIGURA 6 - PÁGINA INICIAL DO SGVCLIN	82
FIGURA 7 - BANCO DE DADOS DO SGVCLIN	83
FIGURA 8 – PROCEDIMENTO PARA GERAR AS CARTAS LINGUÍSTICAS	83
FIGURA 9 – MODELO DE RELATÓRIO GERADO NO SOFTWARE.....	84

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- REDE DE PONTOS DO ALAM	42
QUADRO 2 - DIMENSÕES E PARÂMETROS CONTROLADOS PELA PESQUISA DE MARGOTTH (2004)	55
QUADRO 3 - SISTEMA, NORMA E FALA	62
QUADRO 4 - PERFIL DOS INFORMANTES	77
QUADRO 5 - DIMENSÕES E PARÂMETROS DA PESQUISA.....	78
QUADRO 6 – DISTRIBUIÇÃO DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)	78
QUADRO 7 - SIMBOLOGIA DOS INFORMANTES	81
QUADRO 8 - REDEMOINHO	85
QUADRO 9 - BANZEIRO	87
QUADRO 10 - TEMPORAL.....	88
QUADRO 11 - REPIQUETE	89
QUADRO 12 - CAPIM – ARROZ	90
QUADRO 13 -NEBLINA	91
QUADRO 14 - TAPAGEM.....	92
QUADRO 15 - CANOA COM RABETA	94
QUADRO 16 -LANCHA	95
QUADRO 17 -MOTOR DE LINHA	96
QUADRO 18 -DIESEL	97
QUADRO 19 -SANITÁRIO	98
QUADRO 20 -TAPIRI.....	100
QUADRO 21 -BACIO	101
QUADRO 22 -EMBUÁ	102
QUADRO 23 -LACRAU	103
QUADRO 24 -OSGA.....	104
QUADRO 25 - RASGA-MORTALHA.....	105
QUADRO 26 - CURIMATÃ.....	106
QUADRO 27 -BODÓ	107
QUADRO 28 - APAPÁ.....	108
QUADRO 29 -TICAR.....	109
QUADRO 30 - NUCA.....	110
QUADRO 31 -GOGÓ	111
QUADRO 32 -MULEIRA (MOLEIRA)	112
QUADRO 33 -BUNDA.....	113
QUADRO 34 -PRATINHO.....	114
QUADRO 35 -BANGUELO	115
QUADRO 36 -FONFON.....	116
QUADRO 37-VESGO	117

QUADRO 38-TERÇOL	118
QUADRO 39 -BUSTELA (BOSTELA).....	119
QUADRO 40 -SUVACO (SOVACO).....	120
QUADRO 41 -CECÊ.....	121
QUADRO 42-COSCA	122
QUADRO 43 -CANELA.....	123
QUADRO 44 -BATATA.....	124
QUADRO 45 -MOCOTÓ.....	125
QUADRO 46 -GOELA	126
QUADRO 47 -MUNHECA.....	127
QUADRO 48 -MENSTRUACÃO.....	128
QUADRO 49 -ADOTIVO.....	129
QUADRO 50 -CURUMIM	130
QUADRO 51 -MENINA/ CUNHANTAIN (CUNHANTÃ).....	131
QUADRO 52 -GRÁVIDA	132
QUADRO 53 -VIRGEM.....	133
QUADRO 54 -FALADEIRA	134
QUADRO 55 -CHIFRUDO/CORNO	135
QUADRO 56 -MÃO DE VACA	136
QUADRO 57 -PROSTITUTA	137
QUADRO 58 -CACHACEIRO.....	138
QUADRO 59 -MACHUDA	139
QUADRO 60 -GAY.....	140
QUADRO 61 -MANO.....	141
QUADRO 62-PUXIRUM	142
QUADRO 63 - CURUBA (CORUBA)	144
QUADRO 64-PAPEIRA.....	145
QUADRO 65 -MINGAU DE CARIDADE.....	146
QUADRO 66 -EMPACHADO.....	147
QUADRO 67 -MIJAÇÃO	148
QUADRO 68- IMPINJA.....	149
QUADRO 69 -FRIEIRA	150
QUADRO 70-SATANÁS	151
QUADRO 71 -VISAGEM.....	152
QUADRO 72 -BENZEDEIRA.....	153
QUADRO 73-CURANDEIRO.....	154
QUADRO 74 -MAU-OLHADO	155
QUADRO 75 -CALAMBOTA (CAMBALHOTA)	156

QUADRO 76 -BOLINHA/PETECA.....	157
QUADRO 77 - BALADEIRA	158
QUADRO 78 -PAPAGAIO.....	159
QUADRO 79 -CURICA.....	160
QUADRO 80 -PIRA SE ESCONDE	161
QUADRO 81-PIRA	162
QUADRO 82 -MACACA	163
QUADRO 83 -ACESA.....	164
QUADRO 84 -AVEXADO	166
QUADRO 85 - DESMENTIDO	167
QUADRO 86 - ESPINHELA CAÍDA	168
QUADRO 87 - FOFOQUEIRO	169
QUADRO 88 -PEQUENO	170
QUADRO 89 - ABESTADO.....	171
QUADRO 90 -FEIO.....	172
QUADRO 91 -MALINO.....	173
QUADRO 92 -PÁVULA.....	174
QUADRO 93 - MACETA	175
QUADRO 94 -GALEROSO.....	177
QUADRO 95 - CHEIO.....	178
QUADRO 96- DE BUBUIA	179
QUADRO 97 -PIRÃO.....	180

LISTA DE CARTAS

CARTA 1 - REDEMOINHO	86
CARTA 2 -BANZEIRO	87
CARTA 3 - TEMPORAL	88
CARTA 4 - REPIQUETE	89
CARTA 5 - CAPIM - ARROZ.....	90
CARTA 6 -NEBLINA	92
CARTA 7 -TAPAGEM	93
CARTA 8 - CANOA COM RABETA	94
CARTA 9 - LANCHA	95
CARTA 10 -MOTOR DE LINHA	97
CARTA 11 -DIESEL.....	98
CARTA 12 -SANITÁRIO	99
CARTA 13 -TAPIRI.....	100
CARTA 14 -BACIO	101
CARTA 15 -EMBUÁ.....	102
CARTA 16 -LACRAU	103
CARTA 17 -OSGA.....	104
CARTA 18 -RASGA – MORTALHA	105
CARTA 19 - CURIMATÃ	106
CARTA 20 -BODÓ	107
CARTA 21 - APAPÁ.....	108
CARTA 22 -TICAR.....	109
CARTA 23 -NUCA	110
CARTA 24 -GOGÓ	111
CARTA 25 –MULEIRA (MOLEIRA)	112
CARTA 26 -BUNDA	113
CARTA 27 -PRATINHO	114
CARTA 28 -BANGUELO.....	115
CARTA 29 -FONFON.....	116
CARTA 30 -VESGO	117
CARTA 31 -TERÇOL.....	118
CARTA 32 -BUSTELA (BOSTELA)	119
CARTA 33 - SUVACO (SOVACO).....	120
CARTA 34 -CECÊ	121
CARTA 35 -COSCA	122
CARTA 36 -CANELA	123
CARTA 37 -BATATA	124

CARTA 38 -MOCOTÓ	125
CARTA 39 -GOELA	126
CARTA 40 -MUNHECA	127
CARTA 41 -MENSTRUACÃO	128
CARTA 42 -ADOTIVO	129
CARTA 43 -CURUMIM	130
CARTA 44 -MENINA/ CUNHANTAIN (CUNHANTÃ).....	131
CARTA 45 -GRÁVIDA	132
CARTA 46 -VIRGEM	133
CARTA 47 -FALADEIRA	135
CARTA 48 -CHIFRUDO/CORNO	136
CARTA 49 -MÃO DE VACA	137
CARTA 50 -PROSTITUTA	138
CARTA 51 -CACHACEIRO.....	139
CARTA 52 -MACHUDA	140
CARTA 53 - GAY	141
CARTA 54-MANO	142
CARTA 55 -PUXIRUM	143
CARTA 56 -CURUBA (CORUBA).....	144
CARTA 57 -PAPEIRA.....	145
CARTA 58 -MINGAU DE CARIDADE.....	146
CARTA 59 -EMPACHADO	147
CARTA 60 -MIJACÃO	148
CARTA 61 - IMPINJA.....	149
CARTA 62 -FRIEIRA	150
CARTA 63 -SATANÁS	151
CARTA 64 -VISAGEM	152
CARTA 65 -BENZEDEIRA.....	153
CARTA 66 -CURANDEIRO	154
CARTA 67 -MAU-OLHADO	155
CARTA 68 -CALAMBOTA (CAMBALHOTA).....	156
CARTA 69 -BOLINHA/PETECA	157
CARTA 70 -BALADEIRA.....	158
CARTA 71 - PAPAGAIO.....	159
CARTA 72 -CURICA	160
CARTA 73 -PIRA SE ESCONDE.....	161
CARTA 74 - PIRA.....	162
CARTA 75-MACACA.....	164

CARTA 76 -ACESA	165
CARTA 77-AVEXADO.....	166
CARTA 78 -DESMENTIDO.....	167
CARTA 79 - ESPINHELA CAÍDA.....	168
CARTA 80 - FOFOQUEIRO.....	169
CARTA 81 -PEQUENO	170
CARTA 82 -ABESTADO	171
CARTA 83 -FEIO.....	173
CARTA 84 -MALINO.....	174
CARTA 85 - PÁVULA.....	175
CARTA 86 - MACETA.....	176
CARTA 87 -GALEROSO	177
CARTA 88 -CHEIO	178
CARTA 89 - DE BUBUIA	179
CARTA 90 - PIRÃO.....	180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Arquivo Sonoro do Projeto de Atlas Etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro - APERJ

Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

Atlas Linguístico do Ceará - ALECE

Atlas Linguístico do Centro- Oeste de Potiguar - ALiPTG

Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS

Atlas Linguístico do Mato Sul de Pernambuco – ALMASPE

Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM

Atlas Semântico – Lexical da Região Norte do Alto Tietê – ReNAT

Atlas Linguístico do Sergipe – ALS

Atlas Linguístico do Sergipe – ALS – II

Atlas Linguístico de Paraíba – ALPB

Atlas Linguístico do Paraná - ALPR

Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB

Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Norma Linguística Oral Urbana e Culta – NURC

Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Universidade Federal do Pará - UFPA

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Dedicatória

Dedico à minha prima Isabela (10 anos), com quem passamos momentos difíceis na minha família durante o período da pesquisa. Por conta de um erro médico, ela perdeu todos os movimentos, inclusive a fala. Durante a sua recuperação, percebi o quanto a língua é essencial ao ser humano; depois deste acontecimento, passei a amar ainda mais esta área, pois percebi a sua importância. Parabéns por sua recuperação, prima! Você é o orgulho da nossa família!

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai, por sua companhia divina durante esta caminhada. Sem seu refúgio durante os momentos difíceis, principalmente nos dias de coleta de dados e análise de dados, não teria alcançado os objetivos desta pesquisa. A Ele seja dada a honra e a glória eternamente.

À minha família que sempre me apoiou na conquista deste sonho, o qual não é só meu, mas de todos. Agradeço a minha mãe Eliana e aos meus irmãos Bryan, Byanca e Bharony por sempre compreenderem minha ausência.

Ao Luiz, a minha prima Cielem, a minha tia Conceição e as minhas primas (Isabela, Sara Liz e Lorena) por terem me abrigado em Manaus desde a minha graduação. Sempre que pensei em desistir vocês foram a voz que me incentivaram a continuar e a vencer meus medos. Venci mais um!

In memoriam – Aos meus avós que não chegaram a ver minha trajetória, mas que são a base, na qual construo meu futuro. Saudades eternas!

À minha tia Nieta e sua filha Márcia, que me deram um lugar para ficar em Itacoatiara durante a coleta de dados.

Ao meu tio Nestor e a família do seu Raimundo, que mesmo com toda a simplicidade, me ofereceram o melhor que tinham durante os dias que fiquei na Comunidade Nossa Senhora do Livramento.

À Dona Maria que, me conhecendo pela primeira vez, ofereceu sua casa e me ajudou na busca de informantes na comunidade São José da Colônia do Piquiá.

Ao senhor Paulo e sua família que confiaram na indicação do meu Tio Adelson para ficar em sua casa na cidade de Silves, sem ao menos me conhecer pessoalmente. Vocês foram essenciais para que eu continuasse a coleta de dados.

Ao meu orientador Orlando Azevedo, que me acompanha desde a graduação com os Projetos de Iniciação Científica e o responsável por ter me apresentado esta área na qual desenvolvo esta pesquisa. Hoje encerramos mais um capítulo! Obrigada por fazer parte dessa história!

À professora Grace Bandeira, que sempre será meu referencial de pesquisadora e principalmente de ser humano. Seu abraço me confortou em muitos momentos de aflição durante este trabalho.

À professora Maria Luiza por aceitar o convite de participar da banca examinadora. Ter você como avaliadora deste trabalho é uma honra.

Ao professor Felício Margotti por aceitar o convite de participar da banca examinadora. É motivo de grande alegria ter você como avaliador desta pesquisa.

Aos meus amigos da pós-graduação que sempre incentivaram para que esta pesquisa fosse realizada, em especial a Bruna, Mateus, Greicy, Dayana e Risonilde.

À Dra Lúcia Rocha que, mais do que uma chefe, é uma amiga com quem compartilho ideias, recebo orientações e incentivos. Agradeço a amizade e apoio das minhas amigas de trabalho Marinete e Ronanny, de quem sempre recebi apoio para continuar os estudos.

Aos meus amigos Mirlene, Tarcyane, Gabriela, Ismael, Sandra e Abraão pelo incentivo e por sempre orarem por mim durante esta fase. Sou grata a Deus pela amizade de vocês.

À minha amiga Cássia Pimentel que me acompanhou em todos os pontos de inquérito desta pesquisa. Sua companhia me deu suporte em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. Obrigada por separar esses dias da sua vida para colaborar na realização deste sonho. Sou eternamente grata!

Aos meus informantes, os quais aprendi a admirar durante as entrevistas. Pelos momentos de aprendizado, não somente por conta da variação lexical, mas, principalmente, pela experiência de vida. Obrigada por sempre estarem abertos a falar muito mais do que eu queria saber. Foi maravilhoso fazer vocês rirem lembrando de histórias, expressões e palavras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 – DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	23
1.1 Dialetologia	23
1.1.1. Breve histórico	23
1.1.2. Geolinguística: o método da Dialetologia	26
1.1.3. Dialetologia no Brasil.....	32
1.1.4. Dialetologia no Amazonas	41
1.2 Sociolinguística	46
1.2.1. Sociolinguística variacionista.....	48
1.2.2. Variáveis linguísticas	49
1.3 Dialetologia pluridimensional	53
1.3.1 Dimensão Diatópica	57
1.3.2 Dimensão Diastrática	57
1.3.3 Dimensão Diageracional	57
1.3.4 Dimensão Diassexual	58
1.3.5 Dimensão Diazonal	58
2 – O LÉXICO	59
2.1. Concepções sobre o léxico	59
2.2. Concepções de Norma.....	60
2.3. O universo lexical amazonense	63
3 – ASPECTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS DE ITACOATIARA E SILVES	66
3.1. Panorama geográfico, histórico e populacional de Itacoatiara e Silves	66
3.1.1. Itacoatiara, cidade da pedra pintada	66
3.1.2. Silves, a cidade risonha	72
4 - METODOLOGIA	75
5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é de natureza dialetológica e versará sobre o fenômeno linguístico da variação em nível lexical na microrregião do Médio Amazonas-AM. A Dialetologia, segundo Chambers e Trudgill (1994), pode ser compreendida como o estudo dos diversos dialetos de uma língua. A forma como esses falares são distribuídos geograficamente e socialmente, deve-se à contribuição da Sociolinguística (LABOV, 2008), que tornou mais amplo, passando a levar em consideração os aspectos sociais, como a idade, o sexo, a escolaridade, entre outras dimensões, tornando o estudo pluridimensional (THUN, 1998) por envolver mais de três dimensões (dialingual, diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial) e diferentes parâmetros de pesquisa (localidades, zona, idade, escolaridade, sexo, estilo de fala, entre outros). A Geolinguística é a ferramenta que a Dialetologia utiliza para dispor as variações em cartas linguísticas, também chamadas de cartogramas (CRISTIANINI, 2007) ou mapas linguísticos.

Meu interesse por esta pesquisa surgiu durante minha graduação (2012-2016), em que fui bolsista no Programa de Iniciação Científica – PIBIC, com o projeto intitulado “Trabalhando os mapas geolinguísticos”, desenvolvido entre 2014 e 2015. Esse primeiro contato me permitiu conhecer a Dialetologia e a Geolinguística, para então alcançar o objetivo geral que era mostrar os mapas geolinguísticos como ferramentas para o pesquisador que estuda a língua nas seguintes dimensões: diatópica (lugar geográfico); diageracional (entre falantes mais novos e mais velhos); diagenérica (entre o gênero masculino e feminino) e diastrática (graus de escolaridade). Além disso, foi possível atingir outros objetivos específicos como: verificar os componentes que formam um cartograma linguístico; conhecer várias dimensões de mapas produzidos em dissertações e teses no Brasil e, por fim, elaborar mapas pluridimensionais sobre o falar amazonense constante na literatura local. Deste modo, a pesquisa de iniciação científica, ainda que basicamente bibliográfica, foi primordial no primeiro contato com produções dialetológicas.

Dentre os componentes gramaticais que podem ser estudados na pesquisa dialetológica como o fonético-fonológico, o semântico-lexical, o morfossintático, o prosódico, o pragmático, o discursivo, o metalinguístico, optei, desde o início, pelo componente lexical da língua portuguesa. Afinal, a diversidade sempre é evidente quando falantes do norte e do sul do Brasil apresentam diferentes denominações para o mesmo objeto. E a questão desperta mais curiosidade quando no mesmo estado encontram-se variantes lexicais. Deste modo, o

meu interesse em estudar as escolhas lexicais dos falantes passou a aumentar à medida em que desenvolvia o projeto de pesquisa.

Meu segundo contato, em nível de graduação, com a pesquisa dialetológica foi participando do projeto de Iniciação Científica intitulado “Variação Lexical em Manaus: um estudo geolinguístico”, que foi uma continuação do primeiro, sendo desenvolvido entre 2015 e 2016. Desta vez, tive a oportunidade de ir a campo para aplicar o Questionário Semântico-Lexical (QSL). O objetivo geral foi demarcar algumas zonas dialetais em Manaus (AM), escolhendo a unidade do léxico como componente linguístico diferenciador da identidade linguística do falante. Devido ao pouco tempo disponível para pesquisa, foi escolhida somente a zona oeste da cidade, mais especificamente três bairros: Alvorada, Lírio do Vale e Redenção. A partir dessa experiência significativa, foi elaborado o pré-projeto de mestrado, o qual permaneceu com alguns dos mesmos objetivos, mas com novas zonas de Manaus (AM).

Em uma das aulas da disciplina “Tópicos de Dialetologia e Geolinguística”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFAM, surgiu o interesse de revisitar os pontos de inquérito da dissertação de Corrêa (1980): “O Falar do caboco Amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves”. Sendo assim, no intuito de registrar o falar amazonense – que pertencia ao subfalar amazônico (NASCENTES, 1953), e tendo o caboclo¹ como o seu maior representante, esse trabalho registrou dados linguísticos da fala amazonense.

Sobre o termo “caboco”, Corrêa (1980, p.22) afirma que “entre os amazonenses, caboco é a forma corrente de caboclo, o que os leva a considerar “caboco” e “caboclo” como variantes lexicais. Um dos objetivos de Corrêa (1980), com esse estudo, foi fazer um levantamento do falar do caboclo amazonense, no intuito de coletar o máximo possível de palavras e expressões representativas da microrregião escolhida e verificar os aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos que as caracterizavam. Quanto ao léxico, buscou depreender, do falar amazonense, as lexias relacionadas conforme cada campo semântico, tais como: família; habitação; vida social ou ciclo de vida; atividades de produção; meios de transporte; a terra e modos de dizer.

Em suas conclusões, Corrêa (1980) afirmou, à época, que as características do falar daquele caboclo são as mesmas tanto no município de Itacoatiara quanto no município de

¹ O termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social. É também usado na literatura acadêmica para fazer referência direta aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica. Na fala coloquial, o caboclo é uma categoria de classificação social complexa que inclui dimensões geográficas, raciais e de classe. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/107>. Acesso em: 20 de out de 2017.

Silves, em que se mantinha maior “conservadorismo linguístico” e um desenvolvimento lento, por conta do isolamento que provocava muita estabilidade e pouca mudança social. Em Itacoatiara, o caboclo tinha mais facilidade de acompanhar a evolução dos centros urbanos, diferente dos que se confinavam em seu estável ambiente rural, pois o isolamento condicionava um tipo arcaico de vida, e assim, uma “linguagem conservadora”.

Nesta pesquisa, Corrêa (1980) afirma que o falar do caboclo sofria influências da cidade de Manaus, por meio dos jornais, do rádio, do ensino escolar e da televisão, esta última, segundo a autora, tinha somente em Itacoatiara naquele tempo. Para a pesquisadora, não existia uma diferenciação profunda entre o falar urbano e o falar do “caboco”, mas o que ocorria era um conjunto de traços que especificava um “falar regional-rural”.

A hipótese é de que o advento da globalização, a influência da mídia e o processo de escolarização contribuíram para um nivelamento dialetal não somente na microrregião do Médio Amazonas, mas também em outros lugares do Estado do Amazonas e em outros estados do Brasil. Por isso, podem existir variantes arcaicas, inovadoras, extintas ou em covariação linguística na fala do Médio Amazonas.

Dessa forma, após 30 anos da realização da pesquisa de Corrêa (1980), minha principal hipótese é a de que a fala cabocla de Itacoatiara e Silves apresente algumas diferenças em seu aspecto linguístico lexical e fonético-fonológico; porém, nesta pesquisa, apenas o aspecto lexical será considerado.

Diante de exposto acima, esta dissertação possui as seguintes hipóteses:

1. Os falantes apresentarão as lexias encontradas nas pesquisas de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005) e Azevedo (2013) para a mesma variável lexical;
2. Haverá uso categórico de variantes nos dois municípios;
3. Haverá formas inovadoras substituindo variantes regionais;
4. As lexias, para a mesma variável lexical, apresentadas no Médio Amazonas serão diferentes das localizadas em outros municípios amazonenses.

A partir desse trabalho realizado por Corrêa (1980), é mostrada a contribuição linguística e social que um estudo dessa natureza pode fornecer para os aspectos culturais de cada município. Além disso, pode servir como material de leitura para pesquisas de outras áreas como a antropologia, por serem locais de influência indígena, e colaborar na elaboração de dicionários e vocabulários, como fez Corrêa (1980) ou de Atlas Linguístico, como Cruz (2004), a fim de deixar registradas essas realizações lexicais na forma escrita.

Pretendo, nesta pesquisa, no que for ainda possível, comparar alguns itens lexicais, com os da década de 80, encontrados no trabalho de Corrêa (1980), para o mesmo referente e

por meio da visualização do fenômeno da variação linguística em cartas semântico-lexicais. Em uma proposta dialetológica, o importante não é teorizar sobre o léxico da língua portuguesa, mas apresentar o fenômeno da variação no espaço cartográfico no eixo diatópico, diastrático, diazonal, diassexual e diageracional. Examinarei, portanto, os fatores extralinguísticos que estão influenciando a ocorrência de variantes diante de uma variável lexical.

Tendo como pressupostos teórico-metodológicos a Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998) e a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), esta dissertação tem por objetivo geral mapear o fenômeno da variação linguística, em seu aspecto lexical, no português falado no Médio Amazonas, mais precisamente em Itacoatiara e Silves (AM). Para isso, esta pesquisa se propõe a atingir os diferentes objetivos específicos, a saber:

- Elaborar cartas linguísticas lexicais na modalidade pluridimensional;
- Verificar a produtividade das variantes semântico-lexicais na dimensão diatópica (espaço), diastrática (escolaridade), diageracional (idade), diassexual (sexo) e diazonal (meio rural/urbano);
- Comparar, no que for possível, as variantes lexicais, para o mesmo referente extralinguístico, encontradas nesta pesquisa com as variantes lexicais registradas na pesquisa de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005), Azevedo (2013) e Maia (2018);
- Descrever a norma de uso do Médio Amazonas pela constatação da frequência e distribuição regular (CRISTIANINI, 2007).

Quando à estrutura da dissertação, além da Introdução, a mesma se divide em 5 capítulos: 1 – Dialectologia Pluridimensional e Sociolinguística Variacionista; 2 – O léxico; 3 – Aspectos sócio-geográficos de Itacoatiara e Silves; 4 – Metodologia e 5 – Apresentação e análise dos dados; considerações finais; referências e apêndices.

Na Introdução apresentam-se, entre outros, a justificativa, a hipótese e os objetivos que norteiam esta pesquisa.

No capítulo 1 – Dialectologia Pluridimensional e Sociolinguística Variacionista, abordam-se as perspectivas teórico-metodológicas que embasam este trabalho. No tópico sobre Dialectologia apresenta-se um breve panorama do desenvolvimento da Dialectologia no exterior e no Brasil, os parâmetros e dimensões adotados na Dialectologia Pluridimensional e a Geolinguística, como método a ser adotado para a cartografia de dados. Além disso, aborda-

seuma breve exposição da Sociolinguística Variacionista, expondo conceitos sobre a variação linguística, fatores extralinguísticos e comunidade de fala.

No capítulo 2 - O léxico, apresenta-se o aporte teórico sobre o léxico, pautado em Pottier (1978), Biderman (1998; 2001); Oliveira e Isquardo (2001). Além disso, serão brevemente abordadas as concepções de norma, a partir de Coseriu (1973) e as observações acerca da alta frequência e distribuição regular tratada em Cristianini (2007).

No capítulo 3 –Aspectos sócio-geográficos de Itacoatiara e Silves, traça-se um perfil geográfico e social dos dois pontos de inquérito desta pesquisa, o que inclui as comunidades Nossa Senhora do Livramento e São José da Colônia do Piquiá.

No capítulo 4 – Metodologia, relatam-se os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa. Neste capítulo são abordados a rede de pontos, o perfil dos informantes, a coleta de dados, o Questionário Semântico-Lexical (QSL), a transcrição grafemática, o tratamento dos dados e a elaboração dos cartogramas semântico-lexicais.

No capítulo 5 - Apresentação e Análise dos dados, expõem-se os dados por meio de cartas semântico-lexicais; verifica-se a ocorrência de variação lexical nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional, diassexual e diazonal; confirmar-se-á a ocorrência de arealização lexical entre os pontos de inquérito; comparar-se-ão as lexias obtidas nesta pesquisa com as lexias apresentadas em outras pesquisas e se discutirão os resultados com base no aporte teórico apresentado.

As Considerações Finais apresentam a síntese dos resultados adquiridos com esta pesquisa e comentários sobre os objetivos, se foram atingidos ou não. Além da confirmação ou não das hipóteses desta pesquisa. Seguem-se as Referências e os Apêndices.

1 – DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Neste capítulo, serão discorridos os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista.

1.1 Dialetoologia

Nesta seção, serão apresentados os seguintes tópicos: o breve histórico dos estudos dialetológicos; a Geolinguística, como método de excelência da Dialetoologia (CARDOSO, 2010) e apontamentos sobre a Dialetoologia no Brasil e no Amazonas.

1.1.1. Breve histórico

Os estudos linguísticos, no final do século XIX, foram caracterizados pela atuação dos neogramáticos, relacionados à Universidade de Leipzig (Alemanha), que tinham por questionamento os pressupostos teórico-metodológicos da prática histórico-comparativa, estabelecendo, portanto, uma orientação metodológica diferente para a interpretação do fenômeno da mudança linguística (FARACO, 2011).

Apesar de se estabelecer no decorrer da década de 1870, assume-se, como o início do movimento neogramático, a publicação do primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen* (Investigações morfológicas), fundada por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919). Nessa publicação, os autores afirmavam que o objetivo principal não era chegar à língua original indo-europeia, mas aprender os mecanismos da mudança, por meio do estudo das línguas vivas (FARACO, 2006).

Desta forma, reiteraram a proposta de estudiosos da década de 1870, como A. Leskien (1840-1916), de que “as mudanças sonoras se davam num processo de regularidade absoluta, isto é, as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, não admitindo exceções” (FARACO, 2011, p. 35).

Tais leis fonéticas só admitiam exceções diante de duas situações: ou porque não conheciam ainda o princípio regular efetivo; ou porque a regularidade da mudança havia sido afetada por ocorrência de empréstimos vocabulares de outras línguas ou pelo processo da analogia² (FARACO, 2011).

²A mudança por analogia significava, para os neogramáticos, alteração na forma fonética de certos elementos de uma língua por força de seus paradigmas gramaticais regulares (FARACO, p. 2006, p. 144).

Em uma breve avaliação dos neogramáticos e das suas propostas para o estudo da mudança linguística, Faraco (2006, p. 36) afirma que o “rigor metodológico que eles introduziram no enfrentamento dos problemas de história das línguas teve particular importância no desenvolvimento da linguística histórica”. Apesar disso, “o conceito de lei fonética³ como princípio absoluto foi relativizado (...) em decorrência dos estudos empíricos”, como o do neogramático Hermann Paul (1846-1921) e de L. Bloomfield (1887-1949), embora crítico em certos aspectos, segundo Faraco (2006, p.36). Desta forma,

Com base em estudos empíricos (principalmente dialetológicos), esses linguistas mostraram que uma unidade sonora pode mudar de maneira diferente de uma palavra para outra, o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quanto no interior do vocabulário, sendo isso, decorrência do fato de as condições de uso em que cada palavra se encontra não serem idênticas. (FARACO, 2011, p. 38)

Portanto, em busca dos fundamentos dinâmicos da mudança linguística, a Dialectologia surgiu com o objetivo de estudar a língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico, sendo assim, o estudo do dialeto⁴ ou dos dialetos (CHAMBERS E TRUDGILL, 1994) tinha por fundamento mostrar que a distribuição de uma comunidade em determinado ponto geográfico era fator de diferenciação linguística. Desta forma, a língua teria repercussões conforme a experiência social, histórica e cultural de cada ponto geográfico. Cardoso (2010, p. 15) define a Dialectologia como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

A noção de dialeto proveio dos gregos quando distinguiam entre as variedades regionais de sua língua – o eólico, o jônico, o dórico e o ático. Com base neste último, a partir do século IV a.C, adotaram a *koiné dialektos*, ou “língua comum”, como meio de intercomunicação social. Entre os romanos também se encontram menções à variabilidade de natureza social, como na linguagem corrente que recebia subclassificações, como *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*, nos escritos latinos (BRANDÃO, 1991).

De acordo com Chambers e Trudgill (1994) e Cardoso (2010), também é possível encontrar exemplos em textos bíblicos que apontam para uma diversidade de línguas, como o

³O centro das polêmicas foi o conceito de lei fonética, compreendida como um princípio imanente de aplicação cega e sem exceções. Sem negar, em princípio, a existência de regularidades na mudança, os linguistas que se opunham aos neogramáticos não aceitavam o caráter categórico das leis fonéticas, isto é, não aceitavam que as mudanças se espalhassem por toda a comunidade e por todos os itens lexicais de modo totalmente uniforme (FARACO, 2011, p. 38).

⁴O termo deriva de *dialeto*, que é a designação tradicional em linguística das variedades de uma língua correlacionadas com a dimensão geográfica, a chamada variação diatópica, numa terminologia técnica mais recente (Id., 2006, p. 178).

citado em Gênesis 11.9 que diz “[...] ali confundiu o SENHOR a língua de toda a terra e dali os espalhou o SENHOR sobre a face de toda a terra” (BÍBLIA, 2015, p.9) e no livro Juízes, no capítulo 12, no qual “se encontra identificação formal da diversidade, com a definição de uma variante, e depois o seu aproveitamento como instrumento de controle militar” (CARDOSO, 2010, p. 27), como pode ser vista nos versículos 5 e 6 abaixo, a maneira de pronunciar *Chibólet* como meio de identificação do sujeito.

Porém tomaram os gileaditas aos efraimitas os vaus do Jordão; e sucedeu que, quando os fugitivos de Efraim diziam: Passarei; então, os homens de Gileade lhes diziam: És tu efraimita? E dizendo ele: Não; então, lhe diziam: Dize, pois, chibolet; porém ele dizia: sibolete, porque o não podia pronunciar assim bem; (BÍBLIA, 1995, p. 194).

Além disso, Cardoso (2010) afirma que Sever Pop (1901-1961), no capítulo “*Aperçu historique sur le développement de la dialectologie*”, reconhece o século XVIII como momento de trabalhos numerosos que se referem direta ou indiretamente à Dialectologia. Com base neste capítulo, Cardoso (2010, p. 33) destaca, a partir de Pop, os seguintes trabalhos, pessoas e fatos que colaboraram para os princípios e caminhos percorridos por essa área:

- (i) na Suécia, o arcebispo Erik Benzelius (1726) leva os padres, sob sua jurisdição, a anotar os provincianismos, inaugurando, nesse país, um questionário por correspondência;
- (ii) em 1749, o pastor Erik Pontopidan publica a primeira obra de cunho lexicológico, registrando palavras dialetais norueguesas que os dinamarqueses não compreendiam;
- (iii) o *Glossarium Suiogothicum*, de J. lhre, considerado por Pop (1950, p. XXVIII) como “a obra mais relevante desse período” aparece em 1769;
- (iv) o abade Grégoire empreende, na França (1790), uma “enquête” com a finalidade de conhecer os “patois”.

Até que em 1881, a Dialectologia na França passou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris. Outro incentivo foi em 1888, no qual Gaston Paris escreveu “Os falares da França” incentivando a necessidade de estudar os patois franceses, por conta da sua descaracterização, devido ao rápido processo de nivelamento cultural (BRANDÃO, 1991).

Somente no final do século XIX a Dialectologia nasceu, “de um lado, do interesse de eruditos pelas manifestações da cultura local ou regional e, de outro, do interesse pelos próprios linguistas em registrar e descrever essas diferentes variedades linguísticas regionais” (FARACO, 2006, p.179).

Cardoso (2010, p.15) define a Dialectologia como “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” Sendo assim, os estudos dialetológicos, adotando o método da Geolinguística, começaram a se espalhar

pelo mundo até chegar ao Brasil, onde se desenvolveram algumas pesquisas dialetológicas, como a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

1.1.2. Geolinguística: o método da Dialectologia

De acordo com Cardoso (2010, p.35), durante o século XIX, os rumos eficazes que traçavam a Dialectologia concebiam como o seu método específico a Geografia Linguística, também conhecida por geolinguística, como pode ser observado nos trabalhos, pessoas e fatos a seguir:

- a. a criação da Academie Celtique, em 1804, que “assinala uma data importante para a dialectologia, apesar das teorias exageradas dessa sociedade referentes à influência do celta sobre as outras línguas” (Pop, 1952, p.XXX);
- b. a posição de J.Grimm, fundador da filologia germânica, em defesa dos “patois” (1812) e autor da primeira descrição de grupos de dialetos alemães (1819);
- c. a recolha de materiais por meio de inquéritos sistemáticos na Baviera, feita por J. A. Schmeller (1921), obra na qual estabelece comparação entre a linguagem dos falantes do campo, dos falantes urbanos e dos falantes cultos;
- d. a possibilidade de realização de cartas fonéticas prevista por Désiré Monnier, em 1823;
- e. a publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias de Franz Bopp (1833);
- f. a publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do Atlas Linguistique de l'Europe, concebido sob a influência do Atlas Ethnographique du Globe de Adrien Balbi (1826).

No final do século XIX, Georg Wenker (1852-1911) inicia os trabalhos de natureza geolinguística na Alemanha. Sua pesquisa tinha por objetivo

[...] buscar estabelecer o limite geográfico preciso da grande divisão dialetal do território de fala alemã que separa as variedades do Norte (o chamado baixo alemão) – que conservavam o consonantismo de um estágio mais antigo da língua – das variedades do Sul (o chamado alto alemão), cujo consonantismo passou por mudanças que o afastaram do sistema antigo, substituindo as consoantes oclusivas /p-t-k/ pelas fricativas /f-s-x/ (esta última grafada com ch) em alguns contextos e pelas africadas /pf-ts-kx/ em outros (FARACO, 2006, p. 179).

A partir disso, Wenker (1852-1911) documentou a realidade dos usos registrados na Alemanha, reunindo dados de 40.736 localidades, totalizando 44.251 respostas coletadas, sem controle sistemático das variáveis sociais. A partir de 1876, o método utilizado foi escrever uma enquete com 40 sentenças enviadas pelo correio a quase 50.000 professores de diferentes localidades do norte da Alemanha, solicitando uma tradução de uma série de sentenças em alemão padrão para o dialeto local. Os envios foram sucessivos entre 1877 e 1887 até que as remessas cobriram todo o país (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; FARACO, 2006; CARDOSO, 2010).

Desta forma, as respostas foram colocadas em mapas, que procuravam demarcar a fronteira entre o alto e baixo alemão. No entanto, constatou-se que “não havia uma fronteira

nítida entre os dois grupos dialetais, mas antes áreas de transição em que o consonantismo do alto alemão afetava apenas segmentos do léxico” (FARACO, 2006, p. 180). Sendo assim, era possível encontrar, no mesmo dialeto, algumas palavras seguindo o padrão conservador encontrado no Norte, e outras seguindo o padrão inovador do Sul. Conforme Cardoso (2010), essa obra recebeu fortes críticas quanto à lentidão do processo, ausência de um controle dos fatores sociais dos informantes e quanto à natureza dos materiais, principalmente com relação à transcrição fonética.

No entanto, o mérito de sistematizar o método de recolha de dialetos geográficos foi concretizado por Jules Gilliéron (1845-1926), no *Atlas Linguistique de La France*, realizado entre 1897 e 1901, com a ajuda do *Ministère de l'instruction Publique* e publicado em Paris, de 1902 a 1910. Sob a influência de Gaston Paris e no intuito de descrever a realidade dialetal da França, Gilliéron elegeu Edmond Edmont⁵ como o único inquiridor a percorrer 639 localidades de bicicleta, aplicando o questionário de 1.400 perguntas, alcançando 1.900 perguntas no final dos inquéritos, em um total de 700 entrevistas realizadas. Quanto aos informantes, em 550 localidades, foi ouvido somente um informante; em 72 foram documentados os dados de apenas 2, considerando-se a diferença de idade; em 6 localidades foram registradas as respostas de 3 informantes. No entanto, não houve controle das faixas etárias e nem o registro das variáveis sociais nas cartas que constituíam o Atlas linguístico (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; FARACO, 2006; CARDOSO, 2010).

Desta forma, a partir da conclusão dessas cartas, Gilliéron mostrava a “inconsistência dos princípios em que se fundamentava a doutrina dos neogramáticos” (BRANDÃO, 1991, p.11), mostrando que “el fundamento de la geografía lingüística es tremendamente sencillo: busca crear una base empírica sobre la que extraer conclusiones acerca de la variedad lingüística que se da em um cierto lugar”⁶ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 45). Sendo assim, destaca-se o alcance desta metodologia na elaboração de atlas linguísticos⁷ por todo o mundo, não somente no século XIX, mas continuamente nos dias atuais.

⁵ Edmond Edmont era um comerciante que já havia realizado um trabalho sobre o léxico de Saint-Pol-sur-Ternoise, no qual havia demonstrado exatidão nas transcrições e acuidade para distinguir peculiaridades fonéticas. Gilliéron, que o conhecera numa de suas viagens de pesquisa, escolheu-o como inquiridor não apenas pelas qualidades mencionadas, mas pelo fato de Edmont não ser um especialista no assunto (BRANDÃO, 1991, p. 10).

⁶ O alicerce da geografia linguística é extremamente simples: procura criar uma base empírica para tirar conclusões sobre a variedade linguística que ocorre em um determinado lugar (tradução nossa).

⁷ Um atlas linguístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. Em outras palavras, é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares (Ibid., p.25).

Sobre a geografia linguística, Coseriu (1977) destaca que este termo não se entende como relação direta entre o ambiente natural (geográfico) e a linguagem, mas como uma relação entre o ambiente geográfico e a difusão e distribuição espacial das formas linguísticas, e afirma que a geografia linguística, como é chamada tecnicamente, é

Un método dialectológico y comparativo (...) que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas linguísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados⁸(p.29).

De acordo com Coseriu (1977), a geografia linguística, além da etapa de preparação, seleção dos pontos, elaboração do questionário, estabelecimento dos princípios metodológicos e técnicos, compreendia três etapas principais: 1) a coleta de material, mediante o questionário idêntico a todos os pontos; 2) o registro do material coletado em mapas que constituiriam os atlas linguísticos; 3) o estudo e a interpretação do material proporcionado pelos mapas.

Brandão (1991) expôs as seguintes etapas para a elaboração de um atlas linguístico: o levantamento preliminar de dados, isto é, leituras que possibilitem a caracterização da área a ser pesquisada; a fixação dos pontos de inquérito que deverá ter por base a extensão territorial e a população da área; a seleção dos informantes, levando em consideração o “número por ponto de inquérito” e “os critérios que devem nortear sua escolha”, determinados por cada pesquisa; a técnica de recolha de dados, destacando-se o questionário; o inquérito, que representa a organização e execução do trabalho de campo; o arquivamento e a transcrição de dados e o preparo das cartas.

Chambers e Trudgill (1994) também destacam a metodologia (ou uma série de métodos para uma coleta sistemática) da geografia linguística, apresentando os seguintes passos: os informantes, o questionário e os mapas dialetais. Enquanto, Cardoso (2010) elenca a rede de pontos, os informantes e os questionários como o tripé básico da pesquisa dialetal.

Levando em consideração os aspectos para a escolha dos pontos de inquérito, Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que o conhecimento das localidades permite identificar “o grau de antiguidade das localidades a serem investigadas, a natureza do seu povoamento, os processos de mudança pelos quais passou e vem passando, o maior ou menor grau de isolamento que as caracteriza e as interferências que sobre a área incidem” (p.24). A partir desses estudos

⁸ Um método dialetológico e comparativo (...) que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) verificadas por pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um dado território, ou menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondendo à língua, as línguas, os dialetos ou os falares estudados (tradução nossa).

prévios é possível diagnosticar o quadro histórico, geográfico, econômico e sociológico da rede de pontos selecionada (BRANDÃO, 1991).

Quanto ao tipo de informantedos grandes projetos de geografia linguística, Chambers e Trudgill (1994) afirmaram que“independientemente de la diversidad de culturas, de las discrepancias socioeconómicas y de la variedad topográfica, la mayoría de los informantes ha sido en todos los casos constituida por varones rurales, mayores y sedentarios”⁹ (p.57) e explicaram que por falta de um termo estabelecido para caracterizá-los, referiam-se a eles pelo acrônimo NORMs (“nonmobile, older, rural, males”) (p.57), denominado por Zágari (1998, p.36) como HARAS (“homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário”).

Chambers e Trudgill (1994, p.58) também esclarecem que a escolha desses informantes deu-se da seguinte forma:“homens, porque nos países ocidentais a fala da mulher tinha tendência a ser mais reflexiva e mais consciente de classe do que a dos homens”; “rurais, porque as comunidades urbanas implicavam maior mobilidade e fluxo”; “deviam ser mais velhos para mostrar a fala de uma época passada e sedentários para garantir a fala da região onde viviam”.

Vale salientar que os estudos dialetais atuais acrescentaram outras variáveis a serem consideradas na escolha dos informantes, principalmente por conta do avanço dos estudos sociolinguísticos variacionistas (Cf. Sociolinguística Variacionista). Desta forma, há uma melhor compreensão dos “fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações” (BRANDÃO, 1991, p.31).

Além das características sociais, Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994) e Cardoso (2010) afirmam que o perfil do informante deve considerar a naturalidade, informações familiares, situações que envolvam a fonação, como problemas fonoarticulatórios, características psicológicas e espontaneidade da elocução.

A partir das novas configurações modernas da sociedade, acrescentaram-se outros aspectos a serem considerados na escolha dos informantes. Um exemplo disso foi a inserção da Dialectologia urbana (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; FERREIRA; CARDOSO, 1994), já que o fundamental para os estudos dialetológicos tradicionais era o falar rural, pois consideravam-no como mais conservador. Porém, o estudo dos dialetos urbanos mostrou-se “no solo uma tareainteressante, sino necesaria”¹⁰ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.83),

⁹ Independientemente da diversidade de culturas, das discrepâncias socioeconômicas e da variedade topográfica, a maioria dos informantes tem sido, em todos os casos, constituída por homens rurais, idosos e sedentários (tradução nossa).

¹⁰ Não só uma tarefa interessante, mas necessária (tradução nossa).

sendo assim, como a perspectiva social passou a ser sistematizada, os dialetos urbanos começaram a ganhar visibilidade.

Sobre isso, Cardoso (2010) destaca como exemplo o Brasil que antigamente possuía maioria da sua população na área rural, mas que, atualmente, observa-se um grau de mobilidade maior do cidadão brasileiro. Além desse deslocamento, os meios de comunicação (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010) também podem exercer influência nas escolhas linguísticas do falante. Diante do exposto, Cardoso (2010, p. 66) declara que

Já não são prioritários, hoje, os informantes mais idosos, analfabetos e de origem rural; passam a interessar, nas mesmas proporções, informantes urbanos, com maior grau de escolaridade, de diversificadas faixas etárias e já não apenas o sedentário, mas também aquele que se desloca, que transfere a sua residência e que apresenta certa mobilidade.

Portanto, os interesses da Dialectologia começaram a atingir outros campos e acrescentar em seus atlas “peculiaridades etnográficas, e modernamente, variações diastráticas, sobretudo porque os interesses da Dialectologia voltaram-se também para a fala dos grandes centros urbanos” (BRANDÃO, 1991, p.12).

Quanto à coleta de dados, o início dos estudos dialetais contou com os inquiridos linguísticos por correspondência (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010), mas atualmente sugere-se que seja realizado *in loco* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994; BRANDÃO, 1991; FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010), através de questionário ou por meio de elocuições e/ou conversas livres.

De acordo com Chambers e Trudgill (1994), os questionários poderiam ser diretos ou indiretos; quanto ao uso, poderiam ser formal ou informal, pois os entrevistadores seriam mais livres para fazer as perguntas; e destacaram dois tipos básicos de perguntas, criadas por Dieth y Harold Orton: “naming” e “completing”. Além disso, Brandão (1991) e Cardoso (2010) esclarecem sobre a organização do questionário conforme o tipo de material a ser coletado, podendo ser: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático discursivo e metalinguístico. Tendo em vista que “é preciso não se perder de vista a adequação à área pesquisada, atentando-se para os aspectos regionais, denominações rurais, nomes referentes à designação de produtos da área, entre outros” (CARDOSO, 2010, p.95).

Vale salientar que as informações podem ser transcritas grafematicamente ou foneticamente no ato da entrevista, e por meio magnetofônico (CHAMBERS & TRUDGILL, 1994; BRANDÃO, 1991; FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010), pois atualmente o entrevistador conta com uma gama de aparelhos, os quais podem ser usados de acordo com a necessidade da pesquisa.

Após essas etapas e organização das informações, inicia-se a fase cartográfica, pois é por meio dos mapas que se constitui um atlas linguístico. Considerando os dados no espaço geográfico, Alinei (1994, p. 21 apud CARDOSO, 2010, p.67) classifica em quatro tipos: (i) regionais; (ii) nacionais; (iii) de grupo linguístico e (iv) continentais. Contudo, o autor salienta que o percurso da geografia linguística foi um movimento contraditório, começando da extensão maior para as áreas menores.

Quanto ao tipo de mapas linguísticos que podem ser elaborados conforme o objetivo do pesquisador, Coseriu (1977, p. 35, tradução nossa) destaca três tipos: “mapas fonéticos, em que se registram as variantes de um fonema comprovadas no ponto investigado ou fonemas correspondentes a um fonema mais antigo”; “mapas léxicos, nos quais se registram palavras usadas para expressar o mesmo conceito, independente das variações fônicas” e “mapas propriamente linguísticos, nos quais se registram expressões, em sua integridade fônica e morfológica, comprovadas em cada ponto geográfico”.

Já Brandão (1991, p.38) recomenda os seguintes dados a serem registrados nas cartas linguísticas:

- a) as variantes de um fonema ou as variantes fonéticas do significante de um vocábulo;
- b) as palavras que correspondem a um mesmo conceito, independente de sua variação fônica;
- c) as variações de um determinado traço morfológico;
- d) as variações de uma determinada estrutura sintática.

Destaca-se também a forma como os dados são apresentados no mapa, os quais Coseriu (1977) elenca os “mapas sintéticos”, os “mapas puntuais” e os “mapas similares”, enquanto Montes Giraldo (1987) classifica em três categorias: mapas analíticos, sintéticos e mistos, e Brandão (1991, p.38) classifica as cartas linguísticas como pontuais, sintéticas e mistas, conforme descritas a seguir:

- a) pontuais, quando, em cada ponto, se transcrevem as formas recolhidas;
- b) sintéticas, quando, após análise, se reúnem, por zonas, as formas semelhantes documentadas;
- c) mistas, quando se assinala, com um símbolo próprio, cada variante, sem, no entanto, se apresentar, em detalhe, cada segmento fônico obtido.

Já Chambers e Trudgill (1994) destacam dois tipos de mapas linguísticos: os expositivos e os interpretativos, descritos da seguinte forma:

Los primeros simplemente muestran las repuestas tabuladas de una unidad concreta em um mapa, planteando la tabulación em una perspectiva geográfica. Los mapas

interpretativos intentan hacer una exposición más general, recogiendo la distribución de las variantes predominantes de una región a otra¹¹(p.51-52).

Portanto, o propósito dos mapas linguísticos é reunir os fenômenos linguísticos a ponto de apresentá-los visualmente de forma rápida e dinâmica. É possível observar que, em cada década, os mapas vêm se diversificando e melhorando a forma de apresentação desses dados linguísticos.

Além dos mapas linguísticos, Chambers e Trudgill (1994) destacam as isoglossas “igual lengua (iso+glosa)” como um dos objetivos da Dialectologia tradicional. Também apontam seu emprego, pela primeira vez, por J.G.A. Bielenstein, em 1892, e que “[...]presumiblemente quiere expresar el hecho de que una línea trazada através de una región mostrará dos áreas en cada una de las cuales coincide algún aspecto del uso linguístico pero que difieren una de la outra”¹² (p.139).

Ferreira e Cardoso (1994) também apontaram alguns aspectos sobre aisoglossa, conceituando-a como “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (p.12-13). Além disso, Ferreira e Cardoso (1994) elencaram as isoglossas como diatópicas, diastráticas e diafásicas, e quanto à natureza dos fatos linguísticos, poderiam ser lexical (isoléxica), fônica (isófono), morfológica (isomorfa) e sintática.

Diante do que foi exposto, observa-se como a Geolinguística foi aperfeiçoando suas técnicas e adquirindo espaço nos estudos dialetológicos. Nesta pesquisa, serão adotados os principais procedimentos metodológicos abordados acima, desde a escolha da rede de pontos até a elaboração dos cartogramas linguísticos, tendo o léxico como o principal objeto de estudo (Cf. Metodologia).

1.1.3. Dialectologia no Brasil

No Brasil, os estudos dialetais iniciaram-se com a contribuição de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, em 1826. Desta forma, ele fez um breve estudo que diferenciava o português falado no Brasil e em Portugal, no nível lexical esemântico. Somente a partir de meados do século XX que a Dialectologia passou a se consolidar no Brasil, por meio da concretização de atlas regionais e

¹¹ Os primeiros simplesmente mostram as respostas tabuladas de uma unidade concreta em um mapa, propondo a tabulação em uma perspectiva geográfica. Os mapas interpretativos tentam fazer uma exposição mais geral, pegando a distribuição das variantes predominantes de uma região para outra (tradução nossa).

¹² presumivelmente, ele quer expressar o fato de que uma linha traçada por uma região mostrará duas áreas em que cada um dos aspectos do uso linguístico coincide, mas que diferem um do outro (tradução nossa).

do desejo em produzir um atlas linguístico nacional, através da metodologia geolinguística (CARDOSO, 2010).

Cardoso (2010) afirma que para se obter uma periodização dos estudos dialetológicos no Brasil, Antenor Nascentes (1953) propôs a divisão em duas fases; Ferreira e Cardoso (1994) em três fases, acrescentando mais uma fase às duas anteriores e Mota e Cardoso (2006) apresentam a periodização mais atual que são quatro fases, acrescentando mais uma fase às três citadas anteriormente. Desta forma, temos a seguinte divisão: o primeiro período abrange de 1826 a 1920; o segundo compreende de 1826 a 1952; o terceiro é de 1952 a 1996 e o quarto deu início em 1996 e se estende até os dias atuais.

Desta forma, os estudos dialetais no Brasil tiveram como pioneiros Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Nelson Rossi. Sendo o primeiro destaque em 1920 com a publicação de “O dialeto caipira” como “primeira tentativa de descrever um falar regional” (BRANDÃO, 1991, p.43). Durante este período, os estudos dialetológicos concentraram-se no estudo do léxico, constituindo glossários, vocabulários, dicionários, léxicos regionais. Vale salientar que Amaral expressava preocupação quanto ao processo de dialetação do português no Brasil, sobre a consistência das poucas pesquisas realizadas e quanto ao rigor científico, chamando atenção para a necessidade das pesquisas *in loco* (FERREIRA; CARDOSO, 1994; MOTA; CARDOSO, 2006; CARDOSO, 2010).

A partir de 1920, inicia-se a segunda fase com a publicação de “O linguajar carioca em 1922”, publicado por Antenor Nascentes, obra que passaria a se chamar “O linguajar carioca” (1953). Brandão (1991) destaca a admiração de Antenor Nascentes por Amaral, sendo este o motivo que o levou a publicar o livro, em 1922, no qual o autor procurou definir o falar brasileiro e situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. Além disso, ele apresenta uma divisão dialetal dos falares brasileiros (CARDOSO, 2010).

Brandão (1991, p.46) expôs a proposta de Nascentes em 1922, que dividia o território nacional em “quatro subdialetos (nortista, fluminense, sertanejo e sulista)”. Esta divisão foi substituída em 1953, por uma nova proposta que dividia em “seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista, reunidos em dois grupos (norte e sul) e um território incharacterístico”, como mostra a figura 1 abaixo.

Figura 1 - Divisão dialetal do Brasil por Nascentes (1953)



Fonte: <https://alib.ufba.br/divisao-dialetal>

É certo que a sua divisão se apoiou em observações realizadas em suas viagens pelo Brasil, servindo de “ponto de partida a todos os que estudam o português do Brasil” (BRANDÃO, 1991, p.46). Sobre isso, Cardoso (2010, p.136) enfatiza dizendo que

a obra de Nascentes, além da contribuição específica que traz para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar os aspectos da fonética, da morfologia, da sintaxe e do léxico, destaca-se, dessa forma, pela proposta, primeira, de divisão dialetal do Brasil que apresenta.

A terceira fase inicia-se com o Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 - quando o governo brasileiro, no 64º ano da República, por Getúlio Vargas, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da recém-criada Casa de Rui Barbosa, determinou como a principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994; MOTA; CARDOSO, 2006; CARDOSO, 2010). Sendo esta “prioridade retomada pela portaria nº536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do decreto, põe ênfase na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil” (CARDOSO, 2010, p.139).

Após isso, Nascentes publica, em 1958 e 1961, o livro “Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil”, no qual ele considera vantajoso um atlas para todo o país, mas reconhece a sua impossibilidade por conta da imensidão territorial brasileira, razão pela qual sugeriu, no primeiro momento, a produção de atlas regionais (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

Silva Neto (1957) também teve sua parcela de contribuição publicando o “Guia para estudos dialetológicos” e defendendo a criação de “uma mentalidade dialetológica” (p. 9). Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994) e Cardoso (2010) apontam este erudito professor como aquele que enfatizou a importância de se estudar os falares brasileiros e incentivava a realização de um curso de Dialetologia brasileira por ano nas faculdades de filologia,

conhecidos atualmente como institutos/faculdades de Letras. Sobre estegúia, Brandão (1991, p.48) declara que

[...] além de comentar a metodologia da pesquisa de campo, sugere temas para estudo, apresenta o que denomina de primeira tentativa de esboço de questionário e anexa um questionário – dividido em três grandes campos semânticos (terra, animais e homem) – para ser aplicado ao Amazonas.

Além desses estudiosos, destaca-se também o trabalho de Celso Cunha, o qual incentivou a elaboração dos atlas regionais, bem como a execução do Atlas linguístico do Brasil. As suas obras enfatizam o conhecimento pleno da língua portuguesa e o ensino da mesma, o que fez dele coordenador de dois importantes projetos – o NURC (Norma Linguística Oral Urbana Culta) e do Arquivo Sonoro do Projeto do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Como dialetólogo, apresentou, juntamente com Serafim da Silva Neto, a proposta do Atlas Linguístico Etnográfico do Brasil, em 1957, ao 3º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa (BRANDÃO, 1991; FERREIRA; CARDOSO, 1994).

O primeiro marco concreto na aplicação da geolinguística no Brasil foi a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), em 1963, por Nelson Rossi em autoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira. Este trabalho contou com 9 inquiridores, que passaram por uma ampla fase de treinamento e foram responsáveis pela aplicação dos inquiridos nos pontos escolhidos (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010).

A partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), foi dado início aos outros atlas regionais e estaduais, como o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), em 1987; o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977 e o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984.

Conforme a periodicidade proposta por Mota e Cardoso (2006), a quarta fase inicia-se em 1996, com a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, sendo marcada pela incorporação dos princípios da Sociolinguística a partir da década de 60, abandonando “a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogênica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional” (p.21).

Diante disso, “a Geolinguística Pluridimensional soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras” (MOTA; CARDOSO, 2006, p.21). Cardoso (2010) destaca que “mais uma vez, como aconteceu com a divisão tripartida de Ferreira e Cardoso, os passos da história determinam e delimitam novos momentos” (p. 142).

Por fim, durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em outubro de 2014, ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB, o qual já possui uma trajetória com mais de 20 anos e a partir de seus dados já foram desenvolvidas várias pesquisas de cunho dialetal.

Quanto ao estudo do léxico brasileiro, na perspectiva da geolinguística, observam-se vários trabalhos, entre atlas regionais e estaduais, assim como teses, dissertações, projetos de iniciação científica e artigos publicados, como os registrados abaixo¹³:

1. AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994;
2. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II(ALS II)**. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.;
3. OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul(ALMS)**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271 p.;
4. CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. 2007. 772f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007;
5. ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba - municípios do litoral norte de São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-18102010-144550;
6. SOARES, Rita de Cássia da Silva. **Atlas semântico-lexical da região norte do alto Tietê (ReNAT)** - São Paulo. 2012. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-09012013-113318;
7. SILVA, Moisés Batista da. **Atlas Linguístico do centro-oeste Potiguar**. 2012. 329f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2012;
8. ALMEIDA, Edilene Maria Oliveira de. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE)**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009;

¹³ Alguns títulos foram encontrados no site da ALiB. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/monografias-dissertacoes-e-teses>>. Acesso em: 30 de jan de 2018.

9. CUBA, M. A. **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT)**. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2009;
10. AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas semântico-lexical do estado de Goiás**. 2012. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-09012013-114759;
11. BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). **Atlas Linguístico do Ceará (ALECE). Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010;
12. ROMANO, Valter Pereira. **Atlas Geosociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. 366f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012;
13. SILVEIRA, Roseli. **Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: aspectos semântico-lexicais**. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009;
14. TAKANO, Yuko. **Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical**. 2013. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-07062013-110156;
15. KALBERG, Luísa Galvão Lessa. **Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC: fronteiras léxicas** – Rio Branco: Edufac, 2018. 623 p.;
16. AURÉLIO, Renato Pereira. **Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2012;
17. COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia**. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018;
18. FAFINA, Danilo Mussa. **Tabu Linguístico no Português Falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau**. 2017. 154p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

19. OLIVEIRA, Anielle Souza de. **Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues: estudo metalexigráfico da variação em perspectiva dialetal e histórica**. Tese (Pós - Graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017;
20. SANTANA, Isamar Neiva de. **Vocabulário Dialetal Baiano V.1 – V. 2**. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017;
21. SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 2016. 199p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016
22. COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil**. 212f. Il. 2016. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016;
23. SOUSA, Adriana Maria de Jesus. **Aspectos léxico semânticos do ciclo da vida na Bahia e no Amazonas: a visão do projeto ALIB**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018;
24. D’ANUNCIÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 86fl. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.;
25. OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. **Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB**. 2016. 275p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia
26. FERREIRA, Josevaldo Alves. **Jogos e diversões infantis: um estudo geossociolinguístico na Região Norte do Brasil**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Letras;
27. ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. v.1: 286f.; v. 2: 117f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015
28. CARVALHO, Paola Mahyra de Oliveira. **Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil**. 2015. 219p. Dissertação

- (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015;
29. OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. **O Léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo**. 2 vols. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014;
30. SANTOS, Leandro Almeida dos. **Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos**. 2013. 52f. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador;
31. PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB**. 2013. 155 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013;
32. COSTA, Daniela de Souza Silva Costa. **O léxico indígena nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
33. RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador;
34. FREITAS MARINS, Luciene Gomes. **O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil**. 2012. 310 p. Dissertação (Mestre em Estudos de Linguagem) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
35. BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012;
36. YIDA, Vanessa. **O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais**. 2011. 191p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011;

37. COSTA, Eliane Oliveira. **Variação lexical nas capitais brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Faculdade de Letras – Universidade Federal do Pará, Pará, 2009.
38. NASCIMENTO, Anderson Cidade do. **Variação Lexical em 21 Capitais Brasileiras**. Monografia – UFPA. Belém- -Pará, 2008;
39. YIDA, Vanessa. **Um estudo lexical sobre o campo semântico da Alimentação e Cozinha**. 2006. Monografia (Língua Portuguesa). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006;
40. FEITEIRO, Sandra Regina; SILVA, Socorro Cardoso. **Estudo da Variação Lexical na Amazônia Paraense: um olhar sobre o Atlas Linguístico do Brasil**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 157-181, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20335/16554>>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.
41. Thais Dultra Pereira. **Do APFB ao ALiB: a fauna na Bahia, ontem e hoje**. Doutorado, Universidade Federal da Bahia. Em andamento. Orientadora: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso;
42. SANCHES, Romário Duarte. **Variação Lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2015;
43. BARROS, Carolina Pinheiro. **O falar do “caboco” paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA)**. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
44. GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Letras;
45. GOMES, Edson de Freitas. **Variação lexical em seis municípios da mesorregião sudeste paraense**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Letras;
46. VIOLA, Wanderléia Silva Carvalho. **O léxico guiratinguense na perspectiva dialetológica: aspectos semântico-lexicais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

University of São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-08112010-115625.

47. MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. **Variação Lexical e Fonética na Ilha do Marajó**. Revista Científica da UFPA, Belém, Vol. 4, abril 2004. Disponível em: <http://www.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_04_afcm.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2018;

48. COSTA, Céliane Souza. **Variação Lexical no Nordeste Paraense**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

49. FEITOSA, Adriana da Silva. **Variação Lexical no Sudoeste do Pará**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

50. GUEDES, R. J. da C. **Variação Lexical em quatro municípios da mesorregião metropolitana de Belém**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

Estas são somente alguns dos trabalhos desenvolvidos no Brasil e que consideram como objeto de estudo o aspecto lexical. No próximo item, serão apresentadas algumas pesquisas dialetológicas realizadas, especificamente, no Amazonas, e que abordam o português brasileiro falado neste estado.

1.1.4. Dialetologia no Amazonas

Assim como em outros estados brasileiros, o estudo dialetológico também alcançou o Amazonas, onde se destacam projetos de iniciação científica, dissertações e teses. Vale salientar que o aspecto fonético-fonológico é o mais utilizado nos trabalhos dialetais desenvolvidos no Amazonas. No entanto, a seguir, apresenta-se um breve resumo de pesquisas de natureza dialetológica que tinham por objetivo estudar o léxico amazonense.

- a) CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980 – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa intitulada “O falar do caboco amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)” foi desenvolvida como dissertação de mestrado por Corrêa (1980). O seu objetivo primordial era dar a conhecer os aspectos fonéticos-fonológicos

e léxico-semânticos que caracterizam o falar amazonense a partir de dois pontos de inquérito: Itacoatiara e Silves, localizados na região do Médio-Amazonas, na perspectiva da Dialetoologia monodimensional.

Quanto aos aspectos fonético-fonológicos, Corrêa (1980) destaca dois fenômenos como característicos do “falar do caboco”. O primeiro é o levantamento do fonema /o/ para [u] em quaisquer posições e o segundo é a redução do ditongo /ow/ para [u] em quaisquer posições também. A autora afirma que os dados são típicos e não expressam uma realidade comum às outras regiões e, além do mais, não fazem parte da fala de Manaus, que é a capital do estado do Amazonas. Vale salientar que a autora expõe este e outros dados não os tratando de maneira definitiva, mas como uma forma de chamar atenção, a fim de registrar a ocorrência dessas variações, que serviria de guia para trabalhos posteriores.

Sobre a análise léxico-semântica, Corrêa (1980) apresentou de forma não exaustiva o universo lexical do caboco amazonense e suas devidas relações paradigmáticas e sintagmáticas existentes entre as lexias dentro do contexto e a situação em que estão incluídos. Desta forma, a autora registrou o maior número de lexias relativas à roça, à juta e à pesca, até porque o questionário com essas questões foi mais abrangente, mostrando a forte contribuição indígena acerca das casas, pescas, plantas, meios de transportes, rios e lugares. No final, ela apresentou todas as lexias coletadas em forma de glossário.

- b) CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM foi apresentado como tese de doutorado por Cruz (2004). A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da Dialetoologia pluridimensional, a fim de controlar sistematicamente as variáveis gênero e faixa etária. Desta forma, foram registrados os falares de nove municípios representativos de nove microrregiões do Estado do Amazonas, conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 1- Rede de pontos do ALAM

MUNICÍPIO	MICRORREGIÃO
Barcelos	Alto Rio Negro
Tefé	Jutaí-Solimões-Juruá
Benjamin Constant	Alto Solimões
Eirunepé	Juruá
Lábrea	Purus
Humaitá	Madeira

Manacapuru	Rio Negro – Solimões
Itacoatiara	Médio Amazonas
Parintins	Baixo Amazonas

Devido à ausência de pesquisas dialetológicas desde a década de 80, este trabalho surge com o interesse de conhecer o modo de falar amazonense, servindo como um leque de perspectivas para outras pesquisas. Foram entrevistados 6 informantes por ponto de inquérito, totalizando 54 informantes, sendo um 1 homem e 1 mulher para cada faixa etária, distribuídos da seguinte forma: primeiro grupo (18-35 anos), segundo grupo (36-55 anos) e terceiro grupo (56 em diante). Quanto à escolaridade, foram selecionados informantes que tinham, no máximo, até a 4ª série do ensino fundamental.

Além disso, eles deveriam ser naturais das localidades escolhidas; ter pais e cônjuges da região em estudo e não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de suas vidas. O questionário contou com 483 questões, divididas em duas seções: questionário fonético-fonológico (QFF), com 156 questões e questionário semântico-lexical (QSL), com 327 perguntas. Foram também realizadas locuções livres e semidirigidas. O ALAM resultou em 257 cartas linguísticas, sendo 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Além disso, foram elaboradas 41 cartas especiais, denominadas de Derivadas (DER). Essas cartas são resultantes da reunião de respostas oriundas de questões do QFF, QFF e QSL, QSL e do QSL (meio biótico). Algumas delas registram diferentes itens lexicais para um mesmo conceito, outras retratam a diversidade biótica ou etnográfica regional.

- c) CAMPOS, Maria Sandra. **Aspectos Fonético-Fonológicos e Léxico-Semânticos do português falado na zona rural de Borba**. Mestrado em Língua Portuguesa. Centro de estudos gerais – Instituto de Letras – UFF. Niterói, 2005.

A dissertação “Aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos do português falado na zona rural de Borba”, defendida por Campos (2005), descreveu os aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos que caracterizam o falar do caboclo da zona rural de Borba no Amazonas. Esta pesquisa foi realizada *in loco*, zona rural de Borba, através de uma conversa dirigida. Foram no total de 24 entrevistados entre homens e mulheres, na sua maioria sem escolarização, com mais de 40 anos de idade e nascidos no local da pesquisa. Eles viviam da pesca, da caça, da produção de farinha, da coleta da castanha, borracha, da juta, da sorva e da balata. Alguns fenômenos foram encontrados como a neutralização dos fonemas posteriores e anteriores em posição tônica, o rotacismo da vibrante, o lambdacismo da lateral, a monotongação e a ditongação, e certos arcaísmos intrínsecos, os quais

demonstravam que a fala dos ribeirinhos em Borba ainda mantinham certos traços do português arcaico transplantado para o Brasil por ocasião da colonização portuguesa. No final, foi elaborado um glossário, constituído a partir dos inquéritos, da interação casual entre entrevistador e informantes, do conhecimento prévio sobre a história e cultura local.

- d) BARBOSA, Quezia Maria R. de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. Manaus. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.

A pesquisa intitulada “Um perfil lexical do Português falado em comunidades Quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico” foi apresentada por Barbosa (2013). O trabalho, amparado na Dialetologia Pluridimensional, descreve um recorte na linguagem utilizada nas comunidades Santa Tereza do Matupiri, Boa Fé e São Pedro, localizadas no município de Barreirinha (AM). Após a coleta e organização dos dados, foram apresentados na forma de 272 cartas linguísticas.

O Questionário Semântico-Lexical aplicado foi o mesmo do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM e a escolha dos seus informantes levou em consideração a idade, o gênero e a escolaridade como variáveis extralinguísticas. Nos resultados, a autora registra 53 itens conforme sua produtividade, origem e comparação com os dados do ALAM.

Nas considerações finais, Barbosa (2013) declara que “no léxico dessas comunidades, por exemplo, ficaram impressos os vestígios, as marcas da africanidade em nomes como goronga, caçula, banguela e tantas outras; do indigenismo: mutirão, mandioca, mingau” (p. 110).

- e) AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

A pesquisa “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)”, de Azevedo (2013), seguiu os princípios metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e abordou as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Baixo Amazonas (PA), o qual teve como pontos de inquérito, o Igarapé do Juruti-

velho e a vila do Juruti-velho, e na região do Médio Solimões (AM), de onde foram selecionadas as comunidades Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara, e as cidades de Coari, Codajás e Anamá.

Foram aplicados dois questionários: um fonético-fonológico (101 questões) e um semântico-lexical (192 questões). Em cada ponto de inquérito foram entrevistados 8 informantes controlados sistematicamente pela sua idade, gênero e escolaridade. No final, foram elaboradas 82 cartas fonéticas e 75 cartas lexicais. No que diz respeito ao léxico, Azevedo (2013) declara que “em se tratando da variação lexical, não houve variação expressiva em relação à maioria dos vocábulos nas duas regiões estudadas”(p.595). Desta forma, esta pesquisa colaborou para outras que surgiram posteriormente.

- f) GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística.** Dissertação de mestrado. UFAM, Manaus, 2015.

A dissertação intitulada “Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística” foi defendida por Gonçalves (2015). Este trabalho procurou apresentar a relação entre língua e identidade dos migrantes provenientes do estado do Amazonas, mais precisamente de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru que viviam em Manaus, há pelo menos cinco anos. Desta forma, amparada nos princípios da Dialetoлогия, esta pesquisa apresenta considerações a respeito do léxico.

Foram selecionados seis informantes por município, conforme o gênero, faixa etária e escolaridade estabelecidos nos critérios de inclusão da pesquisa. O questionário semântico-lexical continha 293 questões, distribuídas em três campos semânticos: meio físico, meio biótico e meio antrópico. Conforme o resultado apresentado por Gonçalves (2015, p. 8), “constatou-se que 59% do léxico dos migrantes que passaram a viver na cidade de Manaus alteraram o seu modo de falar e cerca de 40% dos migrantes assimilaram o léxico da capital amazonense”.

- g) MAIA, Edson Galvão. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.

Este trabalho foi desenvolvido em 6 municípios da mesorregião do Sul – Amazonense, a saber: Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba, acerca dos aspectos

fonético-fonológicos e semântico-lexicais. A pesquisa envolveu a dimensão diatópica, diastrática, diasssexual e diageracional. Foi realizada com 48 informantes, estratificados em sexo, idade e escolaridade, e deu-se por meio de aplicação de questionários. Os resultados deram origem a 435 cartas linguísticas que compõem o *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*, das quais 285 no âmbito lexical e 150, no fonético.

Diante disso, apresentaram-se as pesquisas acerca do universo lexical amazonense, desenvolvidas em forma de dissertação ou tese que norteiam as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Dialetoologia e da Geolinguística. Nem todas as pesquisas realizadas nesse âmbito apresentam mapas linguísticos, mas discorrem sobre os fenômenos linguísticos em forma de gráficos, tabelas e outros. Ferreira e Cardoso (1994, p. 20-21) declaram que

Aos atlas linguísticos, como fonte autêntica dos dados regionais, acrescentam-se trabalhos monográficos dialetais, mas que carecem, a grande maioria, de oportunidade de publicação. São trabalhos que aprofundam a análise do dialeto de uma ou mais localidades tornando mais conhecida a realidade linguística do país. Os atlas e as monografias contribuem, portanto, para que mais amplamente se conheça a diversidade linguística do Brasil, diversidade que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos “esplêndida” ou menos “notável” como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda a defendem. Unidade e diversidade não se defende, constata-se.

Sobre os municípios de Silves e Itacoatiara já foram realizados cinco trabalhos dialetais; Corrêa (1980), com a dissertação “O falar do caboco amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)”; Cruz-Cardoso (2004), com a tese “Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM”, em que um dos pontos de inquérito foi Itacoatiara; Torres (2010), com a dissertação intitulada “A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas); Silva (2010), com a dissertação “Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves” e Gonçalves (2015) com a dissertação intitulada “Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística”, em que um dos municípios investigados foi Itacoatiara (grifo nosso).

1.2 Sociolinguística

Alkmim (2012) afirma que no século XIX as ideias do linguista alemão Schleicher foram de forte impacto quando propôs que o estudo da linguagem fosse comparável ao botânico, em que, assim como a planta, a língua nasce, cresce e morre, conforme as leis

físicas. Isto estaria ligado ao conceito de evolução da época, desenvolvido por Darwin (ALKMIM, 2012).

Ela esclarece que a determinação do objeto de estudo da Linguística foi decisivo ao desconsiderar a “natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2012, p.25). Isso aconteceu quando, em sua obra póstuma, Saussure (2006[1916]) traçou a dicotomia entre Língua e fala, definindo aquela como objeto central de estudo da linguagem.

Diante disso, Saussure (2006 [1916]) considera a Língua como um sistema formal e um fato social da linguagem, além de ser uma instituição social por ser adquirida a partir da convenção entre os membros de uma comunidade. O autor também a considera de natureza homogênea, imanente, abstrato à fala, pois esta para ele é um ato individual. Além disso, os conceitos saussurianos priorizavam o estudo sincrônico da Língua.

De acordo com Labov (2008), o estudo da língua abstrata continua com Chomsky, que fortaleceu a dicotomia proposta por Saussure (2006 [1916]), ao opor a competência, isto é, o conhecimento abstrato das regras da língua ao desempenho que é a seleção e execução dessas regras. Estabelecendo a competência como objeto de estudo da Linguística.

No entanto, Calvet (2002) de forma sucinta apresenta Antoine Meillet, aluno de Saussure, mas que defendeu ideias opostas às do mestre. Para Meillet, a “história das Línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade” (ALKMIM, p.26). Calvet (2002, p. 15) conclui dizendo que “a obra de Meillet implica ao mesmo tempo a convergência de uma abordagem interna e de uma abordagem externa dos fatos da língua e de uma abordagem sincrônica e diacrônica desses mesmos fatos”.

Além de Meillet, vários autores discutiram, em suas obras, a questão social no campo dos estudos linguísticos. Alkmim (2012) cita Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste, Roman Jakobson, entre outros. No entanto, a autora destaca que a fixação do termo Sociolinguística é dada em 1964, após a realização do congresso *Sociolinguistics*, organizado por William Bright, em Los Angeles, do qual participaram estudiosos que são referência na relação linguagem e sociedade como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Portanto, segundo Mollica (2004), a Sociolinguística é uma vertente da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, tendo como foco a correlação de aspectos linguísticos e sociais. A mesma possui como objeto de estudo a variação, a qual considera como um princípio geral e universal, passível de ser descrito e analisado com bases científicas. Alkmim (2012, p. 33) resume ao dizer que a “Sociolinguística é o estudo da língua

falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Sendo assim, esta área passou a apresentar um foco diferente para analisar as mudanças linguísticas.

1.2.1. Sociolinguística variacionista

O precursor da Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação, foi William Labov, responsável pela pesquisa realizada na comunidade de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, publicada em 1963. Sobre esta pesquisa, Alkmim (2012, p. 32) afirma que o “autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês”.

A Sociolinguística Variacionista propôs um quadro metodológico no qual pudessem ser vistas a regularidade e a sistematicidade, em meio ao caos da comunicação diária, procurando demonstrar como uma variante pode ser introduzida ou como desaparece da língua (MOLLICA, 2004). Apesar de o termo Sociolinguística ser usado para rotular este trabalho, Calvet (2002) esclarece que Labov não aceitava o termo Sociolinguística, pois para ele tratava-se de Linguística.

O fato é que para Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social” e que o estudo da estrutura e da evolução da língua ocorre dentro do contexto social da comunidade de fala, a qual conceitua da seguinte forma:

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008, p.150).

Hymes (2003) também declara que “a unidade natural para a taxonomia e descrições sociolinguística, contudo, não é a linguagem, mas a comunidade de fala” (apud VANIN, 2009, p. 34). Para Alkmim (2012, p.33)

[...] uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um conjunto de regras.

Guy (2000, p. 18) propõe como definição de comunidade de fala os seguintes aspectos:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.

- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

Azevedo (2013, p. 80) exemplifica os aspectos acima contrastando a fala dos informantes do Médio Solimões com a do Baixo Amazonas, acerca dos aspectos lexicais, da comunicação interna entre as comunidades mais próximas e sobre a atitude (positiva ou negativa) da maneira de falar de um membro que não faz parte daquela comunidade, exemplificando com a saída de um membro para Manaus, que quando retorna, volta com a maneira de falar diferente “no dizer dos moradores locais, ‘uma fala fina e afrescalhada’” (p. 80).

Sendo assim, para a Sociolinguística Laboviana, entende-se a Língua como sistema heterogêneo, mas a comunidade de fala como homogênea, partindo das atitudes do falante em relação à língua. Acerca disso, Severo (2008) afirma que tal conceito apresenta dificuldades para uma uniformização, pois alguns afirmam que ela é homogênea – como Labov (2008) – e outros a definem por heterogênea.

Sobre a língua, de maneira simples, Alkmim (2012, p.35) esclarece dizendo que “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea”. Mesmo que aparentemente as variações pareçam formar um caos lingüístico, a língua permanece estruturada. Portanto, observa-se “um objeto constituído de heterogeneidade ordenada” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35), ou seja, “(...) a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores lingüísticos fundamentais” (LABOV, 2008, p. 238).

Partindo deste conceito de comunidade de fala, observa-se que o amazonense apresenta diferentes escolhas lexicais. Por isso, busca-se reconhecer esses itens lexicais no Médio Amazonas, mais precisamente nos municípios de Itacoatiara e Silves, apontados na primeira pesquisa dialetológica.

1.2.2. Variáveis lingüísticas

Do norte ao sul do Brasil é possível perceber as diferenças no português falado por todos. Os próprios falantes identificam pelo falar a procedência de cada brasileiro, principalmente no que se refere ao léxico. É comum, ao viajar pelo Brasil, pedir algo e não encontrá-lo pelo nome que chama em sua terra natal.

Um exemplo disso aconteceu em Belém, onde encontrei uma soteropolitana que estava conhecendo pela primeira vez a região Norte, quando me deparei com a seguinte fala (1). Ao desconfiar dessa afirmativa, pedi para que me mostrasse as placas das promoções. Encontrei frases como (2) e (3), e, entendendo aquela situação, expliquei para ela que não se tratava de bebida alcoólica, mas de um suco de frutas congelado em saquinhos. Sendo assim, por curiosidade, perguntei como ela conhecia em Salvador obtive a seguinte resposta em (4).

(1)“Aqui a bebida é barata! Encontrei no ver-o-peso¹⁴“chope” por um real.”

(2)Chopp por apenas 1 real!

(3)Vende-se chopp! 1 real cada!

(4)“Lá em Salvador conhecemos por geladinho!”

Em outros estados brasileiros, é possível ouvir “gelinho”, “geladinho”, “sacolê”, “chup-chup”, entre outros. No estado do Amazonas, é possível encontrar outras variantes como “dindim/dindin”, “flal”, “miau” (como eu conhecia durante a infância), entre outros. Diante dos exemplos acima, é possível perceber que os próprios falantes identificam essas diferenças e validam como particular de sua origem. A esse fenômeno dá-se o nome de variação linguística, mais precisamente variação lexical¹⁵.

A variação da língua pressupõe a alternâncias de formas denominadas variantes, as quais “são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamada de variável dependente” (MOLLICA, 2004, p.11). Acerca disso, Tarallo (1986, p. 8) afirma que "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística".

Para ele, essas variáveis subdividem-se em dependentes e independentes, sendo que a primeira é o fenômeno que se deseja estudar e a segunda representa os fatores sociais e linguísticos. Mollica (2004) também afirma que o grupo de fatores externos que podem influenciar no emprego das variantes é chamado de variáveis independentes, podendo ser considerada como fatores extralinguísticos a idade, o gênero, a profissão, a escolaridade, entre outros.

¹⁴ Inaugurada em 1625 no antigo Porto do Pirí, a Casa de “Haver o Peso”, que inicialmente era apenas um posto de aferição de mercadorias e arrecadação de impostos, viria a constituir um grande mercado aberto. No século XVIII, Belém era o maior entreposto comercial da região, sendo o centro de comércio de produtos oriundos da extração da região amazônica com destino aos mercados locais e internacionais, e o principal ponto de chegada dos produtos europeus para suprir o mercado regional. Foi esse movimento intenso de comércio de produtos que deu origem ao Ver-o-Peso. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>>. Acesso em 15 de out de 2017.

¹⁵Para Azevedo (2013, p. 151), a variação lexical é caracterizada pelo emprego de duas ou mais lexias para o mesmo referente.

Chambers e Trudgill (1994, p.88) também apresentam a noção de variável linguística como “[...] una unidad lingüística con dos o más variantes relacionada en covariación con otras variables sociais y/o lingüísticas”¹⁶. Monteiro (2000, p.59) colabora afirmando que “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma variável linguística”.

Para Calvet (2002, p.80), entende-se por variável “o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...)” e considera variante “cada uma das formas de realizar a mesma coisa”. Calvet (2002, p.79) afirma que “essas variáveis podem ser geográficas: mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território”. Para exemplificar o fenômeno encontrado, ele utiliza a forma como um réptil comum é chamado em todo o Brasil, desde “osga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste, e “lagartixa” no Centro-Sul.

Calvet (2002) destaca que a variação linguística pode acarretar uma mudança linguística, pois o processo torna-se possível por conta da coexistência de formas dentro de uma dada comunidade. Tanto a mudança quanto a variação interferem nos processos internos e externos da língua. Portanto, “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado” (CALVET, 2002, p. 79).

Busse (2012) afirma que nas pesquisas sobre variação linguística é possível identificar não somente as variações linguísticas, mas também as fases de mudança em que a mesma se encontra, apresentando formas inovadoras de uma comunidade de fala coexistindo com as que já existiam.

De um ponto de vista sincrônico da língua, as variações podem estar relacionadas com diversos fatores. De uma perspectiva geral, Alkmim (2012) descreve as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros: variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática). A primeira está ligada “às diferenças distribuídas no espaço físico” (p.37) e a segunda está relacionada com “um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade do falante e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (p.37).

Quanto a isso, Calvet (2002) apresenta como diferentes palavras podem se dividir em seu uso e até indicar a categoria social em que o falante se encontra, como por exemplo:

¹⁶ [...] uma unidade linguística com duas ou mais variantes envolvidas na covariação com outras variáveis sociais e / ou linguísticas (tradução nossa).

(...) os jovens diriam banheiro, seus pais WC e seus avós, reservados, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividiam segundo o sexo dos falantes, os homens dizendo mais banheiro e WC e as mulheres, toaleta e reservado. Pode-se ainda imaginar que eles se dividam segundo uma escala social, com as classes abastadas usando preferentemente toaleta, e as classes desfavorecidas latrina etc. (p.92)

A escolaridade também é um fator social que interfere nas escolhas linguísticas, pois o falante quando tem contato com o ambiente escolar percebe que possui uma fala diferente da que considera “padrão”, o que pode causar certo constrangimento e abrir espaços para o preconceito linguístico dentro de sala de aula. Busse (2012, p. 101) acrescenta dizendo que a “escolaridade pode orientar o comportamento do falante para adotar ou resistir às mudanças linguísticas, reconhecendo as formas prestigiadas ou não socialmente”.

Nas sociedades, é possível perceber formas mais prestigiadas e outras menos. Essa relação pode ser causada pela posição social dos seus falantes, pois a variante padrão, a qual é mais prestigiada dentro de uma comunidade em qualquer situação de uso, sempre está relacionada com as classes altas (MONTEIRO, 2000). No entanto, Busse (2012, p.105) declara que “as variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, a função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido”.

Busse (2012) também afirma que a história e a cultura de um povo têm sido o fio condutor do estudo da fala e da análise da variação, pois são nas relações sociais que os fenômenos linguísticos vão sendo moldados. Desta forma, a língua vai apresentando seus traços mais peculiares pelos quais os grupos vêm se constituindo. Para Alkmim (2012, p. 44), “assim como não existem línguas ‘inferiores’, não existem variedades linguísticas ‘inferiores’”. Como vimos, as línguas não são homogêneas e a variação observável em todas elas é produto de sua história e de seu presente”.

Sendo assim, a mudança da língua ocorre mantendo a regularidade do sistema linguístico, pois sua natureza é dinâmica e não estática. Para Brandão (1991, p. 05), “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara”.

Desta forma, entende-se que toda mudança linguística é oriunda de uma variação linguística. No entanto, há de se observar que nem toda variação pressupõe uma mudança, posto que as variantes podem apenas coexistir ou concorrer com a mais prestigiada (CALVET, 2002; FARACO, 2006; LABOV, 2008).

Mollica (2004) esclarece que, segundo a Sociolinguística, todas as manifestações linguísticas são legítimas e previsíveis. Sendo assim, os juízos de valor não são aplicados,

apesar de toda língua apresentar variantes mais prestigiadas e menos prestigiadas. É o caso do falar amazonense, mais precisamente do falar do caboclo, que em contextos mais/menos formais, sempre é antecedido pela expressão “como diz o caboco”.

1.3 Dialetoologia pluridimensional

Chambers e Trudgill (1994) constataram que os estudos dialetológicos tradicionais se concentravam na relação língua e geografia, e na diferença espacial da língua. Essa ênfase no geográfico fez com que recebesse o nome de “dialetoologia tradicional” ou “dialetoologia monodimensional” (por adotar somente a dimensão diatópica). Enquanto isso, segundo eles, a Dialetoologia Urbana concentrava-se (e ainda se concentra) nas relações que surgem entre a língua e as características sociais.

Apesar de demonstrar, desde o início, profundo interesse nos aspectos espaciais da distribuição linguística, Ferreira e Cardoso (1994, p.18) afirmam que a Dialetoologia “já interpretava os fatos linguísticos segundo as diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, etc.”. Os primeiros atlas são exemplos disso, tanto de Wenker quanto de Gilléron, nos quais era possível identificar aspectos sociais, mas não de forma detalhada nos mapas.

No entanto, somente a partir da década de 60, com o interesse de “estudar a variação linguística à luz de causas sociais” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.18), a Sociolinguística começou a definir novos conceitos e métodos para o estudo da heterogeneidade linguística. Contudo, é necessário salientar que tanto a Dialetoologia quanto a Sociolinguística tem como o principal objetivo “o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.19).

Dessa forma, entende-se que além do fator temporal, a distribuição diatópica e os fatores sociais também contribuem para o processo de variação linguística. Por isso, com o advento dos veios sociolinguísticos, os estudos dialetológicos passaram a incorporar as características sociais dos informantes e suas implicações no uso da língua (CARDOSO, 2010). Alguns dialetólogos passaram a reconhecer que a ênfase na dimensão espacial da variação linguística estava deixando de considerar a dimensão social, sendo que os dialetos eram tanto espaciais quanto sociais (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

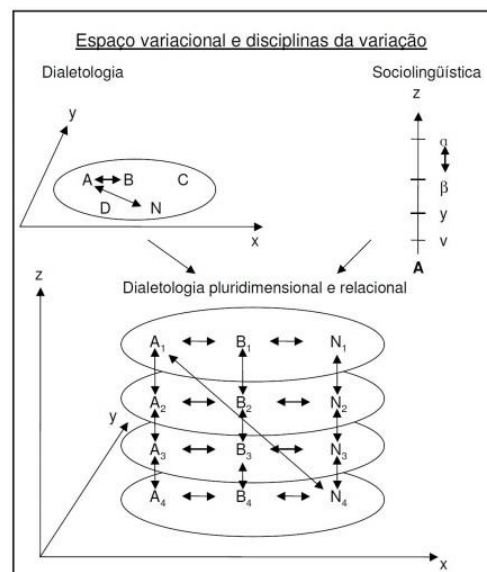
Um dos principais precursores da Dialetoologia Pluridimensional foi Thun (1998) ao propor uma “nova geolinguística” que fosse unir a dimensão diatópica com os princípios

sociolinguísticos e assim permitir cartas que oferecessem informações sobre o gênero, idade e escolaridade do falante. Sendo assim,

a “*nouvelle géolinguistique*”, a que se refere Thun, buscava unir ao princípio da diatopia, pelo qual se vem regendo a Dialetoлогия desde os seus primórdios, princípios sociolinguísticos que, juntando-se ao primeiro, vão ensejar cartas linguísticas que permitem ao leitor não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante —homem-mulher, jovem-velho, escolarizado-não escolarizado— é responsável por aquele enunciado. (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 860).

Sobre as origens da Dialetoлогия Pluridimensional, Thun (2017)¹⁷ declarou que apenas sistematizou as ideias ao reabilitar o caráter humanista da linguística, já que a pesquisa não era uma investigação policial ou um exame de escola, mas procurava informação, conversa e discussão. Além disso, ele procurou salvar as ideias minoritárias da história da Dialetoлогия contidas em Abbé Rousselot (1888) e Tomás Navarro Tomás (1966). Desta forma, ele propôs que fosse realizada de forma horizontal (distribuição areal); vertical (realização nos diferentes estratos sociais) e relacional (atuação real), como demonstra o esquema abaixo (figura 2):

Figura 2 - Esquema de H. Thun



Fonte: Thun (1998)

Ele também propôs um esboço das três fases da evolução da geolinguística: monodimensional ou diatópica; pluridimensional e especializada em comunicação diagonal/relacional (entre imigrantes de distintos grupos sociais).¹⁸ Sobre isso, ele declarou

¹⁷Minicurso “O trabalho geolinguístico segundo os princípios da Dialetoлогия Pluridimensional” proferido pelo Prof. Dr. Harald Thun (Universidade de Kiel-Alemanha), no Seminário Regional de Geossociolinguística (SERGEL), no período de 22 a 24 de novembro de 2017, na Universidade Federal do Pará (UFPA).

¹⁸ Idem

que atualmente só foram realizadas pesquisas na forma Pluridimensional, pois a Dialectologia Relacional ainda não possui uma metodologia própria.

Sendo assim, a Dialectologia Pluridimensional encontra-se sistematizada no Atlas *Linguístico Diatópico y Diástrático del Uruguay* (ADDU). Desta forma, Thun (2000, p. 196), conforme citado por Busse (2010, p. 69), afirma que a Dialectologia Pluridimensional pôde responder a duas questões que até então não tinham respostas:

- (i) “Até que nível social, idade, estilo, etc. estende-se um fenômeno linguístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?”;
- (ii) “Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.?”

Um exemplo de aplicação do método geolinguístico na modalidade pluridimensional está na tese de Margotti (2004) que tem como título a “Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil”, na qual ele utilizou, em sua pesquisa, as dimensões e parâmetros¹⁹ descritos no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Dimensões e parâmetros controlados pela pesquisa de Margottii (2004)

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Nova Palma/RS (1), Caxias do Sul/RS (2), Sananduva/RS (3), Sarandi/RS (4), Orleans/SC (5), Rodeio/SC (6), Chapecó/SC (7), Videira/SC(8).
Diatópica-cinética	Área RS1 – Caxias do Sul/RS (A1) e Nova Palma/RS (A2)
	Área SC1 – Rodeio/SC e Orleans/SC
	Área RS2 – Sananduva/RS e Sarandi/RS
	Área SC2 – Chapecó/SC e Videira/SC
Diaazonal	Falantes do meio rural (R)
	Falantes do meio urbano (U)
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)
	Geração de 45 a 60 anos (GII)
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)
	Falantes do sexo feminino (F)
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)
Diafásica	Conversa livre (C)
	Questionário (Q)
	Leitura (L)
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas

Fonte: Margotti (2004)

Desta forma, Margotti (2004, p. 87) afirma que a Dialectologia Pluridimensional é “resultado da confluência de duas disciplinas separadas historicamente, a saber: Dialectologia areal e Sociolinguística”. Sendo assim, ela busca descrever a fala a partir dos pontos

¹⁹Parâmetro é toda variável (lingüística ou extralingüística), analisada com sistematicidade, que se considera individualmente, como, por exemplo, 'geração II', 'mulheres', 'leitura'. Na literatura sociolinguística, equivale a fator. Dimensão é o agrupamento de dois ou mais parâmetros que se encontram em relação opositiva (o mesmo que grupo de fatores) que se encontram em relação opositiva, por exemplo: 'rural' – 'urbano' ou 'leitura' – 'conversa' – 'respostas a questionário' (H. THUN, 2000a, p. 191, n. 8, apud MARGOTTI, 2004, p. 123).

geográficos, considerando o falante e o estrato social a que pertence, a fim de retratar a história e cultura do seu grupo. E também declara que

Assim, à dimensão diatópica ou areal da geolinguística tradicional, incorporam-se outras dimensões, tais como a idade (dimensão diageracional), o sexo (dimensão diassexual), a escolaridade (dimensão diastrática), o estilo de fala (dimensão diafásica), o grupo social (dimensão diagrupal), a língua de contato (dimensão dialingual), a identidade social (dimensão diarreferencial), entre outras, visando a descrever com maior profundidade os fenômenos de variação linguística (p.88).

Com o avanço dos estudos dialetológicos pluridimensionais e principalmente as adaptações no método geolinguístico, surgiram outras vertentes da Geolinguística, como a denominada Geossociolinguística (RAZKY, 1998). Vale destacar que Rasky (2013, p.54) afirma que “algumas pesquisas adotam a nomenclatura multidimensional para se referir à classificação pluridimensional, proposta por Thun”.

Portanto, no final do século XIX, a Geolinguística Pluridimensional se consolida, ocupando o controle sistemático das variáveis sociais, mas tendo que administrar a pluralidade nos dados a serem cartografados (CARDOSO, 2010). Sendo assim, atualmente a Dialetologia utiliza

a metodologia, que vai encontrar suas bases na Dialetologia Pluridimensional contemporânea, que, além de priorizar a dimensão diatópica, vai se fazer valer dos avanços que a nova realidade dos espaços e de sua ocupação imprimiram à metodologia dos estudos dialetais, considerando também outras dimensões, como a diageracional, diagenérica, diastrática, diafásica (CARDOSO; MOTA, 2012, p.859).

Thun, conforme Altino (2007, p. 31), propõe uma classificação dos atlas em monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais. Os primeiros estão “focados na dimensão espacial, por isso permitem a identificação do uso da língua dentro de uma área geográfica”. Já os bidimensionais contemplam outra dimensão além da diatópica, como a diagenérica ou diageracional. Enquanto os pluridimensionais abordam duas ou mais dimensões sociais, além da diatópica.

Margotti (2004) classifica os atlas de caráter monodimensional como uma simples arealização, enquanto que os atlas bidimensionais são caracterizados pela “arealização dos dados e quantificação” (p. 133). Já nos mapas pluridimensionais, leva-se em consideração tanto o eixo horizontal quanto o eixo vertical, sendo possível representar, em cada ponto de inquérito, informantes de dimensões e parâmetros sistematizados. Assim, tanto a pluralidade de pontos quanto a pluralidade de informantes oferecem maior representatividade dos dados (MARGOTTI, 2004).

Diante disso, os cartogramas desta pesquisa serão pluridimensionais por cruzarem tanto os dados diatópicos de cada falante quanto os dados sociais de cada um deles, no intuito de fornecer uma visualização mais ampla das possíveis variações lexicais a serem encontradas.

1.3.1 Dimensão Diatópica

De acordo com Cardoso (2010), a dimensão diatópica corresponde à rede de pontos selecionada para a investigação dialetal. No primeiro momento, os estudos dialetais tinham caráter monodimensional justamente por querer retratar as diferenças espaciais, tanto que se passou a desenvolver “trabalhos com a finalidade de descrever áreas e de apontar a realidade linguística de um território politicamente definido” (p. 48).

Portanto, dentro de um mesmo território podem ser encontradas variantes lexicais para o mesmo referente, como Romano e Seabra (2014) apresentam acerca da questão 132 do ALiB - “Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?” nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil.

Nesta questão, identifica-se a variante “menino” distribuída de forma homogênea em dez estados; as variantes “guri” e “piá” como representativas nas regiões Sul e Centro-Oeste e uma maior representatividade da variante “moleque” na região Sudeste. No entanto, se fossem observar na região norte, acrescentar-se-ia a variante “curumim” para esta designação. Portanto, a dimensão diatópica oferece como parâmetros os pontos de inquérito da pesquisa dialetal.

1.3.2 Dimensão Diastrática

A condição social também influencia na fala dos informantes. De acordo com Margotti (2004), a dimensão diastrática “inclui todos os parâmetros que definem a classe social, entre os quais o nível socioeconômico, escolaridade, profissão, etc.” (p. 20). Nesta pesquisa optou-se pela escolaridade, propondo dois parâmetros: ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

1.3.3 Dimensão Diageracional

Margotti (2004) apresenta a dimensão diageracional referindo-se à idade dos informantes. Portanto, é possível confrontar sistematicamente a fala de indivíduos de uma geração mais velha (50 a 65 anos) com a fala de indivíduos de uma geração mais jovem (18 a 30 anos). Cardoso (2010) apresenta um panorama de autores que já alertavam desde o século XIX para a idade dos informantes.

1.3.4 Dimensão Diassexual

De acordo com Cardoso (2010), assim como a idade, o gênero também passou a ser foco nos estudos dialetais, a fim de que os “usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de documentação” (p. 52). Margotti (2004) complementa ao dizer que o objetivo é “fazer correlações entre o desempenho linguístico e o sexo” (p. 21).

1.3.5 Dimensão Diazonal

De acordo com Margotti (2004), a dimensão diazonal “caracteriza os informantes quanto ao espaço rural ou urbano de suas residências” (p. 19). Além dos municípios selecionados para a rede de pontos, também são investigados os habitantes que residem em áreas diferentes no mesmo ponto de inquérito. Segundo Margotti (2004, p. 19), “os habitantes rurais vivem mais isolados do que os urbanos e, tradicionalmente, estão menos sujeitos à influência externa”, o que favoreceria uma fala mais conservadora do que a urbana, segundo o autor.

2 – O LÉXICO

Neste capítulo, será tratado o léxico à luz de Pottier (1978), Biderman (1998; 2001); Oliveira e Isquerdo (2001). Além disso, serão brevemente abordadas as concepções de norma, a partir de Coseriu (1973) e Cristianini (2007).

2.1. Concepções sobre o léxico

Há diversos níveis que são passíveis de estudo na língua como o fonético-fonológico, sintático, semântico, prosódico, entre outros. Para esta pesquisa foi selecionado o léxico da Língua Portuguesa falado no Brasil para análise. Este nível da língua está associado ao conhecimento cognitivo e cultural do falante. É na memória humana que ficam estocados os signos linguísticos que correspondem à realidade extralinguística do falante.

De acordo com Oliveira e Isquerdo (2001, p.9), o léxico é

um saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituindo-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. Representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Biderman (1998, p. 92) também esclarece que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Desta forma, a autora destaca que

o Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades (2001, p.179).

Para Antunes (2012, p. 27), “o léxico de uma língua, numa definição geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação”. A autora é bem enfática ao dizer que “se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua”.

Desta forma, os sujeitos integrantes das sociedades são responsáveis pelo desuso ou atualização do sistema lexical da sua língua. As mudanças semânticas também são realizadas pelos falantes, “ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico” (BIDERMAN, 2001, p.179).

Antunes (2012, p. 29) declara que o léxico é

aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para o outro

O léxico seria o acervo dos lexemas de uma língua. Os lexemas são usados para designar a unidade léxica abstrata da língua e as lexias seriam as derivações do lexema, diferentemente da conceituação de Pottier que trata lexia como lexema. Já o vocabulário é o conjunto de lexias registradas na obra de um autor, por exemplo, (BIDERMAN, 2001).

Para Pottier (1978, p. 268), “a lexia é a unidade lexical memorizada”. O autor apresenta os tipos de lexia da seguinte forma: lexia simples (cão, mesa, cadeira); lexia composta (quebra-gelo, saca-rolha, pé-de-moleque); lexia complexa (guerra fria, sinal vermelho, cidade universitária) e lexia textual (provérbio, charada, hino nacional).

Quanto aos campos semânticos, eles “podem evidenciar oposições simples, e/ou oposições complexas de significação” (BIDERMAN, 2001, p. 193). Essa rede de significações, às vezes, é muito extensa, pois o léxico é considerado um sistema aberto e em expansão, totalmente vulnerável às criações dos falantes. Antunes (2012, p. 28) colabora ao dizer que “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa”. No próximo tópico, serão abordadas as concepções de norma.

2.2. Concepções de Norma

A língua se apresenta em variadas formas na fala. Para o falante ou para um grupo específico, a norma seria um modo de falar diferente da norma-padrão prescrita na Gramática Normativa. De acordo com Barbosa (1989, p.57),

[...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas e, de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes [...]

Após as observações acerca dos postulados teóricos de Saussure e de outros autores pós-saussureanos, Coseriu (1973) propõe um modelo tríplice: Sistema, Norma e Fala que representam realidades distintas, mas que são interdependentes. Sobre o Sistema, o autor declara que

El sistema es sistema de posibilidades, de coordenadas que indican caminos abiertos y caminos cerrados: puede considerarse como conjunto de “imposiciones”, pero también y quizá mejor, como conjunto de libertades, puesto que admite infinitas

realizaciones y solo existe que no se afecten las condiciones funcionales Del instrumento lingüístico (p.68).²⁰

Cristianini (2007, p.107) indica duas configurações acerca disso:

- um conjunto de prescrições, imposições, definidor da parte normativa que mantém a estabilidade do sistema lingüístico;
- um conjunto de liberdades que se reporta à inovação, desde que não sejam afetadas as condições funcionais do Sistema.

Já a norma para Cristianini (2007, p.108) “consiste nos padrões de uso, na forma como os usuários fazem uso do Sistema para comunicar-se”. Sendo assim, dentro de uma comunidade linguística, tudo o que for padrão grupal de uso, comum e corrente pode ser considerado como norma.

Coseriu (1973, p.96) esclarece que “[...] en realidad, la norma es variable, según los límites y la índole de la comunidad considerada”²¹. Cristianini (2007, p. 110) completa ao esclarecer sobre o grau intermediário da norma, e afirma que “[...] a norma é um sistema de obrigações, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”.

Enquanto que a fala é “materialização do sistema” (CRISTIANINI, 2007, p.108). Coseriu (1973, p. 94) define a fala como atos linguísticos que são

[...] actos de creación inédita, por corresponder a intuiciones inéditas, pero son, al mismo tiempo – por la misma condición esencial del lenguaje, que es la comunicación –, actos de re-creación; no son invenciones *ex novoy* totalmente arbitrarias del individuo hablante, sino que se estructuran sobre modelos precedentes, a los que los nuevos actos contienen y, al mismo tiempo, superan.²²

Diante disso, Cristianini (2007, p.109) configura a fala em dois aspectos:

- a repetição dos modelos responsável por explicitar a permanência e a estabilidade do sistema lingüístico;
- a criação de elementos novos que remete à inovação, evidenciada pelas milhares de formas novas e criativas encontradas nas interações verbais.

Para esclarecimentos sobre essas definições propostas por Coseriu (1973), a autora apresenta um quadro (Quadro 3) que explica didaticamente cada conceito abordado, como podemos observar a seguir.

²⁰O *sistema* é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode considerar-se como conjunto de “imposições”, mas também e talvez melhor, como *conjunto de liberdades*, uma vez que, admite infinitas realizações e existe apenas se não afetarem as condições funcionais do instrumento lingüístico (Tradução feita por CRISTIANINI, 2007).

²¹[...] na realidade, a norma é variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada (Tradução feita por CRISTIANINI, 2007).

²²[...] atos de criação inédita, por corresponder a intuições inéditas, mas são, ao mesmo tempo – pela mesma condição essencial da linguagem, que é a comunicação –, atos de recriação; não são invenções totalmente arbitrárias do falante, mas sim, que se estruturam sobre modelos já existentes, que os novos atos contêm e, ao mesmo tempo, os superam (Tradução feita por CRISTIANINI, 2007).

Quadro 3 - Sistema, Norma e Fala

SISTEMA		NORMA	FALA	
mais abstrato		menos abstrato	Concreto	
prescrições: regras indicativas que mostram como o Sistema se Constitui	liberdades: criações, inovações que não infringem seu caráter funcional	mantém o caráter funcional do sistema e recebe as inovações da Fala	indivíduos manifestam-se por meio de seus idioletos, ou seja, suas linguagens próprias.	
		é fixado, usado e consagrado pela comunidade linguística	criações inéditas a partir de atualizações de modelos definidos na norma	
		tem um critério estatístico: alta frequência e distribuição regular		
		variação diatópica diastrática e diafásica	repetição dos modelos responsável por explicitar a permanência e a estabilidade do sistema linguística	criação de elementos novos que remete à inovação
contém o que é efetivo e virtual		há muitas variáveis: classe social, faixa etária, gênero, modalidade, geográfica, etc.		
possui grau mínimo de variação		possui grau médio de variação	possui grau máximo de variação	

Fonte: Cristianini (2007)

Vale salientar que Coseriu (1973) e Cristianini (2007) alertam para o fato de que possam existir diversas normas dentro de uma mesma comunidade, mas que elas estão intrinsecamente ligadas. Sendo assim,

os falantes de uma mesma língua, mas de regiões geográficas diferentes, têm características linguísticas distintas e, se pertencem a uma mesma região, também apresentam características diversas, tendo em vista os diferentes estratos sociais e as diferentes circunstâncias de comunicação (CRISTIANINI, 2007, p. 114).

Segundo Cristianini (2007, p.116), a norma destaca-se como “conjunto de modelos de realizações concretas ou modelos fixados” e também “pela alta frequência e distribuição regular, consagrados e usados por um grupo”. A frequência e a distribuição regular ou irregular podem ocorrer em situações como:

- variante de alta frequência e distribuição regular – em que as variantes são encontradas em número elevado em relação às demais ocorrências em todos os pontos da localidade em análise;
- variante de alta frequência e distribuição irregular – em que variantes são muito utilizadas, com índices maiores, em um dos pontos (norma deste ponto apenas);
- variante de baixa frequência e distribuição irregular – em que apenas um informante faz uso da variante.

Diante disso, essa pesquisa usará esses parâmetros de norma para que se obtenha o resultado apontado em seus objetivos, além do uso de quadros para apresentar a frequência relativa do item lexical em cada ponto de inquérito.

2.3. O universo lexical amazonense

A língua portuguesa é derivada do Latim vulgar, no entanto, observa-se a presença de palavras de diversas origens como árabe, ibérica, céltica, grega, germânica, entre outros. Teyssier (2001) apresenta o panorama da Língua Portuguesa desde o Latim aos primeiros textos em galego-português, depois o português europeu, o português do Brasil e o português na África e na Ásia. Para este autor, “quando se trata de identificar objetos e noções próprias à realidade brasileira, ao clima, à flora, à fauna, às tradições locais, aos costumes, à cultura popular, à vida social que o ‘brasileiro’ manifesta a sua criatividade popular e fraseológica” (p. 71).

Teyssier (2001) salienta que a língua dos portugueses se misturou com duas fontes: línguas indígenas (principalmente o Tupi) e as línguas dos escravos negros, o que originou o português brasileiro, o qual é essencialmente diferente do português de Portugal. Além disso, observam-se as diferenças lexicais regionais, as quais foram influenciadas por seus diferentes colonizadores, como é o caso do Amazonas.

De acordo com Azevedo (2013), a Língua Portuguesa falada no Amazonas, na composição de seu léxico, possui contribuições das línguas indígenas, da língua espanhola e das línguas africanas. Azevedo (2013) apresenta um rol exemplificativo de empréstimos indígenas à Língua Portuguesa, como para

bebidas: pajiroba, caissuma, tarubá, manicuera, tucupi; para frutas e tubérculos: mandioca, cará, jenipapo, pupunharana, muruci, açaí, maracujá, taquari, tatacaiuva, abiorana, goiaba, mucajá, jacitara, tucumã, cupuí, araçá, catauari, socoró, bulá, péua, capitari; para utensílios: jirau, moquém, peconha, cuiapéua; para animais: arara, piaçoca (ave), ariramba (ave), mauari (ave), cauã (ave), capivara, jacaré, tatu, jararaca, paca, saracura (ave), jaraqui (peixe), pacu (peixe), arari (peixe), aracu (peixe), catrapola (peixe); para insetos: meruim, carapanã, mutuca; para árvores:

envira, jacitara, tipiti, paracutaqueira, mungubeira; outros: curumim, cuiâtã (variação de cunhantã), peteca, canoa etc. (p.75).

O autor esclarece que também é possível encontrar exemplos de empréstimos de origem indígena na toponímia de municípios do Amazonas, como é o caso de Itacoatiara, Manaus, Codajás, Parintins, Coari, ente outros.

Em Corrêa (1980), registraram-se palavras e expressões faladas no Médio Amazonas como: zolhódinho, vais pegar teu chapéu (expressão usada para dizer que uma criança vai levar uma correção), tosse de guariba (coqueluche), topar (no sentido de encontrar alguém pela rua), tamboreta (o mesmo que banco, assento), tal de (expressão de desdém), ralhar/carão (ser repreendido), perebento, peito-aberto (quando a pessoa está com muitas dores nas costas e no peito), pavulagem, paresque/disque (dúvidas de alguém), olha já então, olha já, olha ainda, marupiara, manozinho, maninho, manazinha, inhaca, essazinha/aquelazinha, como já então?, abano, candeeiro, urinol, entre outros.

No Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Cruz (2004) também catalogou as seguintes formas: caolho/cegueré, pernetá/cotó, cambota, escabeche, mojica, porronca, bagana, abano, sutiã/corpete, xará, paineiro, beiju, casa de farinha, crueira, tapioca, tarubá, panema, caipora, batelão, balsa, regatão, zagaia, arpão, coador/passador de café, boqueira/sapinho, enchente, poente, correnteza, igarapé, coivarar/roçar, canarana, mureru, membeca, surumbim, pirarara, dourado, piraíba, pintado, peixe-lenha, tambaqui, piranha, pirapitinga, traíra, arari, peixe-cachorro, tucunaré, carauçu, pirarucu, poraquê, curimatã, cuiú-cuiú, piaba, branquinha, prensa, tipiti, gamela, malhadeira, arrastão, rede, caçoeira, tarrafa, casco, entre outros.

Em Campos (2005) também foram registradas algumas expressões e palavras usadas no município de Borba (AM), como por exemplo: abano, acajibado (adoentado), acesume, acompanhar (viver com outra pessoa), aluado (pessoa que não apresta atenção), alumiar, poronga, amarelão (pessoa pálida), apresentado (saliente, confiado), arrastão (rede de pescar), baldear, barranco, batelão, batente, bocó/bocoró (pessoa sem estudo), boia (comida), bordoadá (palmada), calombo (tumor), cambota, canarana, carão (ralho), caritó (pessoa que ainda não se casou), cauxi, chavascal, chilique, cisma (desconfiança), dar fé (sentir falta), dar uma corsa (bater em alguém), de coca (forma sincopada de cócoras), derribar/derrubar, em fubeca (acabado, cansado), encarangar (enrolar), encardido, macetona, jerimum, zuruó (pessoa lesa), malinar, maninha/manazinha, merendar, mexer (no sentido de tirar a virgindade), mofino (adoentado), mouco (surdo), parir (dar à luz), pavulagem, peito-aberto, pereba, Punha-mesa / põe-à-mesa (louva-Deus), quebranto, rasgadura, comida remosa,

saliente (criança peralta), varar (sair em algum lugar), variando (perdeu o juízo), venta (rosto), vento-caído, zagaia, zolhudo, entre outros.

O Amazonas é um estado de híbridas relações, as quais influenciaram para a constituição de um vasto universo lexical de caráter amazônico. Um dos exemplos disso é o modo de falar do caboclo, o qual foi alvo da primeira pesquisa dialetológica do estado, por conta da sua particularidade linguística. É fato ouvir a expressão “como diz o caboco”, porque há uma singularidade na fala dele que o caracteriza como diferente e, por isso, desprestigiada na sociedade, quando poderia ser valorizada como característica de sua identidade.

3 – ASPECTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS DE ITACOATIARA E SILVES

A seguir será apresentado o panorama geográfico, histórico e populacional de Itacoatiara e Silves e de suas respectivas comunidades São José da Colônia do Piquiá e Comunidade da Nossa Senhora do Livramento.

3.1. Panorama geográfico, histórico e populacional de Itacoatiara e Silves

O Amazonas é um dos estados que compõem a região Norte do Brasil e ocupa, aproximadamente, uma área de 1.559.146,876 km², fazendo limite com a Venezuela, Roraima, Colômbia, Pará, Mato Grosso, Rondônia, Peru e Acre. Além disso, segundo o IBGE, é o maior estado do Brasil ocupando mais de 18% da superfície do país, com 62 municípios.²³

De acordo com o Art. 26 da Constituição do Estado do Amazonas (1989), o espaço territorial do Amazonas é integrado de nove regiões: 1.^a Sub-Região - Região do Alto Solimões; 2.^a Sub-Região - Região do Triângulo Juruá/Solimões/Juruá; 3.^a Sub-Região - Região do Purus; 4.^a Sub-Região - Região do Juruá; - 5.^a Sub-Região - Região do Madeira; - 6.^a Sub-Região - Região do Alto Rio Negro; 7.^a Sub-Região - Região do Rio Negro/Solimões; 8.^a Sub-Região - Região do Médio Amazonas e a 9.^a Sub-Região - Região do Baixo Amazonas.

Para esta pesquisa foi escolhida a região do Médio Amazonas, a qual compreende os municípios de Itacoatiara, Itapiranga, Maués, Nova Olinda do Norte, Presidente Figueiredo, Silves e Urucurituba. A rede de pontos estabelecida para esta investigação dialetal foi escolhida com base no suporte histórico, geográfico e social, preconizado por Ferreira e Cardoso (1994). Sendo assim, para esta pesquisa foram escolhidos 2 municípios: Itacoatiara (143 anos) e Silves (61 anos) por serem os primeiros pontos de inquérito da pesquisa pioneira realizada no estado, na década de 80, na perspectiva da Dialetoologia Tradicional.

3.1.1. Itacoatiara, cidade da pedra pintada

a) Aspectos geográficos

De acordo com o IBGE, o município de Itacoatiara está assentado à margem esquerda do Rio Amazonas, circundado de matas de terra firme, várzeas e igapós. Integra a Mesorregião do Centro Amazonense²⁴ e a Região Metropolitana de Manaus. Sua área

²³ Disponível: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm> Acesso em: 18 de abril de 2018

²⁴ De acordo com o IBGE, em 2017, a divisão regional brasileira em Mesorregiões e Microrregiões geográficas, elaborada na década de 1980, foi atualizada para Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas

territorial é de aproximadamente 8.891,906 km² e, segundo o censo 2010 do IBGE, sua população era de 86.839 pessoas. Atualmente, sua população estimada é de aproximadamente 99. 854 habitantes, segundo o IBGE.

O Plano Diretor do Município²⁵ instituído pela Lei 76 de 19 de setembro de 2006 apresenta no seu artigo 8º a delimitação da área urbana, a qual é “destinada ao desenvolvimento de usos e atividades urbanas”, descrita pelo artigo 9º da seguinte forma:

A Área Urbana começa na margem do Rio Amazonas, limites dos Bairros do Jauari I e Jauari II; deste ponto segue-se margeando o Rio Amazonas até alcançar a Boca do Igarapé do Doca, neste Igarapé encontrando-se um Lago, segue-se este por sua margem até encontrar-se com aningais (Lago da Poranga); nestes aningais segue-se contornando suas margens em sentido horário até encontrar-se com o limite do Bairro da Paz e do Bairro Jauari II; segue-se este limite no rumo oeste até encontrar-se o limite da Agropecuária Real; neste limite segue-se no rumo sul até a divisória dos Bairros Jauari I e Jauari II; nesta divisória segue-se no mesmo rumo até alcançar a margem do Rio Amazonas, ponto de partida deste Memorial Descritivo.

A área urbana de Itacoatiara será um dos pontos de inquérito desta pesquisa. No que tange à área rural, foi selecionada a Comunidade São José da Colônia do Piquiá, fundada em janeiro de 1976. Conforme Abreu (2009), esta comunidade situa-se ao norte da cidade de Itacoatiara, no ramal Silva Amazonas, km 05 da estrada AM / 010 km 11, margem direita. Possui uma área de estrada de 10.800km. Nesta área estão localizados 39 lotes de terras tituladas e 32 lotes que são posses.

Abreu (2009) afirma que o primeiro nome dado a essa área foi colônia Agrícola do Piquiá. Seus primeiros moradores foram o Sr. Raimundo Gabino Mendonça e esposa Raimunda Fróes de Mendonça. Em 1976, foi dado o nome de comunidade São José, por causa de seu Padroeiro. Todo o ano festejado no dia 19 de março. Mais tarde no ano de 1992, passou-se a ser chamada comunidade São José da colônia do Piquiá.

b) Aspectos históricos

Segundo Silva (2017), no dia 08 de setembro de 1683, o núcleo embrionário de Itacoatiara da cidade foi criado pelo jesuíta suíço Jódoco Perez (1633-1707), no dia seguinte da sua chegada, após a celebração de uma missa e perante toda a gentildade, no local onde se instaurou a missão dos índios Iruri – primeiros habitantes de Itacoatiara. Afluente da margem direita do médio Rio Madeira, o Iruri, mais tarde redominado Maturá, é um rio pouco extenso e de águas negras; fica acima do Rio Manicoré, entre os rios Atininga e

Imediatas, sendo Itacoatiara uma Região Geográfica Imediata do estado do Amazonas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 13 de jan de 2018.

²⁵Disponível em: <<http://tunelverde-ita.blogspot.com.br/p/plano-diretor-de-itacoatiara.html>>. Acesso em 25 de fev de 2018.

Mariepáua. Silva (2017, p. 63) declara que “os missionários jesuítas foram os principais agentes de ação cultural europeia sobre os povos amazônicos. Começaram os contatos com os indígenas do médio e alto Amazonas logo em seguida à chegada do padre Antônio Vieira”.

Além disso, o autor destaca um fato interessante sobre os índios Iruri, ao afirmar que um filho do Tuxaua Mamorini, que era o mais importante morador do núcleo que originou Itacoatiara, foi levado pelo superior dos jesuítas para aprender Português e Nheengatu no Colégio de Santo Alexandre, no intuito de retornar como um intermediário nas negociações com os missionários.

No que diz respeito à atuação da Ordem dos Jesuítas durante o processo de ocupação e colonização lusitana, Silva (2017, p. 58) afirma que

um componente decisivo para a atuação no campo religioso foi a língua ensinada aos índios aldeados, os quais deviam abandonar o uso da sua própria língua passando a praticar uma outra resultante da mistura entre o tupi e o português - o nheengatu – que se impôs como privilegiado canal de comunicação entre colonizados e colonizadores.

O autor ainda afirma que os habitantes daquela região, por conta dos ataques dos silvícolas e em busca de terras propícias à colonização, retiraram-se para a ribeira do Canumã e depois para a margem direita do Rio Abacaxis (1696), a 65 km da foz do Madeira. Segundo o IBGE²⁶, foi na foz do rio Maturá, afluente do rio Madeira, que o Frei João Sampaio fundou o primeiro núcleo de povoamento da região do atual município, nos meados do século XVIII.

De acordo com Silva (2017), em 1757, os moradores de Abacaxis fizeram outra mudança. Devido à perseguição dos Mura, eles abandonaram as imediações da Ilha de Tupinambarana e foram se fixar em um sítio, à margem esquerda do Rio Amazonas, defronte à Ilha das Garibas. Vale salientar que Mendonça Furtado havia mandado substituir os gentílicos das aldeias por topônimos portugueses, como o Abacaxis que passaria a ser Serpa, homenageando a freguesia do baixo Alentejo, de Portugal. Em 1758, eles chegaram ao sítio “Itaquatiara”, aconselhados por Mendonça Furtado, propiciando a instalação da sede municipal. Em 1759, o povoado foi promovido, recebendo o estatuto de Vila de Serpa.

Segundo o site do IBGE²⁷, em 1833 é suprimido o nome de Vila, passando Serpa a freguesia ou colégio eleitoral, dependendo do termo da Vila de Manaus e sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário de Serpa. A partir da Lei n.º. 74 de 10 de dezembro de 1857 o município de Itacoatiara foi criado. Todavia, no ano de 1858, outra vez é erigida em vila, com o nome de Nossa Senhora do Rosário de Serpa. Em 27 de novembro de 1871, pelo Decreto

²⁶ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/itacoatiara/historico>>. Acesso em 10 de jan de 2018.

²⁷ Idem.

Imperial n.º. 5.146, é criado o termo judiciário de Serpa. Em 10 de fevereiro de 1872, através do Decreto Imperial n.º. 5.210, o termo judiciário de Serpa é reunido ao de Silves.

Silva (2017) discorre que a Lei Provincial n.º 283, de 25 de abril de 1874, oriunda do projeto apresentado pelo deputado itacoatiarense Damaso de Souza Barriga, elevava a vila de Serpa à categoria de cidade com a denominação de Itacoatiara. Vale destacar que o município foi o terceiro a receber o título de cidade, somente antecedido por Manaus e Tefé. No ano de 1892, de acordo com a Lei n.º33, de 4 de novembro de 1892, foi confirmada a criação deste município. E, pela Lei municipal n.º 50, de 19 de outubro de 1902, é confirmado a criação do distrito de Itacoatiara (SILVA, 2017).

Outra característica da presença de indígenas em Itacoatiara são as inúmeras “pedras pintadas”, que segundo Silva (2017), estão repletas de inscrições rupestres, bem como os cacos de cerâmica e outros materiais que registram muitas nações, como era estabelecida a comunicação e a relação entre tribos; Além do mais, havia um acervo de nomes interrelacionados com aqueles recuados tempos que identificavam lugares urbanos e rurais, hábitos alimentares, elementos da flora e da fauna e acidentes geográficos. Portanto, o nome Itacoatiara (termo aportuguesado do tupi i'tákwati'ara, que se traduz para pedra pintada ou riscada), provém da existência de pedras que ornaram o porto do Jauari (SILVA, 2017).

Silva (2017) afirma que esse

referido sítio arqueológico, identificado pela ponta de pedras que avança sobre as águas do rio Amazonas formando as enseadas do Stone e do Jauari, nos séculos XVII e XVIII era um lugar de referência. Calmo, nostálgico, cercado por umas poucas tribos de índios mansos. Parada obrigatória ou “estação de repouso” destinada àqueles que subiam e desciam o grande caudal ocupados em explorar e ou estudar o território amazonense (p. 133).

A pedra pintada, transformada em monumento histórico e símbolo-mor do município de Itacoatiara, é uma das pedras do Jauari, transformada em altar forrado de branco, que testemunhou um solene momento religioso, do qual participava o capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que aportou sua expedição no sítio “Itaquatiara”, em 29 de dezembro de 1754 (SILVA, 2010).

c) Aspectos populacionais

De acordo com o censo empresarial de Itacoatiara²⁸, realizado pelo Sebrae, o contexto populacional deste município, nos últimos trinta anos, está estreitamente relacionado à dinâmica e à evolução da ocupação do próprio Estado do Amazonas e, especificamente, da

²⁸Censo empresarial de Itacoatiara. Disponível em:

<<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/CENSO%20ITACOATIARA%20-%20A4%20-%20Sebrae%20AM%20-%20Online.pdf>>. Acesso em: 18 de abril de 2018.

cidade de Manaus, levando em consideração sua proximidade com a capital do Estado e as facilidades de acesso fluvial e rodoviário.

O censo empresarial também mostra que durante a década de 80, o município apresentava baixas taxas de crescimento populacional, devido aos processos migratórios, principalmente em direção à cidade de Manaus, além da intensidade da tradicional migração rural – urbano. Observa-se que, em 1980, a população rural representava aproximadamente 50% da população total.

Na década seguinte, parece ter havido uma reversão, ou pelo menos uma redução na perda de população, pois Itacoatiara passou a apresentar taxas anuais de crescimento acima de 2% ao ano, havendo também um considerável crescimento da população rural; este último aspecto parece mais que “compensar” a redução das taxas de crescimento populacional da zona urbana.

Além disso, o censo empresarial mostra que durante a primeira década do século XXI, o município apresentou taxas de crescimento positivas, porém ainda menores do que as apresentadas pelo Estado. Nos anos 90, houve uma queda das taxas de crescimento populacional na zona rural, relativamente à zona urbana, que ainda apresenta um dinamismo populacional bastante intenso. Já no ano de 2010, a população urbana correspondia a 67% da população total, diferente da década de 80.

A população itacoatiarense, conforme o último censo realizado pelo IBGE em 2010, contava com 86.839 habitantes e, atualmente, possui uma população estimada em 99.854 pessoas. Sendo a 3º do ranking populacional do estado, vindo depois de Parintins (102.033 hab.) e Manaus (1.802.014 hab.).

Conforme a sinopse do censo demográfico 2010²⁹, a cidade possuía mais homens do que mulheres. Sendo a população masculina composta por 44.426 hab. e a população feminina de 42.413 hab., distribuída em 51,2% para homens e 48,8% mulheres

No que diz respeito à idade populacional, o município possui uma população mais jovem, atingindo 21,9% e 22% nos grupos etários correspondentes a idade de 6 a 14 anos e 25 a 39 anos, respectivamente, como demonstra o Gráfico 2, a seguir:

Quanto à escolaridade, o município possui 66.257 pessoas alfabetizadas, o que significa mais de 50% da população residente alfabetizada, como mostra o gráfico 3 abaixo:

²⁹Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=130190>>. Acesso em: 18 de abril de 2018.

Além disso, o censo do IBGE 2010 também informa o nível escolar de pessoas de 10 anos ou mais de idade, o qual mostra que a maioria das pessoas é sem instrução e possuem fundamental incompleto, seguido de mais de 12.000 pessoas com o ensino médio completo e superior incompleto.

Quanto às atividades profissionais, o Instituto Amazônia³⁰ mostra que a agricultura em Itacoatiara é uma das principais fontes de renda, tornando a cidade o maior pólo agropecuário da região Norte do Brasil, destacando-se como importante produtor de mandioca, banana, laranja, feijão, café, hortaliças e milho. Além disso, a pecuária e a pesca também constituem um forte empreendedor econômico do município, com destaque para a criação de bovinos, equinos e suínos.

Quanto à pesca, o instituto informa que as espécies mais comuns são o pacu, sardinha, curimatá, branquinha, jaraqui, matrinxã, acari-bodó e outras espécies de peixes oriundos de água doce. Existem diversos viveiros de peixes na localidade, voltados à criação de espécies de peixes da Amazônia. A avicultura também concentra uma representação econômica para a cidade, existindo uma granja com criação de galinhas.

Além disso, o extrativismo vegetal também é citado pelo instituto como uma atividade de grande significado para a economia local, através da exploração de produtos como a borracha, pupunha e madeira. Na fruticultura, produz-se no município maracujá, cupuaçu, mamão, abacaxi, banana, abacate, laranja, limão e melancia.

No que diz respeito à formação étnica do itacoatiarense, a mesma resultou da mistura de indígenas, africanos e europeus. Sendo que a contribuição do índio não foi de apenas uma ou duas etnias, mas de duas dezenas delas. No entanto, com o avanço da catequização dos índios e da imigração portuguesa, a população foi amestiçando e dando origem ao caboclo (SILVA, 2010).

De acordo com tudo o que foi exposto acima, o caboclo Itacoatiarense é definido por Silva (2017) como o “típico brasileiro de três etnias. Em seu sangue tem herança indígena, africana e europeia. Contraditoriamente bairrista e hospitaleiro, possui hábitos simples e gestos altivos. Geralmente marupiara, ele tende a ser pávulo e não gosta de aplaudir”(p.190).

³⁰Disponível em: <<https://www.institutoamazonia.org.br/atividades-realizadas-em-itacoatiara-mantem-aquecido-o-setor-primario/>>. Acesso em: 15 de fev de 2018

3.1.2. Silves, a cidade risonha

a) Aspectos geográficos

Silves está situado na região do médio Amazonas e sua sede está localizada numa ilha formada na confluência do rio Urubu e os lagos Canaçari e Saracá. O município fica a 333 km de Manaus, tendo por acesso principal a rodovia AM-010 e depois uma balsa até a sede municipal da cidade. Ele também é integrante da região metropolitana de Manaus e da mesorregião do Centro Amazonense, tendo por microrregião Itacoatiara.

De acordo com o Art. 10 da Lei orgânica de Silves, acrescido pela Emenda nº 10 de 5 de dezembro de 2014, este município possui área de aproximadamente 40.296 km², limitando-se ao Norte, com o município de Itapiranga; ao Sul e Oeste, com o município de Itacoatiara e ao Leste, com o município de Urucurituba.

A Lei Orgânica também estabelece a divisão do município em 5 Microrregiões, a saber: área do Rio Urubu; área do Rio Anebá; área do Rio Amazonas; área do Rio Canaçari e área da Estrada da Várzea, subdivididas em comunidades, conforme a lista abaixo:

1. Área do Rio Urubu:

- a) Comunidade Nossa Senhora de Aparecida – Passarinho;
- b) Comunidade Nossa Senhora do Bom Parto – Pontão;
- c) Comunidade São João;
- d) Comunidade São Raimundo – Vida;
- e) Comunidade São Sebastião – Itapani;
- f) Comunidade Santa Luzia – Sanabani;
- g) Comunidade São Tomé – Jacu;
- h) Comunidade São Lázaro – Taperebatuba;
- i) Comunidade Nossa Senhora de Nazaré – Igarapé-açú;
- j) Comunidade Nossa Senhora do Carmo – Eva;
- l) Comunidade Nossa Senhora da Conceição – Baixa-funda;
- m) Comunidade São Pedro – Capivara;
- n) Comunidade Nova Esperança – Maquarazinho;
- o) Comunidade São Raimundo – Bacabaí;
- p) Comunidade Nossa Senhora das Graças – Maquará;

2. Área do Rio Anebá:

- a) Comunidade Cristo Rei;
- b) Comunidade Nossa Senhora da Conceição;

- c) Comunidade Nossa Senhora do Livramento;
- d) Comunidade Nossa Senhora Sant'Ana ;
- 3. Área do Rio Amazonas:
 - a) Comunidade Santa Luzia – Rebojão;
 - b) Comunidade Santa Maria – Rebojão;
 - c) Comunidade Divino Espírito Santo – Pai Tomáz;
- 4. Área do Rio Canaçari:
 - a) Sagrado Coração de Jesus – Puruzinho;
 - b) Comunidade Divino Espírito Santo – Puruzinho
 - c) Comunidade São José do Pampolha;
 - d) Comunidade São Sebastião – Forte;
 - e) Comunidade São Sebastião Poção;
 - f) Comunidade Nova Jerusalém – Seringa;
- 5. Área da Estrada da Várzea:
 - a) Comunidade São João Batista;
 - b) Comunidade Sagrado Coração de Jesus;
 - c) Comunidade Nossa Senhora de Aparecida.

Além da área urbana do município, a comunidade Nossa Senhora do Livramento também foi selecionada para representar a fala da área rural de Silves.

b) Aspectos históricos

De acordo com o portal da Prefeitura Municipal de Silves³¹, a história deste município está associada à de Itapiranga, pois essas duas unidades já formaram a mesma unidade administrativa. Os dados históricos registram que, em 1612, os primeiros portugueses chegaram ao Rio Urubu, que circunda a ilha, onde construíram uma comunidade próximo de Silves. No ano de 1653, os portugueses desceram novamente o Rio Urubu e encontraram a Ilha de Saracá, o nome original do município, pois buscavam a dominação do território em busca de mão de obra escrava. O nome Saracá era uma homenagem a uma formiga local.

No site da prefeitura também informa que, somente no ano de 1660, ocorreu a fundação da Missão do Saracá, pelo frei Raimundo, da Ordem das Mercês. Foram três anos de guerra sangrenta entre tribos indígenas e portugueses para a colonização do território, o que resultou em aproximadamente 700 índios mortos e 400 escravizados. No final do ano de

³¹ Disponível em: <<http://www.silves.am.gov.br/128/DadosMunicipais/>>. Acesso em: 25 de mar de 2018.

1663, Pedro da Costa Favela desembarca parte de sua tropa para a manutenção da ordem. No ano de 1759, a aldeia de Saracá é elevada à vila, com a denominação de Silves e tendo a sede do município com o mesmo nome. O nome Silves corresponde a uma cidade portuguesa, pois a ilha era para ser chamada de Guanavenas, em homenagem aos índios.

Segundo o site da prefeitura, o município é extinto em 1833 e restabelecido somente em 1852. No ano de 1922, a sede municipal é transferida para Itapiranga, sendo este povoado elevado à vila. Em 27 de fevereiro de 1925, pelo Decreto Estadual nº23, a sede retorna para Silves, mas no ano de 1930 o município é anexado ao de Itacoatiara, sendo restabelecido em 1935.

De acordo com o histórico de Silves, disponível no site do IBGE³², no ano de 1938, o município passa a ser denominado de Itapiranga, com a sede na Vila do mesmo nome, então elevada à cidade. Neste mesmo ano, o município passa a ter dois distritos: Itapiranga e Silves. Entretanto, em 29 de dezembro de 1956, pela Lei Estadual nº117, os dois distritos passa a ser separados em municípios autônomos. Em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda constitucional nº 12, o município de Silves perde partes de seu território para dois novos municípios: Rio Preto da Eva e Presidente Figueiredo.

c) Aspectos populacionais

Segundo o Censo 2010 do IBGE³³, sua população é estimada em 9.211 pessoas. Quanto à situação domiciliar, o Censo 2010 informa que a maioria da população mora na área rural, já que 4.029 pessoas moram na área urbana do município e 4.415 pessoas moram na área rural, o que corresponde a 47, 7% e 52, 3%, respectivamente.

O censo também descreve que a maioria da população é formada por homens, correspondendo a 4.498 pessoas, enquanto as mulheres correspondem apenas 3.946 pessoas. No que diz respeito à idade da população, a maioria da população é formada por jovens.

Quanto ao nível escolar, o censo 2010 mostra que 3.642 habitantes de 10 anos ou mais de idade fazem parte do grupo de pessoas sem instrução e fundamental incompleto e 1.276 pessoas possuem ensino fundamental completo e ensino médio incompleto.

Portanto, estes são os pontos de inquérito desta pesquisa e seus dados históricos e sociais que influenciam, de certa forma, nos resultados linguísticos a serem investigados

³² Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/silves/historico>>. Acesso em: 25 de mar de 2018

³³ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/silves/panorama>>. Acesso em: 25 de mar de 2018

4 METODOLOGIA

No princípio, a pesquisa tinha por objetivo estudar a variação lexical que ocorria no município de Manaus. Com o decorrer das disciplinas, principalmente da intitulada “Tópicos de Dialetoologia e Geolinguística”, surgiu o interesse de retornar aos primeiros pontos de inquérito de investigações dialetológicas no Amazonas, a saber: Itacoatiara e Silves. Em certo momento da pesquisa, pensou-se em acrescentar o município de Itapiranga para aumentar a rede de pontos desta pesquisa, mas decidiu-se tirá-lo por conta do tempo disponível para a coleta de dados e também por questões financeiras e logísticas, segundo orientações dadas em um Seminário de Metodologia e no exame de qualificação, no ano de 2017.

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com o seguinte nº CAAE 04693018.0.0000.5020. É de natureza quantitativa e consiste no método GeolinguísticoPludimensional, apropriado para este tipo de pesquisa. Nos procedimentos metodológicos, incluíram-se a pesquisa bibliográfica sobre o tema, além da descrição do panorama geográfico, histórico e populacional de Itacoatiara e Silves. Neste capítulo, apresentam-se os seguintes tópicos desta pesquisa: a rede de pontos, o perfil dos informantes, a coleta de dados, o questionário semântico-lexical (QSL), a transcrição grafemática, o tratamento dos dados e a elaboração dos cartogramassemântico-lexicais.

4.1. Rede de Pontos

Esta pesquisa foi realizada nos municípios de Itacoatiara e Silves em sua área urbana e na área rural, representada pelas respectivas comunidades São José da Colônia do Piquiá e Comunidade da Nossa Senhora do Livramento (Apêndice A).

4.2. Informantes

Os informantes atenderam aos princípios sistemáticos da geolinguística, obedecendo aos critérios de faixa etária e sexo do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB³⁴. Sendo assim, esta pesquisa tem na composição do seu corpo de informantes, homens e mulheres que se distribuem em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos -, que, conforme cada ponto de inquérito se agrupam em dois níveis de escolaridade – Ensino Fundamental ou Ensino

³⁴Segundo o site do ALiB, a escolha dos informantes deu-se na impossibilidade de se documentarem três diferentes faixas etárias, o que acarretaria um aumento de custos, optou-se pelo registro de informantes de faixas mais distanciadas. Tal opção procura atender às possibilidades de melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguísticas. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/transcritores>>. Acesso em 20 de out de 2017

Médio Completo, sem continuação no ensino superior. No projeto inicial, a escolaridade seria entre ensino fundamental I e II, mas decidiu-se trocar sob orientação da banca examinadora da qualificação. Outro ponto relevante para a troca foi que não se encontrou com facilidade informantes com esse perfil de escolaridade.

Foi solicitada também alteração de idades, pois apresentam-se somente duas faixas etárias (18-30/50-65) e a banca de qualificação orientou que fosse três faixas etárias, com uma fase intermediária. Porém, a pesquisa está seguindo os princípios do ALiB quanto a isso e em uma próxima pesquisa, a mesma poderá acrescentar essa idade intermediária.

Além disso, através da dimensão diazonal, a qual caracteriza os informantes quanto ao espaço rural ou urbano de sua residência, pretende-se confrontar a fala dos habitantes do mesmo município, mas que residem em áreas distintas. Os dados a serem recolhidos estarão em conformidade com os critérios utilizados no Censo 2010 do IBGE³⁵, o qual informa sobre a população conforme sua situação de domicílio (rural ou urbano).

Considera-se como rural, as comunidades ribeirinhas de cada município, visto que representam o caboclo da Amazônia, o qual tem, na sua base, os conhecimentos indígenas herdados pelos povos que habitavam na região juntamente com a influência dos povos colonizadores, principalmente os portugueses. Eles

[...] vivem em agrupamentos comunitários com várias famílias, localizados, como o próprio termo sugere, ao longo dos rios e seus tributários (lagos). A localização espacial nas áreas de várzea, nos barrancos, os saberes sócio-históricos que determinam o modo de produção singular, o modo de vida no interior das comunidades ribeirinhas, concorrem para a determinação da identidade sociocultural desses atores (CHAVES, 2001, p. 78, apud, LIRA; CHAVES, 2016, p.72)

A seleção de informantes foi realizada anteriormente, a partir de uma entrevista sobre os aspectos que correspondem aos critérios de inclusão do participante. Após essa entrevista, se o mesmo se encontrar apto a participar, foi preenchida uma ficha com os dados do informante (Apêndice B).

Essa relação pesquisador-informante foi intermediada por parentes ou pessoas próximas dos informantes, pois a responsável por esta pesquisa é natural de Itacoatiara e, por isso, espera-se que o ambiente dessas entrevistas seja propício para que os informantes se sintam confortáveis, principalmente os da área rural, pois se pretende entrevistá-los dentro de suas residências. Para participar da pesquisa, os informantes obedeceram aos seguintes critérios de inclusão:

³⁵ Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=13>>. Acesso em 20 de out de 2017

- a) Ter nascido no município;
- b) Possuir pais (e se possível cônjuges) naturais dessa localidade;
- c) Não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida, principalmente no período de aquisição da língua;
- d) Possuir boas condições de saúde e de fonação.

A amostra é constituída por 32 informantes, sendo 16 participantes em cada ponto de inquérito (08 informantes da área urbana e 08 informantes da área rural), conforme estratificação no Quadro 4, abaixo:

Quadro 4 - Perfil dos informantes

INFORMANTE	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	ÁREA
1	Masculino	18-30	Ensino Fundamental Completo	Urbana
2	Feminino	18-30	Ensino Fundamental Completo	Urbana
3	Masculino	18-30	Ensino Médio Completo	Urbana
4	Feminino	18-30	Ensino Médio Completo	Urbana
5	Masculino	50-65	Ensino Fundamental Completo	Urbana
6	Feminino	50-65	Ensino Fundamental Completo	Urbana
7	Masculino	50-65	Ensino Médio Completo	Urbana
8	Feminino	50-65	Ensino Médio Completo	Urbana
9	Masculino	18-30	Ensino Fundamental Completo	Rural
10	Feminino	18-30	Ensino Fundamental Completo	Rural
11	Masculino	18-30	Ensino Médio Completo	Rural
12	Feminino	18-30	Ensino Médio Completo	Rural
13	Masculino	50-65	Ensino Fundamental Completo	Rural
14	Feminino	50-65	Ensino Fundamental Completo	Rural
15	Masculino	50-65	Ensino Médio Completo	Rural
16	Feminino	50-65	Ensino Médio Completo	Rural

Diante disso, esta pesquisa contemplou cinco dimensões, a saber: a dimensão diatópica, a dimensão diazonal, a dimensão diageracional, a dimensão diastrática e a dimensão diassexual, conforme mostra o Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 - Dimensões e Parâmetros da pesquisa

DIMENSÕES	PARÂMETROS
Diatópica	Itacoatiara (AM) Silves (AM)
Diazonal	Falantes do meio rural Falantes do meio urbano
Diageracional	Geração de 18 a 30 anos Geração de 50 a 65 anos
Diastrática	Falantes do Ensino Fundamental Completo Falantes do Ensino Médio Completo
Diassexual	Falantes do sexo masculino Falantes do sexo feminino

Portanto, a estratificação acima permite uma melhor sistematização dos dados a serem coletados, no intuito de investigar a relação dos aspectos sociais nas escolhas lexicais de cada informante desta pesquisa.

4.3. Questionário Semântico-Lexical (QSL)

A técnica a ser utilizada nesta pesquisa foi o Questionário Semântico-Lexical (QSL) (Apêndice C), o qual foi constituído de questões próprias da pesquisa e outras adaptadas dos questionários de Corrêa (1980), Cruz (2004), Azevedo (2013) e Documentos 4 – Projeto ALiB (2013). Sua estrutura é composta de 100 questões distribuídas em 10 campos semânticos, como mostra o quadro 6 abaixo:

Quadro 6 – Distribuição das perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL)

CAMPOS SEMÂNTICOS	CORRÊA (1980)	CRUZ (2004)	DOCUMENTOS 4 – ALiB (2013)	AZEVEDO (2013)	BATISTA (2019)
Meio Físico	0	4	3	0	0
Habitação e Meios de transporte	1	2	0	1	6
Fauna	0	1	1	0	8
Corpo humano	0	5	7	2	4
Ciclos de Vida	0	0	4	1	3
Convívio e comportamento social	0	1	4	3	1
Saúde	1	2		1	5
Religião e crenças	0	2	3	0	0
Jogos e diversões	0	0	8	0	0

infantis					
Expressões populares	3	8	0	1	4
TOTAL	5	25	30	9	31

Vale salientar que o questionário apresenta uma ou duas lexias para cada questão, o que serve para a orientação da entrevistadora, mas não se espera que a resposta seja necessariamente a mesma lexia proposta no questionário. Além disso, para aplicação deste questionário, seguem-se algumas convenções apresentadas pelo Projeto ALiB:

1. Em itálico, figuram:

a) Remissões a itens anteriores e sugestões de gestos/atitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta do sujeito.

MOCOTÓ (pergunta 44, QSL)

Como é chamada essa parte entre a ____ (*cf. Item 43*) e o pé? (*Apontar*)

De acordo com Chambers e Trudgill (1994, p. 48), a maioria das questões são “naming”, que são aquelas “que simplesmente buscam uma resposta colocando uma espécie de enigma para o informante (tradução nossa)” e algumas “completing”, que são aquelas que “deixam um espaço para o informante preenchê-lo (tradução nossa)” e “talking”, que são aquelas “que se obtém mais de uma resposta (tradução nossa)”. O questionário também apresenta imagens que mostram o referente de algumas questões, a fim de facilitar a compreensão do entrevistado e, assim, obter a resposta adequada.

4.4. Coleta de dados

A pesquisa foi realizada *in loco*, isto é, foi realizada tanto na área urbana dos municípios quanto na área rural, diretamente a cada um dos informantes. Após uma breve conversa sobre os objetivos da pesquisa e recolhimento da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice D), foram recolhidos os dados, por meio do Questionário Semântico-Lexical – QSL. As entrevistas foram gravadas em dois aparelhos: um gravador de voz digital da marca Sony (ICD – P630F) e um celular da marca Moto G4 Plus, como reserva, caso acontecesse algum imprevisto. Após isso, as informações foram salvas em arquivos individuais e organizadas em pastas no computador.

4.5. Transcrição grafemática e organização dos dados

As informações recolhidas nas gravações foram transcritas grafematicamente com base em Preti (1999). Desta forma, foram mantidas as respostas dos sujeitos para depois

serem analisadas, no intuito de verificar se agrupava todas mantendo as entradas que são encontradas nos dicionários ou se as características fonético-fonológicas seriam levadas em consideração. Manteve-se somente a primeira lexia apresentada durante a entrevista para haver controle na descrição quantitativa.

As gravações totalizaram 976, 86 minutos (16 horas e 28 minutos). As respostas foram registradas em uma planilha do programa de computador *Microsoft Excel*, de acordo com a figura 3, com as seguintes colunas: localidade, informante, sexo, grupo etário, escolaridade e as questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL). Além disso, nas cartas foram utilizados gráficos que registram a frequência relativa, isto é, os efetivos percentuais de cada lexia apresentada.

Figura 3 – Planilha com os dados da pesquisa

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
	LOCALIDADE	INFORMANTE	SEXO	GRUPO ETÁRIO	ESCOLARIDADE	A.1	A.2	A.3	A.4	A.5	A.6	A.7	A.OUTROS	B.8	
1	ITACOATIARA	F F B	F	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	RELEVO NA ÁGUA	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	ARROZAL	NEBLINA	BATIÇÃO		CANOVA	
2	ITACOATIARA	A W	M	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	TAPAGEM		CANOVA	
3	ITACOATIARA	N C V	F	50-65	ENSINO FUNDAMENTAL	FUNIL	BANZEIRO	TREVOADA	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEVE	TAPAGEM		CANOVA	
4	ITACOATIARA	J R	M	50-65	ENSINO FUNDAMENTAL	REMOINHO	BANZEIRO	TREVOADA	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	ORVALHO	PARI		CANOVA	
5	ITACOATIARA	L B S	F	18-30	ENSINO MÉDIO	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	VAZIO	VAZIO	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
6	ITACOATIARA	D M P	M	18-30	ENSINO MÉDIO	VAZIO	BANZEIRO	TEMPORAL	MARÉ	VAZIO	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
7	ITACOATIARA	N E C	F	50-65	ENSINO MÉDIO	REBUJO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	TAPAGEM		CANOVA	
8	ITACOATIARA	E F C	M	50-65	ENSINO MÉDIO	REBUJO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	TAPAGEM		CANOVA	
9	SÃO JOSÉ	S S A	F	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
10	SÃO JOSÉ	L S R	M	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	VAZIO	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
11	SÃO JOSÉ	T S S	F	50-65	ENSINO FUNDAMENTAL	REMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	ORVALHO	CACURI		CANOVA	
12	SÃO JOSÉ	G S R	M	50-65	ENSINO FUNDAMENTAL	FUNIL	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	TAPAGEM		CANOVA	
13	SÃO JOSÉ	F	F	18-30	ENSINO MÉDIO	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPESTADE	VAZIO	VAZIO	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
14	SÃO JOSÉ	E N T	M	18-30	ENSINO MÉDIO	REMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
15	SÃO JOSÉ	A M S R	F	50-65	ENSINO MÉDIO	FUNIL	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM DO PASTO	NEVE	VAZIO		CANOVA	
16	SÃO JOSÉ	S	M	50-65	ENSINO MÉDIO	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	PARI		CANOVA	
17	SILVES	R F C	F	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	RAMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	VAZIO	CAPIM-ARROZ	SERENO	VAZIO		CANOVA	
18	SILVES	M D A	M	18-30	ENSINO FUNDAMENTAL	REDEMOINHO	BANZEIRO	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	NEBLINA	VAZIO		CANOVA	
19	SILVES	M J B	F	50-65	ENSINO FUNDAMENTAL	REMOINHO	ONDA	TEMPORAL	REPIQUETE	CAPIM-ARROZ	ORVALHO	PARI		CANOVA	

A transcrição de respostas providas da pesquisa de campo com gravações de aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) a 32 informantes do Médio Amazonas foi feita de acordo com os seguintes elementos considerados por Cristianini (2007):

- Foi considerada para descrição quantitativa, a primeira lexia apresentada nos casos em que foi oferecida duas ou mais respostas.
- Foram consideradas as variações fonéticas, como em Cruz (2004), Azevedo (2013) e Maia (2018).

4.6. Elaboração das cartogramas semântico-lexicais

A geolinguística está inserida na interface com a Linguística e a Geografia, por isso a base cartográfica ou carta base deverá ser devidamente georreferenciada contendo os elementos indispensáveis, tais como a escala gráfica, os limites políticos do território e a localização dos pontos de inquérito.

Para elaboração da carta-base (Apêndice E) foi utilizado o software livre QGIS 3.0³⁶ (figura 4). Na carta linguística base observam-se os seguintes elementos: título da pesquisa, o espaço para a questão, o local da numeração das cartas que são contados de forma cardinal, legenda, mapa do Amazonas, mapa dos municípios, gráfico, a rosa dos ventos, a escala gráfica e a cruz em que consta a sigla de cada informante.

Figura 4 – Software livre QGIS 3.0



Fonte: <http://www.processamentodigital.com.br/2018/03/13/lancamento-da-versao-3-0-qgis/>

Para representar as variações semântico-lexicais de cada informante na carta linguística foi adotada a seguinte convenção, utilizada por Azevedo (2013): quanto ao sexo: Mulheres - M1, M2, M3 e M4 (mulher 1, mulher 2, mulher 3 e mulher 4), para os homens H1, H2, H3 e H4 (homem 1, homem 2, homem 3 e homem 4). A convenção adotada para representar a faixa etária foi F1, de 18 a 30 anos, e a F2, de 50 a 65 anos. No que diz respeito à escolaridade, temos a seguinte convenção: E1 (escolaridade 1, ou seja, o informante tem o ensino fundamental completo) e E2 (escolaridade 2, ou seja, o informante possui o ensino médio completo). No cartograma, a cruz dos informantes é representada da seguinte forma no Quadro 7:

Quadro 7 - Simbologia dos informantes

M1F1E1	H1F1E1
M2F1E2	H2F1E2
M3F2E1	H3F2E1
M4F2E2	H4F2E2

Fonte: Azevedo (2013)

³⁶ Disponível em: <https://www.qgis.org/pt_BR/site/>. Acesso em 13 de fev 2018.

Tal simbologia significa, respectivamente:

Mulher 1, faixa 1, escolaridade 1 versus Homem1, faixa 1, escolaridade 1

Mulher 2, faixa 1, escolaridade 2 versus Homem2, faixa 1, escolaridade 2

Mulher 3, faixa 2, escolaridade 1 versus Homem3, faixa 2, escolaridade 1

Mulher 4, faixa 2, escolaridade 2 versus Homem4, faixa 2, escolaridade 2

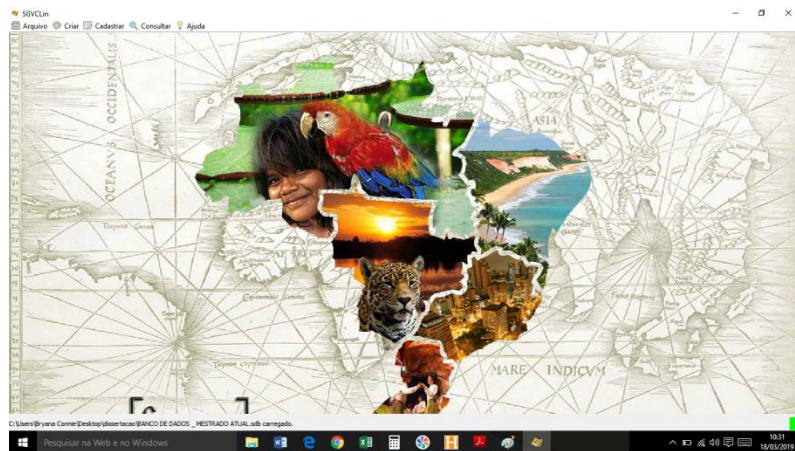
Também é encontrada na carta linguística uma cruz do lado esquerdo que representa os registros lexicais dos informantes da área urbana e outra cruz do lado direito que representa os registros da área rural da localidade, como na figura 5 abaixo:

Figura 5 – Registro da área urbana e rural na carta linguística

	M1E1F1	H1E1F1	
URBANO	M2E1F2	H2E1F2	RURAL
	M3E2F1	H3E2F1	
	M4E2F2	H4E2F2	

Após ser elaborada a carta base, a mesma foi submetida ao [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas, conforme figura 6. Conforme Romano, Seabra e Oliveira (2014), este software consiste em uma ferramenta para apoio ao processo de cartografia de dados linguísticos, proporcionando flexibilidade e agilidade no armazenamento das informações, além de uma maior independência ao linguista para o manuseio dos dados³⁷.

Figura 6 - Página inicial do SGVCLin



³⁷Romano; Seabra;Oliveira (2014).

Disponível:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/5757/5020%20Em%C2%A0>>. Acesso em: 03 de fev de 2018.

Neste software foi criado o banco de dados dessa pesquisa (figura 7) com as respostas de todos os informantes registradas na planilha inicial. Após isso, foram gerados 100 cartas lexicais (Figura 8) e 640 relatórios ao total (Figura 9), segundo as dimensões propostas nos objetivos, para que fosse realizada a análise de cada item lexical.

Figura 7 - Banco de dados do SGVCLin

Ponto	UF	Localidade	Informante	1ª Resposta	2ª Resposta	3ª Resposta	4ª Resposta	5ª Resposta	6ª Resposta	NS	PT	Observações
1	AM	ITACOATIARA	1	RELEVO NA ...						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
2	AM	ITACOATIARA	2	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
3	AM	ITACOATIARA	3	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
4	AM	ITACOATIARA	4	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
5	AM	ITACOATIARA	5	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
6	AM	ITACOATIARA	6	VAZIO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
7	AM	ITACOATIARA	7	REBOJO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
8	AM	ITACOATIARA	8	REBOJO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
9	AM	SÃO JOSÉ	9	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
10	AM	SÃO JOSÉ	10	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
11	AM	SÃO JOSÉ	11	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
12	AM	SÃO JOSÉ	12	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
13	AM	SÃO JOSÉ	13	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
14	AM	SÃO JOSÉ	14	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
15	AM	SÃO JOSÉ	15	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
16	AM	SÃO JOSÉ	16	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
17	AM	SILVES	17	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
18	AM	SILVES	18	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
19	AM	SILVES	19	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
20	AM	SILVES	20	REBOJO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
21	AM	SILVES	21	REBOJO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
22	AM	SILVES	22	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
23	AM	SILVES	23	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
24	AM	SILVES	24	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
25	AM	LIVRAMENTO	25	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
26	AM	LIVRAMENTO	26	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
27	AM	LIVRAMENTO	27	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
28	AM	LIVRAMENTO	28	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
29	AM	LIVRAMENTO	29	REDEMOINHO						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
30	AM	LIVRAMENTO	30	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
31	AM	LIVRAMENTO	31	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
32	AM	LIVRAMENTO	32	FUNIL						<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

Figura 8 – Procedimento para gerar as cartas linguísticas

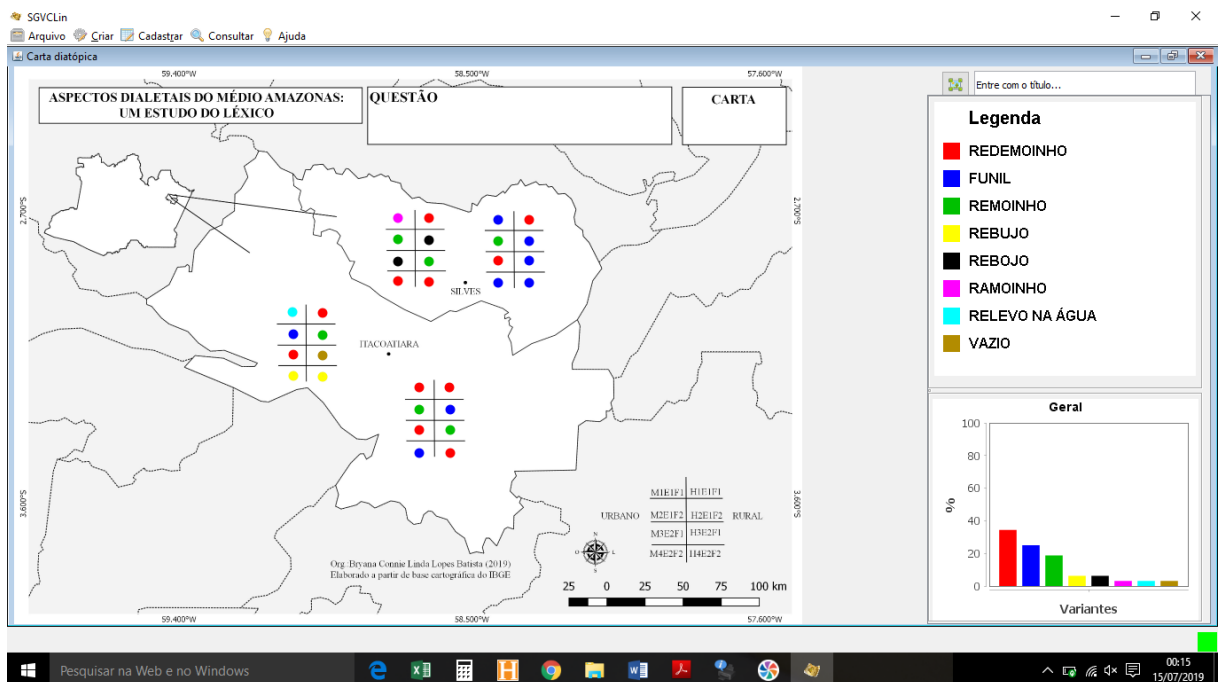


Figura 9 – Modelo de relatório gerado no software

11.pdf - Adobe Acrobat Reader DC

Arguivo Editar Visualizar Janela Ajuda

Início Ferramentas Maia_Esdon_G_Dr_... 11.pdf x Fazer logon

1 / 1 139%

Compartilhar

215 213 217 219

[SGVCLIN]

Número da questão: 1

Questão Muitas vezes, em um rio a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isso?

Variantes	Número de ocorrências	%
REDEMOINHO	11	34.38%
FUNIL	8	25.00%
REMOINHO	6	18.75%
REBOJO	2	6.25%
REBUJO	2	6.25%
VAZIO	1	3.12%
RELEVO NA ÁGUA	1	3.12%
RAMOINHO	1	3.12%
	32	

00:16 15/07/2019

Portanto, a partir desses procedimentos metodológicos foi possível responder aos objetivos propostos nesta pesquisa. A seguir, serão apresentados os resultados e a comparação deles com outros trabalhos realizados no Amazonas acerca do léxico.

5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo pretende-se expor os dados obtidos com o questionário semântico-lexical (QSL) adotado. Além disso, serão analisadas as possíveis variações nas dimensões (diatópica, diazonal, diassexual, diageracional e diastrática) escolhidas para esta pesquisa. Também será verificada a lexia que apresenta alta frequência e distribuição regular entre os pontos de inquérito, constituindo a norma de uso. Caso seja possível, os dados serão contrastados com resultados de outras pesquisas de cunho lexical realizadas no estado do Amazonas. A seguir serão apresentados os itens lexicais abordados no Questionário Semântico – Lexical (QSL):

A. MEIO FÍSICO

Para este campo semântico foram elaboradas 7 cartas linguísticas sobre os seguintes referentes: redemoinho (da água), banheiro, temporal, repiquete, capim-arroz, neblina e tapagem.

1. REDEMOINHO (DA ÁGUA)

A Questão 01 “muitas vezes, em um rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?” gerou 7 variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”. No quadro 08 abaixo, observa-se a sua distribuição total (32 informantes) e a distribuição entre municípios e suas respectivas áreas urbana e rural (8 informantes por área, totalizando 16 por município):

Quadro 8 - REDEMOINHO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Redemoinho	11	34,38	2	25%	4	50%	3	37,5%	2	25%
Funil	8	25	1	12,5%	2	25%	0	0	5	62,5%
Remoinho	6	18,75	1	12,5%	2	25%	2	25%	1	12,5%
Rebojo	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Rebujo	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Ramoinho	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Relevo na água	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

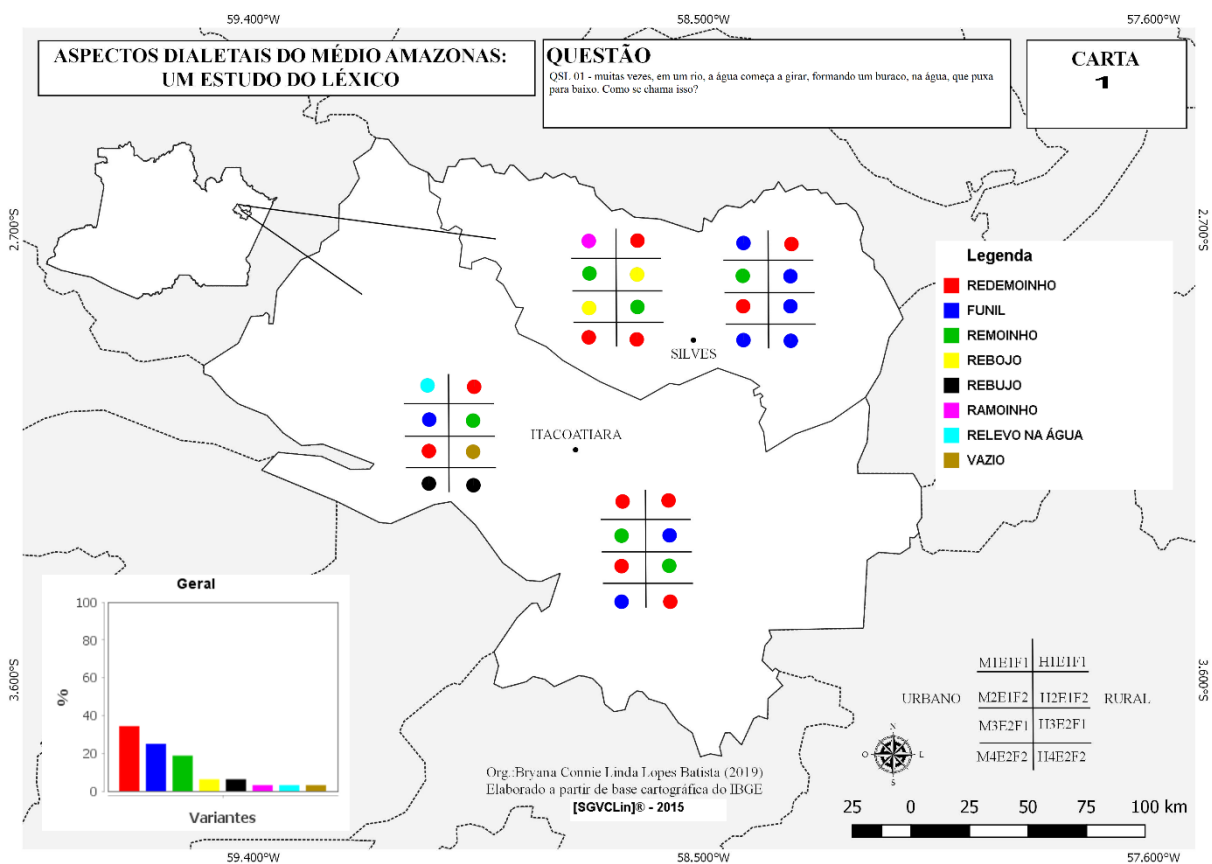
* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados acima, a variante “redemoinho” é a mais produtiva. Quanto ao seu uso nas duas localidades, percebe-se que em Itacoatiara é mais produtivo com 6 ocorrências; Já em Silves, a variante “redemoinho” concorre com “funil”. Quanto à área

urbana e rural, constata-se que em Itacoatiara, o uso de “redemoinho” é mais produtivo na rural, enquanto que na área rural de Silves, a variante mais produtiva é “funil”.

Quanto às variantes sociais, observou-se que a variante “redemoinho” é mais produtiva entre os jovens, enquanto que a forma “funil” é mais utilizada entre os idosos. Em comparação com outras pesquisas nesta região, apresenta-se a ocorrência de “remoinho” e “redemoinho d’água” em Corrêa (1980); “redemoinho” e “funil” em Cruz (2004); “remoinho” e “redemoinho” em Campos (2005); “redemoinho”, “rebojo”, “funil” e “remanso” em Maia (2018). A seguir, apresenta-se a carta linguística 1:

CARTA 1 - REDEMOINHO



2. BANZEIRO

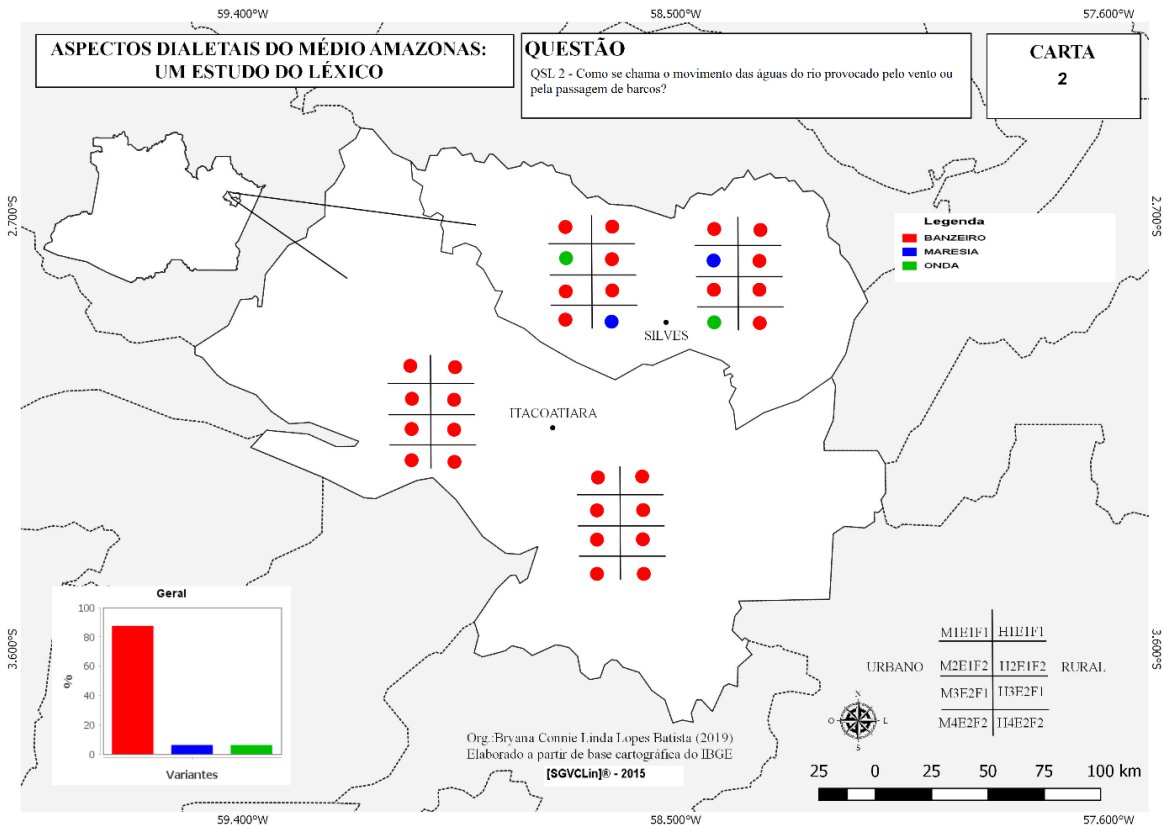
A Questão 02 “como se chama o movimento das águas do rio provocado pelo vento ou pela passagem de barcos?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 09 abaixo:

Quadro 9 - BANZEIRO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Banzeiro	28	87,50	8	100%	8	100%	6	75%	6	75%
Maresia	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Onda	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com o quadro acima, verifica-se que a variante “banzeiro” foi a mais produtiva (100%) tanto na área urbana quanto na área rural em Itacoatiara. Quanto às variáveis sociais, a faixa etária 1 (18-30) apresentou somente a forma “banzeiro” enquanto que na faixa etária 2 (50-65) constatou-se as três variantes (banzeiro, maresia e onda). Em comparação com outras pesquisas, as lexias “banzeiro” e “maresia” já haviam sido registradas em Corrêa (1980); as variantes “banzeiro”, “onda”, “pororoca”, “maresia” e turbulência” em Maia (2018). A seguir, apresenta-se a carta linguística 2:

CARTA 2 -BANZEIRO



3. TEMPORAL

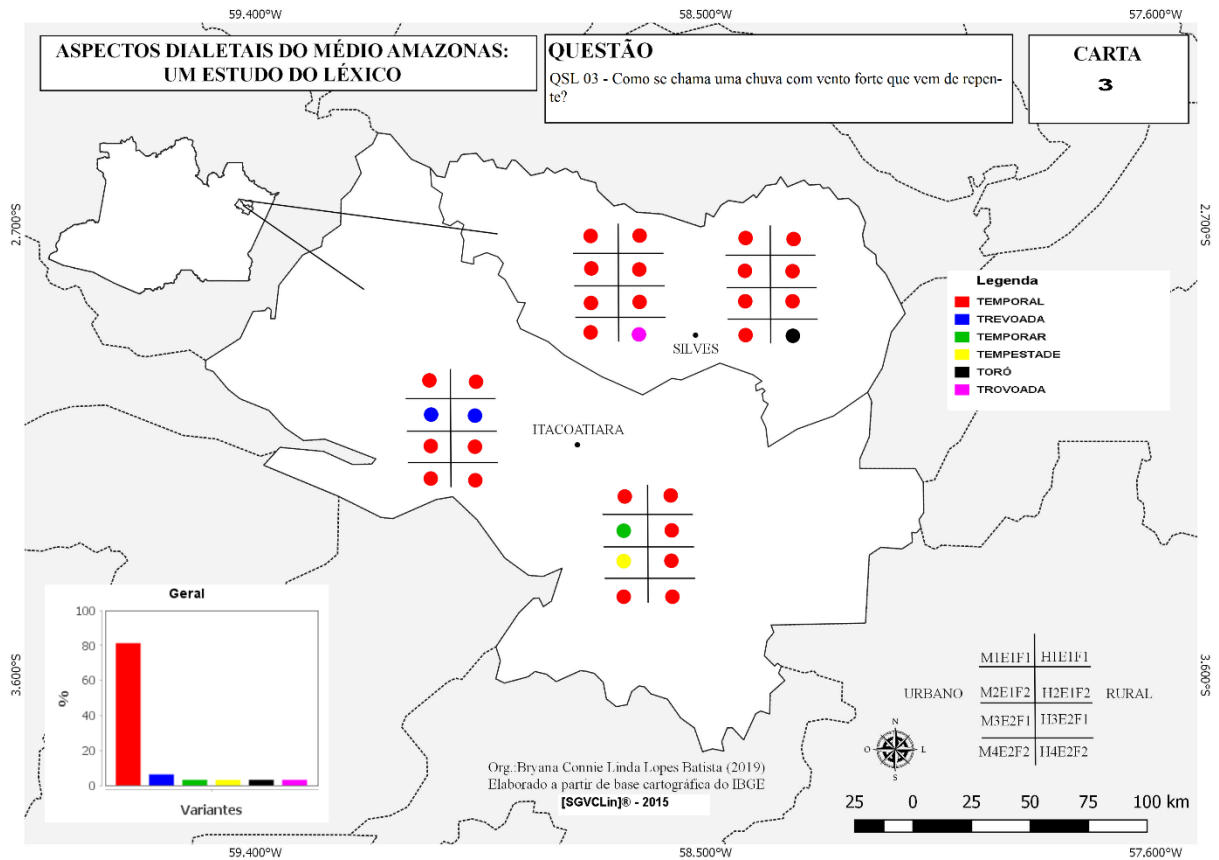
A Questão 03 “Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?” gerou 6 variantes lexicais, como mostra o quadro 10 abaixo.

Quadro 10 - TEMPORAL

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Temporal	26	81,25	6	75%	6	75%	7	87,5%	7	87,5%
Trevoada	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Trovoada	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Toró	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Tempestade	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Temporar	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados acima, a variante “temporal” foi a mais produtiva tanto no município de Silves quanto no município de Itacoatiara. Quanto aos aspectos sociais, a mesma variante foi a mais predominante. Em comparação com outras pesquisas, Cruz (2004), a variante “temporal” também foi a mais produtiva e em Maia (2018) foram registradas as seguintes variantes “temporal”, “tempestade”, “trovoada”, “toró” e “treva”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 3:

CARTA 3 - TEMPORAL



4. REPIQUETE

A Questão 04 “qual é o nome dado ao fenômeno natural em que o rio depois de parar de encher, volta a encher novamente?” gerou 2 variantes lexicais e 6 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 11 abaixo:

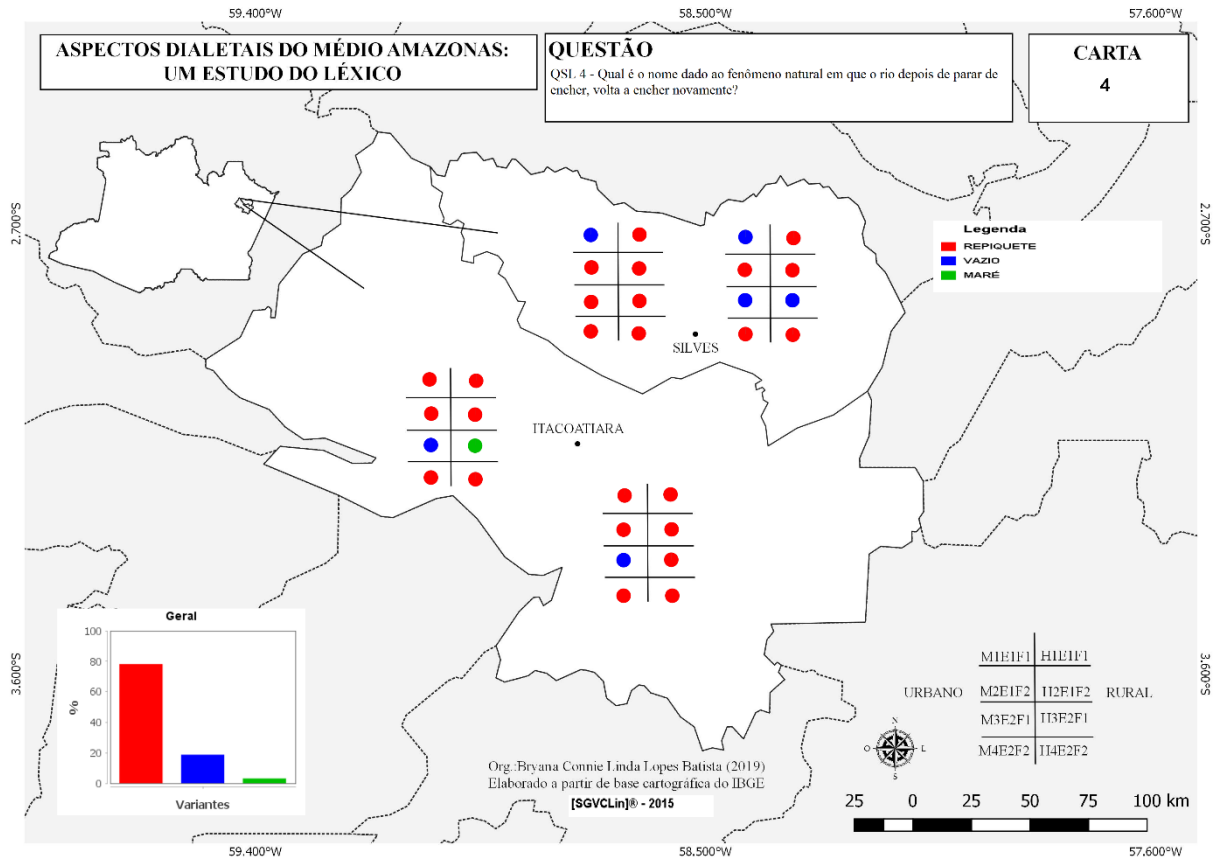
Quadro 11 - REPIQUETE

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Repiquete	25	78,12	6	75%	7	87,5%	7	87,5%	5	62,5%
Vazio*	6	18,75	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	3	37,5%
Maré	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados acima, a variante “repiquete” é a mais produtiva nos dois municípios, sendo predominante na área rural de Itacoatiara e na área urbana de Silves. Quanto aos fatores sociais, observou-se que na faixa etária 2 (50 a 65) a variante “repiquete” obteve 100% de ocorrência. Em comparação com outras pesquisas, ela já havia sido registrada em Corrêa (1980) e em Campos (2005). A seguir, apresenta-se a carta linguística 4:

CARTA 4 - REPIQUETE



5. CAPIM-ARROZ

A Questão 05 “Como se chama o tipo de capim que serve de alimentação ao peixe-boi?” gerou 4 variantes lexicais e 6 ocorrências de vazio, como mostra o quadro 12 abaixo:

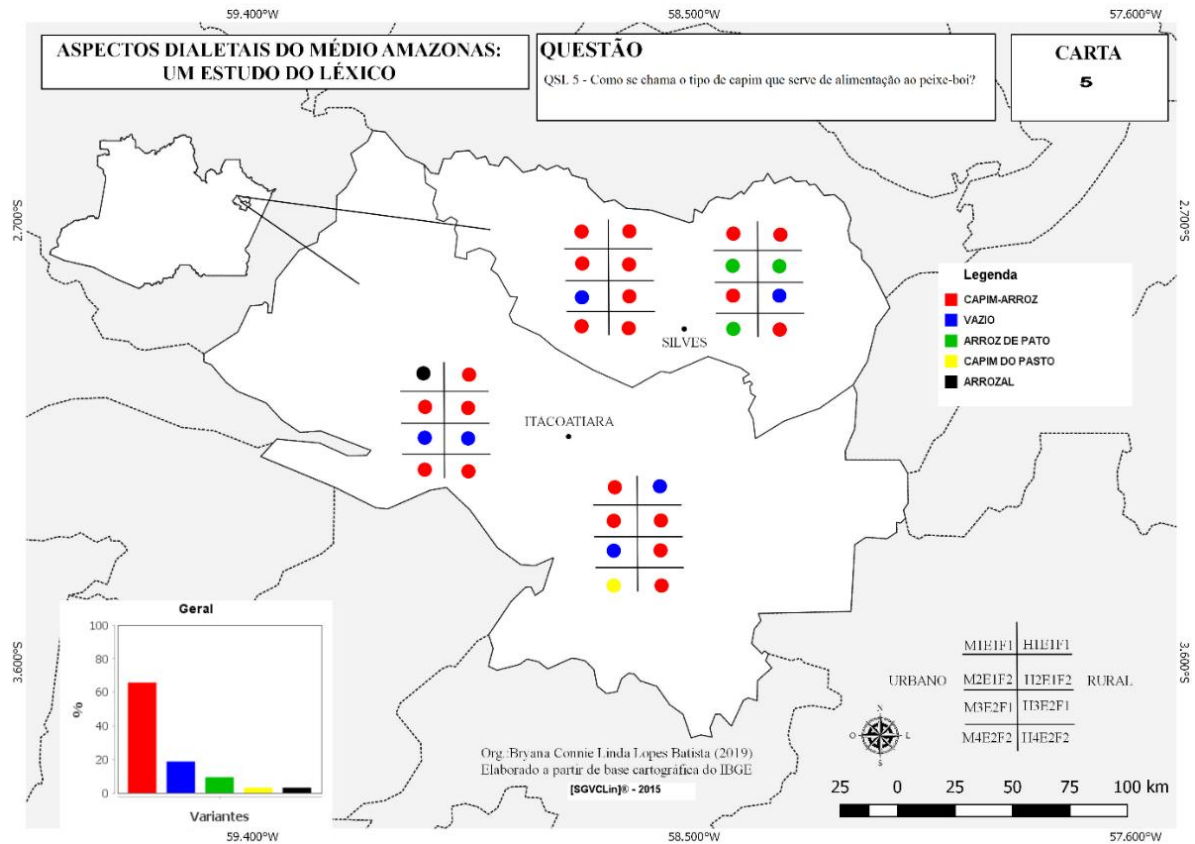
Quadro 12 - CAPIM – ARROZ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Capim-arroz	21	65,62	5	62,5%	5	62,5%	7	87,5%	4	50%
Vazio*	6	18,75	2	25%	2	25%	1	12,5%	1	12,5%
Arroz de pato	3	9,38	0	0	0	0	0	0	3	37,5%
Arrozal	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Capim do pasto	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Observa-se que a variante “capim-arroz” é a mais produtiva nos dois municípios. Quanto aos fatores sociais, constata-se que os informantes com ensino médio não responderam a questão porque não sabiam do que se tratava. A seguir, apresenta-se a carta linguística 5:

CARTA 5 - CAPIM - ARROZ



Quanto a faixa etária, a maioria dos jovens não tinham resposta para a questão, enquanto que idosos apresentaram 3 variantes (capim-arroz, arroz de pato e capim de pasto) e nenhum registro de “vazio”. No que diz respeito ao sexo, as mulheres apresentaram 4 variantes lexicais (capim-arroz, arroz de pato, arrozal e capim do pasto), enquanto que os homens tiveram a forma “capim-arroz” como predominante. Em comparação com outras pesquisas, Corrêa (1980) já havia apresentado a lexia “arroz” para o mesmo referente.

6. NEBLINA

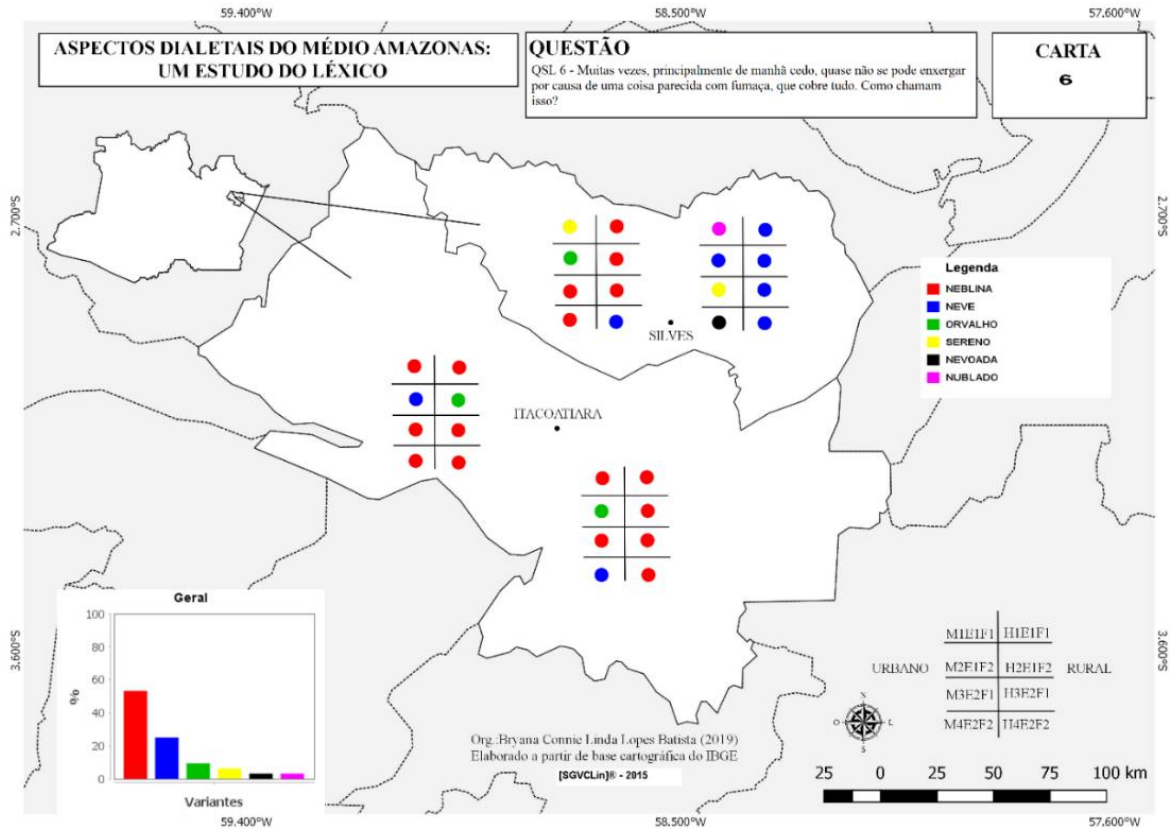
A Questão 06 “muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?” gerou 6 variantes lexicais, conforme descrito no quadro 13 abaixo:

Quadro 13 -NEBLINA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Neblina	17	53,12	6	75%	6	75%	5	62,5%	0	0
Neve	8	25	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	5	62,5%
Orvalho	3	9,38	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Sereno	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Nevoada	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Nublado	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Observa-se que a variante “neblina” é predominante em Itacoatiara, tanto na área urbana quanto na área rural. Já em Silves, a variante “neblina” é mais produtiva na área urbana e a variante “neve” é mais utilizada na área rural. Quanto aos dados sociais, observa-se que as lexias “neve” e “neblina” concorrem entre os informantes idosos, enquanto que a variante “neblina” é predominante entre os jovens. A seguir, apresenta-se a carta linguística 6:

CARTA 6 -NEBLINA



Na pesquisa de Cruz (2004), registra-se em Itacoatiara, as lexias “neve, cerração e sereno” para esta questão. Sendo que a forma “neve” estava presente em 7 (Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara, Parintins, Eirunepé, Lábrea e Humaitá) dos 8 pontos de inquérito do Amazonas, pois somente Tefé não registrou esta lexia. Em Azevedo (2013), a variante “neve” foi a mais produtiva. Em Maia (2018) foram registradas as seguintes variantes: “neve”, “cerração”, “neblina”, “nevoeiro”, “orvalho”, “nervada”, “puagem” e “fumaça”.

7. TAPAGEM

A Questão 07 “como se chama o modo de pescaria em que se tem de tapar a boca dos igarapés e lagos para aprisionar os peixes?” gerou 3 variantes lexicais e 16 ocorrências de vazio, conforme quadro 14 a seguir:

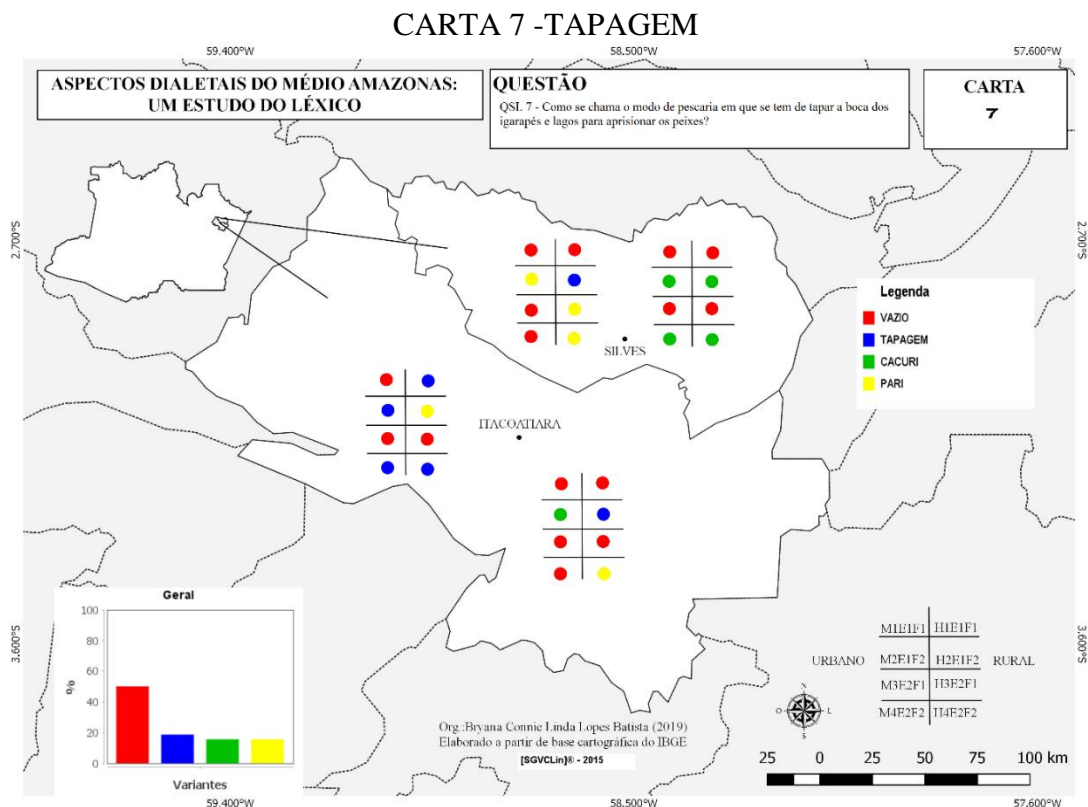
Quadro 14 - TAPAGEM

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Vazio*	16	50	3	37,5%	5	62,5%	4	50%	4	50%
Tapagem	6	18,75	4	50%	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Pari	5	15,62	1	12,5%	1	12,5%	3	37,5%	0	0
Cacuri	5	15,62	0	0	1	12,5%	0	0	4	50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais do Médio Amazonas, o resultado “vazio” foi predominante nos dois municípios, pois muitos informantes desconheciam sobre este modo de pescaria. Em Itacoatiara, a lexia “tapagem” foi a mais produtiva. Já em Silves, a variante produtiva foi “cacuri”. No que diz respeito a idade dos informantes, o registro “vazio” foi maior entre informantes da faixa etária 1 (18-30) com 14 ocorrências, enquanto que na faixa etária 2 (50 a 65), as formas “cacuri” e “tapagem” concorreram. Quanto ao sexo, a variante mais produtiva entre as mulheres foi “cacuri” e, entre os homens, as formas “pari” e “tapagem” concorreram.

Em comparação com outras pesquisas, encontra-se em Corrêa (1980), as formas “pari” e “cacuri” para este referente. Em Cruz (2004), a lexia “tapagem” foi a mais produtiva; em seguida, aparecem “cacuri” e “pari”. Em Azevedo (2013), registra-se “pari” como a mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 7:



B. HABITAÇÃO E MEIOS DE TRANSPORTE

Para este campo semântico foram elaboradas 7 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: canoa com rabeta, lancha, motor de linha, diesel, sanitário, tapiri e bacio. Por apresentarem 100% de produtividade nos dois municípios, os referentes “canoa”, “lamparina” e “jirau” não possuem cartas linguísticas.

8. CANOA COM RABETA

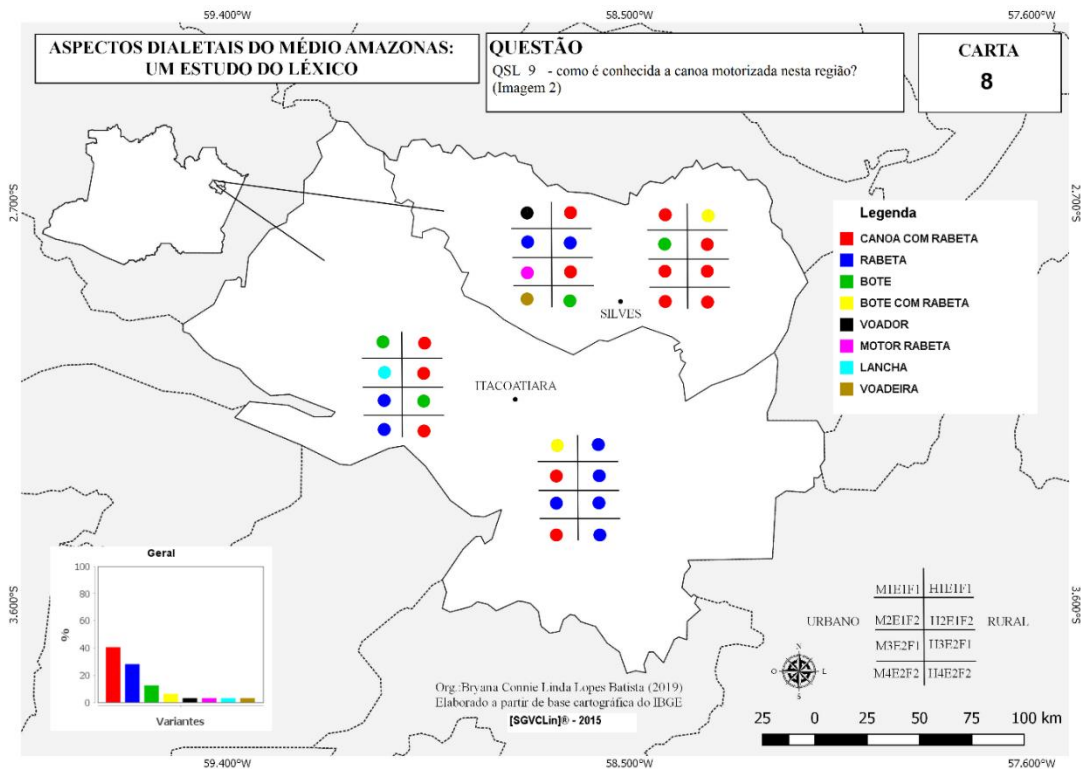
A Questão 09 “como é conhecida a canoa motorizada nesta região? (Imagem 2)” gerou 8 variantes lexicais, conforme quadro 15 abaixo:

Quadro 15 - CANOA COM RABETA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Canoa com rabeta	13	40,62	3	37,5%	2	25%	2	25%	6	75%
Rabeta	9	28,12	2	25%	5	62,5%	2	25%	0	0
Bote	4	12,5	2	25%	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Bote com rabeta	2	6,25	0	0	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Voador	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Motor rabeta	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Lancha	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Voadeira	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “rabeta” é mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Já em Silves, variante “canoa com rabeta” é a mais utilizada, principalmente na área rural. Em comparação com outras pesquisas, Campos (2005) apresenta a forma “rabeta” para canoa com motor a gasolina na popa. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 8:

CARTA 8 - CANOA COM RABETA



9. LANCHA

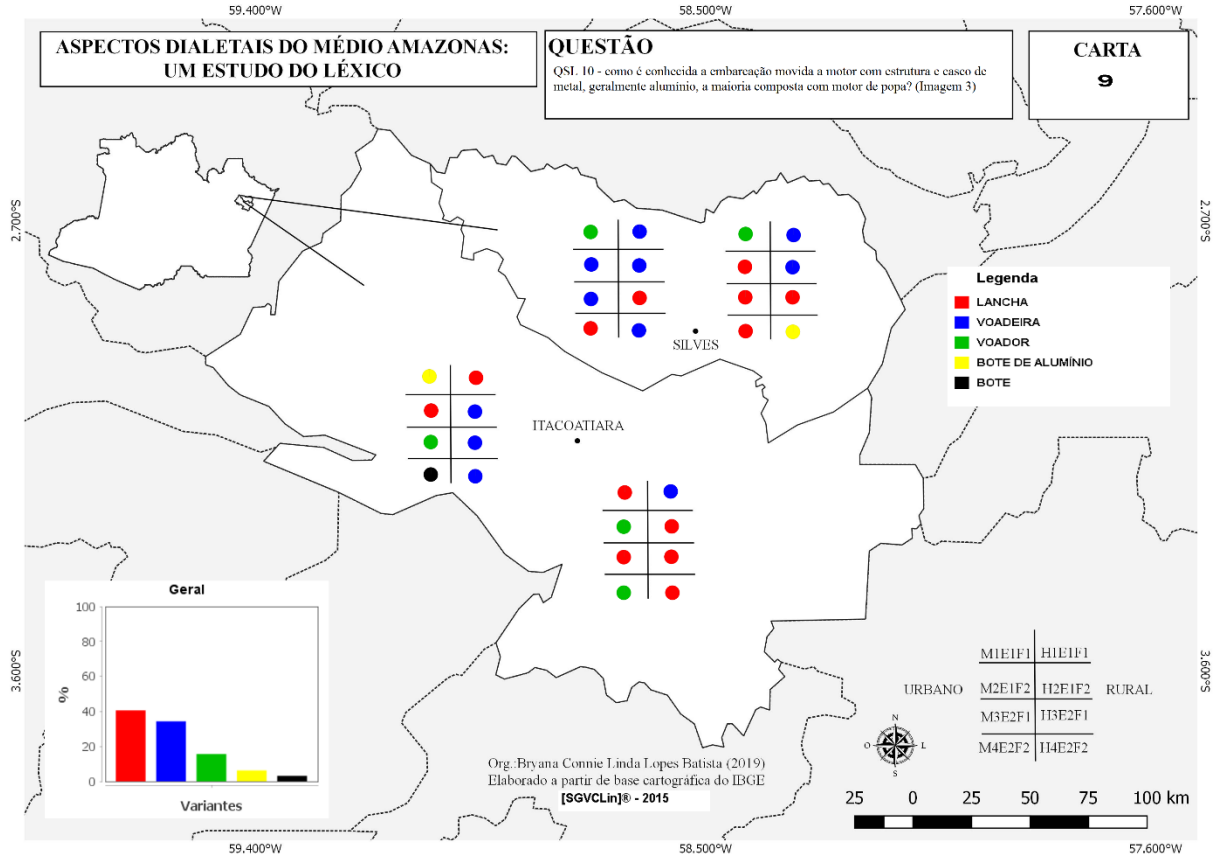
A Questão 10 “como é conhecida a embarcação movida a motor com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio, a maioria composta com motor de popa? (Imagem 3)” obteve 5 variantes, conforme descrito no quadro 16 abaixo:

Quadro 16 -LANCHA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Lancha	13	40,62	2	25%	5	62,5%	2	25%	4	50%
Voadeira	11	34,38	3	37,5%	1	12,5%	5	62,5%	2	25%
Voador	5	15,62	1	12,5%	2	25%	1	12,5%	1	12,5%
Bote de alumínio	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	1	12,5%
Bote	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais do Médio Amazonas, observa-se que no município de Itacoatiara, a variante “lancha” é mais produtiva na área rural. Já em Silves, a variante “voadeira” é mais utilizada na área urbana, enquanto que na rural é mais utilizada a forma “lancha”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 9:

CARTA 9 - LANCHA



Quanto às variáveis sociais, as mulheres optam pela variante “lança” e os homens optam por “voadeira”. No que diz respeito ao fator idade, os jovens optam pela variante “lança”, enquanto que entre os idosos, as lexias “voadeira” e “lança” estão em concorrência. No que diz respeito à escolaridade, os informantes com ensino fundamental escolheram “voadeira” e os informantes com ensino médio optaram por “lança”. Em comparação com outras pesquisas, Corrêa (1980) e Campos (2005) registraram as formas “voador” e “voadeira” para este referente. Em Azevedo (2013), encontra-se a forma “voadeira” como a mais produtiva.

10. MOTOR DE LINHA

A Questão 11 “como é chamada a embarcação que transporta passageiro e carga, que em geral são as produções destas comunidades e é o principal meio de transporte entre diversos municípios do interior e também das capitais da Amazônia? (Imagem 4)” gerou 4 variantes, conforme quadro 17 abaixo:

Quadro 17 -MOTOR DE LINHA

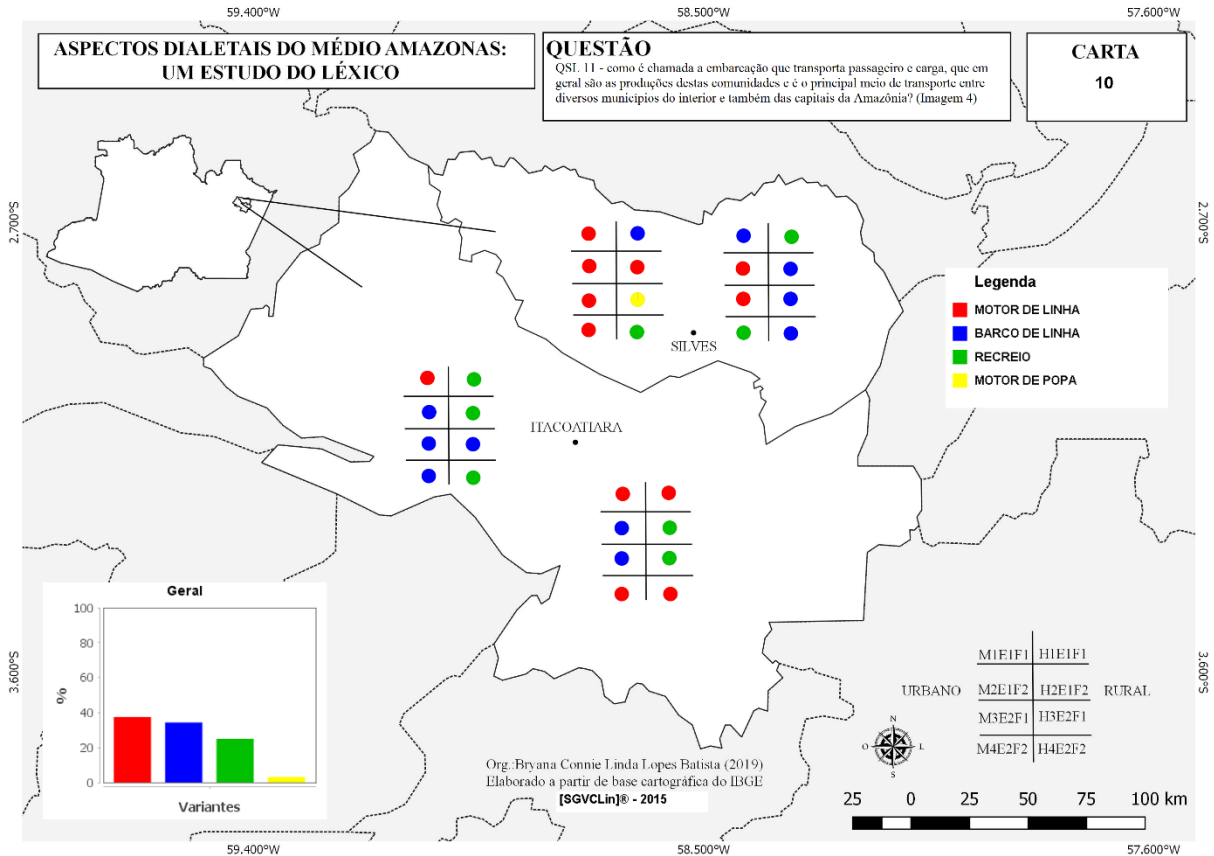
Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Motor de linha	12	37,5	1	12,5%	4	50%	5	62,5%	2	25%
Barco de linha	11	34,38	4	50%	2	25%	1	12,5%	4	50%
Recreio	8	25	3	37,5%	2	25%	1	12,5%	2	25%
Motor de popa	1	2,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

No quadro acima, observa-se a concorrência entre as variantes “barco de linha” e “motor de linha”. Em Itacoatiara, a variante “barco de linha” é a mais utilizada na área urbana, enquanto na rural, a mais produtiva é “motor de linha”. Já em Silves, a variante que mais predomina na área urbana é “motor de linha” e na área rural é “barco de linha”.

Quanto aos fatores sociais, os informantes com ensino fundamental optaram pela forma “motor de linha”, enquanto que os informantes do ensino médio apresentaram duas variantes concorrentes “barco de linha” e “motor de linha”. Entre as mulheres, a variante “motor de linha” é a mais produtiva e, entre os homens, a forma “recreio” é a mais utilizada. Entre os jovens, as variantes “motor de linha” e “barco de linha” estão em concorrência; Já entre os idosos, a variante “motor de linha” é a mais frequente.

Em comparação com outras pesquisas, Corrêa (1980) e Campos (2005) registraram para este referente as variantes “motor de linha” e “motor de recreio”. Em Cruz (2004), a variante “motor” foi a mais produtiva e em Azevedo (2013), a forma “recreio” foi predominante. A seguir, apresenta-se a carta linguística 10:

CARTA 10 -MOTOR DE LINHA



11. DIESEL

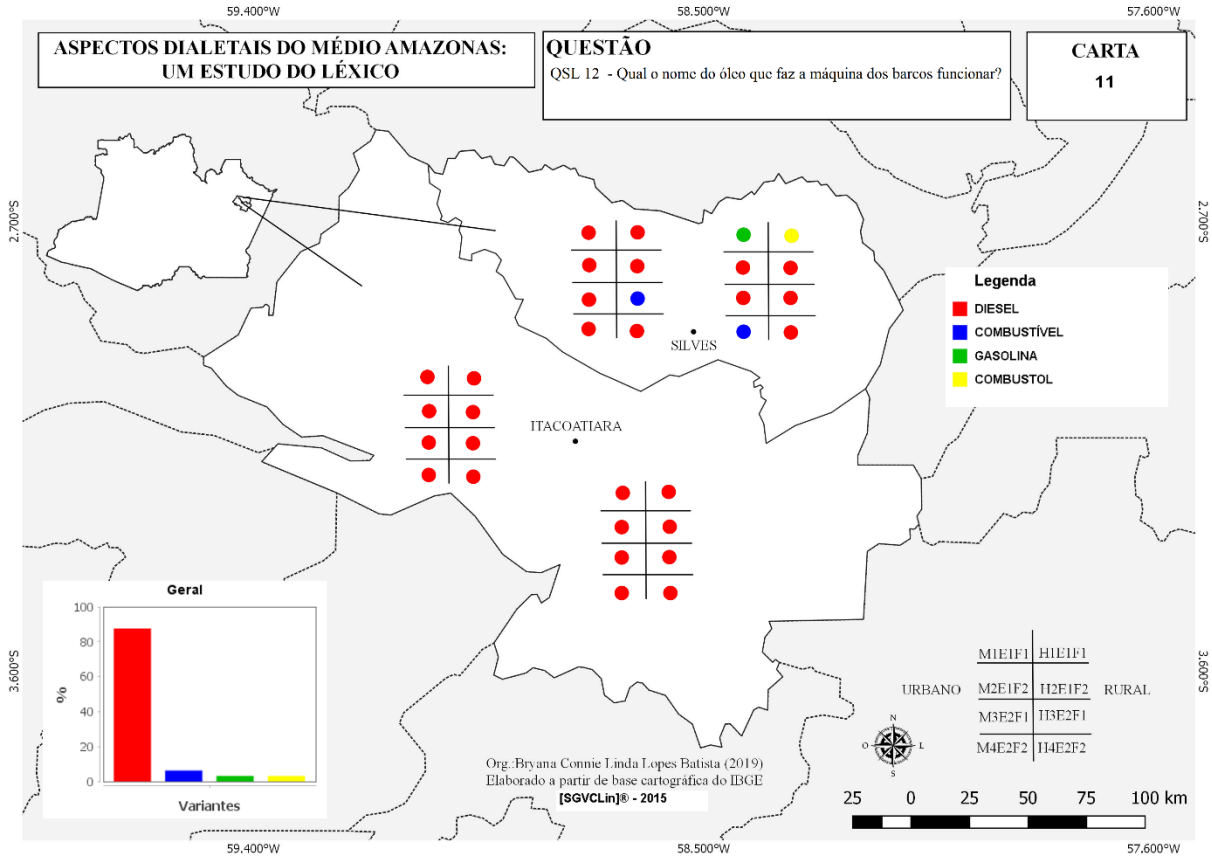
A Questão 12 “qual o nome do óleo que faz a máquina dos barcos funcionar?” gerou quatro variantes lexicais, conforme quadro 18 abaixo:

Quadro 18 -DIESEL

Variantes	Total	%	Itacoatiara		Silves					
			Urbano	Rural	Urbano	Rural				
Diesel	28	87,50	8	100%	8	100%	7	87,5%	5	62,50%
Combustível	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,50%
Combustol	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Gasolina	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, o município de Itacoatiara apresenta a forma “diesel” com a frequência de 100%, tanto na área urbana quanto na rural. Em Silves, esta variante é mais produtiva na área urbana do que na rural. Em comparação com outras pesquisas, Azevedo (2013) registra a forma “diesel” como a mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 11:

CARTA 11 -DIESEL



12. SANITÁRIO

A Questão 15 “qual é o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades? E para urinar?” gerou 3 variantes e 1 ocorrência de “vazio”, conforme quadro 19 abaixo:

Quadro 19 -SANITÁRIO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Sanitário	12	37,5	3	37,5%	4	50%	2	25%	3	37,5%
Privada	11	34,38	3	37,5%	1	12,5%	6	75%	1	12,5%
Banheiro	7	21,88	1	12,5%	3	37,5%	0	0	3	37,5%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

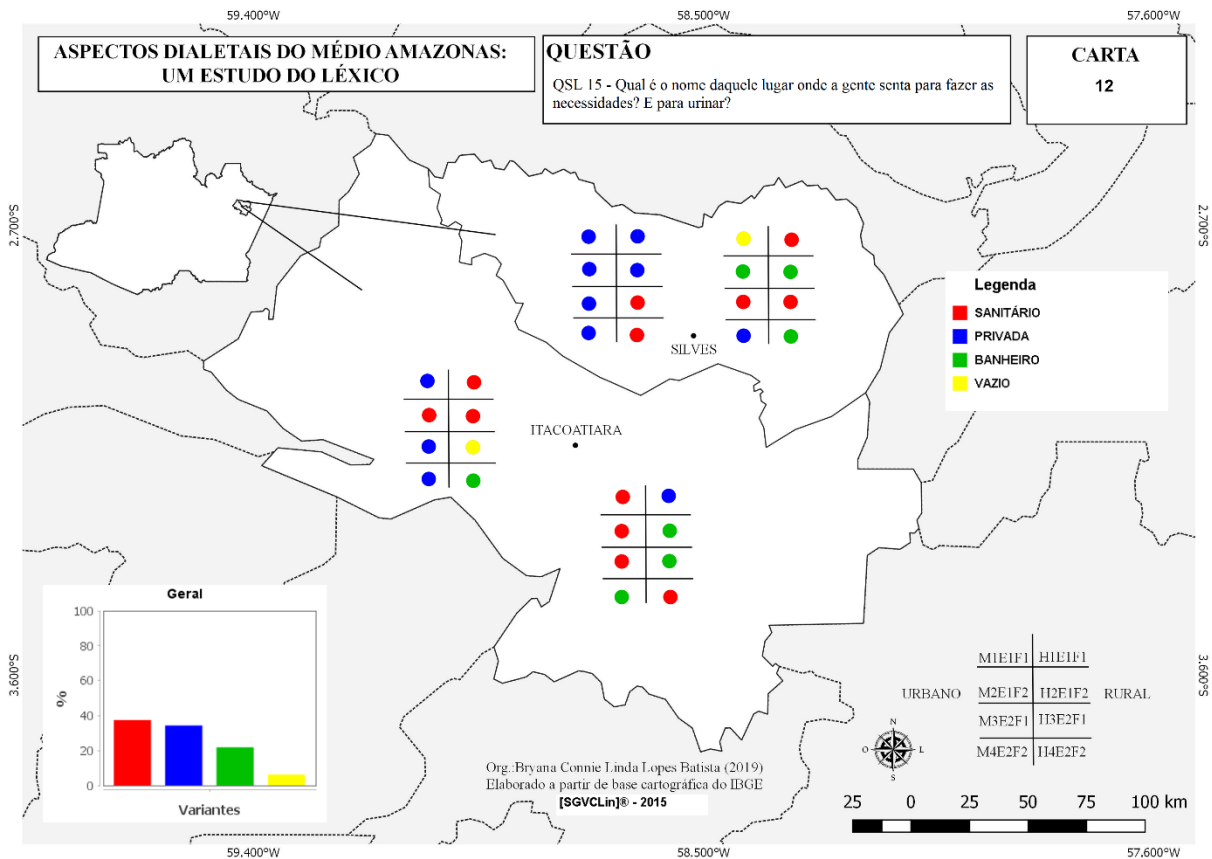
* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais da pesquisa, no município de Itacoatiara, a variante “sanitário” concorre com “privada” na área urbana. Já em Silves, a variante “privada” é mais produtiva na área urbana, enquanto que na área rural, as lexias “sanitário” e “banheiro” estão em concorrência. Quanto aos fatores sociais, as mulheres optaram pela lexia “privada” e entre

os homens, a variante mais frequente é “sanitário”. No que diz respeito a idade, a forma “sanitário” é mais frequente entre os jovens, enquanto que entre os idosos, a mais usada é a lexia “banheiro”. Quanto à escolaridade, as lexias “sanitário” e “privada” concorrem entre informantes com ensino fundamental e a forma “sanitário” (37,5%) predominou na entre informantes com ensino médio.

Para este referente, Corrêa (1980) e Campos (2005), registram as formas “casinha”, “privada” e “sentina”. Em Cruz (2004), foram encontradas em Itacoatiara as variantes “vaso sanitário”, “vaso”, “banheiro” e “sanitário”. Em Maia (2018) foram registradas as formas “vaso/vaso sanitária”, “bacio/bacio sanitária”, “privada”, “sanitário” e “cagador”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 12:

CARTA 12 -SANITÁRIO



13. TAPIRI

A Questão 16 “como é chamado o tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar?” gerou 4 variantes e 7 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 20 abaixo:

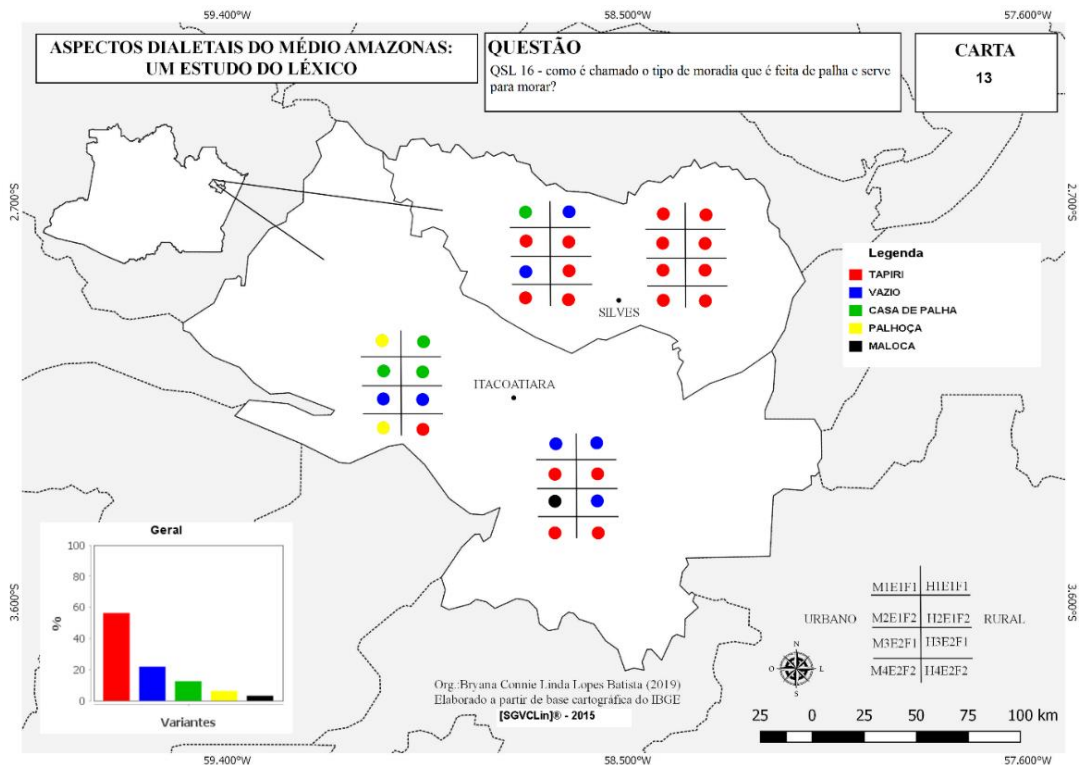
Quadro 20 -TAPIRI

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Tapiri	18	56,25	1	12,5%	4	50%	5	62,5%	8	100%
Vazio*	7	21,88	2	25%	3	37,5%	2	25%	0	0
Casa de palha	4	12,5	3	37,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Palhoça	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Maloca	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, a variante “tapiri” é a mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Em Silves, esta variante também é a mais produtiva, principalmente na área rural, onde atingiu 100% de frequência. Para esta habitação, Corrêa (1980) registrou a forma “tapiri” e Cruz (2004) apresentou as variantes “tapiri”, “chapéu-de-palha” e “barraco de palha” em Itacoatiara. Em Maia (2018) foram registradas as formas “papiri/tapiri”, “barraco/barraco de palha”, “casa/casa de palha”, “tapera/taperinha”, “cabana/cabanazinha/cabaninha”, “palhoça”, “choupana/chupana”, “toca”, “casebre” e “maloca”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 13:

CARTA 13 -TAPIRI



14. BACIO

A Questão 17 “como é chamado o recipiente usado para fazer as necessidades?” gerou 2 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme quadro 21 abaixo:

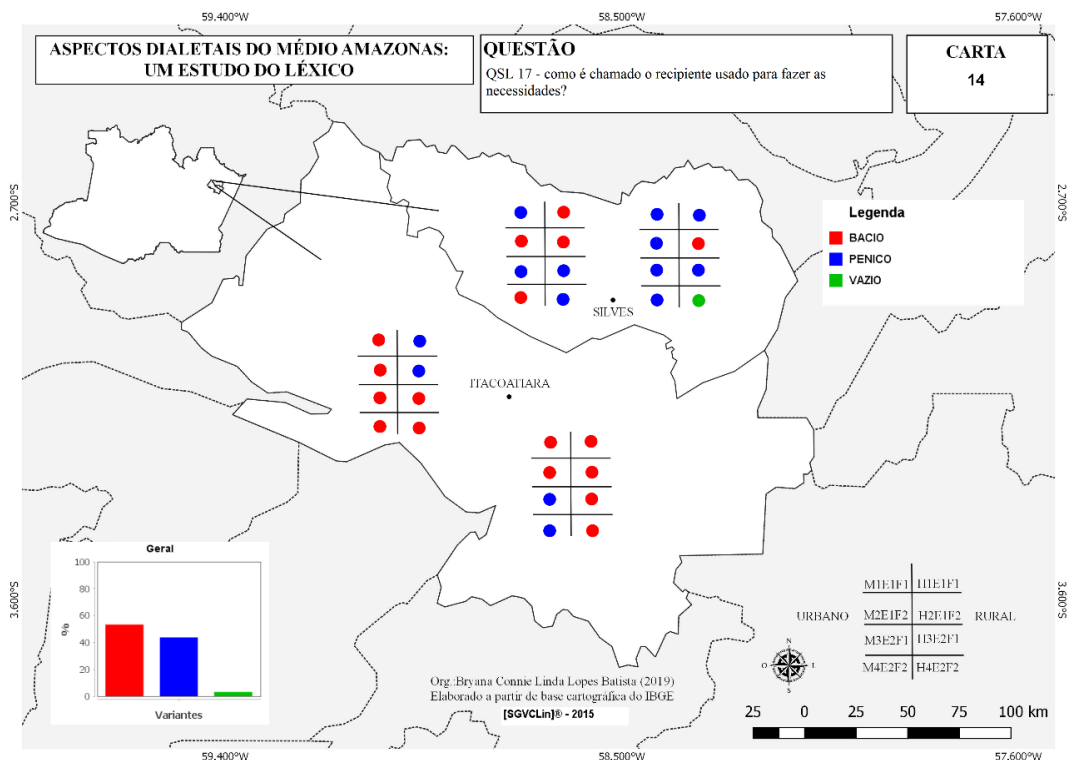
Quadro 21 -BACIO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Bacio	17	53,12	6	75%	6	75%	4	50%	1	12,5%
Penico	14	43,75	2	25%	2	25%	4	50%	6	75%
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, observa-se que em Itacoatiara a variante “bacio” é predominante a variante “penico” é mais produtivo em Silves, principalmente na área rural. No que diz respeito aos fatores sociais, a lexia “bacio” é mais frequente em informantes com ensino fundamental. Já as variantes “penico” e “bacio” encontram-se em concorrência entre os informantes com ensino médio. Entre mulheres, estas duas formas também concorrem, diferente dos homens em que a lexia “bacio” é a mais produtiva. Entre os idosos é mais usada a variante “bacio” e, entre os jovens, a forma mais frequente é “penico” (56,25%). Em Corrêa (1980) e em Campos (2005), foram encontradas as formas “bacio”, “penico” e “urinol” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 14:

CARTA 14 -BACIO



C. FAUNA

Para este campo semântico foram elaboradas 9 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: embuá, lacrau (centopeia), osga, rasga-mortalha, jacina (jacinta), curimatã, bodó, apapá e ticar. Por apresentar 100% de produtividade nos dois municípios, o referente “jacina” não possui carta linguística.

15. EMBUÁ

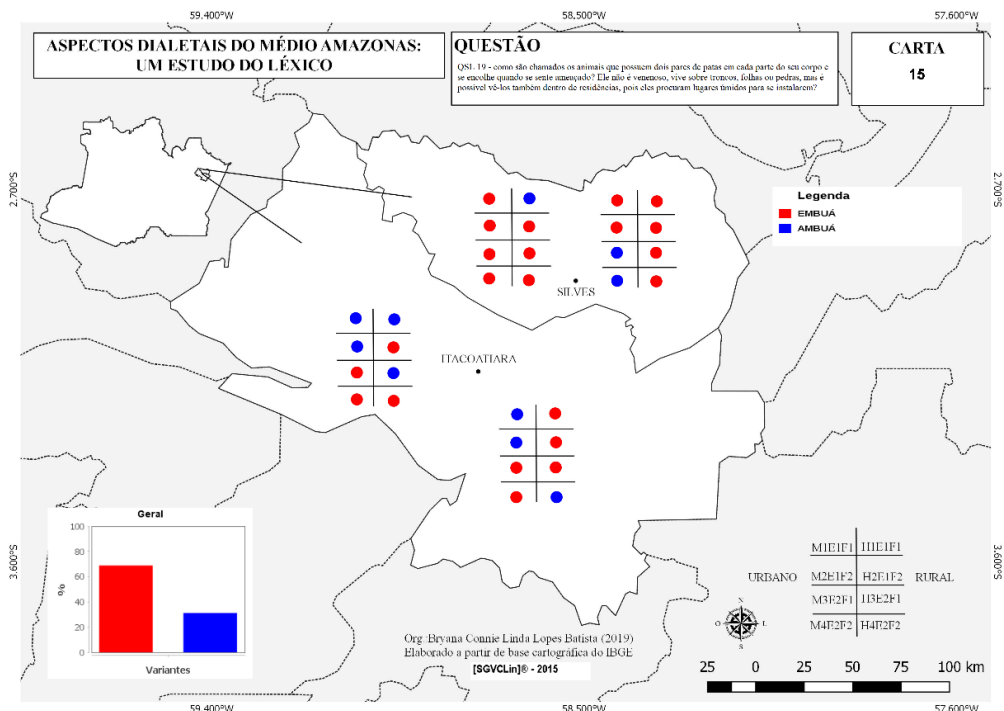
A Questão 19 “como são chamados os animais que possuem dois pares de patas em cada parte do seu corpo e se encolhe quando se sente ameaçado? Ele não é venenoso, vive sobre troncos, folhas ou pedras, mas é possível vê-los também dentro de residências, pois eles procuram lugares úmidos para se instalarem?” gerou duas variantes, conforme a distribuição no quadro 22 abaixo:

Quadro 22 -EMBUÁ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Embuá	22	68,75	4	50%	5	62,5%	7	87,5%	6	75%
Ambuá	10	31,25	4	50%	3	37,5%	1	12,5%	2	25%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Em Corrêa (1980) foi registrada a forma “ambuá”. Já em Campos (2005) apresentam-se as variantes “embuá”, “ambuá” e “imbuá” para este referente. Em Azevedo (2013), a variante “ambuá” foi a mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 15:

CARTA 15 -EMBUÁ



16. LACRAU

A Questão 20 “como são chamados os animais que preferem locais úmidos, como debaixo de troncos, cascas de árvore e pedras, ocorrendo ocasionalmente em residências, especialmente em lugares úmidos como ralos de banheiros e bueiros? (Imagem 6)” gerou 8 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme quadro 23 abaixo:

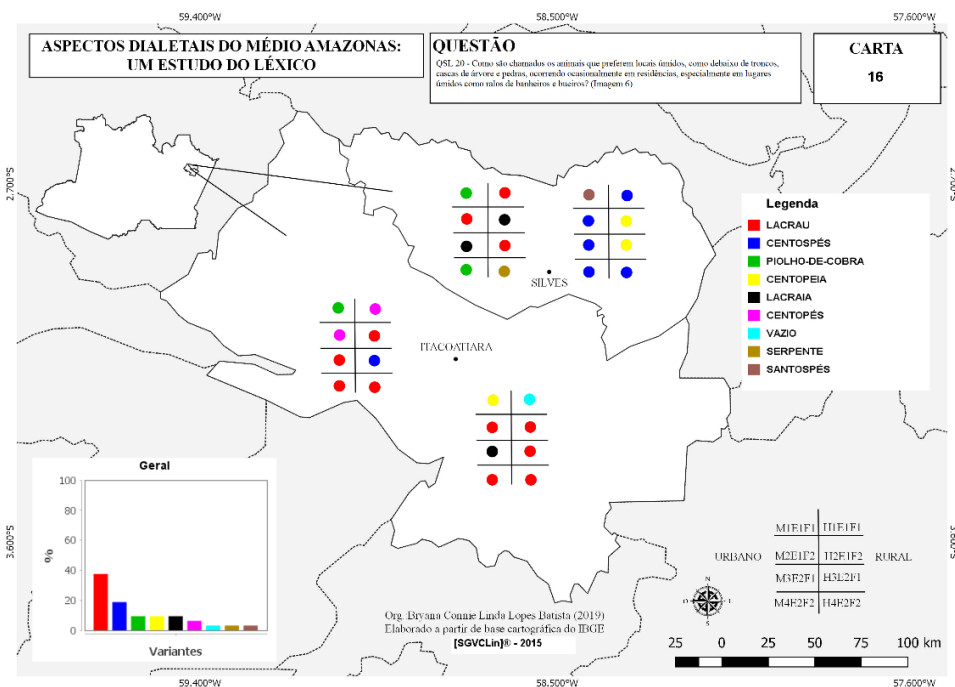
Quadro 23 -LACRAU

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Lacrau	12	37,5	4	50%	5	62,5%	3	37,5%	0	0
Centospés	6	18,75	1	12,5%	0	0	0	0	5	62,5%
Lacraia	3	9,38	0	0	1	12,5%	2	25%	0	0
Centopeia	3	9,38	0	0	1	12,5%	0	0	2	25%
Piolho-de-cobra	3	9,38	1	12,5%	0	0	2	25%	0	0
Centopés	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Serpente	1	3,12	0	0	0	0	1	12%	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Santopés	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, a variante “lacrau” foi predominante em Itacoatiara. Já em Silves, a forma “centospés” foi mais produtiva, principalmente na área rural do município. Vale salientar que a entrada lexical “piolho-de-cobra” é usada para a lexia “ambuá”, segundo o dicionário Houassis (2009). A forma “piolho-de-cobra” também foi registrada em Azevedo (2013). A seguir, apresenta-se a carta linguística 16:

CARTA 16 -LACRAU



17. OSGA

A Questão 21 “qual é o animal réptil, que fica na parede da casa para comer carapanã e outros insetos pequenos?” gerou 4 variantes lexicais e 2 ocorrências de vazio, de acordo com o quadro 24 abaixo:

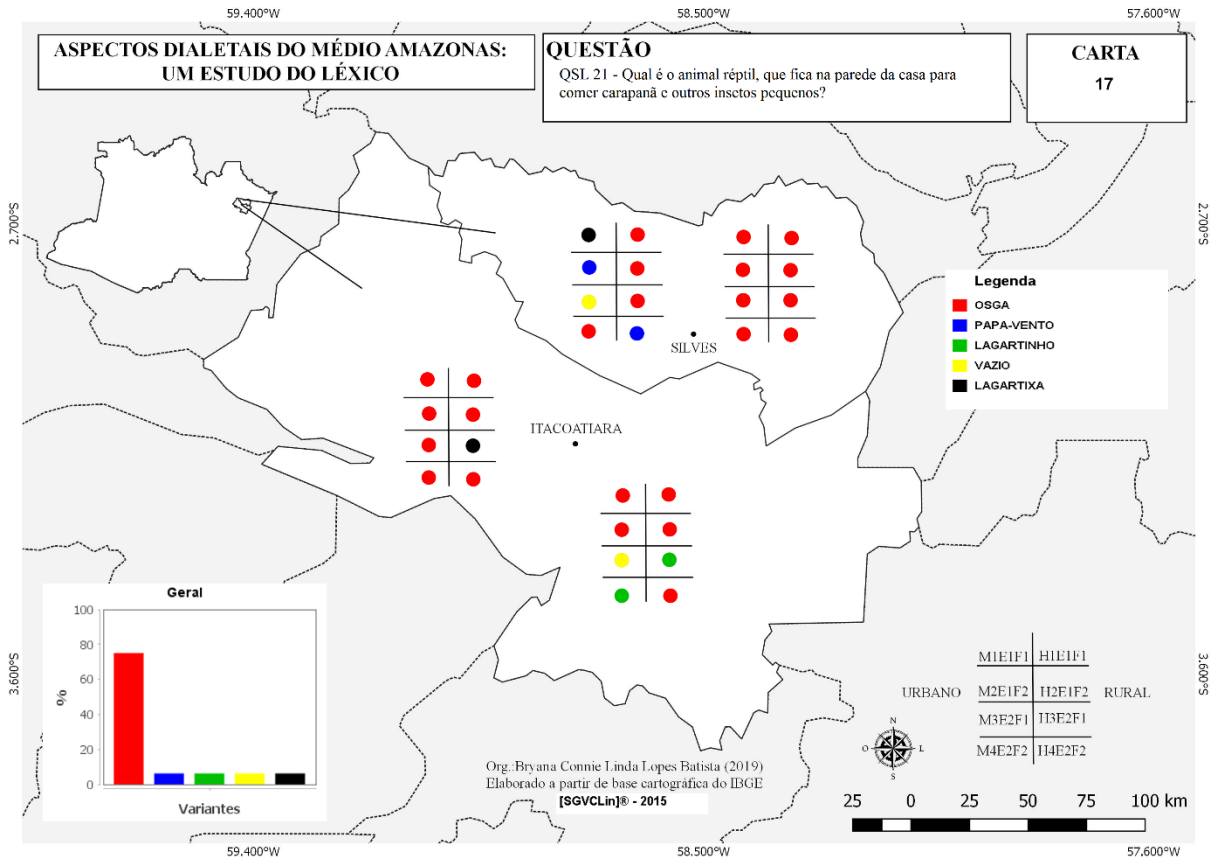
Quadro 24 -OSGA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Osga	24	75%	7	87,5%	5	62,5%	4	50%	8	100%
Lagartinho	2	6,25%	0	0	2	25%	0	0	0	0
Lagartixa	2	6,25%	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Vazio*	2	6,25%	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Papa-vento	2	6,25%	0	0	0	0	2	25%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, a variante “osga” é a mais produtiva nos dois municípios, com destaque para a área rural de Silves com 100% de frequência. Em comparação com outras pesquisas, Campos (2005) e Azevedo (2013) apresentam a lexia “osga”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 17:

CARTA 17 -OSGA



18. RASGA-MORTALHA

A Questão 22 “como se chama aquela ave que quando passa em cima de uma casa anuncia a morte de alguém?” gerou 7 variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 25 abaixo:

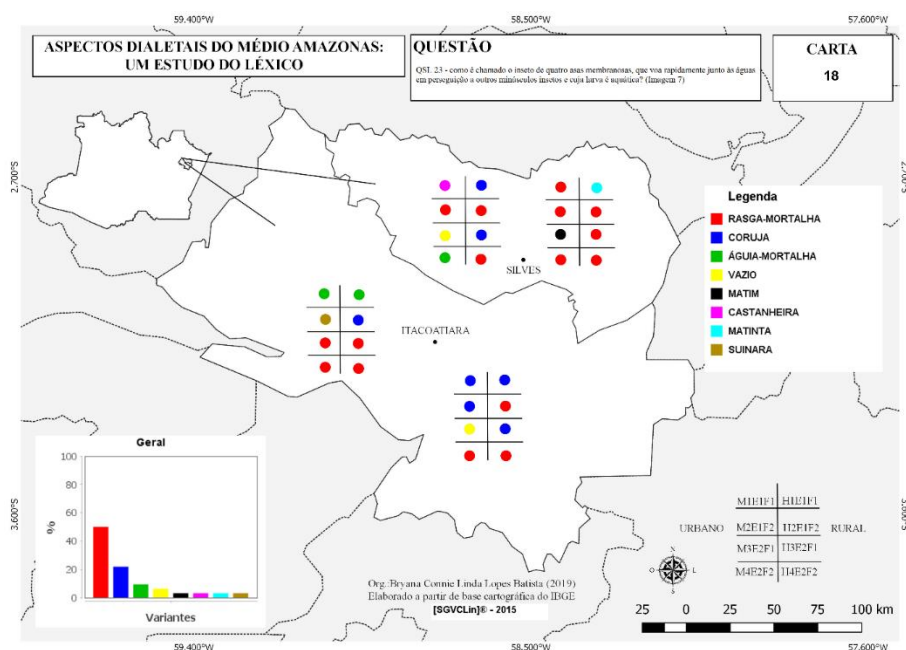
Quadro 25 - RASGA-MORTALHA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Rasga-mortalha	16	50	4	50%	3	37,5%	3	37,5%	6	75%
Coruja	7	21,88	1	12,5%	4	50%	2	25%	0	0
Águia-mortalha	3	9,38	2	25%	0	0	1	12,5%	0	0
Vazio*	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Suinara	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Castanheira	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Matinta	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Matim	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, entre os falantes de Itacoatiara, a lexia “rasga-mortalha” é mais produtiva na área urbana, enquanto que a variante “coruja” é mais frequente na área rural. No município de Silves, a variante “rasga-mortalha” é mais produtiva na área rural. Entre os jovens, a variante “rasga-mortalha” tem concorrido com a variante “coruja”. Enquanto que entre os idosos, a forma “rasga-mortalha” é predominante. Em Corrêa (1980), encontram-se as formas “matim” e “rasga-mortalha”. Em Campos (2005) só foi registrada a lexia “rasga mortalha” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 18:

CARTA 18 -RASGA – MORTALHA



19. CURIMATÃ

A Questão 24 “como é chamado o peixe que tem o corpo com a coloração prateada escura, coberto com escamas ásperas e pode atingir até 80 cm de comprimento? (Imagem 8)” gerou 2 variantes e 4 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 26 abaixo:

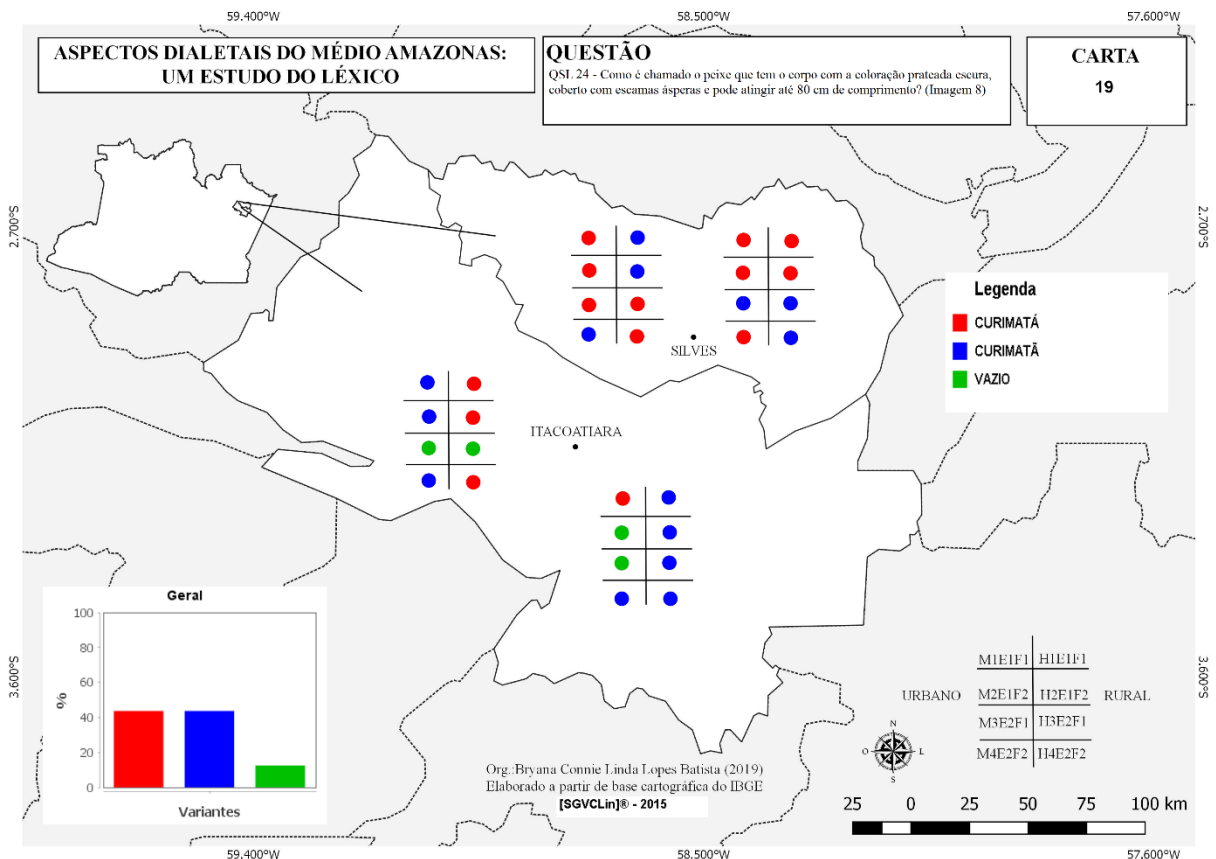
Quadro 26 - CURIMATÃ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Curimatã	14	43,75	3	37,5%	5	62,5%	3	37,5%	3	37,5%
Curimatá	14	43,75	3	37,5%	1	12,5%	5	62,5%	5	62,5%
Vazio*	4	12,5	2	25%	2	25%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Os dados gerais acima mostram que para esta questão a variação foi somente fonético-fonológica em que as duas formas concorrem. No município de Itacoatiara é mais frequente o uso de “curimatã” e, em Silves, é mais utilizada a variante “curimatá”. Em Corrêa (1980), Cruz (2004) e em Campos (2005), registra-se a lexia “curimatã” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 19:

CARTA 19 - CURIMATÃ



20. BODÓ

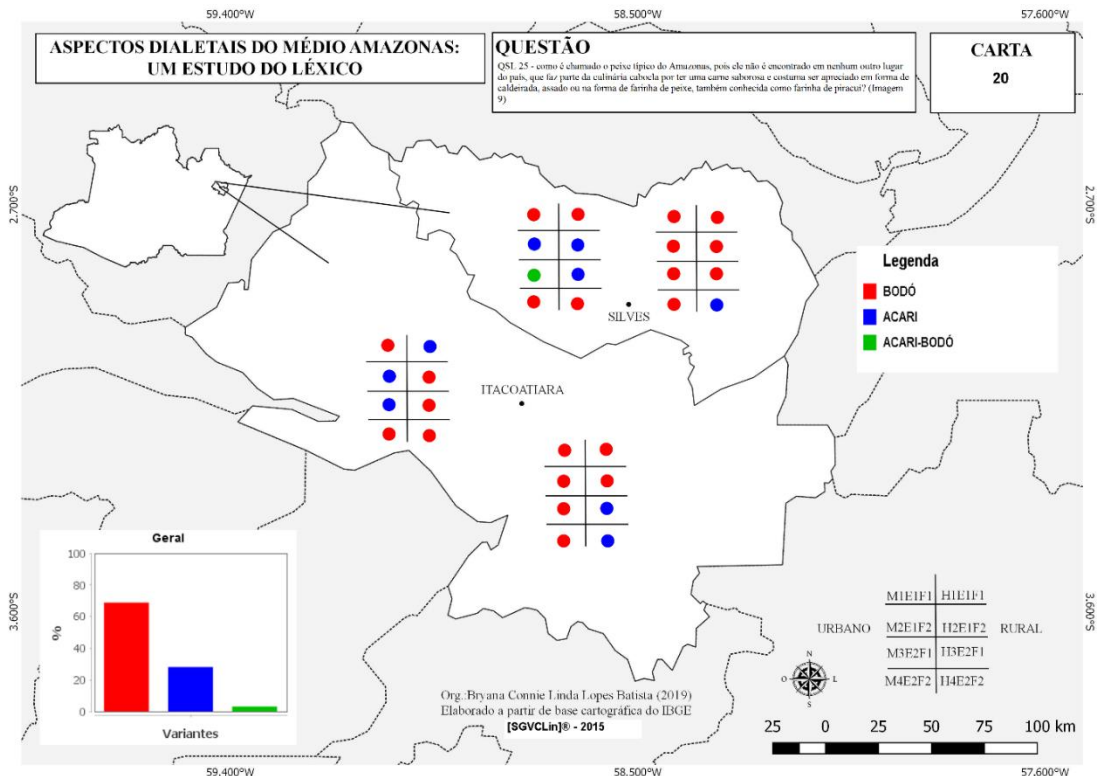
A Questão 25 “como é chamado o peixe típico do Amazonas, pois ele não é encontrado em nenhum outro lugar do país, que faz parte da culinária cabocla por ter uma carne saborosa e costuma ser apreciado em forma de caldeirada, assado ou na forma de farinha de peixe, também conhecida como farinha de piracuí? (Imagem 9)” gerou três variantes, conforme a distribuição no quadro 27 abaixo:

Quadro 27 -BODÓ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Bodó	22	68,75	5	62,5%	6	75%	4	50%	7	87,5%
Acari	9	28,12	3	37,5%	2	25%	3	37,5%	1	12,5%
Acari-Bodó	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a lexia “bodó” é mais usada nos dois municípios, principalmente na zona rural dos municípios. Observa-se que seu uso é maior entre mulheres e informantes com ensino fundamental. Em comparação com outras pesquisas, Corrêa (1980) registra a lexia “acari-bodó” e Campos (2005) registra as variantes “acari” e “bodó”. Em Maia (2018) foram registradas as formas “bodó” e “a(cari)”. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 20:

CARTA 20 -BODÓ



21. APAPÁ

A Questão 26 “como é chamado o peixe de escamas, com corpo comprimido, cabeça pequena, boca pequena, ligeiramente voltada para cima, com coloração amarelada e seu dorso, escuro? (Imagem 10)” gerou 4 respostas e 1 ocorrência de “vazio”, conforme distribuição no quadro 28 abaixo:

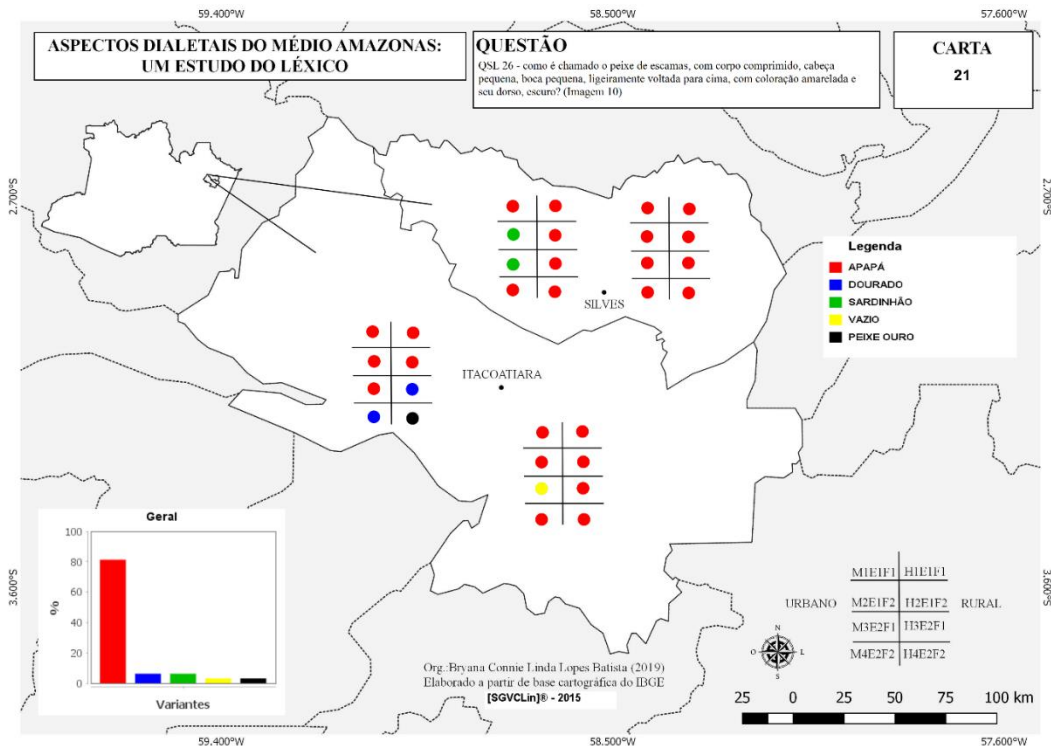
Quadro 28 - APAPÁ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Apapá	26	81,25	5	62,5%	7	87,5%	6	75%	8	100%
Dourado	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Sardinhão	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Peixe Ouro	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, a variante “apapá” é a mais frequente nos dois municípios, apresentando um destaque maior entre os informantes da área rural de Silves com 100% de frequência. Em Corrêa (1980) encontra-se a forma “apapá” para este referente. Já em Azevedo (2013), destacam-se duas variantes lexicais “sardinhão” com maior frequência no Médio Solimões e “apapá” com maior produtividade no Baixo Amazonas. A seguir, apresenta-se a carta linguística 21:

CARTA 21 - APAPÁ



22. TICAR

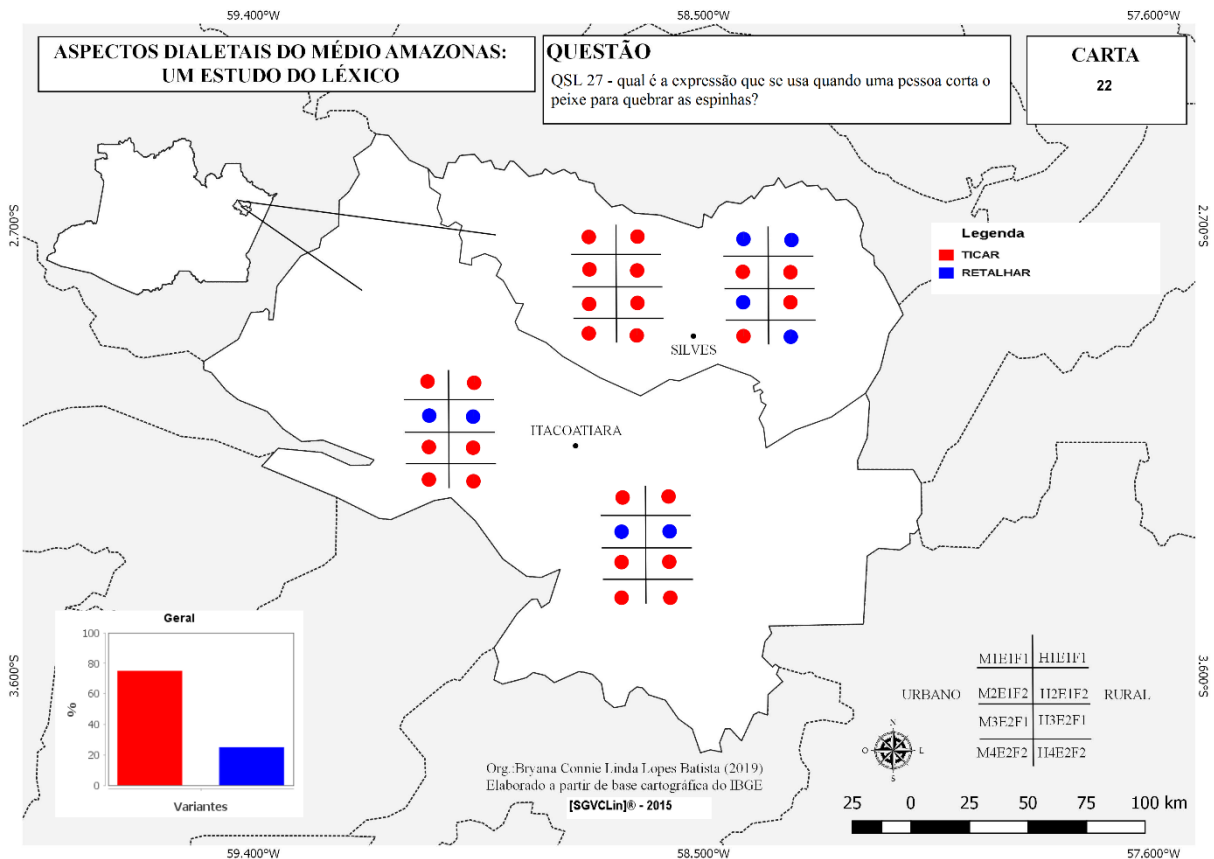
A Questão 27 “qual é a expressão que se usa quando uma pessoa corta o peixe para quebrar as espinhas?” gerou duas variantes lexicais, conforme quadro 29 abaixo:

Quadro 29 -TICAR

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Ticar	24	75	6	75%	6	75%	8	100%	4	50%
Retalhar	8	25	2	25%	2	25%	0	0	4	50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Conforme os dados gerais desta questão, a forma “ticar” é usada nos dois municípios, mas concorre com a variante “retalhar” na zona rural de Silves. Já na zona urbana, a variante “ticar” atinge 100% de frequência. Para este referente, Corrêa apresentou as formas “ticar” e “retalhar”. Em Campos (2005), foi registrada a forma “lanhar” e “retalhar para o ato de cortar o peixe. Já em Azevedo (2013), a forma “ticar” predomina no Médio Solimões e “retalhar” no Baixo Amazonas. A seguir, apresenta-se a carta linguística 22:

CARTA 22 -TICAR



D. CORPO HUMANO

Para este campo semântico foram elaboradas 18 cartas linguísticas sobre os seguintes referentes: nuca, gogó, muleira (moleira), bunda, pratinho (rótula), banguelo, fonfon, vesgo, terçol, bustela (bostela), suvaco (sovaco), cê-cê, cosca (cócegas), canela, batata (panturrilha), mocotó, goela e munheca.

23. NUCA

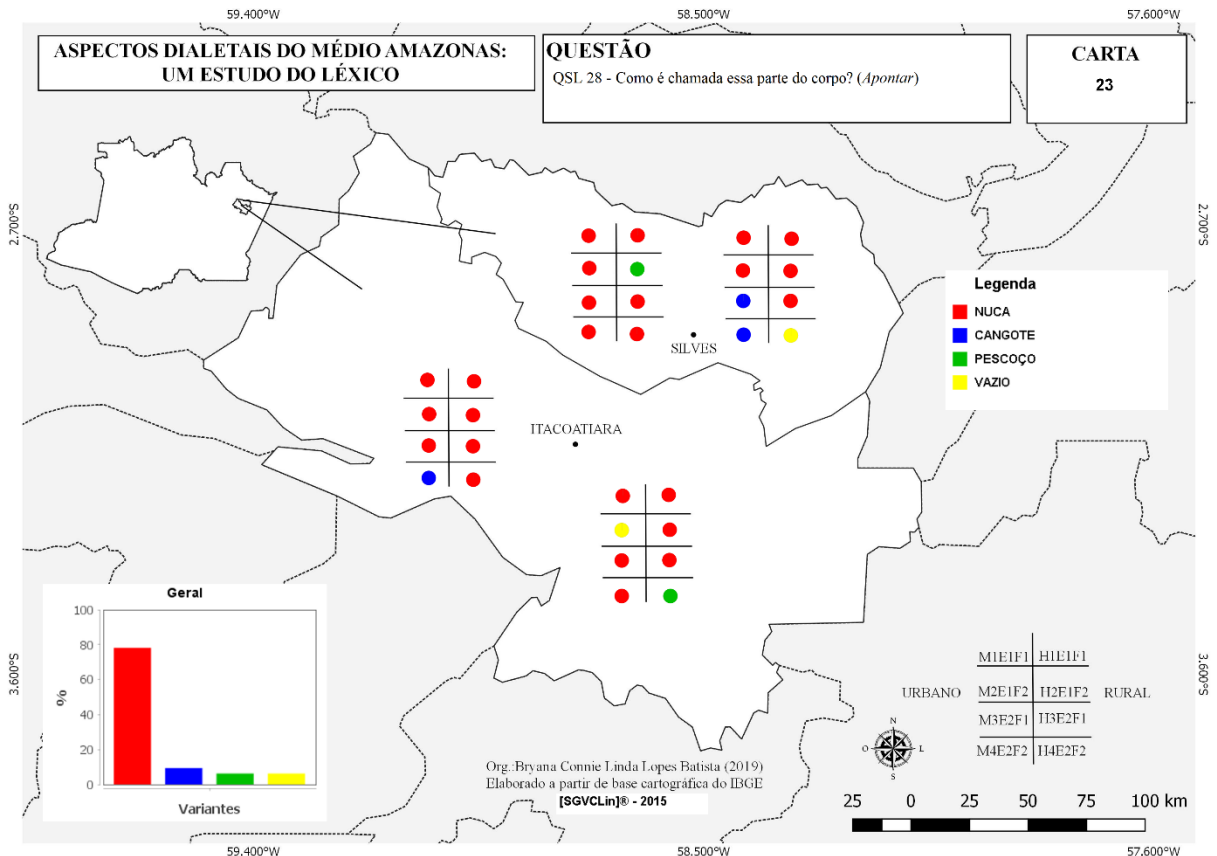
A Questão 28 “como é chamada essa parte do corpo? (*Apontar*)” gerou 3 variantes lexicais, conforme a distribuição no quadro 30 abaixo:

Quadro 30 - NUCA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Nuca	25	78,12	7	87,5%	6	75%	7	87,5%	5	62,5%
Cangote	3	9,38	1	12,5%	0	0	0	0	2	25%
Vazio	2	6,25	0	0	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Pescoço	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Portanto, a lexia “nuca” é mais frequente em todas as dimensões. A seguir, apresenta-se a carta linguística 23:

CARTA 23 -NUCA



Além da mais forma mais predominante, entre os falantes da faixa etária 1 (18-30), registrou-se a ocorrência de cangote (6,25%) enquanto que na faixa etária 2 (50-65) tiveram mais duas variantes lexicais, a saber: cangote e pescoço, com 12,5% cada. Vale salientar que a lexia “nuca” foi mais frequente entre os falantes do ensino fundamental (87,5%) e entre os homens (81,25%). Em Cruz (2004), a variante “nuca” foi a mais produtiva.

24. GOGÓ

A Questão 29 “como é chamada essa parte alta do pescoço do homem? (Apontar)” gerou 3 variantes e 1 ocorrência de “vazio”, conforme distribuição abaixo no quadro 31:

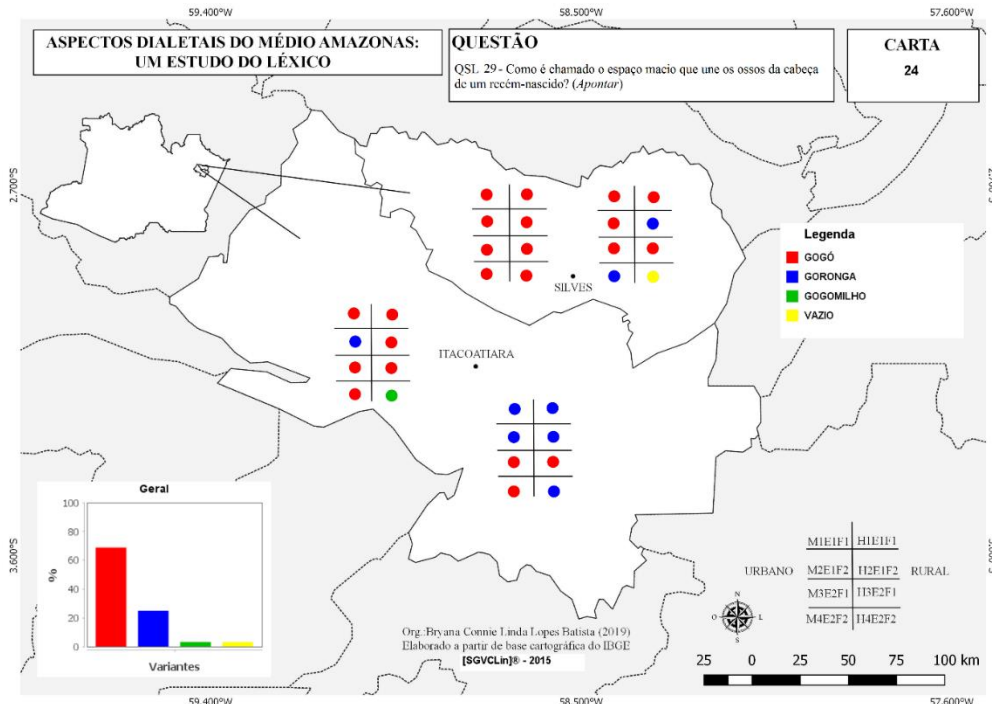
Quadro 31 -GOGÓ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Gogó	22	68,75	6	75%	3	37,5%	8	100%	5	62,5%
Gorongã	8	25	1	12,5%	5	62,5%	0	0	2	25%
Gogomilho	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados acima, a variante “gogó” é predominante na zona urbana dos dois municípios, principalmente em Silves, onde atinge a frequência de 100%. Já na área rural, a variante “gorongã” é mais frequente em Itacoatiara e a lexia “gogó”, em Silves. Em Cruz (2004) e em Campos (2005), encontra-se a forma “gogó” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 24:

CARTA 24 -GOGÓ



25. MULEIRA (MOLEIRA)

A Questão 30 “como é chamado o espaço macio que une os ossos da cabeça de um recém-nascido? (*Apontar*)” gerou três formas lexicais e duas ocorrências de “vazio”, descritas no quadro 32 abaixo:

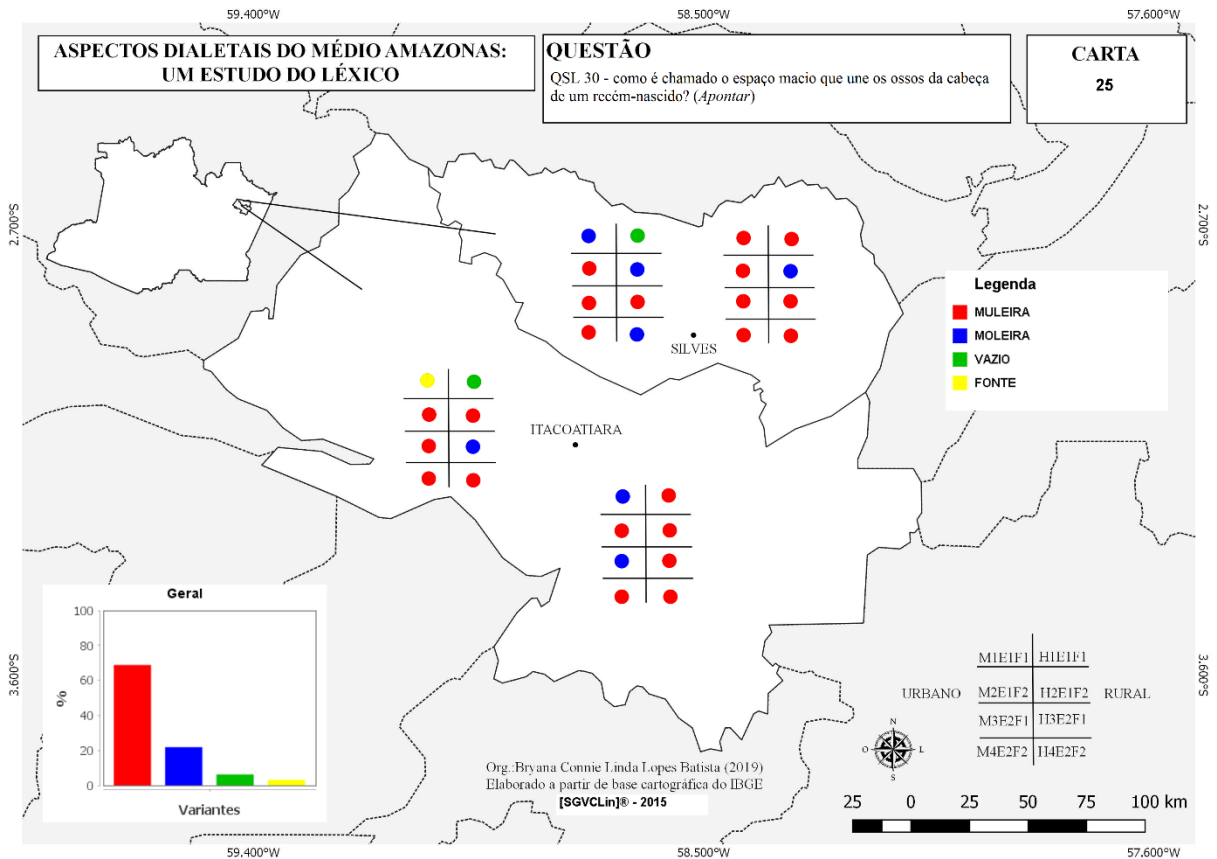
Quadro 32 -MULEIRA (MOLEIRA)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Muleira	22	68,75	5	62,5%	6	75%	4	50%	7	87,5%
Moleira	7	21,88	1	12,5%	2	25%	3	37,5%	1	12,5%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Fonte	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, a variante “muleira” é a mais produtiva na área rural dos dois municípios. Em Cruz (2004), registra-se com maior frequência a forma “moleira”, já em Campos (2005), registra-se a variante “fonte” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 25:

CARTA 25 –MULEIRA (MOLEIRA)



26. BUNDA

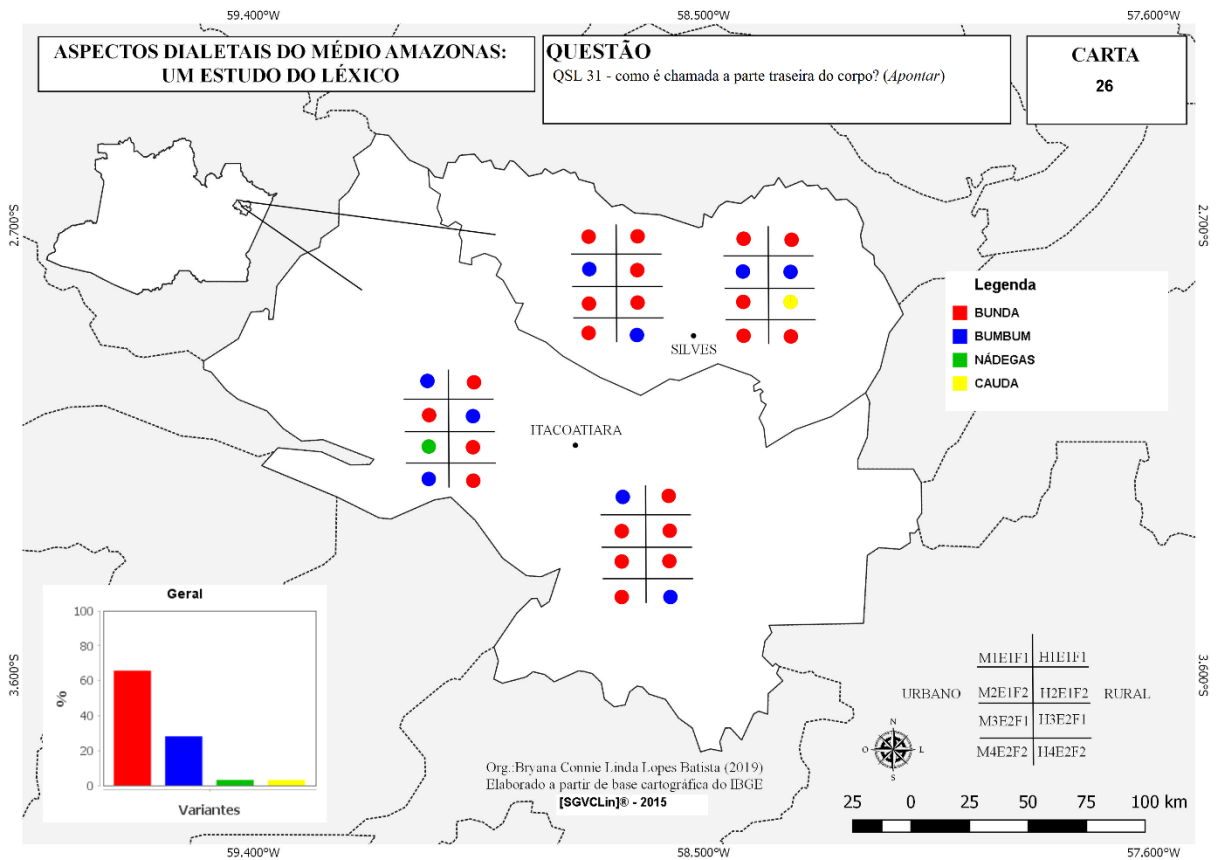
A Questão 31 “como é chamada a parte traseira do corpo? (*Apontar*)” gerou 4 variantes lexicais, de acordo com o quadro 33 abaixo:

Quadro 33 -BUNDA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Bunda	21	65,62	4	50%	6	75%	6	75%	5	62,5%
Bumbum	9	28,12	3	37,5%	2	25%	2	25%	2	25%
Nádegas	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Cauda	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados acima, a variante “bunda” é mais predominante tanto em Silves quanto em Itacoatiara. Quanto aos fatores extralinguísticos, observa-se que esta forma é mais produtiva entre os jovens, enquanto que a variante “bumbum” concorre com a leixa “bunda” entre os idosos. A seguir, apresenta-se a carta linguística 26:

CARTA 26 -BUNDA



27. PRATINHO

A Questão 32 “como é chamado o osso que fica na frente do joelho? (*Apontar*)” gerou 6 variantes lexicais e duas ocorrências de “vazio”, conforme a distribuição no quadro 34 abaixo:

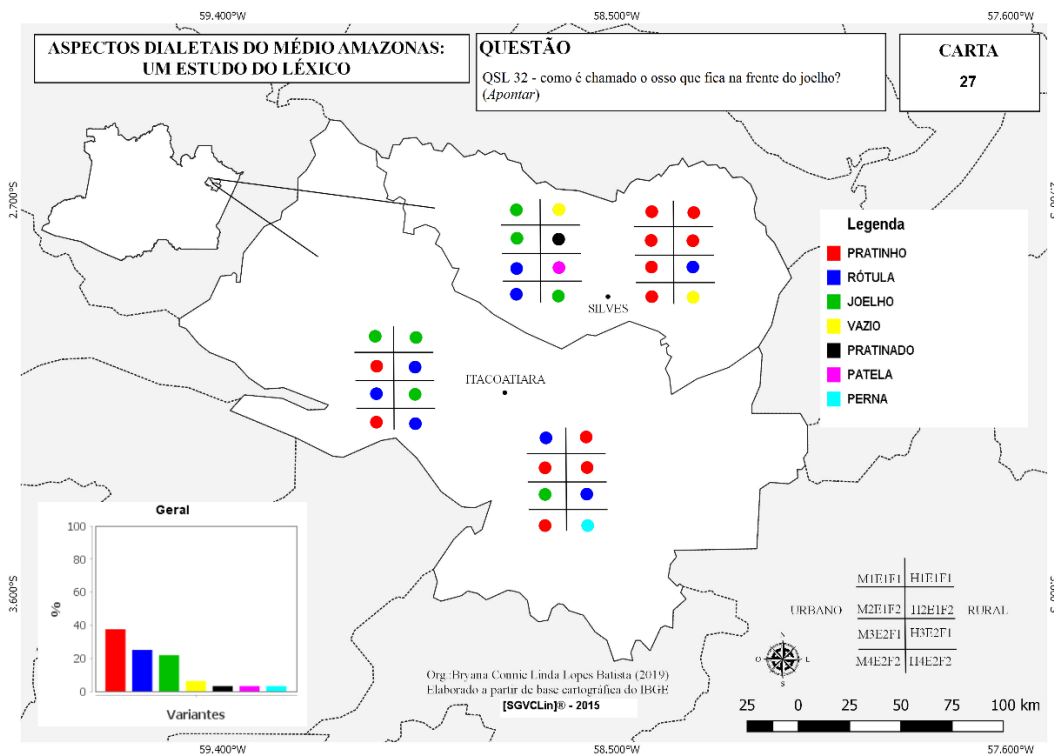
Quadro 34 -PRATINHO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pratinho	12	37,5	2	25%	4	50%	0	0	6	75%
Rótula	8	25	3	37,5%	2	25%	2	25%	1	12,5%
Joelho	7	21,88	3	37,5%	1	12,5%	3	37,5%	0	0
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Pratinado	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Perna	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Patela	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

A variante “pratinho” foi a variante mais produtiva no município de Itacoatiara e de Silves. Quanto aos fatores sociais, observou-se que entre os jovens (18-30) a forma “rótula” é a mais utilizada, enquanto que os idosos utilizam a lexia “pratinho”. Quanto a escolaridade, os falantes com o ensino fundamental optam pela forma “pratinho”, enquanto que os que possuem ensino médio utilizam a variante “rótula”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 27:

CARTA 27 -PRATINHO



Em Cruz (2004), encontra-se a forma “rótula” como a mais produtiva, porém, em Itacoatiara, só foram registradas as variantes “bolacha” e “pratinho”. Em Azevedo (2013), encontra-se a forma “bolacha” com mais frequência no Médio Solimões e “pratinho” com maior produtividade no Baixo Amazonas.

28. BANGUELO

A Questão 33 “como é chamada a pessoa que não tem dentes?” gerou 2 variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”, de acordo com a distribuição abaixo no quadro 35:

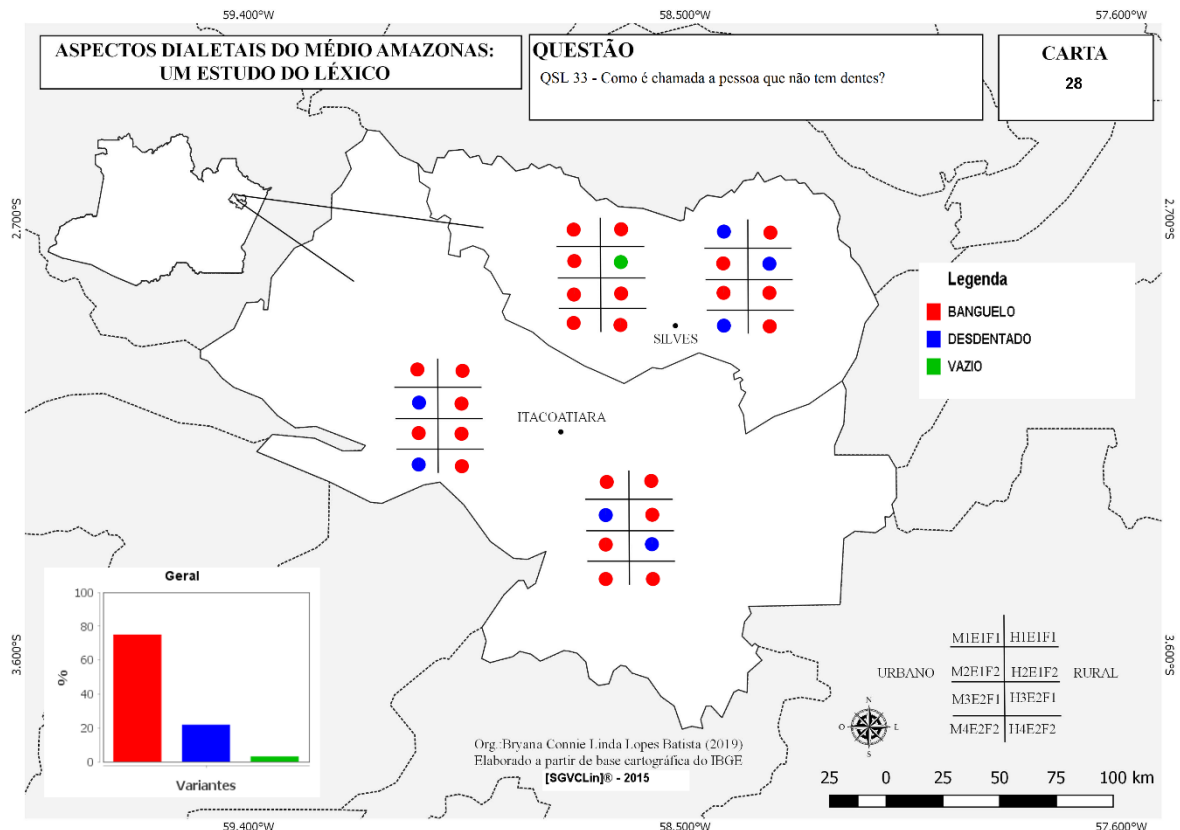
Quadro 35 -BANGUELO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Banguelo	24	75	6	75%	6	75%	7	87,5%	5	62,5%
Desdentado	7	21,88	2	25%	2	25%	0	0	3	37,5%
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, observou-se que a variante “banguelo é predominante em todas os pontos de inquérito. Em Cruz (2004) e em Azevedo (2013), encontra-se a forma “banguelo” com a frequência de 32% e 79%, respectivamente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 28:

CARTA 28 -BANGUELO



29. FONFON

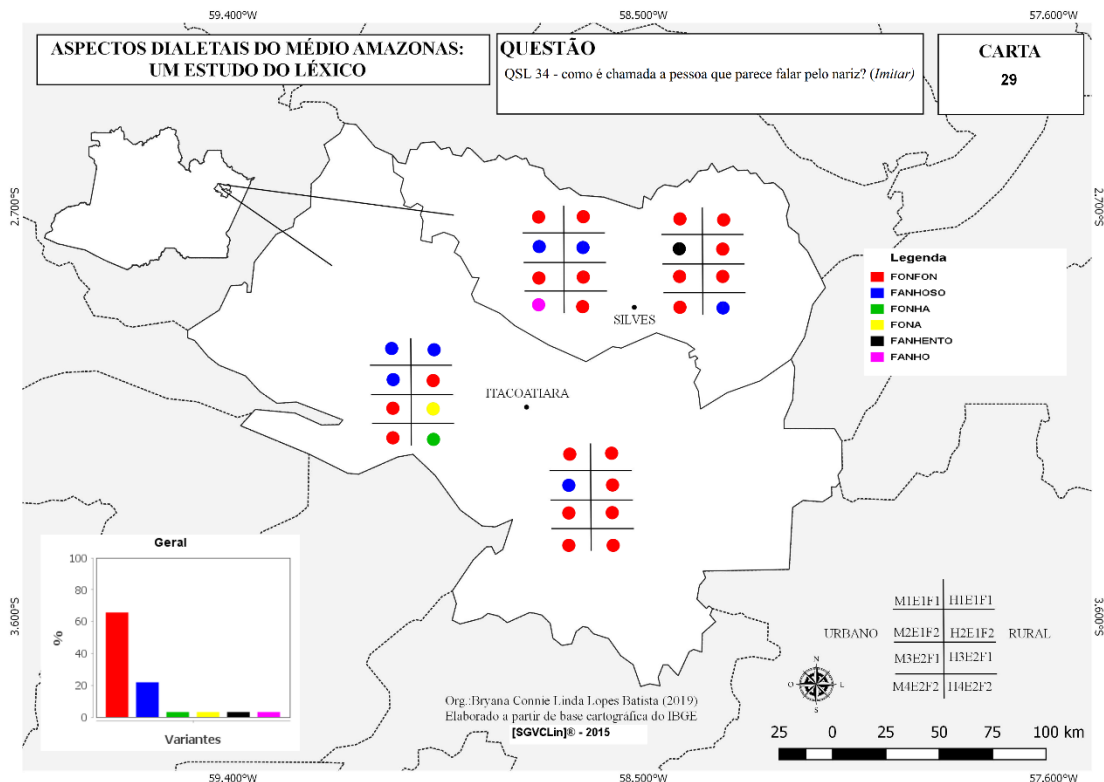
A Questão 34 “como é chamada a pessoa que parece falar pelo nariz? (*Imitar*)” gerou seis variantes lexicais, conforme o quadro 36 abaixo:

Quadro 36 -FONFON

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Fonfon	21	65,62	3	37,5%	7	87,5%	5	62,5%	6	75%
Fanhoso	7	21,88	3	37,5%	1	12,5%	2	25%	1	12,5%
Fanhento	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Fona	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Fonha	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Fanho	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100%	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados acima, a variante “fonfon” é a mais produtiva nos dois municípios, principalmente na área rural. Quanto a idade, os jovens optaram pela forma “fonfon”, enquanto entre os idosos, as variantes “fonfon” e “fanhoso” estão em concorrência. Estas duas variantes também concorrem entre falantes com ensino fundamental; diferente dos falantes com ensino médio, em que a variante “fonfon” é a mais produtiva. Em Cruz (2004), a variante “fanhoso” foi a mais produtiva e em Azevedo (2013), a forma “fom-fom” foi a mais frequente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 29:

CARTA 29 -FONFON



30. VESGO

A Questão 35 “como se chama a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (*Imitar*)” gerou 5 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme distribuição no quadro 37 abaixo:

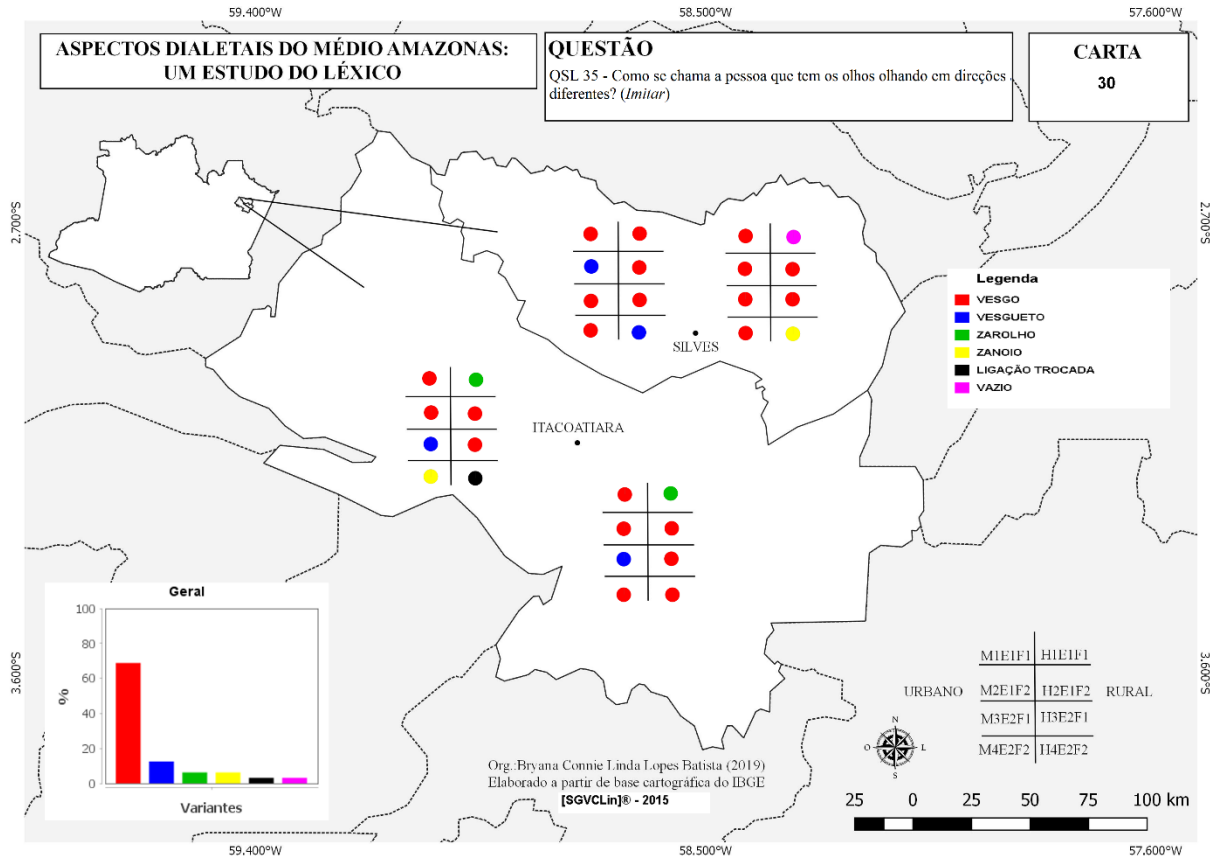
Quadro 37-VESGO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Vesgo	22	68,75	4	50%	6	75%	6	75%	6	75%
Vesgueto	4	12,5	1	12,5%	1	12,5%	2	25%	0	0
Zanoio	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	1	12,5%
Zarolho	2	6,25	1	12,5%	1	12,5%	0	0	0	0
Ligação trocada	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais acima, a variante “vesgo” é a mais produtiva nos dois municípios. Em Cruz (2004), registra-se “zanoio” como a mais produtiva e em Itacoatiara, foram apresentadas as variantes “vesgueto”, “zanoio” e “vesgo”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 30:

CARTA 30-VESGO



31. TERÇOL

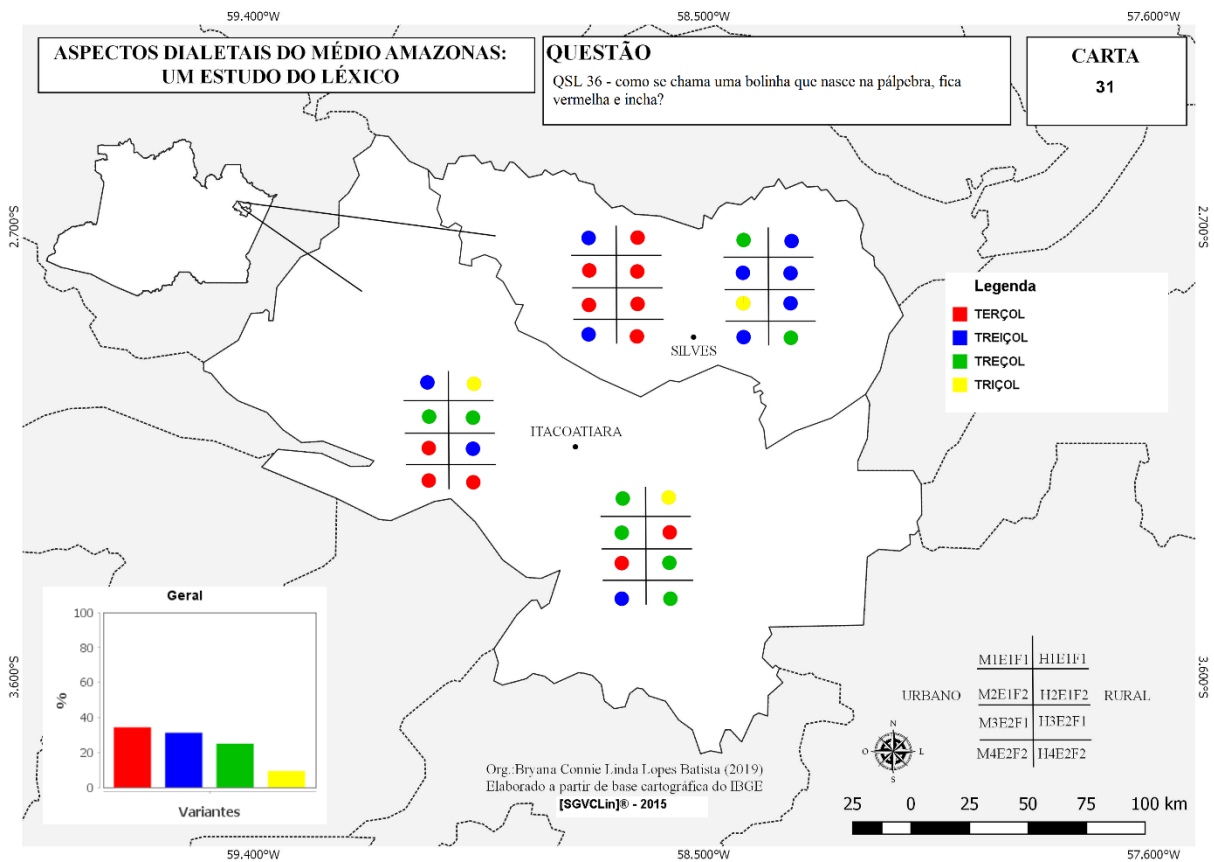
A Questão 36 “como se chama uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 38 abaixo:

Quadro 38-TERÇOL

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Terçol	11	34,38	3	37,5%	2	25%	6	75%	0	0
Treçol	10	31,25	2	25%	1	12,5%	2	25%	5	62,5%
Treçol	8	25	2	25%	4	50%	0	0	2	25%
Triçol	3	9,38	1	12,5%	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados acima, a variação” é natureza fonético-fonológica. Sendo assim, em Itacoatiara, registra-se “terçol” como a mais produtiva na área urbana e “treçol” como a mais frequente na área rural. Em Silves, a variante mais frequente na área urbana é “terçol” e na área rural é “treçol”. Em comparação com outras pesquisas, Cruz (2004) registrou as variantes “terçol”, “treçol”, “treiçol” e “teiçol”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 31:

CARTA 31 -TERÇOL



32. BUSTELA (BOSTELA)

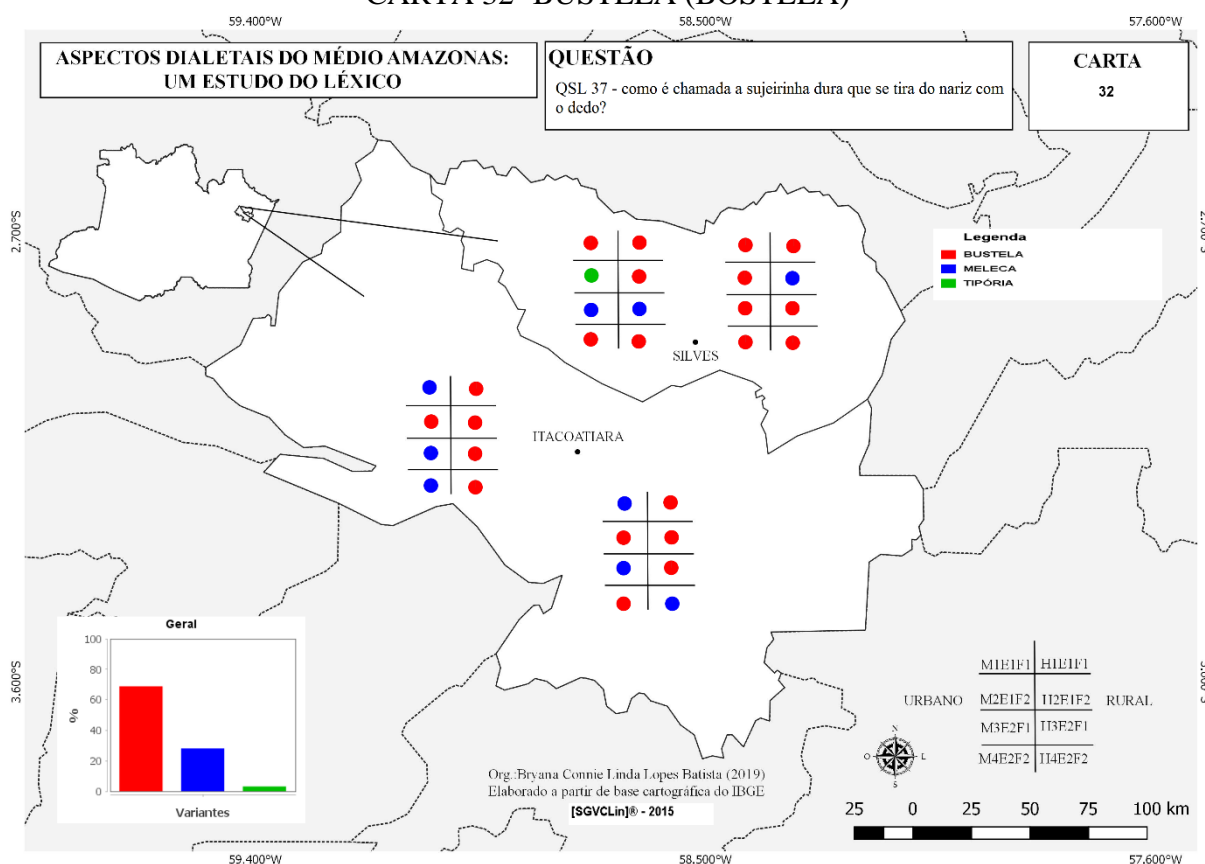
A Questão 37 “como é chamada a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 39 abaixo:

Quadro 39 -BUSTELA (BOSTELA)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Bustela	22	68,75	5	62,5%	5	62,5%	5	62,5%	7	87,5%
Meleca	9	28,12	3	37,5%	3	37,5%	2	25 %	1	12,5%
Tipória	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados acima, a variante “bustela” é predominante nos dois municípios. Em Cruz (2004) e em Campos (2005) foi catalogada a variante “bostela” como a mais produtiva. Já em Azevedo (2013), a forma “catraca” foi a mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 32:

CARTA 32 -BUSTELA (BOSTELA)



33. SUVACO (SOVACO)

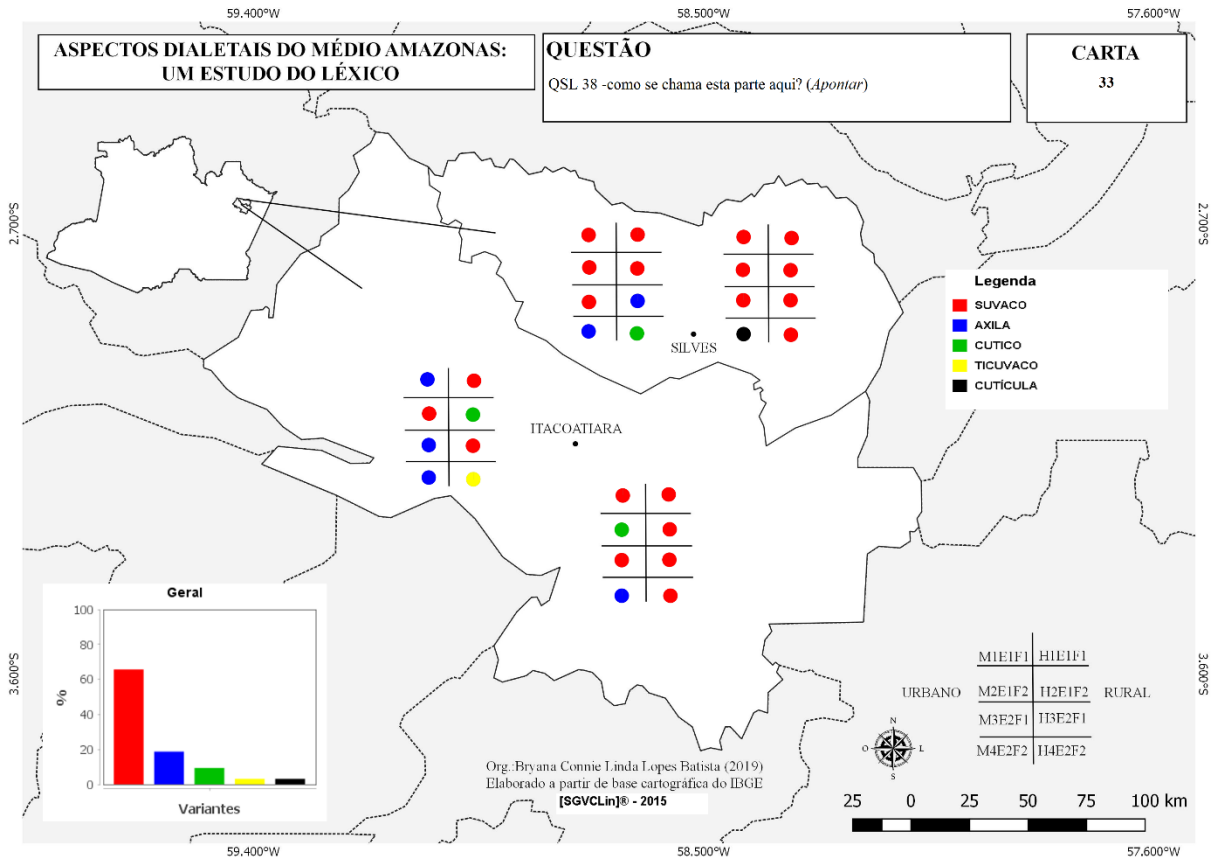
A Questão 38 “como se chama esta parte aqui? (*Apontar*)” gerou 5 variantes lexicais, conforme distribuição no quadro 40 abaixo:

Quadro 40 -SUVACO (SOVACO)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Suvaco	21	65,62	3	37,5%	6	75%	5	62,5%	7	87,5%
Axila	6	18,75	3	37,5%	1	12,5%	2	25%	0	0
Cutico	3	9,38	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Ticuvaco	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Cutícula	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados acima, observa-se que a variante “suvaco” é mais produtiva nos dois municípios, sendo que na área urbana de Itacoatiara, esta variante está em concorrência com a forma “axila”. Em Corrêa (1980) e em Campos (2005), registra-se a variante “cutico” para este referente. Em Cruz (2004), a lexia “sovaco” foi a mais predominante. Já em Azevedo (2013), destaca-se a forma “suvaco” no Médio Amazonas e “axila” no Baixo Amazonas. A seguir, apresenta-se a carta linguística 33:

CARTA 33 - SUVACO (SOVACO)



34. CECÊ

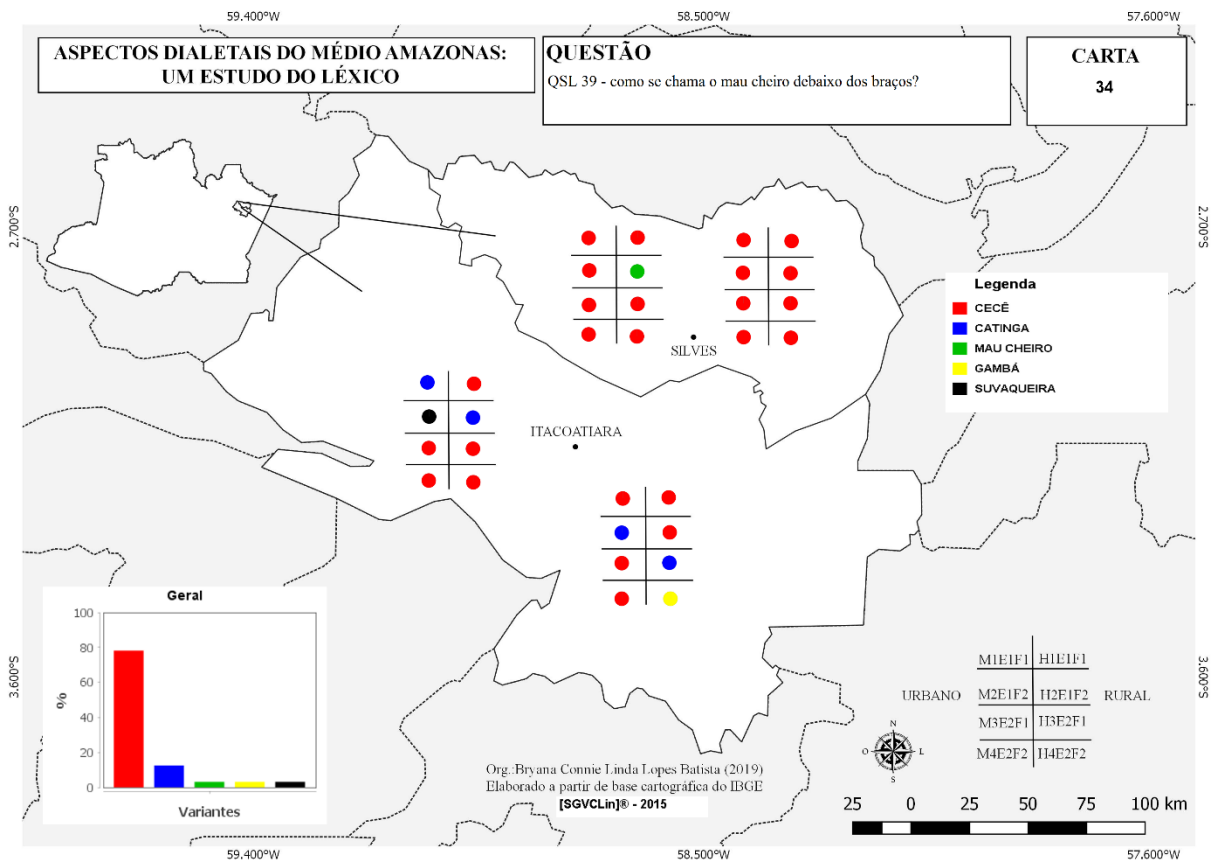
A Questão 39 “como se chama o mau cheiro debaixo dos braços?” gerou 5 variantes lexicais, conforme distribuição no quadro 41, a seguir:

Quadro 41 -CECÊ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Cecê	25	78,12	5	62,5%	5	62,5%	7	87,5%	8	100%
Catinga	4	12,5	2	25%	2	25%	0	0	0	0
Mau cheiro	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Gambá	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Suvaqueira	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados acima, verifica-se que a lexia “cecê” é predominante nos dois municípios, principalmente na área rural de Silves. Em Corrêa (1980), encontra-se a forma “inhaca”, enquanto que em Campos (2005), foram registradas as formas “inhaca” e “nhaca” para cheiro desagradável. Em Cruz (2004) e em Azevedo (2013), a lexia “cecê” foi a mais predominante. A seguir, apresenta-se a carta linguística 34:

CARTA 34 -CECÊ



35. COSCA

A Questão 40 “o que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?” gerou 3 variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 42 abaixo:

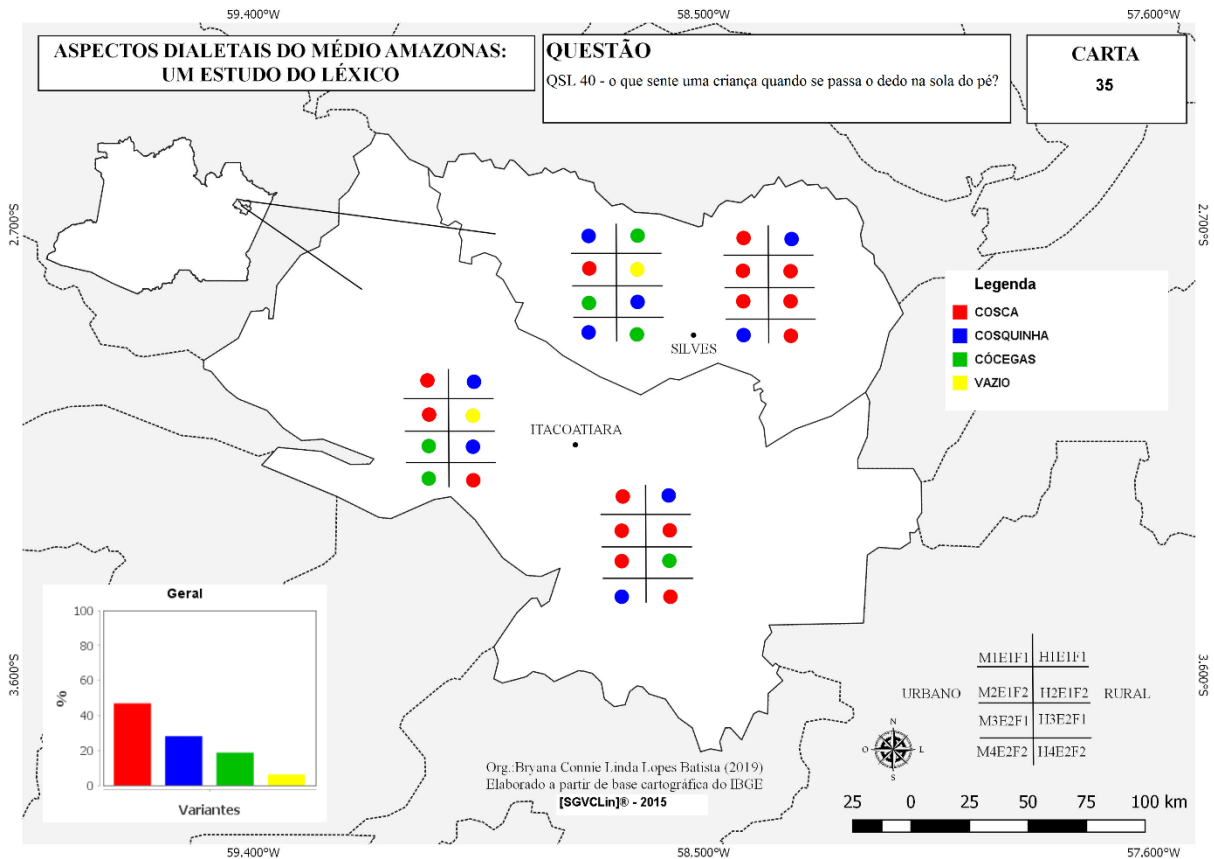
Quadro 42-COSCA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Cosca	15	46,88	3	37,5%	5	62,5%	1	12,5%	6	75%
Cosquinha	9	28,12	2	25%	2	25%	3	37,5%	2	25%
Cócegas	6	18,75	2	25%	1	12,5%	3	37,5%	0	0
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, a variante “cosca” é predominante nos dois municípios, principalmente na área rural. Quanto aos fatores extralinguísticos, os jovens e os homens apresentam as variantes “cosca” e “cosquinha” em concorrência. Já entre os idosos e também entre as mulheres, a forma “cosca” é mais produtiva. Em Campos (2005), encontra-se a forma “cosca” para esta questão. A seguir, apresenta-se a carta linguística 35:

CARTA 35 -COSCA



36. CANELA

A Questão 41 “como é chamada essa parte após o joelho? (*Apontar*)” gerou uma variante e duas ocorrências de “vazio”, conforme quadro 43 abaixo:

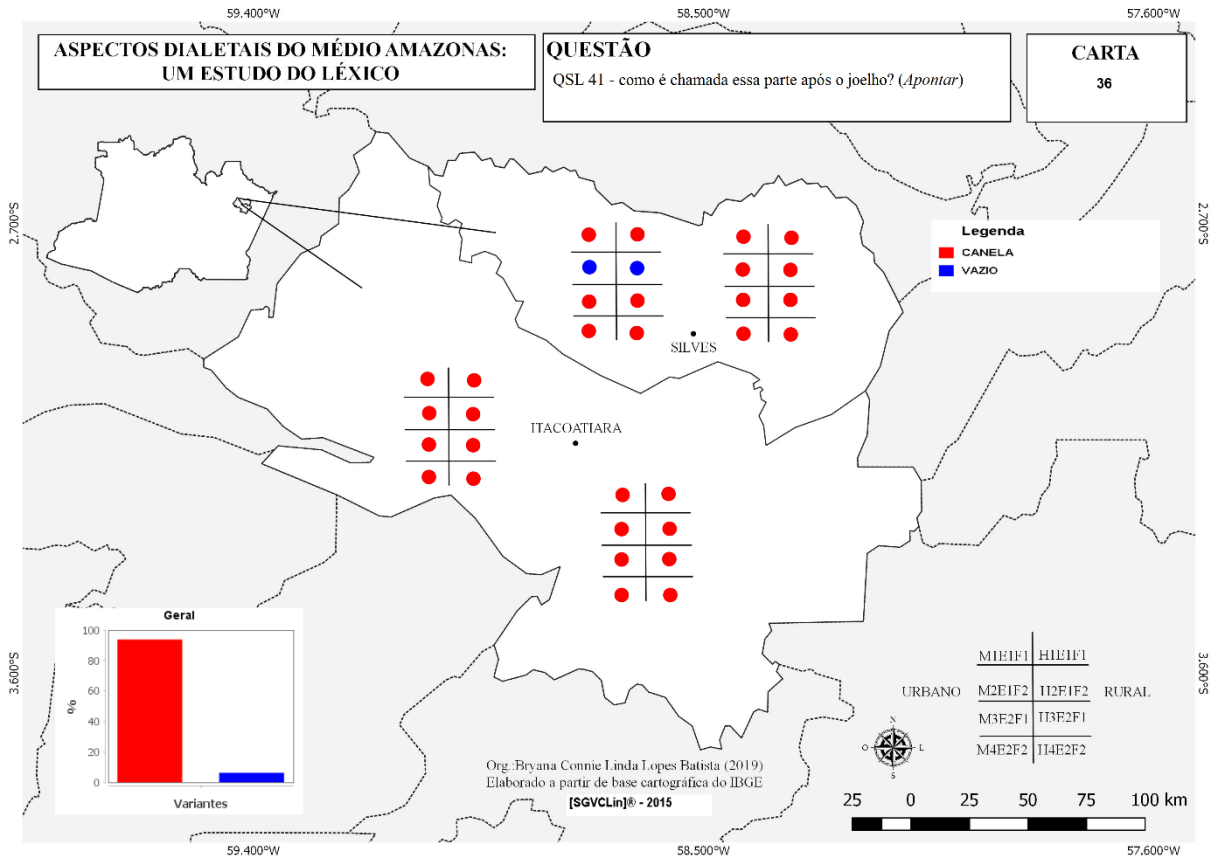
Quadro 43 -CANELA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Canela	30	93,75	8	100%	8	100%	6	75%	8	100%
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados acima, a forma “canela” é predominante nos dois municípios, com ocorrência de 100% em Itacoatiara. A seguir, apresenta-se a carta linguística 36:

CARTA 36 -CANELA



37. BATATA

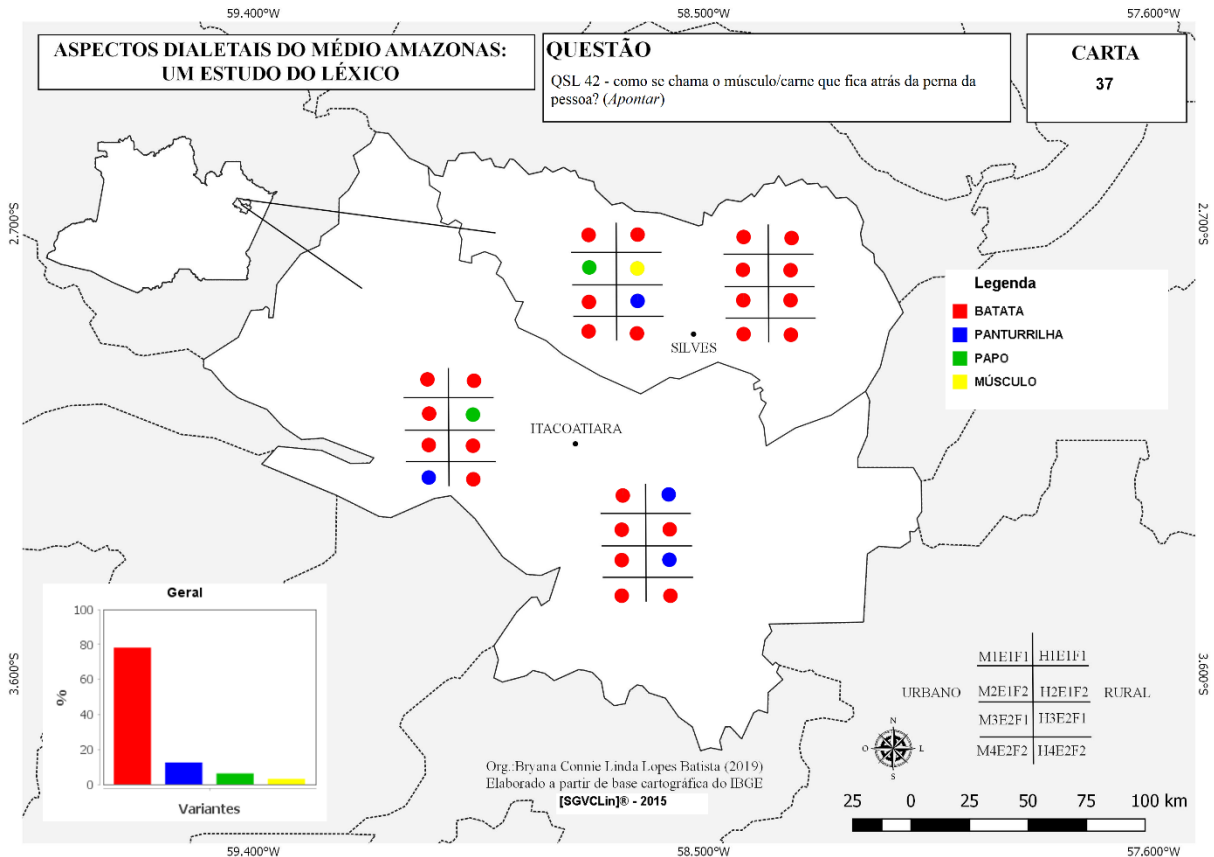
A Questão 42 “como se chama o músculo/carne que fica atrás da perna da pessoa? (*Apontar*)” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 44 abaixo:

Quadro 44 -BATATA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Batata	25	78,12	6	75%	6	75%	5	62,5%	8	100%
Panturrilha	4	12,5	1	12,5%	2	25%	1	12,5%	0	0
Papo	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Músculo	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Desta forma, os resultados gerais desta questão apontam para a predominância da variante “batata”, principalmente na área rural de Silves com 100% de frequência. Quanto aos fatores sociais, destaca-se a alta produtividade desta variante em todas as dimensões (idade, sexo e escolaridade). Observa-se também que a lexia “panturrilha” foi registrada entre jovens, falantes do sexo masculino e com ensino médio. Em Azevedo (2013), encontra-se a forma “batata-da-perna” como a mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 37:

CARTA 37 -BATATA



38. MOCOTÓ

A Questão 43 “como é chamada essa parte entre a ____ (item 43) e o pé? (Apontar)” gerou duas variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme o quadro 45 abaixo:

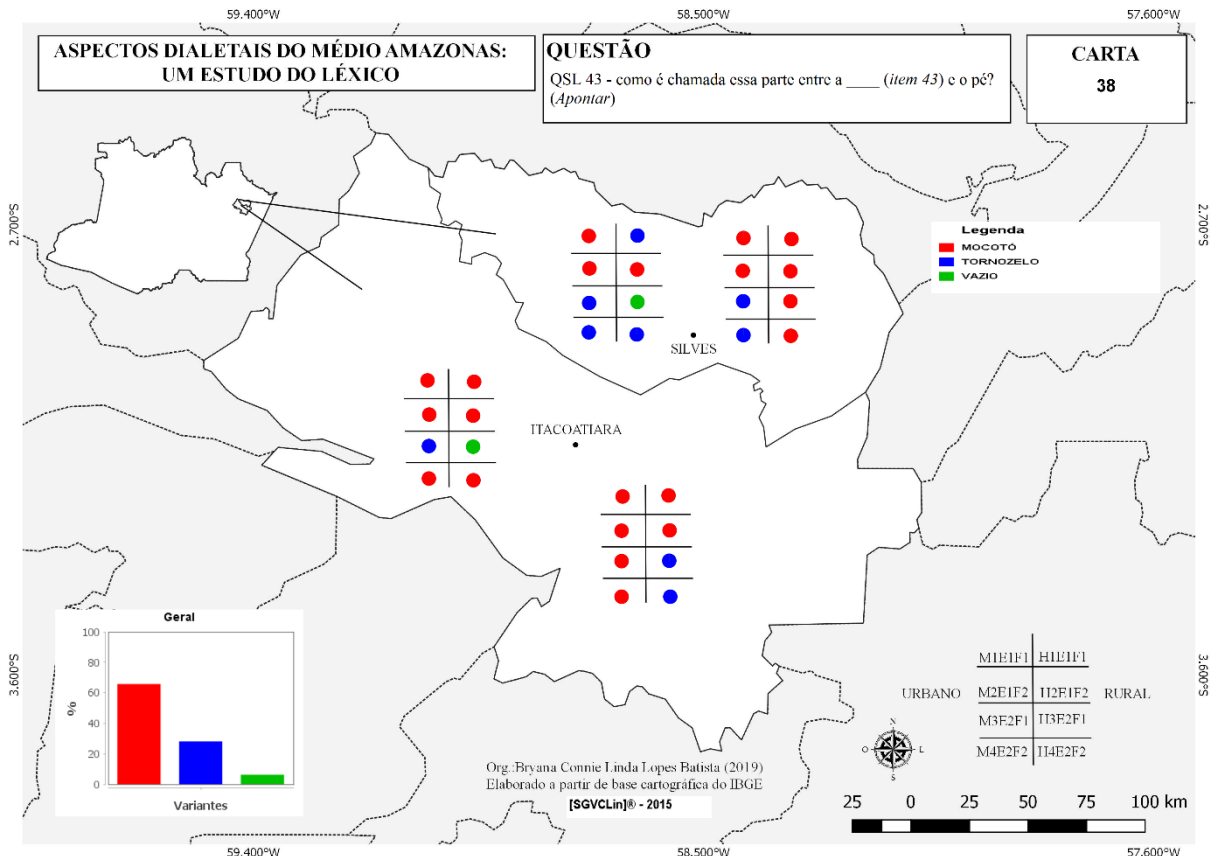
Quadro 45 -MOCOTÓ

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mocotó	21	65,62	6	75%	6	75%	3	37,5%	6	75%
Tornozelo	9	28,12	1	12,5%	2	25%	4	50%	2	25%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	-	-	1	12,5%	-	-
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais acima, a variante “mocotó” é a mais produtiva em Itacoatiara. Já em Silves, esta variante é mais produtiva na área rural, enquanto que na área urbana, a forma “tornozelo” é mais produtiva na área urbana. Quanto ao fator idade, observa-se que a lexia “mocotó” é a mais utilizada entre idosos; já entre jovens, as variantes “mocotó” e “tornozelo” estão em concorrência. Quanto ao fator escolaridade, os falantes com ensino fundamental optam por “mocotó”, enquanto que a lexia “tornozelo” é mais falada entre os que possuem ensino médio. A seguir, apresenta-se a carta linguística 38:

CARTA 38 -MOCOTÓ



39. GOELA

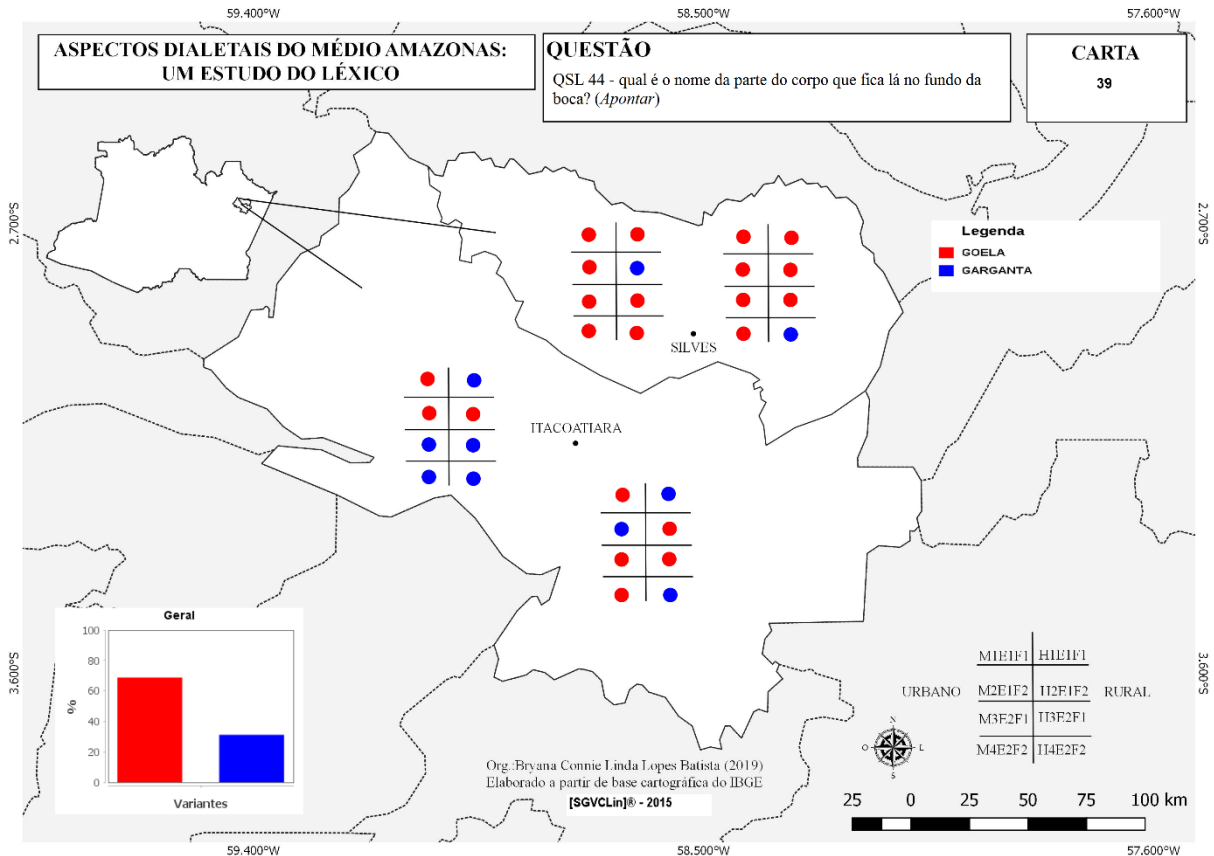
A Questão 44 “qual é o nome da parte do corpo que fica lá no fundo da boca? (Apontar)” gerou duas variantes lexicais, conforme quadro 46 abaixo:

Quadro 46 -GOELA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Goela	22	68,75	3	37,5%	5	62,5%	7	87,5%	7	87,5%
Garganta	10	31,25	5	62,5%	3	37,5%	1	12,5%	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados acima, a variante “goela” é mais produtiva no município de Silves. Já em Itacoatiara, a mesma encontra-se em concorrência com a forma “garganta”, a qual é mais produtiva na área urbana, enquanto que a forma “goela” é mais produtiva na área rural. Quanto ao fator sexo, a forma “goela” é a mais produtiva entre as mulheres. Entre os homens, as variantes “goela” e “garganta” concorrem. Em Campos (2005), foi registrada “goela” para este referente e em Azevedo (2013), a lexia “garganta” foi mais produtiva. A seguir, apresenta-se a carta linguística 39:

CARTA 39 -GOELA



40. MUNHECA

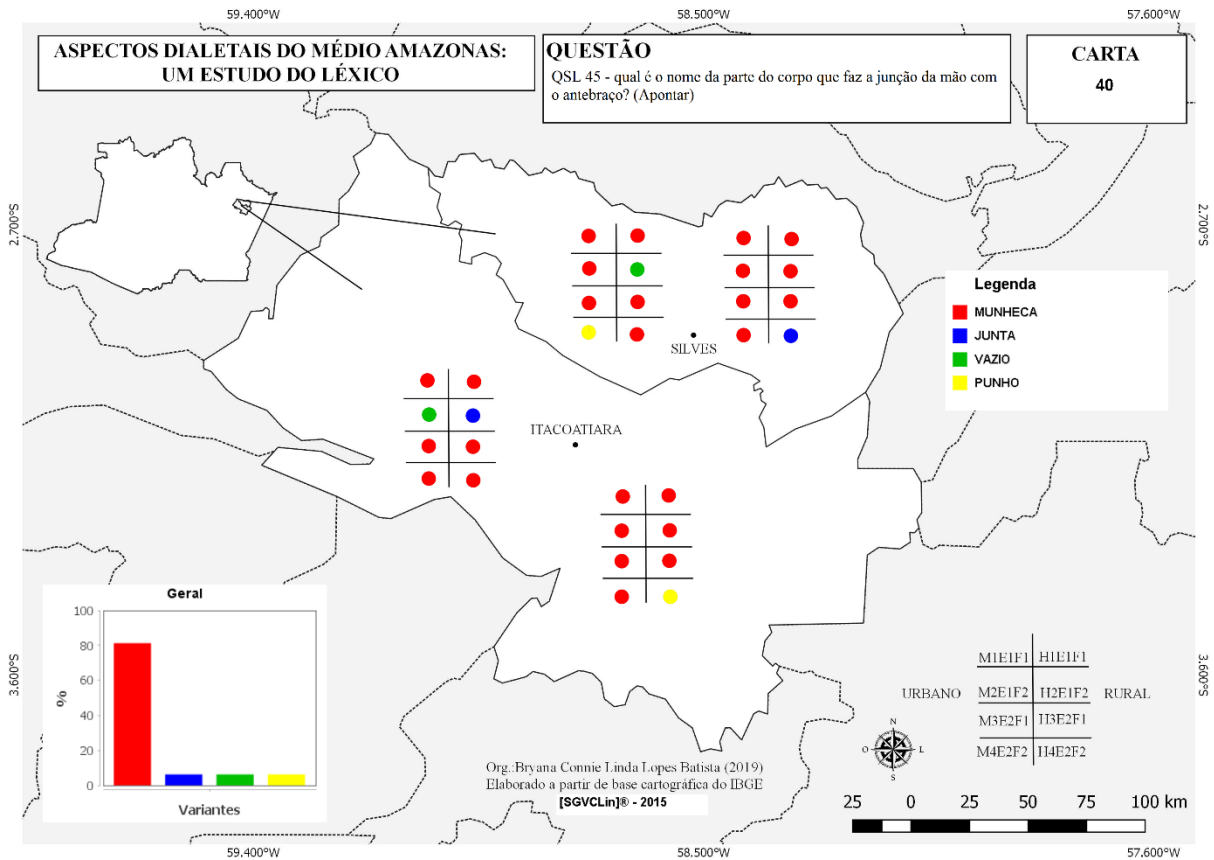
A Questão 45 “qual é o nome da parte do corpo que faz a junção da mão com o antebraço? (Apontar)” gerou 3 variantes lexicais e duas ocorrências de “vazio”, conforme quadro 47 abaixo:

Quadro 47 -MUNHECA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Munheca	26	81,25	6	75%	7	87,5%	6	75%	7	87,5%
Punho	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Junta	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	1	12,5%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais acima, a lexia “munheca” é predominante nos dois municípios, principalmente na área rural. Em comparação com outras pesquisas, Campos (2005) registra a lexia “munheca” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 40:

CARTA 40 -MUNHECA



E. CICLOS DA VIDA

Para este campo semântico foram elaboradas 6 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: menstruação, adotivo, curumim, cunhantain (cunhantã), grávida e virgem. Por apresentarem 100% de produtividade nos dois municípios, os referentes “parteira” e “caçula” não possuem cartas linguísticas.

41. MENSTRUAÇÃO

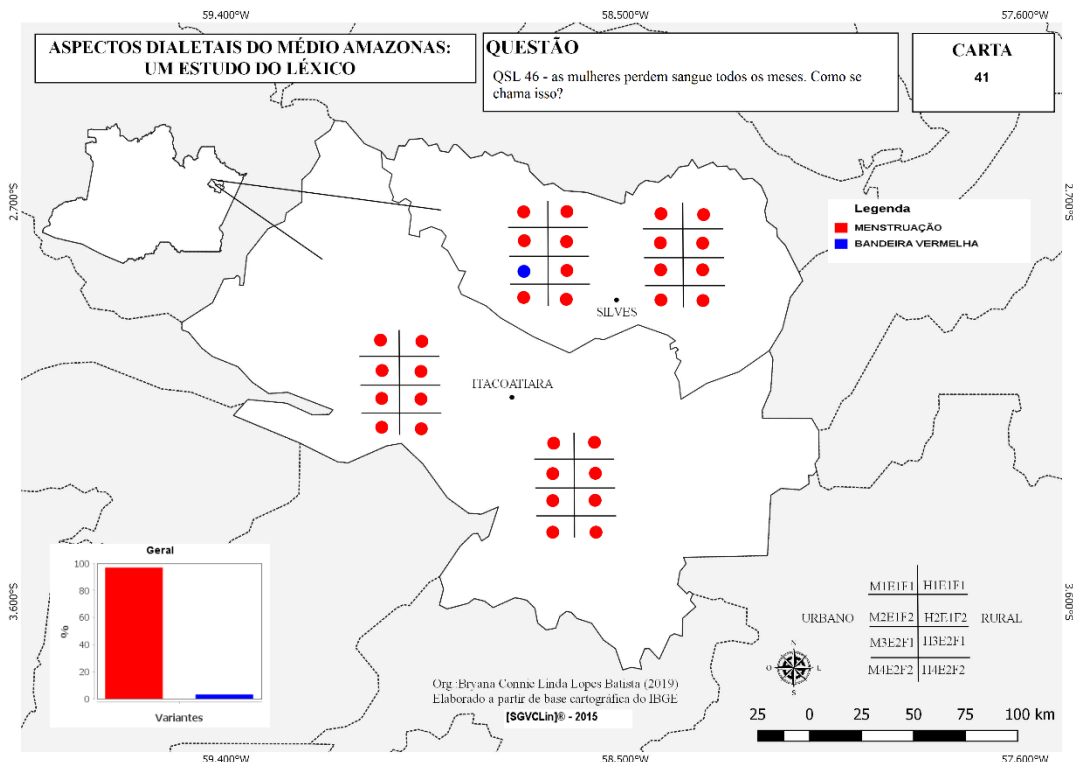
A Questão 46 “as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” gerou 2 variantes lexicais, de acordo com o quadro 48 abaixo:

Quadro 48 -MENSTRUAÇÃO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Menstruação	31	96,88	8	100%	8	100%	7	87,5%	8	100%
Bandeira vermelha	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a lexia “menstruação” é mais produtiva no município de Itacoatiara, onde apresenta 100% de frequência, e em Silves, principalmente na área rural. Em comparação com outras pesquisas, registram-se em Corrêa (1980) e em Campos (2005) as formas “estar de bode”, “estar doente” e “estar incomodada” para uma mulher que está menstruada. A seguir, apresenta-se a carta linguística 41:

CARTA 41 -MENSTRUAÇÃO



42. ADOTIVO

A Questão 48 “como é chamada a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?” gerou 5 variantes lexicais e 4 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 49 abaixo:

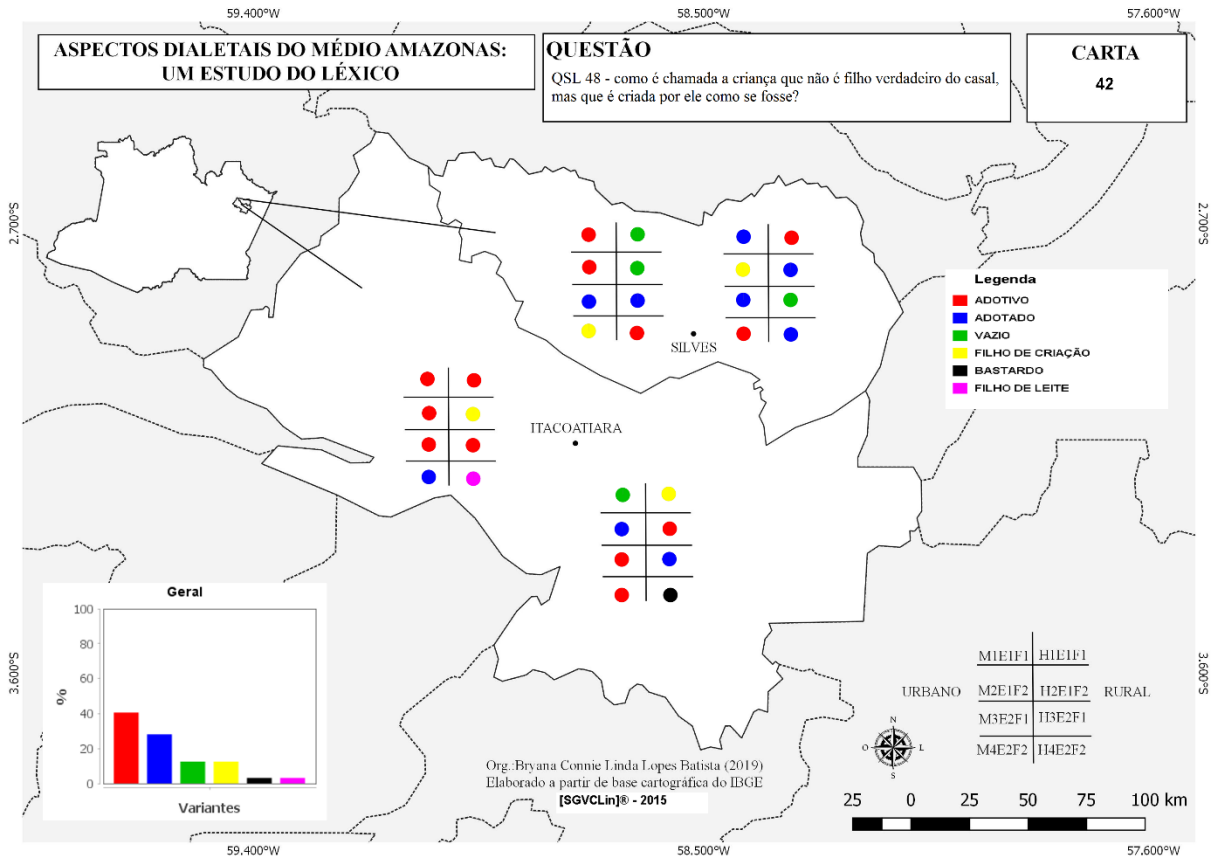
Quadro 49 -ADOTIVO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Adotivo	13	40,62	5	62,5%	3	37,5%	3	37,5%	2	25%
Adotado	9	28,12	1	12,5%	2	25%	2	25%	4	50%
Vazio*	4	12,5	0	0	1	12,5%	2	25%	1	12,5%
Filho de criação	4	12,5	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%
Bastardo	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Filho de leite	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais da pesquisa, no município de Itacoatiara, observa-se a alta frequência de “adotivo”, enquanto que no município de Silves, a concorrência está entre “adotado” e “adotivo”, sendo este mais produtivo na área urbana e aquele mais frequente na área rural. A seguir, apresenta-se a carta linguística 42:

CARTA 42 -ADOTIVO



Quanto ao fator sexo, as mulheres optam pela variante “adotivo” e, entre os homens, as formas “adotivo” e “adotado” estão em concorrência. Quanto ao fator escolaridade, a lexia “adotivo” é produtiva entre falantes com ensino fundamental, enquanto que entre falantes com ensino médio, as variantes “adotado” e “adotivo” concorrem. Quanto ao fator idade, tanto jovens quanto idosos utilizam a lexia “adotivo”.

43. CURUMIM

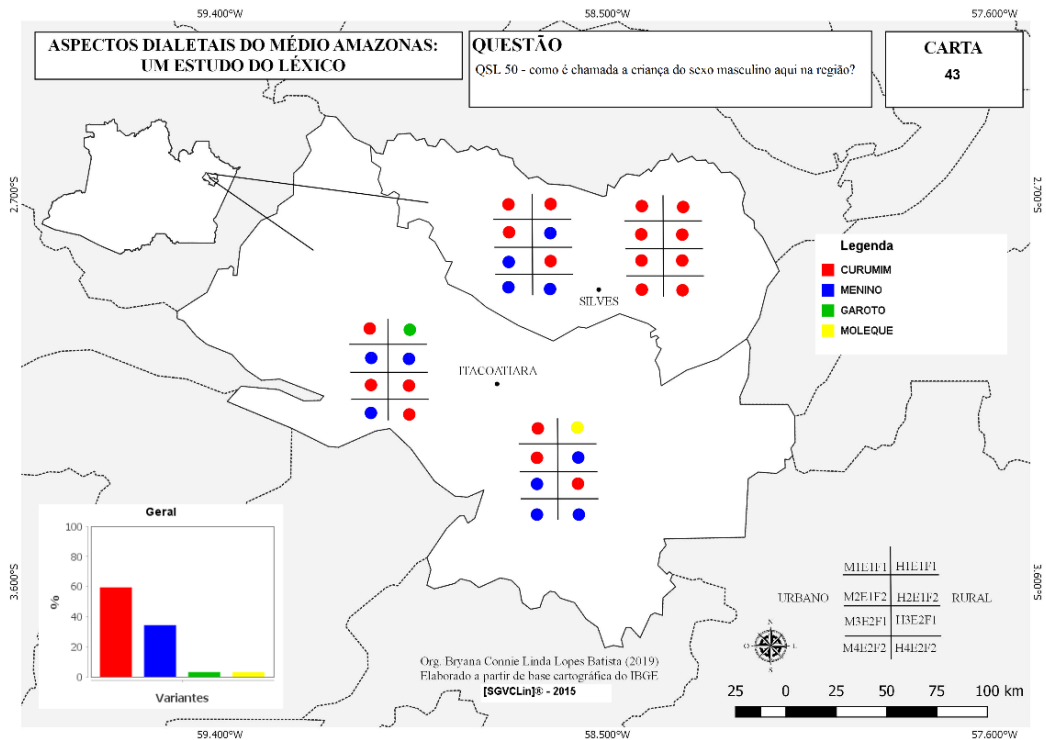
A Questão 50 “como é chamada a criança do sexo masculino aqui na região?” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 50, a seguir:

Quadro 50 -CURUMIM

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Curumim	19	59,38	4	50%	3	37,5%	4	50%	8	100%
Menino	11	34,38	3	37,5%	4	50%	4	50%	0	0
Moleque	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Garoto	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, no município de Itacoatiara, a variante “curumim” está em concorrência com a variante “menino”. Em Silves, estas duas também são concorrentes na área urbana do município, porém, na área rural, a variante “curumim” é a mais produtiva com 100% de frequência. A seguir, apresenta-se a carta linguística 43:

CARTA 43 -CURUMIM



Quanto ao fator idade, a variante “curumim” é mais produtiva entre os jovens, enquanto que entre os idosos a forma “menino” e “curumim” estão em concorrência. Quanto ao fator sexo, tanto homens quanto mulheres optam pela variante “curumim”. Quanto ao fator escolaridade, os falantes com ensino fundamental utilizam a forma “curumim” e os com ensino médio apresentam “curumim” e “menino” como concorrentes. Em Corrêa (1980) e em Campos (2005), encontra-se a forma “curumim” para este referente. Já em Cruz (2004), foram registradas as variantes “menino” e “garoto” em Itacoatiara.

44. MENINA/ CUNHANTAIN (CUNHANTÃ)

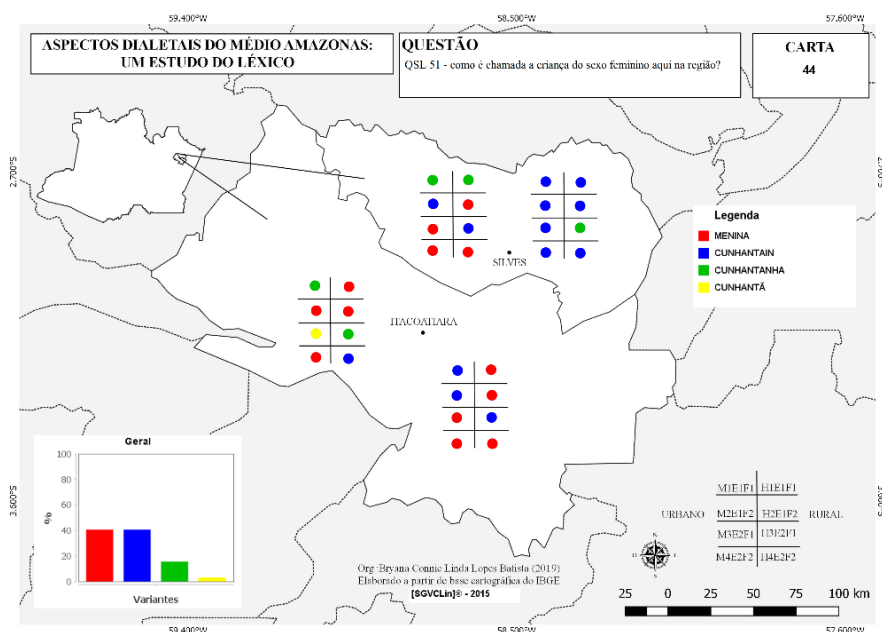
A Questão 51 “como é chamada a criança do sexo feminino aqui na região?” gerou 4 variantes lexicais, conforme distribuição no quadro 51 abaixo:

Quadro 51 -MENINA/ CUNHANTAIN (CUNHANTÃ)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Menina	13	40,62	4	50%	5	62,5%	4	50%	0	0
Cunhantain	13	40,62	1	12,5%	3	37,5%	2	25%	7	87,5%
Cunhantanha	5	15,62	2	25%	0	0	2	25%	1	12,5%
Cunhantã	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, observa-se que a variante “menina” e “cunhantain” estão em concorrência. Em Itacoatiara, a variante “menina” é a mais frequente. Em Silves, a variante “menina” é mais utilizada na área urbana, enquanto que a forma “cunhantain” é mais frequente na área rural. A seguir, apresenta-se a carta linguística 44:

CARTA 44 -MENINA/ CUNHANTAIN (CUNHANTÃ)



Em Corrêa (1980), encontra-se a forma “cunhantaim” para este referente. Já em Cruz (2004), foram encontradas, em Itacoatiara, as variantes “menina”, “garota”, “cunhantã” e “mocinha”.

45. GRÁVIDA

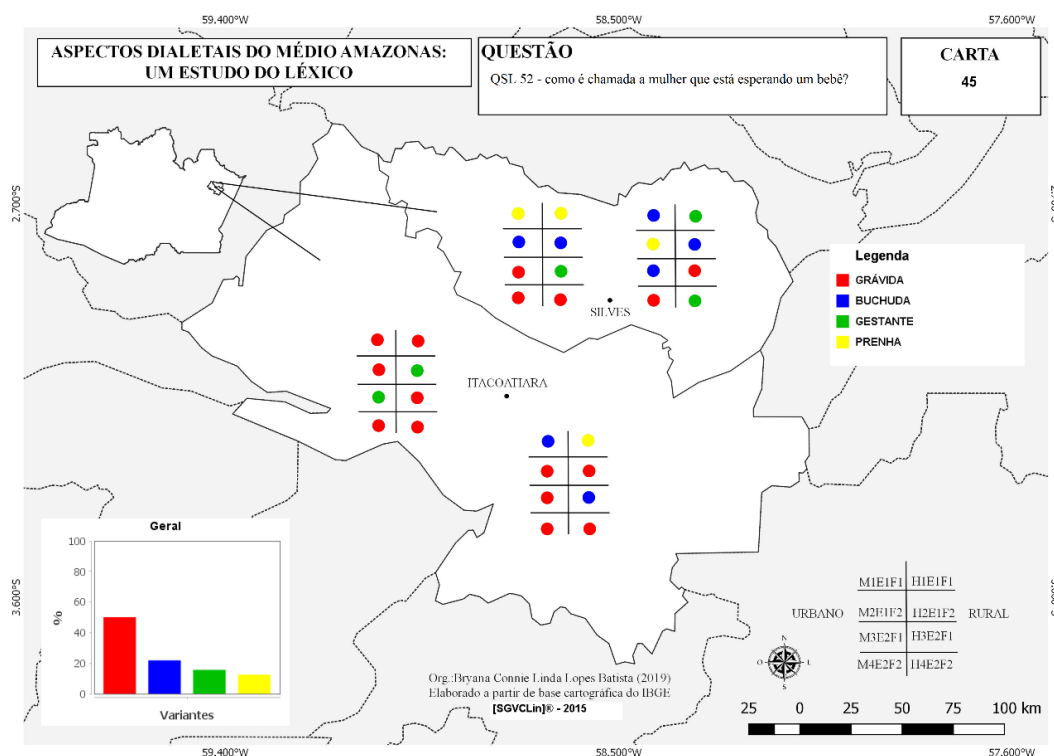
A Questão 52 “como é chamada a mulher que está esperando um bebê?” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 52 abaixo:

Quadro 52 -GRÁVIDA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Grávida	16	50	6	75%	5	62,5%	3	37,5%	2	25%
Buchuda	7	21,88	2	25%	2	25%	2	25%	3	37,5%
Gestante	5	15,62	0	0	0	0	1	12,5%	2	25%
Prenha	4	12,5	0	0	1	12,5%	2	25%	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Conforme os dados gerais, em Itacoatiara, a forma mais utilizada é “grávida”, enquanto que em Silves, esta variante está em concorrência com “buchuda”. Quanto aos fatores extralinguísticos, os falantes com o ensino médio optam por “grávida”, enquanto que entre os falantes com ensino fundamental, esta variante está em concorrência com “buchuda”. Em Campos (2005), foram registradas as variantes “prenha” e “buchuda” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 45:

CARTA 45 -GRÁVIDA



46. VIRGEM

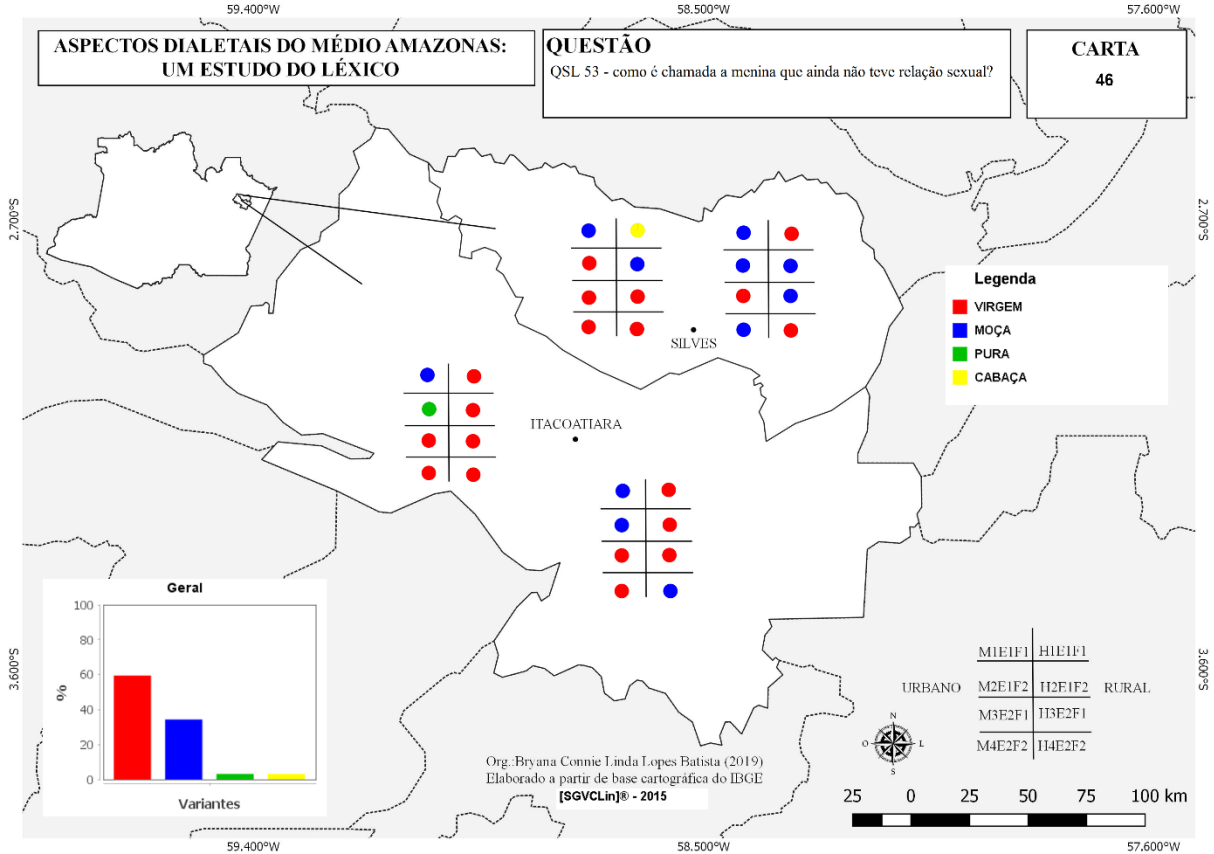
A Questão 53 “como é chamada a menina que ainda não teve relação sexual?” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 53 abaixo:

Quadro 53 -VIRGEM

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Virgem	19	59,38	6	75%	5	62,5%	5	62,5%	3	37,5%
Moça	11	34,38	1	12,5%	3	37,%	2	25%	5	62,5%
Pura	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Cabaça	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, no município de Itacoatiara, a variante “virgem” é predominante, enquanto que em Silves, a mesma concorre com a forma “moça”. Quanto ao fator sexo, a variante “virgem” é mais produtiva entre os homens, enquanto que a mesma concorre com “moça” entre as mulheres. Quanto ao fator escolaridade, os falantes com ensino fundamental optam por “moça” e os falantes com ensino médio usam a variante “virgem”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 46:

Carta 46 -VIRGEM



F. CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

Para este referente foram elaboradas 9 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: faladeira (tagarela), corno, mão de vaca, prostituta, cachaceiro, machuda, gay, mano e puxirum.

47. FALADEIRA

A Questão 54 “como é chamada a pessoa que fala demais?” gerou 10 variantes lexicais e 3 ocorrências de “vazio”, de acordo com o quadro 54 abaixo:

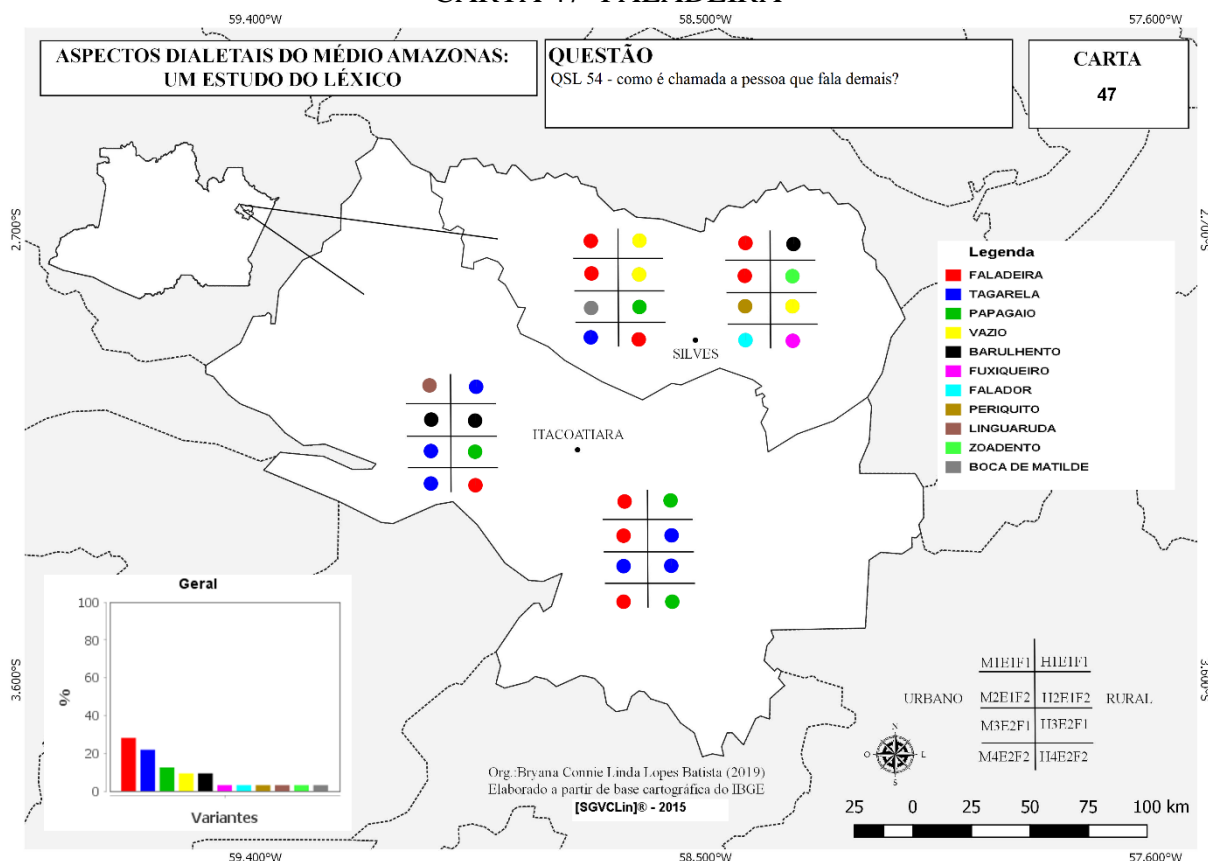
Quadro 54 -FALADEIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Faladeira	9	28,12	1	12,5%	3	37,5%	3	37,5%	2	25%
Tagarela	7	21,88	3	37,5%	3	37,5%	1	12,5%	0	0
Papagaio	4	12,50	1	12,5%	2	25%	1	12,5%	0	0
Barulhento	3	9,38	2	25%	0	0	0	0	1	12,5%
Vazio*	3	9,38	0	0	0	0	2	25%	1	12,5%
Boca de Matilde	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Linguaruda	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Falador	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Fuxiqueiro	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Periquito	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Zoadento	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados acima, esta questão apresentou muitas variantes, apresentando as variantes “faladeira” e “tagarela” como as mais produtivas. Em Itacoatiara, a variante “tagarela” foi mais utilizada tanto na área urbana quanto na área rural. Já em Silves, a variante “faladeira” foi a mais produtiva. Quanto aos fatores sociais, a variante “faladeira” é mais produtiva entre falantes com ensino fundamental e entre os idosos. Já entre os falantes com ensino médio (31,25%) e entre os jovens, a lexia mais utilizada é “tagarela”. Entre as mulheres, a forma mais usada é “faladeira” e, entre os homens, a variante “papagaio” (25%) é mais predominante. A seguir, apresenta-se a carta linguística 47:

CARTA 47 - FALADEIRA



48. CORNO/CHIFRUDO

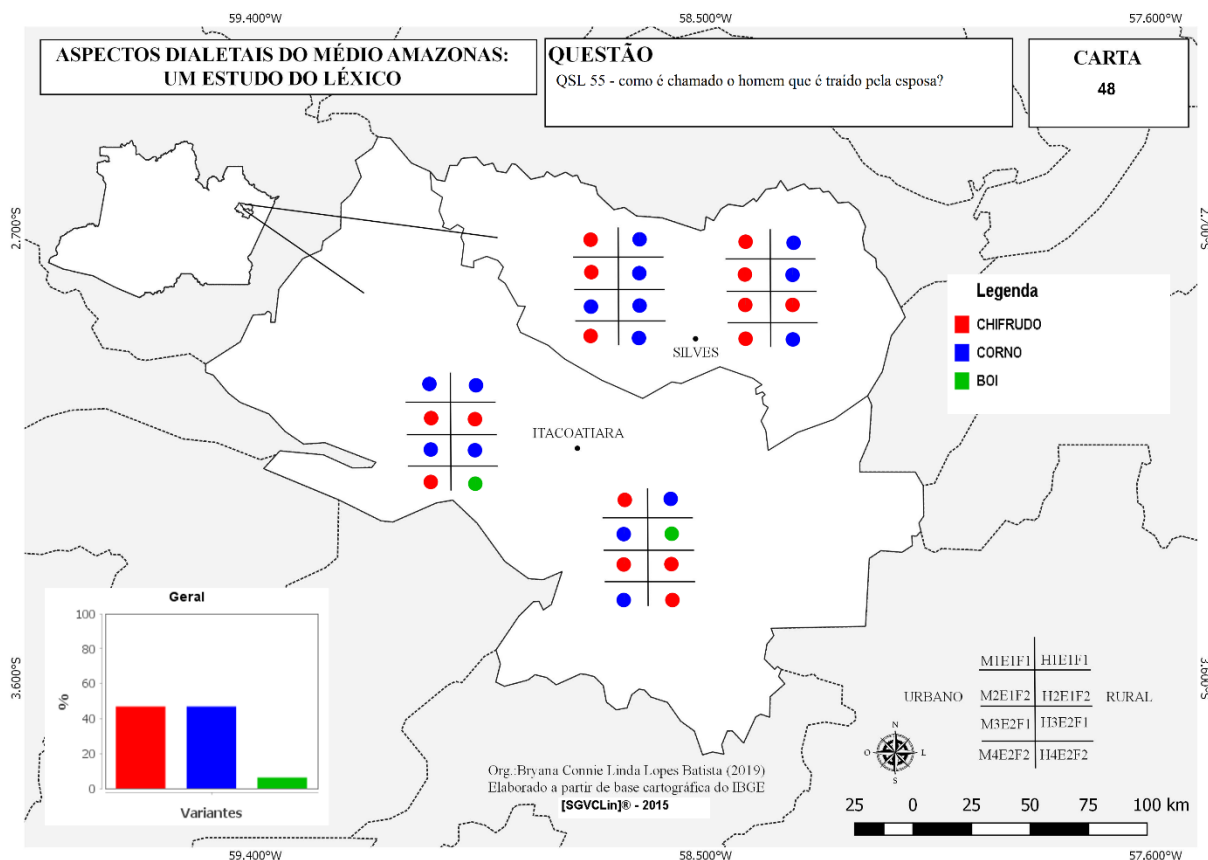
A Questão 55 “como é chamado o homem que é traído pela esposa?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 55, a seguir:

Quadro 55 -CHIFRUDO/CORNO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Corno	15	46,88	4	50%	3	37,5%	5	62,5%	3	37,5%
Chifrudo	15	46,88	3	37,5%	4	50%	3	37,5%	5	62,5%
Boi	2	6,25	1	12,5%	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, tanto em Itacoatiara quanto em Silves, as variantes “chifrudo” e “corno” concorrem com a mesma frequência. Quanto aos fatores sociais, a variante “chifrudo” é mais utilizada entre mulheres, entre falantes com o ensino médio e entre idosos. Enquanto isso, a forma “corno” é mais produtiva entre homens, entre falantes com o ensino fundamental e entre jovens. Em Azevedo (2013), encontra-se a forma “corno” com 93% de frequência. A seguir, apresenta-se a carta linguística 48:

CARTA 48 -CHIFRUDO/CORNO



49. MÃO DE VACA

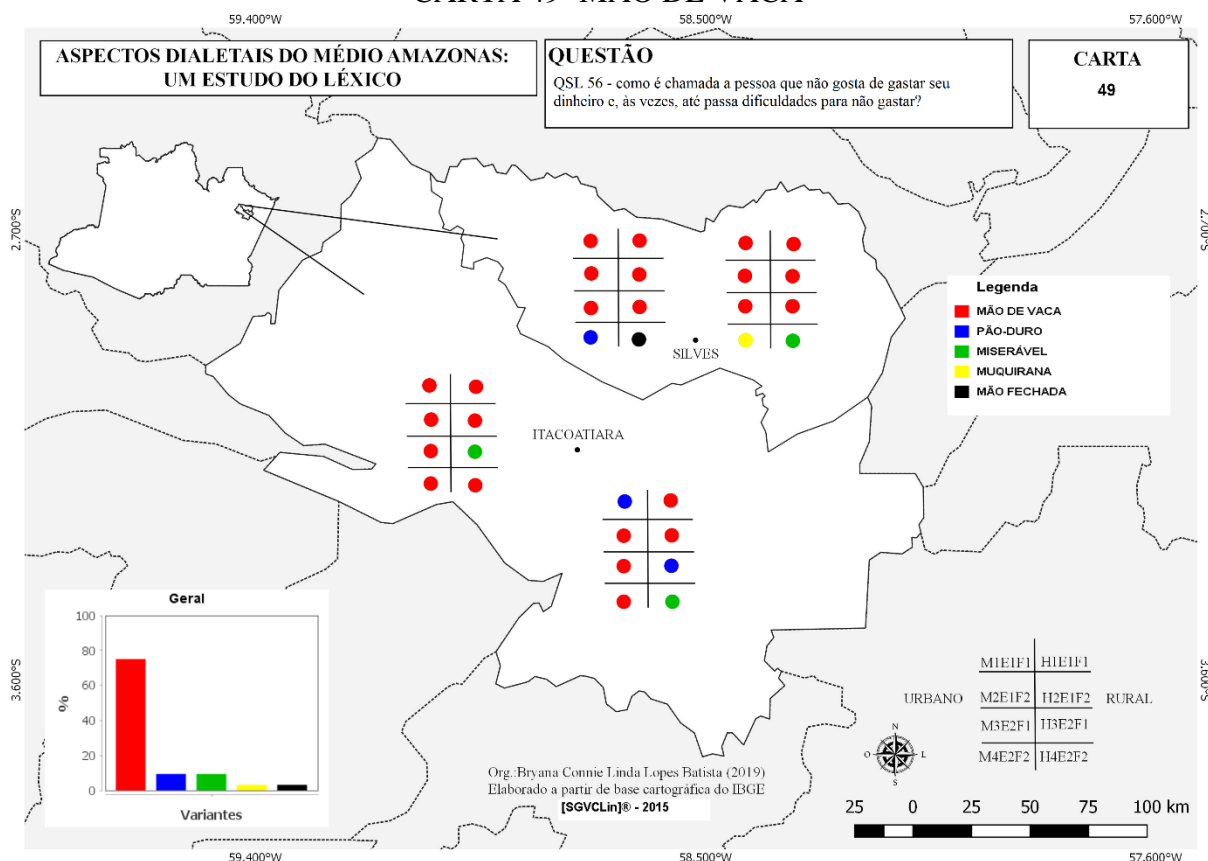
A Questão 56 “como é chamada a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 56 abaixo:

Quadro 56 -MÃO DE VACA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mão de vaca	24	75	7	87,5%	5	62,5%	6	75%	6	75%
Miserável	3	9,38	1	12,5%	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Pão-duro	3	9,38	0	0	2	25%	1	12,5%	0	0
Muquirana	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Mão fechada	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos resultados gerais, a variante “mão de vaca” é predominante nos dois municípios. A seguir, apresenta-se a carta linguística 49:

CARTA 49 - MÃO DE VACA



50. PROSTITUTA

A Questão 57 “como é chamada a mulher que se vende para qualquer homem?” gerou 8 variantes lexicais, conforme quadro 57 abaixo:

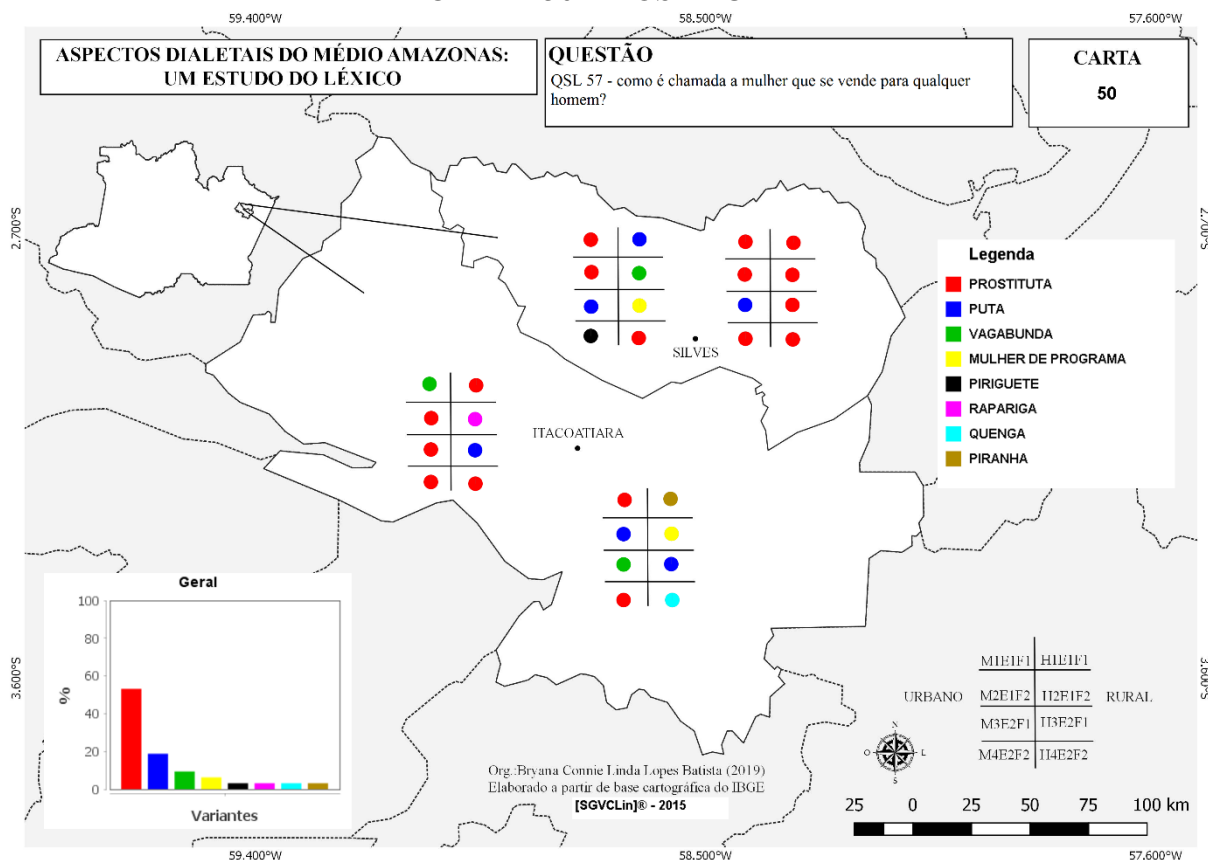
Quadro 57 -PROSTITUTA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Prostituta	17	53,12	5	62,5%	2	25%	3	37,5%	7	87,5%
Puta	6	18,75	1	12,5%	2	25%	2	25%	1	12,5%
Vagabunda	3	9,38	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Mulher de programa	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Rapariga	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Piranha	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Quenga	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Pirigüete	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos resultados gerais, observa-se que nos dois municípios a variante “prostituta” é predominante em Silves, principalmente na área rural. Em Itacoatiara, na área rural, há concorrência entre “prostituta” e “puta”. Em Cruz (2004), foi registrada a forma

“prostituta”, no município de Itacoatiara, Em Campos (2005), foram registradas as variantes “bisca” e “mulher da vida” para esta referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 50:

CARTA 50 -PROSTITUTA



51. CACHACEIRO

A Questão 58 “como é chamada a pessoa que bebe demais?” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 58 abaixo:

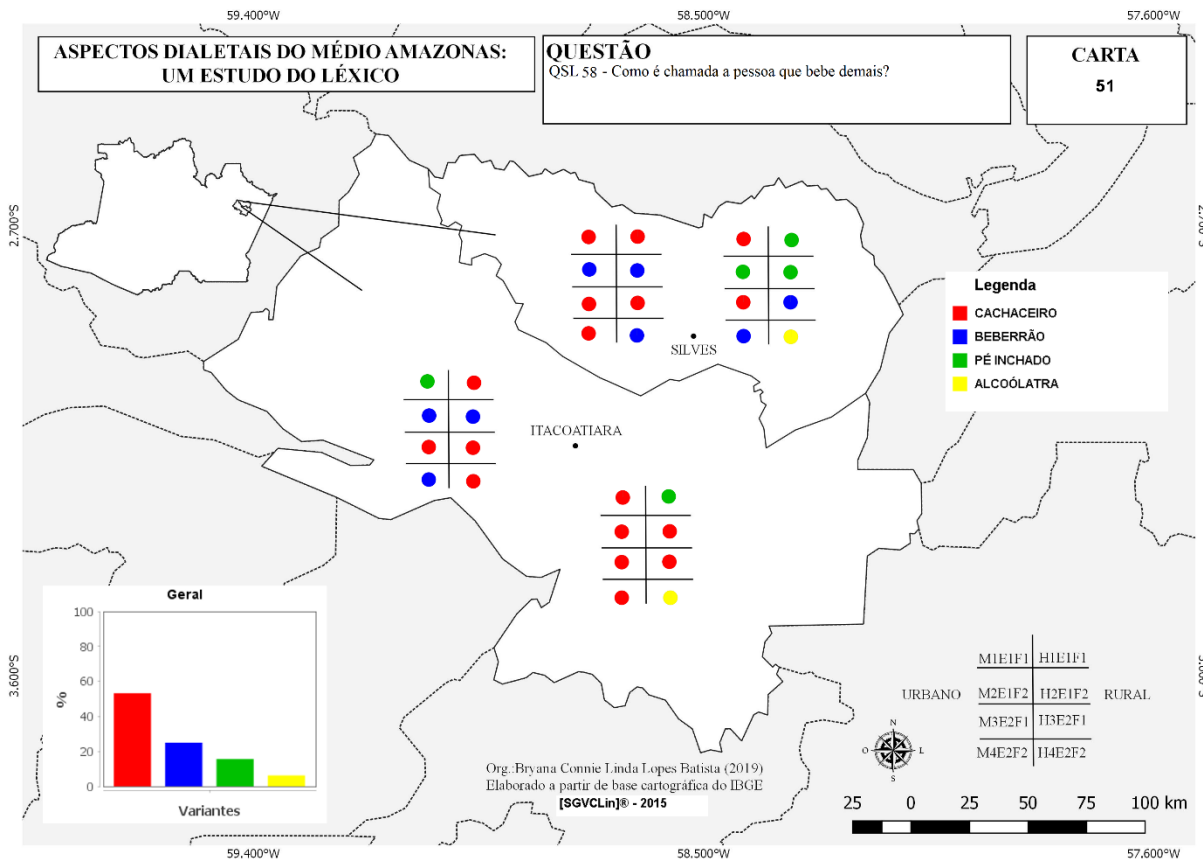
Quadro 58 -CACHACEIRO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Cachaceiro	17	53,12	4	50%	6	75%	5	62,5%	2	25%
Beberrão	8	25	3	37,5%	0	0	3	37,5%	2	25%
Pé inchado	5	15,62	1	12,5%	1	12,5%	0	0	3	37,5%
Alcoólatra	2	6,25	0	0	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos resultados gerais, a lexia “cachaceiro” é a mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Em Silves, a forma mais predominante na área urbana foi “cachaceiro” e na área rural foi “pé inchado”. Quanto ao fator idade, a forma “cachaceiro” é mais produtiva entre os jovens; já entre os idosos, a lexia “beberrão” foi a mais

utilizada. Em Cruz (2004), as variantes “alcoólatra”, “alcoólico”, “pé-inchado” e “beberrão” foram encontradas em Itacoatiara. A seguir, apresenta-se a carta linguística 51:

CARTA 51 -CACHACEIRO



52. MACHUDA

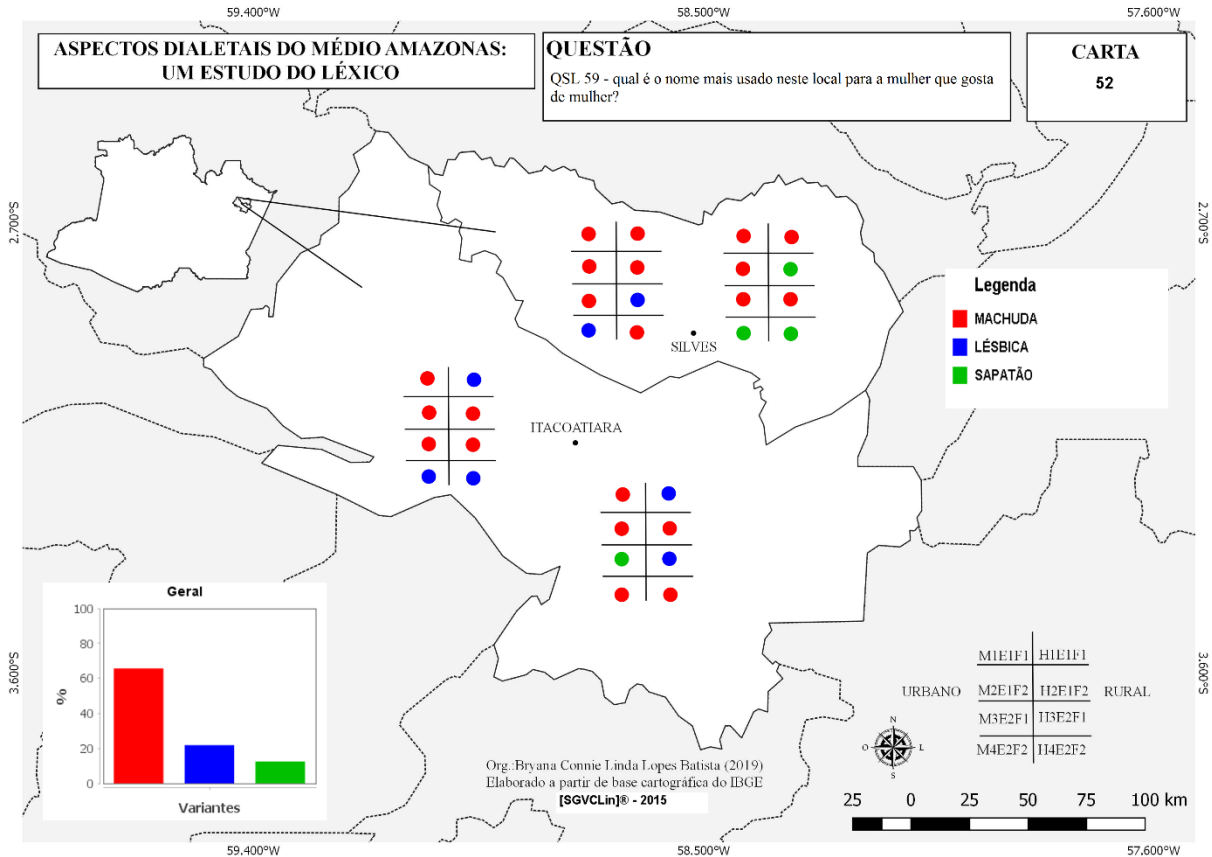
A Questão 59 “qual é o nome mais usado neste local para a mulher que gosta de mulher?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 59 abaixo:

Quadro 59 -MACHUDA

Variantes	Total	%	Itacoatiara		Silves	
			Urbano	Rural	Urbano	Rural
Machuda	21	65,62	5	62,5%	5	62,5%
Lésbica	7	21,88	3	37,5%	2	25%
Sapatão	4	12,5	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “machuda” é a mais produtiva tanto em Silves quanto em Itacoatiara. A seguir, apresenta-se a carta linguística 52:

CARTA 52 -MACHUDA



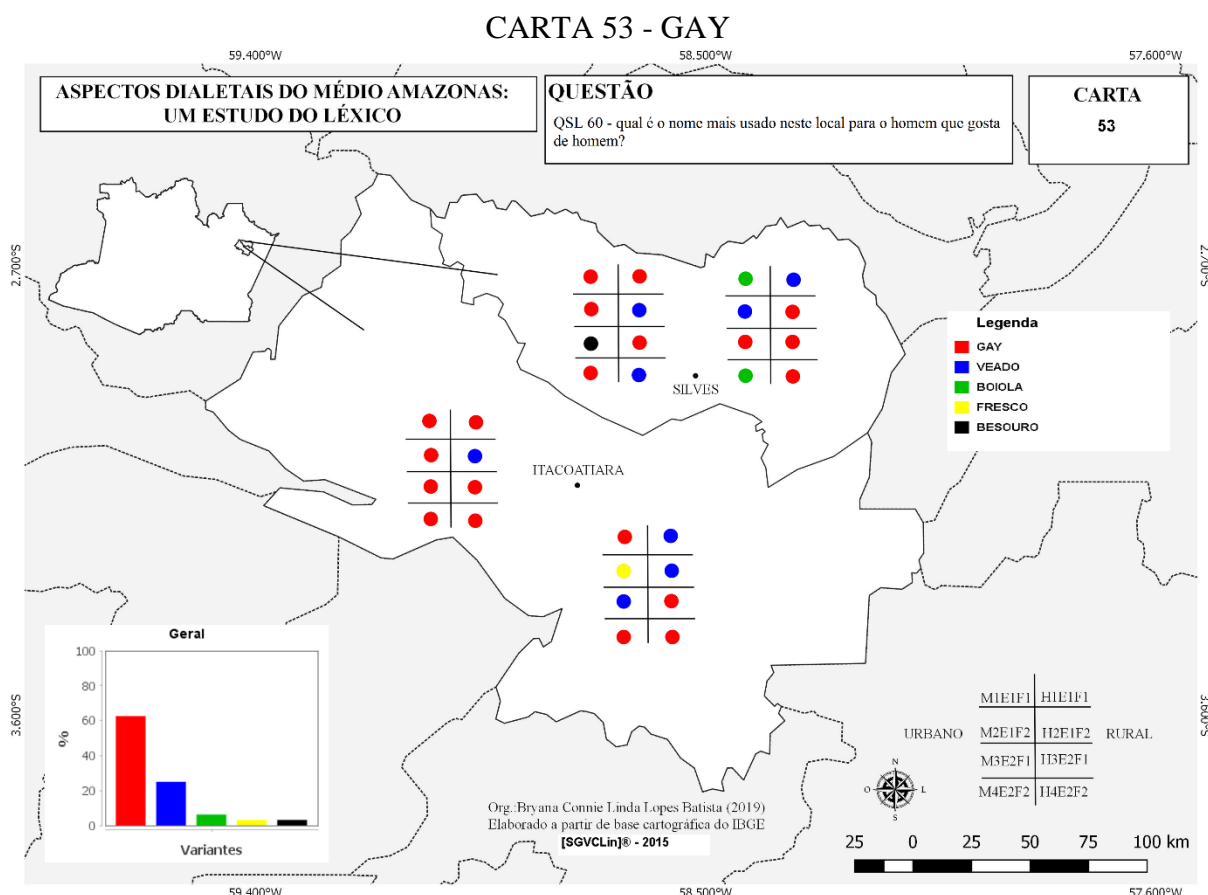
53. GAY

A Questão 60 “qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 60 abaixo:

Quadro 60 -GAY

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Gay	20	62,5	7	87,5%	4	50%	5	62,5%	4	50%
Veado	8	25	1	12,5%	3	37,5%	2	25%	2	25%
Boiola	2	6,25	0	0	0	0	0	0	2	25%
Besouro	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Fresco	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “gay” é a mais produtiva em Itacoatiara e Silves, principalmente na área urbana. Quanto ao fator idade, a lexia “gay” é mais produtiva entre jovens. A seguir, apresenta-se a carta linguística 53:



54. MANO

A Questão 61 “qual é o termo afetivo que você usa para falar com algum irmão, parente ou amigo?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 61 abaixo:

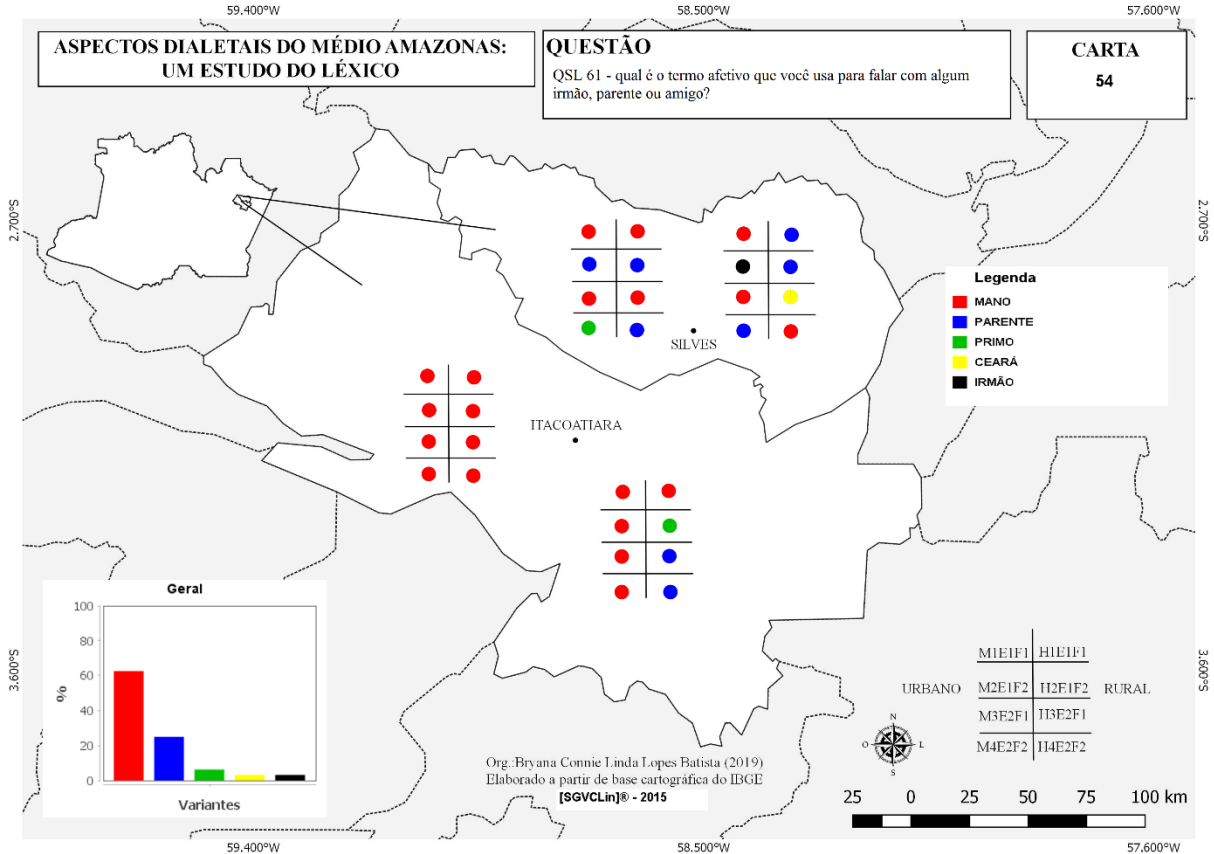
Quadro 61 -MANO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mano	20	62,5	8	100%	5	62,5%	4	50%	3	37,5%
Parente	8	25	0	0	2	25%	3	37,5%	3	37,5%
Primo	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Ceará	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Irmão	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Conforme os resultados gerais, a variante “mano” é a mais produtiva. No município de Itacoatiara, esta variante é predominante na área urbana, onde atingiu 100% de frequência. Em Silves, esta variante concorre com a forma “parente”, principalmente na área rural. Esta forma também é a mais falada entre jovens e entre mulheres. Já entre os homens e entre idosos, as variante “mano” e “parente” estão em concorrência. Para este referente, Corrêa (1980) registra as formas “mano”, “manozinho” e “maninho”. Campos (2005) também

registra as variantes “maninha”, “manazinha” e maninhazinha”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 54:

CARTA 54-MANO



55. PUXIRUM

A Questão 62 “qual é o nome dado à reunião de trabalhadores que vão ajudar a plantar maniva no roçado de alguém?” gerou 3 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme distribuição no quadro 62 abaixo:

Quadro 62-PUXIRUM

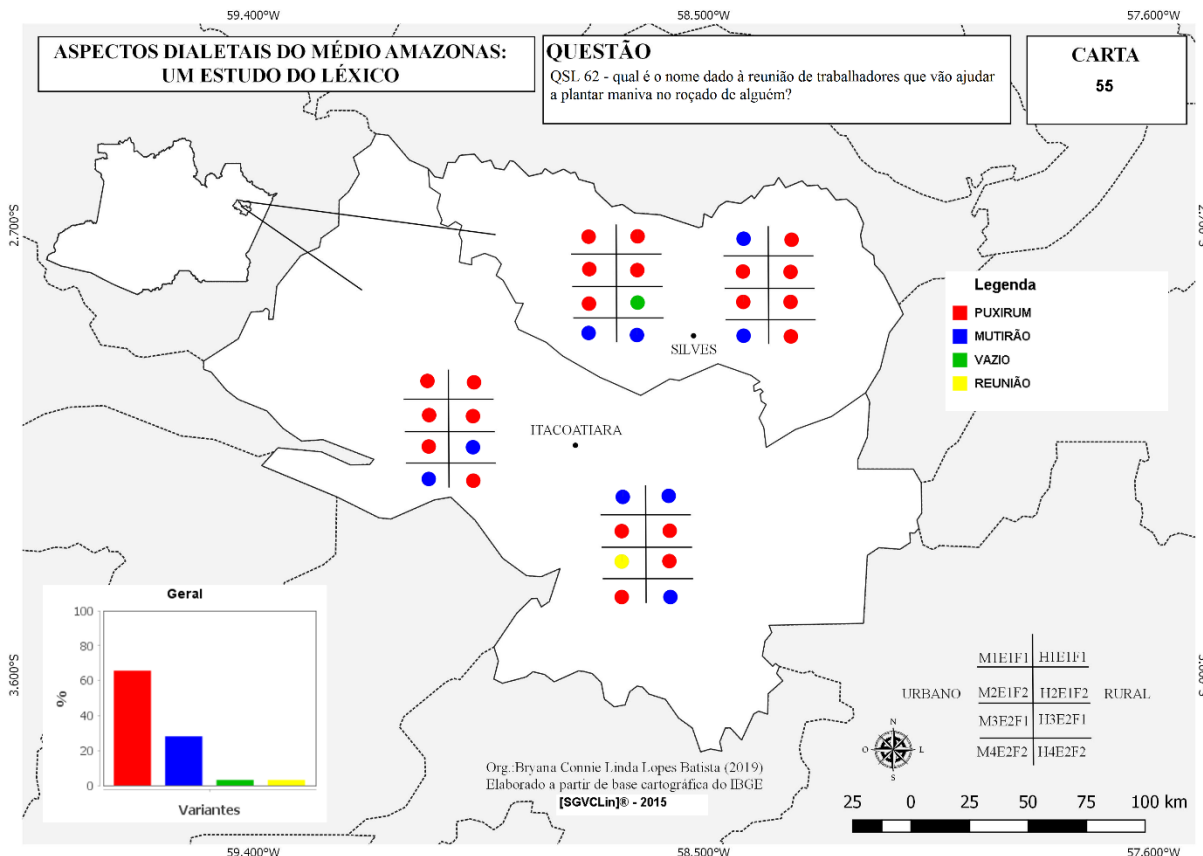
Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Puxirum	21	65,62	6	75%	4	50%	5	62,5%	6	75%
Mutirão	9	28,12	2	25%	3	37,5%	2	25%	2	25%
Reunião	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Conforme os resultados gerais, a lexia “puxirum” é predominante tanto no município de Itacoatiara quanto no município de Silves. Para este referente, encontra-se em Corrêa (1980) as formas “puxirum” e “ajuri”. Em Campos (2005), encontra-se as variantes “ajuri”,

“juri”, “puxirum” e “mutirão”. A variante “ajuri” registra-se com maior produtividade em Cruz (2005) e Azevedo (2013). A seguir, apresenta-se a carta linguística 55:

CARTA 55 -PUXIRUM



G. SAÚDE

Para este campo semântico foram elaboradas 7 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: curuba (coruba), papeira, mingau de caridade, empachado, mijação, impinja (impingem) e frieira. Por apresentarem 100% de produtividade nos dois municípios, os referentes “catapora” e “tuxina” não possuem cartas linguísticas.

56. CURUBA (CORUBA)

A Questão 63 “como são chamadas aquelas feridas pelo corpo?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 63 abaixo:

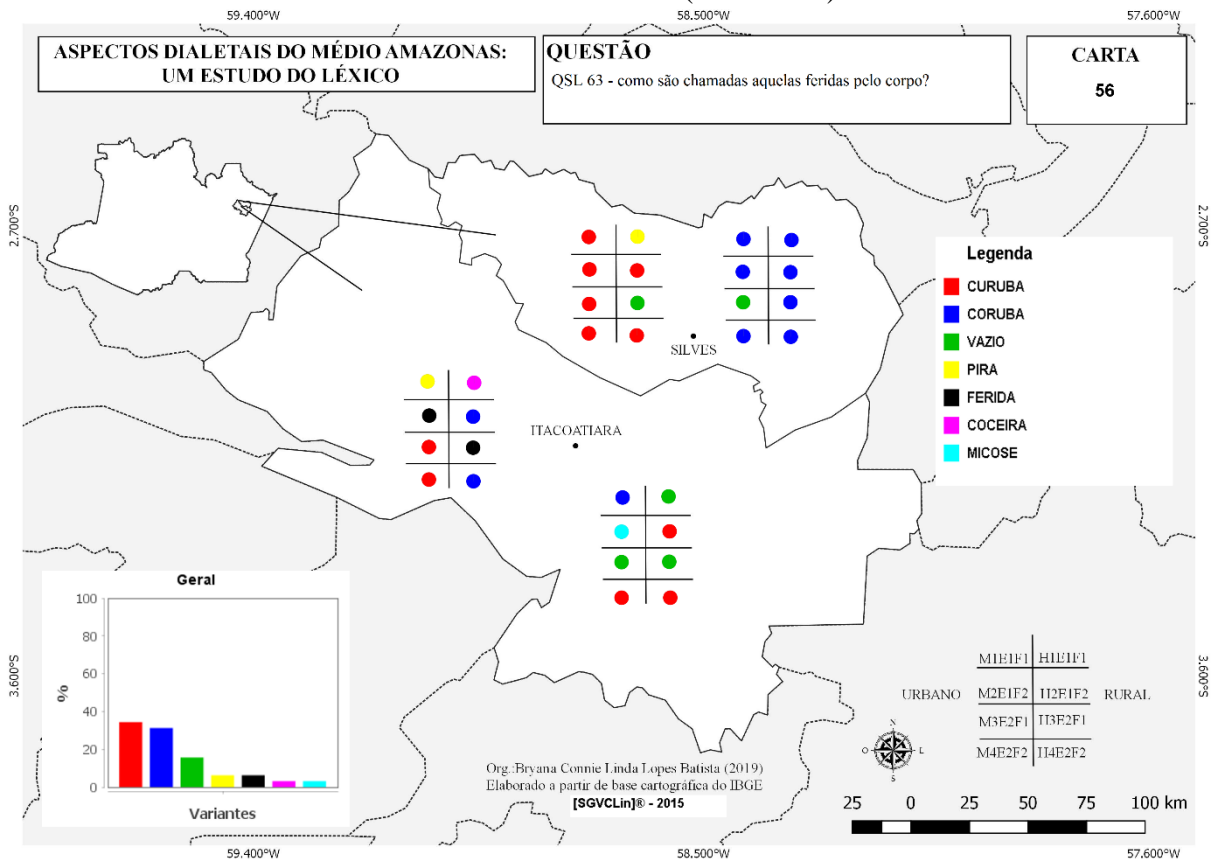
Quadro 63 - CURUBA (CORUBA)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Curuba	11	34,38	2	25%	3	37,5%	6	75%	0	0
Coruba	10	31,25	2	25%	1	12,5%	0	0	7	87,5%
Vazio*	5	15,62	0	0	3	37,5%	1	12,5%	1	12,5%
Pira	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Ferida	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Coceira	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Micose	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, a variante “curuba” está em variação fonético-fonológica com a variante “coruba”. Diante disso, esta variante “curuba” é mais produtiva em Itacoatiara e, em Silves, é mais frequente na área urbana, enquanto que a variante “coruba” é mais utilizada na área rural. Em Corrêa (1980), encontram-se as formas “coruba” e “corubento” para este referente. Já em Cruz (2004), foram encontradas no município de Itacoatiara as variantes “coruba”, “ferida” e “pereba”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 56:

CARTA 56 - CURUBA (CORUBA)



57. PAPEIRA

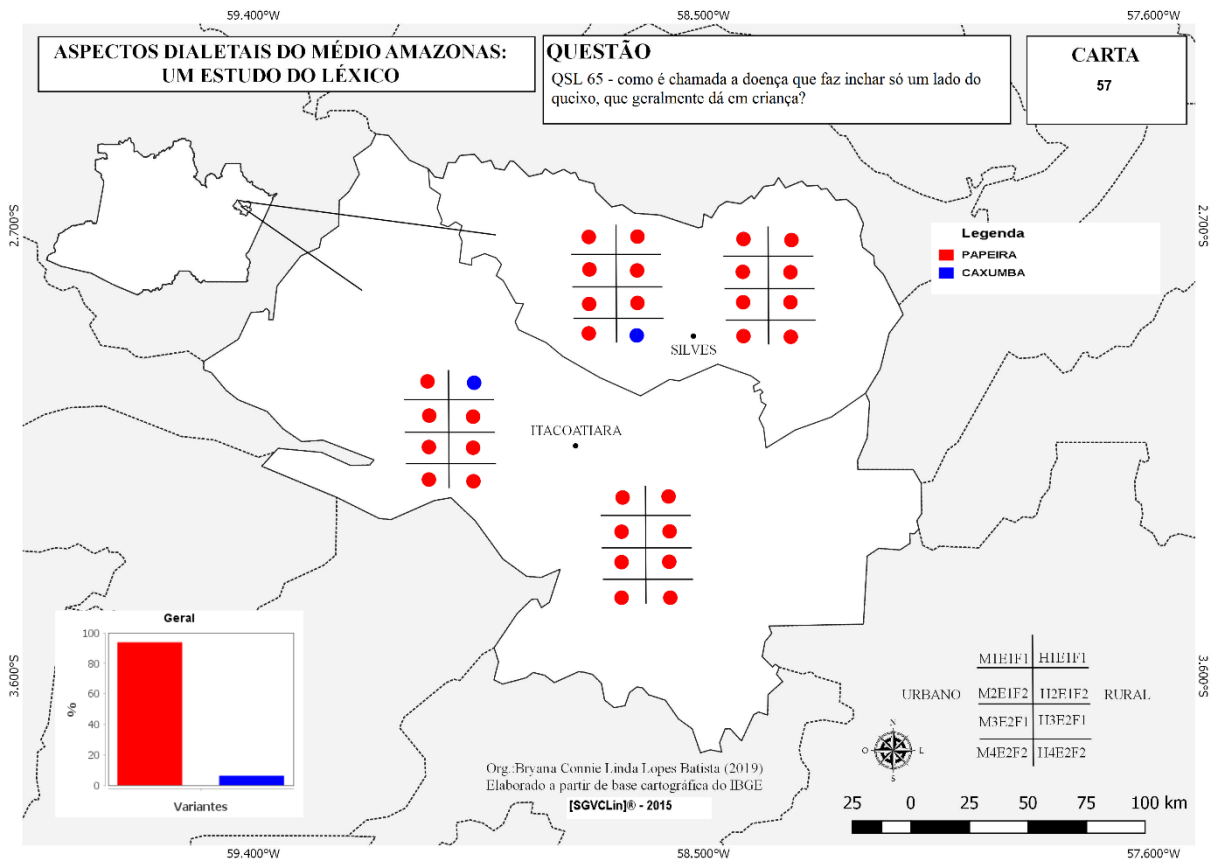
A Questão 65 “como é chamada a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança?” gerou 2 variantes lexicais, conforme quadro 64 abaixo:

Quadro 64-PAPEIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Papeira	30	93,75	7	87,5%	8	100%	7	87,5%	8	100%
Caxumba	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Conforme os dados gerais, a variante “papeira” é produtiva em Itacoatiara e Silves, principalmente na área rural com 100% de frequência. Para este referente, encontra-se em Corrêa (1980), Cruz (2004) e Campos (2005) apresenta a lexia “papeira” como a mais frequente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 57:

CARTA 57 -PAPEIRA



58. MINGAU DE CARIDADE

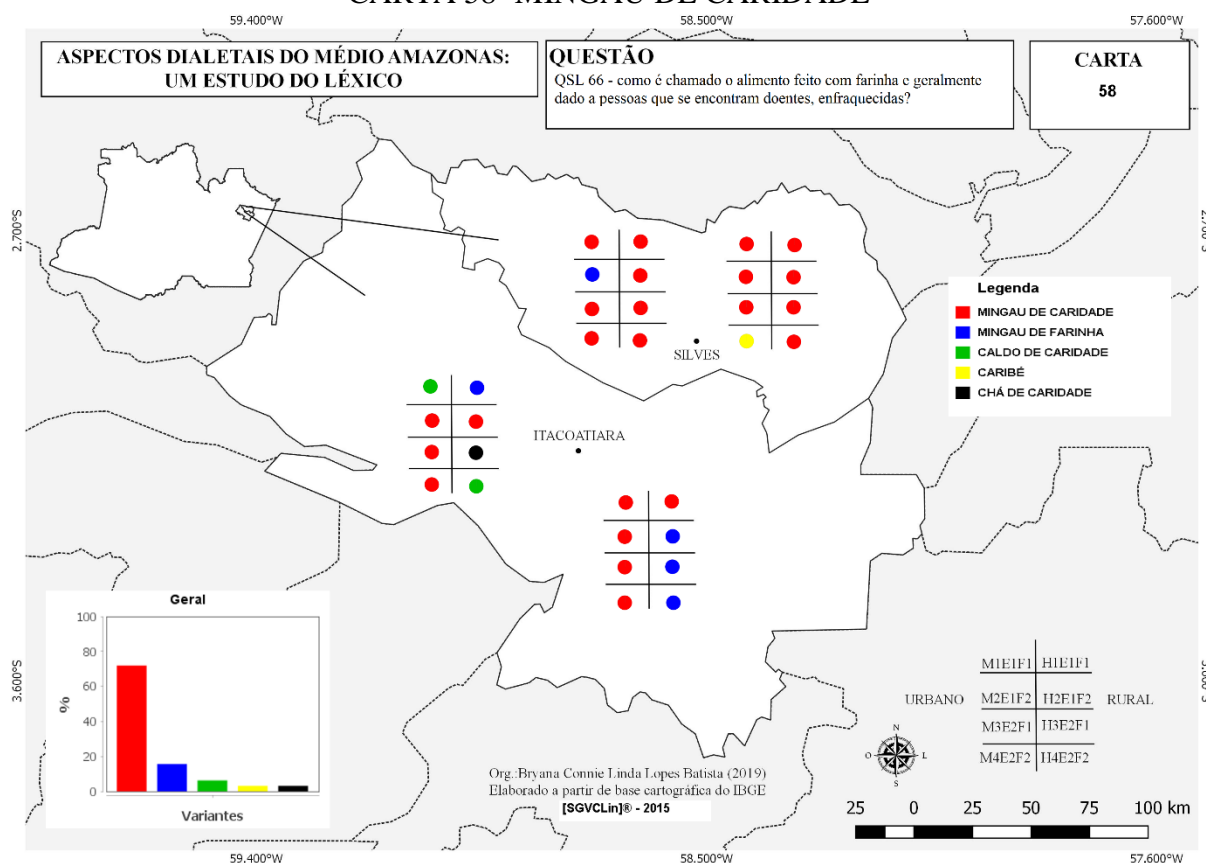
A Questão 66 “como é chamado o alimento feito com farinha e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 65 abaixo:

Quadro 65 -MINGAU DE CARIDADE

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mingau de caridade	23	71,88	4	50%	5	62,5%	7	87,5%	7	87,5%
Mingau de farinha	5	15,62	1	25%	3	37,5%	1	12,5%	0	0
Caldo de caridade	2	6,25	2	12,5%	0	0	0	0	0	0
Chá de caridade	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Caribé	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os resultados gerais, a variante “mingau de caridade” é predominante nos dois municípios. Em Corrêa (1980), Cruz (2004) e Campos (2005) encontra-se a forma “mingau de caridade” para esta receita própria para pessoas doentes. Em Maia (2018) foram registradas as formas “caldo de (a) caridade”, “mingau de (a) caridade”, “caridade” e “mingau de farinha”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 58:

CARTA 58 -MINGAU DE CARIDADE



59. EMPACHADO

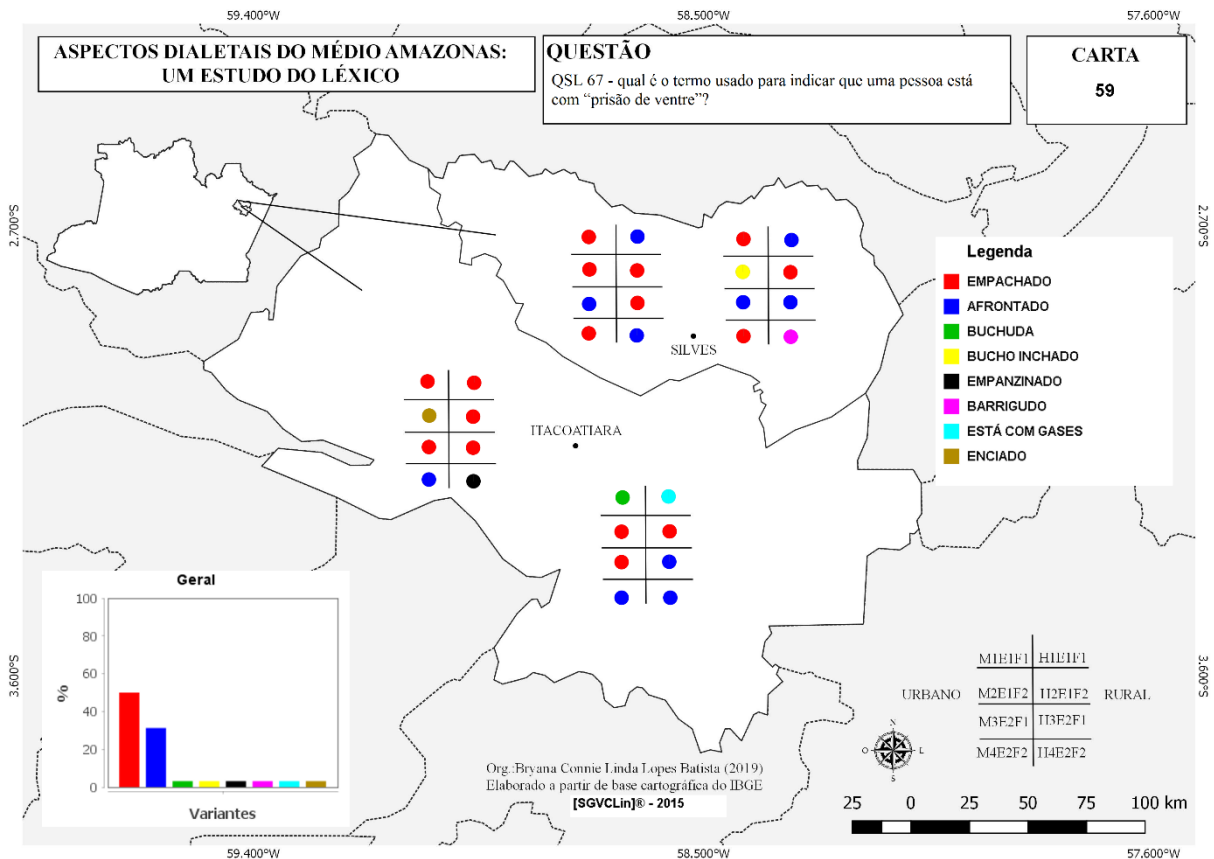
A Questão 67 “qual é o termo usado para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”?” gerou 8 variantes lexicais, conforme quadro 66 abaixo:

Quadro 66 -EMPACHADO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Empachado	16	50	5	62,5%	3	37,5%	5	62,5%	3	37,5%
Afrontado	10	31,25	1	12,5%	3	37,5%	3	37,5%	3	37,5%
Empanzinado	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Barrioudo	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Está com gases	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Bucho inchado	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Enciado	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Buchuda	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “empachado” é mais produtiva em Itacoatiara e Silves. Na área urbana dos municípios esta variante também predomina, enquanto que na área rural, ela concorre com a forma “afrontado”. Entre as mulheres, a variante “empachado” é a mais produtiva, enquanto que entre os homens, esta variante concorre com a forma “afrontado”. Quanto ao fator escolaridade, a variante “empachado” é mais produtiva entre falantes com ensino fundamental, enquanto que entre falantes com o ensino médio, o mais utilizado é “afrontado”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 59:

Carta 59 -EMPACHADO



Para este referente, Corrêa (1980) registrou “vento encausado”, “empachado” e “entupido”. Já em Cruz (2004), no município de Itacoatiara, registra-se a variante “prisão de ventre”. Campos (2005) registrou “afrontado”, “empazinado” e “vento encausado” para pessoa com estômago cheio demais.

60. MIJACÃO

A Questão 68 “como é chamada a doença de pele causada pela entrada de parasitas através de feridas ou cortes na pele, causando sintomas como coceira e vermelhidão? (Imagem 11)” gerou 5 variantes lexicais e 6 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 67 abaixo:

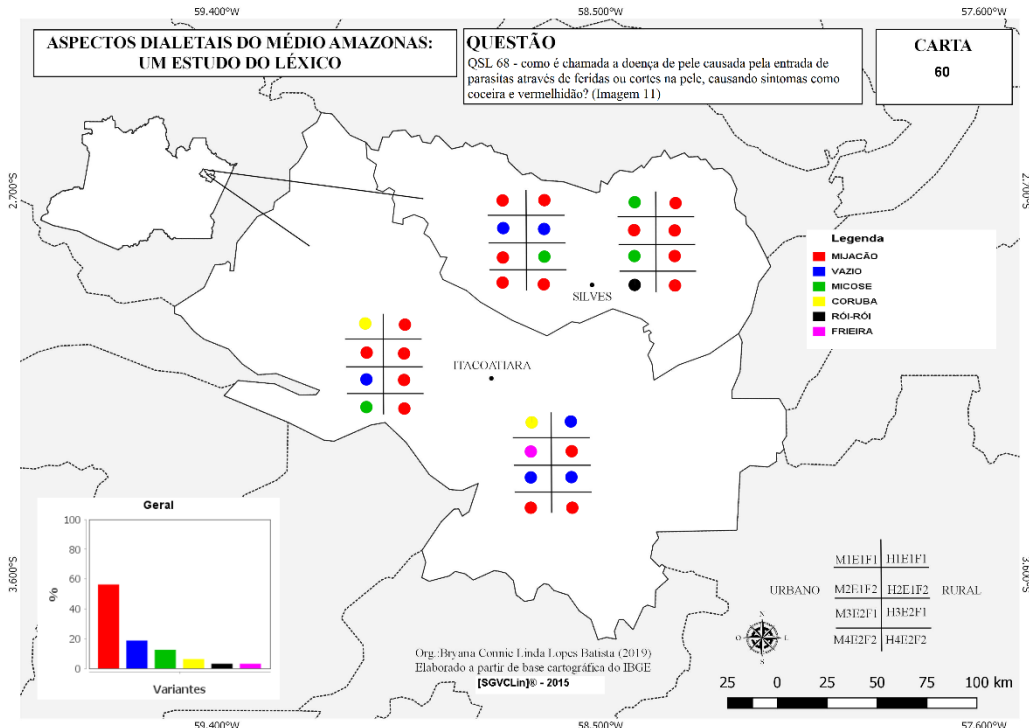
Quadro 67 -MIJACÃO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mijacão	18	56,25	5	62,5%	3	37,5%	5	62,5%	5	62,5%
Vazio*	6	18,75	1	12,5%	3	37,5%	2	25%	0	0
Micose	4	12,5	1	12,5%	0	0	1	12,5%	2	25%
Coruba	2	6,25	1	12,5%	1	12,5%	0	0	0	0
Rói-rói	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Frieira	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, a forma “mijacão” é a mais produtiva em Itacoatiara e Silves. A seguir, apresenta-se a carta linguística 60:

CARTA 60 - MIJACÃO



61. IMPINJA

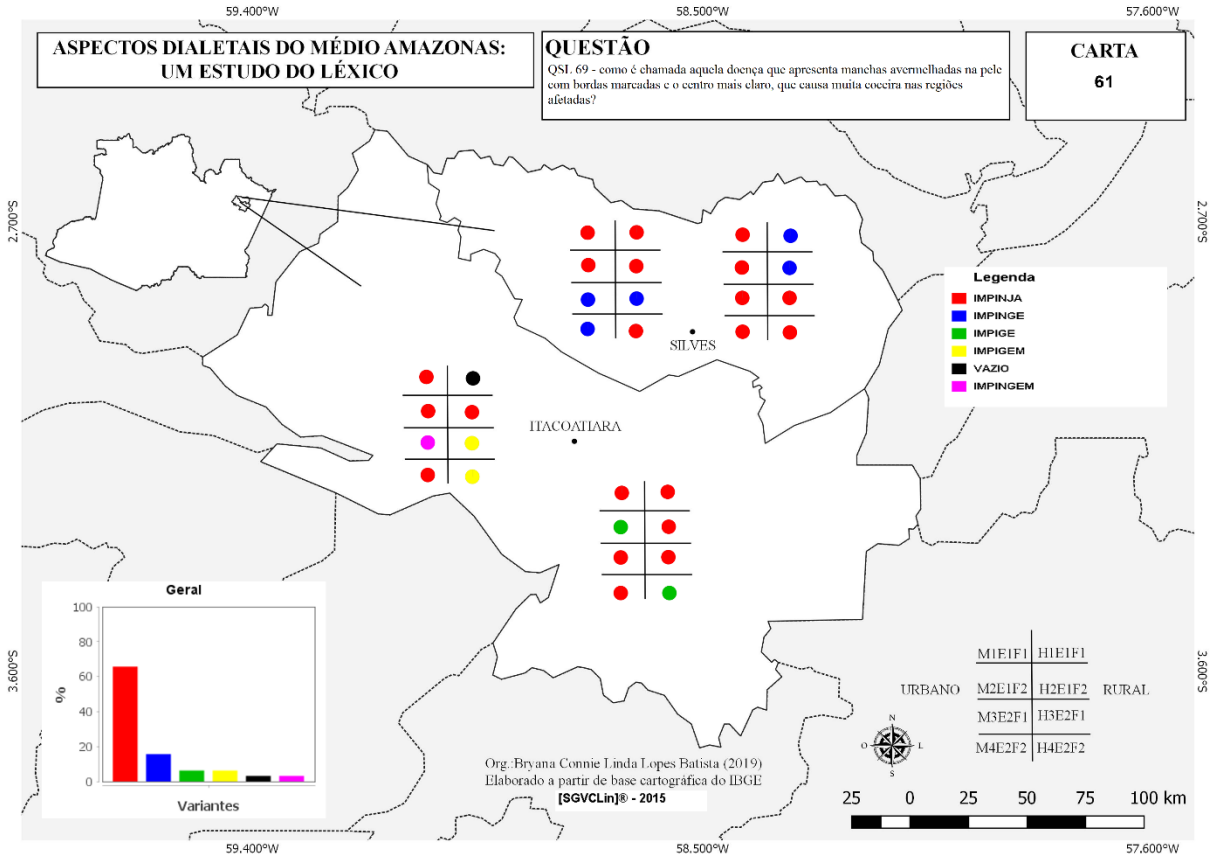
A Questão 69 “como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele com bordas marcadas e o centro mais claro, que causa muita coceira nas regiões afetadas?” gerou 5 variantes, conforme quadro 68 abaixo:

Quadro 68- IMPINJA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Impinja	21	62,62	4	50%	6	75%	5	62,5%	6	75%
Impinge	5	15,62	0	0	0	0	3	37,5%	2	25%
Impigem	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Impige	2	6,24	0	0	2	25%	0	0	0	0
Vazio	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Impingem	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados acima, a variante “impinja”, principalmente na área rural dos dois municípios. A seguir, apresenta-se a carta linguística 61:

CARTA 61 - IMPINJA



62. FRIEIRA

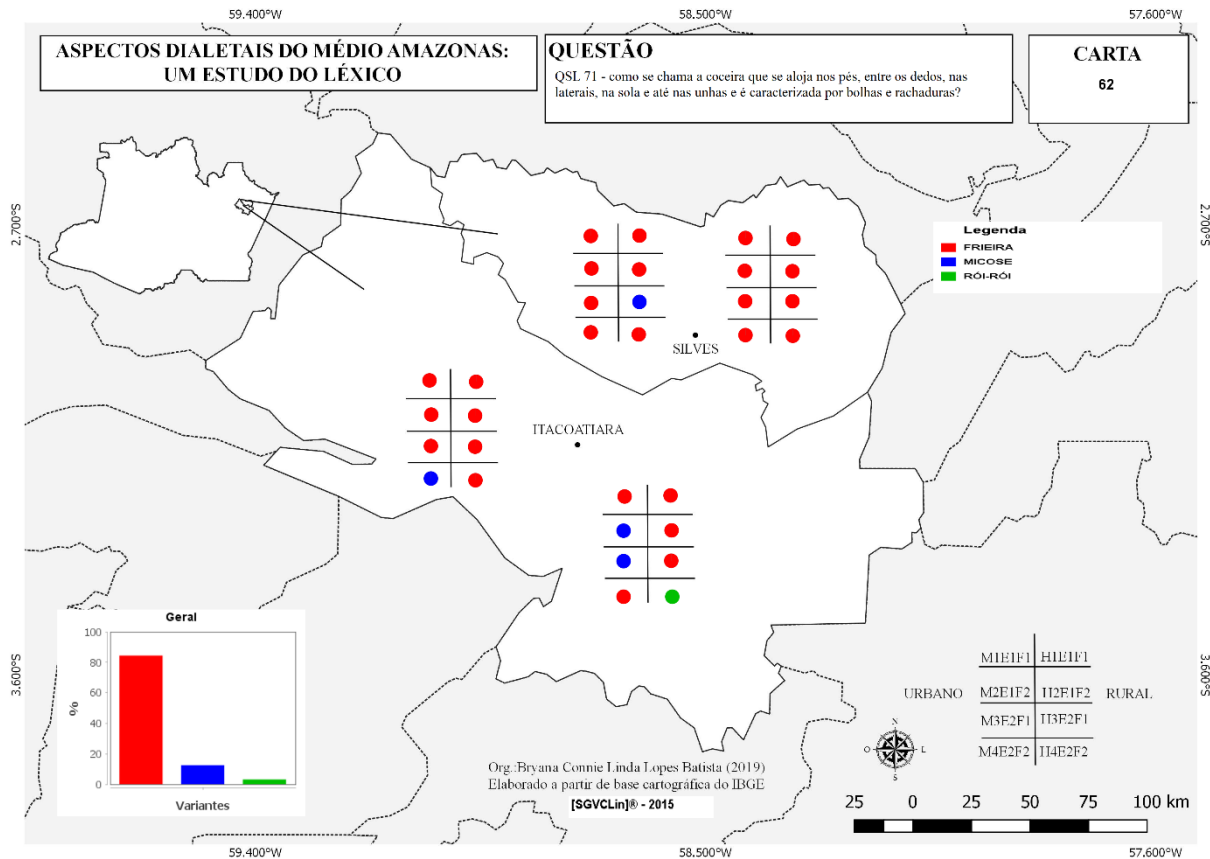
A Questão 71 “como se chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais, na sola e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 69 abaixo:

Quadro 69 -FRIEIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Frieira	27	84,38	7	87,5%	5	62,5%	7	87,5%	8	100%
Micose	4	12,5	1	12,5%	2	25%	1	12,5%	0	0%
Rói-rói	1	3,12	0	0%	1	12,5%	0	0%	0	0%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Conforme os resultados gerais, a variante “frieira” é predominante no município de Itacoatiara e Silves, onde apresenta 100% de frequência na área rural. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 62:

CARTA 62 -FRIEIRA



H. RELIGIÃO E CRENÇAS

Para este campo semântico foram elaboradas 5 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: satanás, visagem, benzedeira, curandeiro e mau-olhado.

63. SATANÁS

A Questão 72 “que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?” gerou 5 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme quadro 70, a seguir:

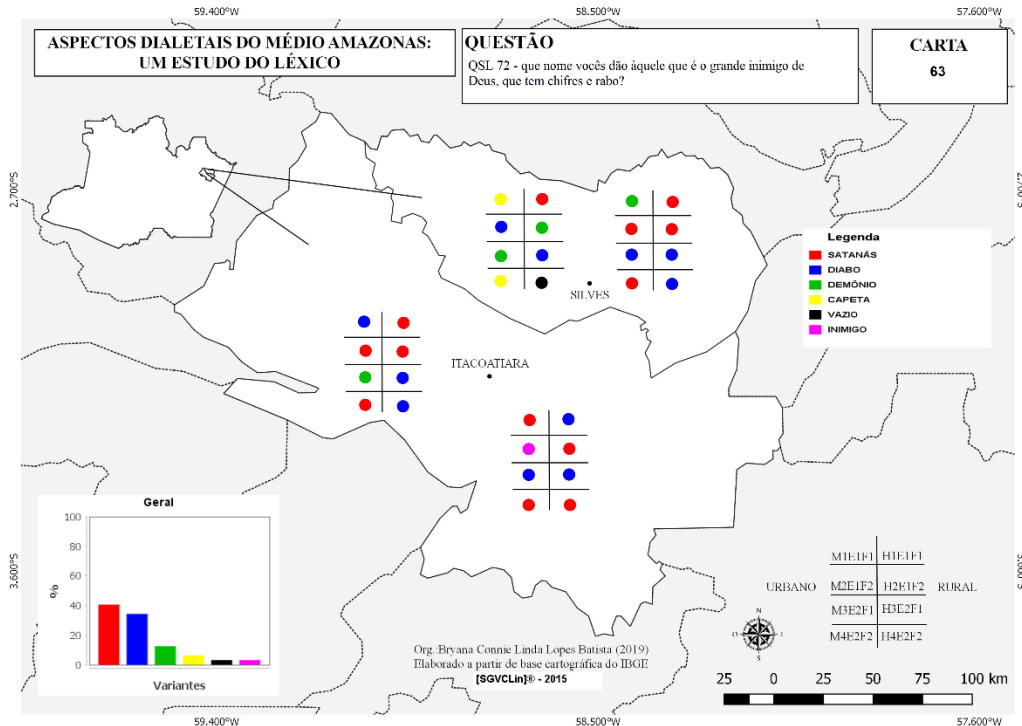
Quadro 70-SATANÁS

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Satanás	13	49,62	4	50%	4	50%	1	12,5%	4	50%
Diabo	11	34,38	3	37,5%	3	37,5%	2	25%	3	37,5%
Demônio	4	12,5	1	12,5%	0	0	2	25%	1	12,5%
Capeta	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Inimigo	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, a variante “satanás” é produtiva em Itacoatiara, enquanto que, em Silves, esta forma concorre com a lexia “diabo”. Na área urbana deste município, a concorrência está entre as variantes “capeta”, “demônio” e “diabo”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 63:

CARTA 63 -SATANÁS



Quanto ao fator idade e escolaridade, a variante “diabo” é produtiva entre os jovens e entre falantes com ensino médio, enquanto que entre os idosos e entre os falantes com o ensino fundamental, a forma mais utilizada é “satanás”. Esta lexia também é mais produtiva entre as mulheres. Entre os homens, ela concorre com a forma “diabo”. Em Cruz (2004), encontram-se as formas “diabo” e “satanás” em Itacoatiara. Em Campos (2005), registrou-se “bicho-feio” e “cafute” para este referente.

64. VISAGEM

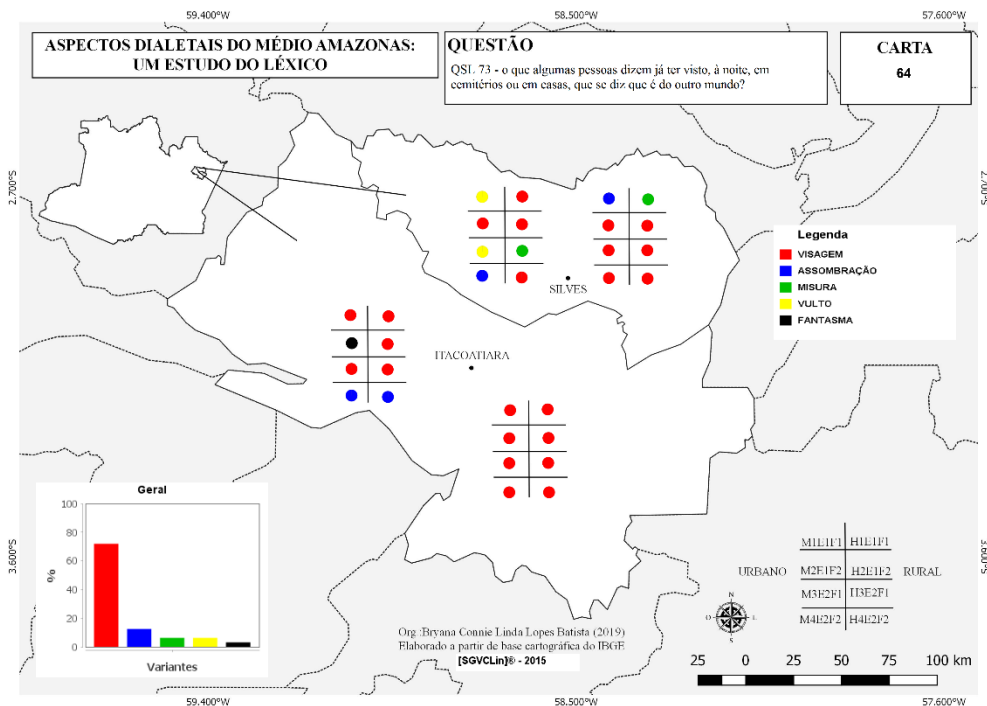
A Questão 73 “o que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?” gerou 5 variantes lexicais, conforme quadro 71 abaixo:

Quadro 71 -VISAGEM

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Visagem	23	71,88	5	62,5%	8	100%	4	50%	6	75%
Assombração	4	12,5	2	25%	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Misura	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Vulto	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Fantasma	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, a variante “visagem” é a mais produtiva na área rural de Silves e de Itacoatiara, onde atinge 100% de frequência. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 64:

CARTA 64 -VISAGEM



Campos (2005) registra para este referente as formas: “assombração”, “mesura” e “visagem”.

65. BENZEDEIRA

A Questão 74 “como se chama a mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?” gerou 6 variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme quadro 72 abaixo:

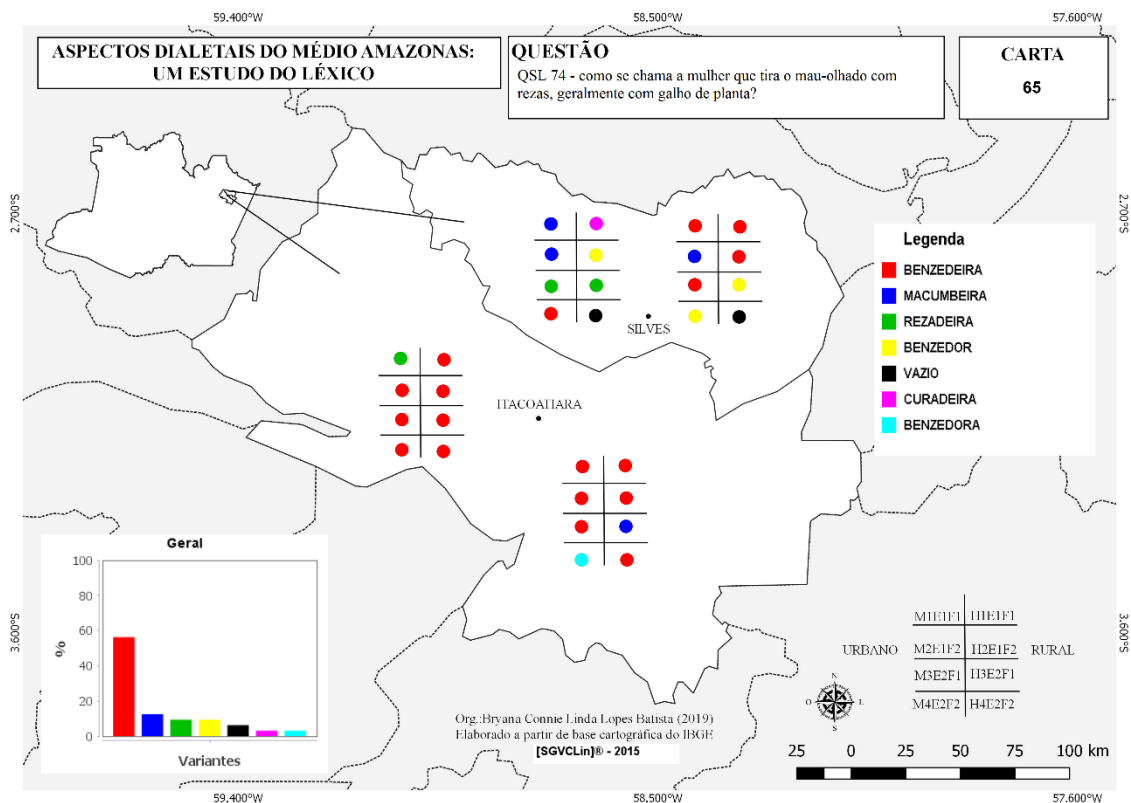
Quadro 72 -BENZEDEIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Benedeira	18	56,25	7	87,5%	6	75%	1	12,5%	4	50%
Macumbeira	4	12,5	1	12,5%	1	12,5%	2	25%	1	12,5%
Benedor	3	9,38	0	0	0	0	1	12,5%	2	25%
Rezadeira	3	9,38	0	0	0	0	2	25%	0	0
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Benedora	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Curadeira	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os resultados gerais, a variante “benedeira” é a mais produtiva em Itacoatiara, enquanto que em Silves, é mais produtiva na área rural. A seguir, apresenta-se a carta linguística 65:

CARTA 65 -BENZEDEIRA



66. CURANDEIRO

A Questão 75 “como se chama a pessoa trata de doenças por meio de ervas e plantas?” gerou 5 variantes lexicais e duas ocorrências de “vazio”, conforme quadro 73, a seguir:

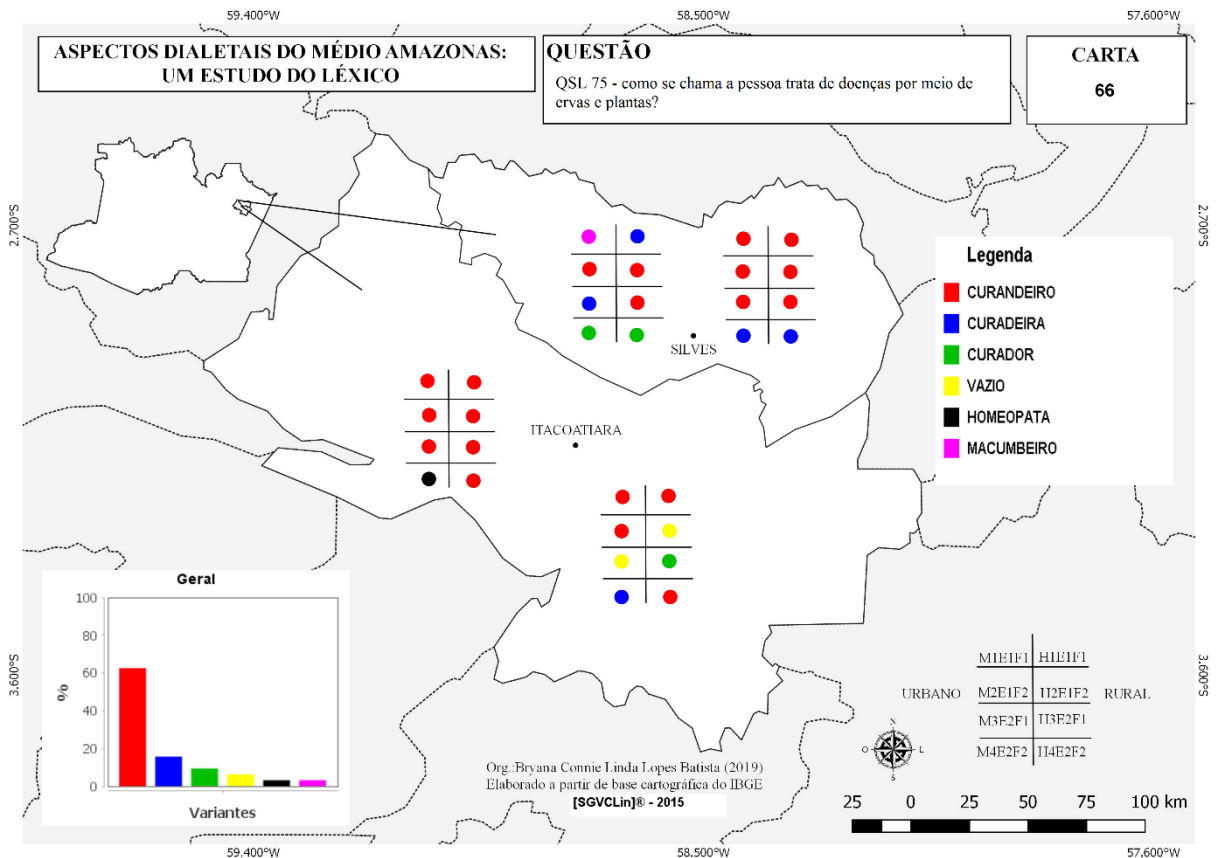
Quadro 73-CURANDEIRO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Curandeiro	20	62,5	7	87,5%	4	50%	3	37,5%	6	75%
Curadeira	5	15,62	0	0	1	12,5%	2	25%	2	25%
Curador	3	9,38	0	0	1	12,5%	2	25%	0	0
Vazio*	2	6,25	0	0	2	25%	0	0	0	0
Homeopata	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Macumbeiro	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Os resultados acima mostram que a variante “curandeiro” é a mais produtiva, principalmente na área urbana de Itacoatiara e, na área rural, de Silves. A seguir, apresenta-se a carta linguística 66:

CARTA 66 -CURANDEIRO



67. MAU-OLHADO

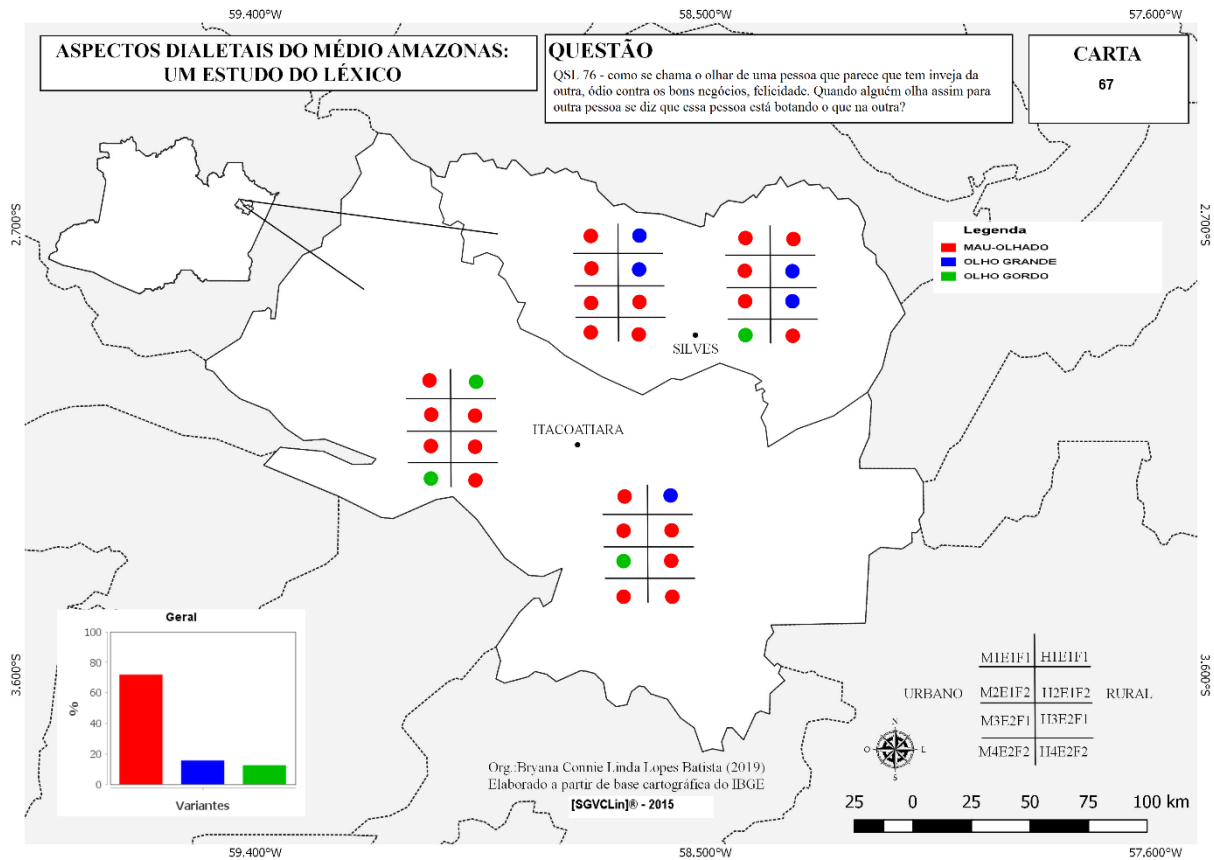
A Questão 76 “como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 74 abaixo:

Quadro 74 -MAU-OLHADO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Mau-olhado	23	71,88	6	75%	6	75%	6	75%	5	62,5%
Olho grande	5	15,62	-	-	1	12,5%	2	25%	2	25%
Olho gordo	4	12,5	2	25%	1	12,5%	-	-	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	-	-	8	100%

Conforme os dados gerais, a forma “mau-olhado” é a mais produtiva nos dois municípios. Em comparação com outras pesquisas, Campos (2005) registrou a forma “mau-olhado” para a expressão de inveja. A seguir, apresenta-se a carta linguística 67:

CARTA 67 -MAU-OLHADO



I. JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

Para este campo semântico foram elaboradas 8 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: calambota (cambalhota), bolinha, baladeira, papagaio, curica, pira se esconde (esconde-esconde), pira (pega-pega) e macaca.

68. CALAMBOTA (CAMBALHOTA)

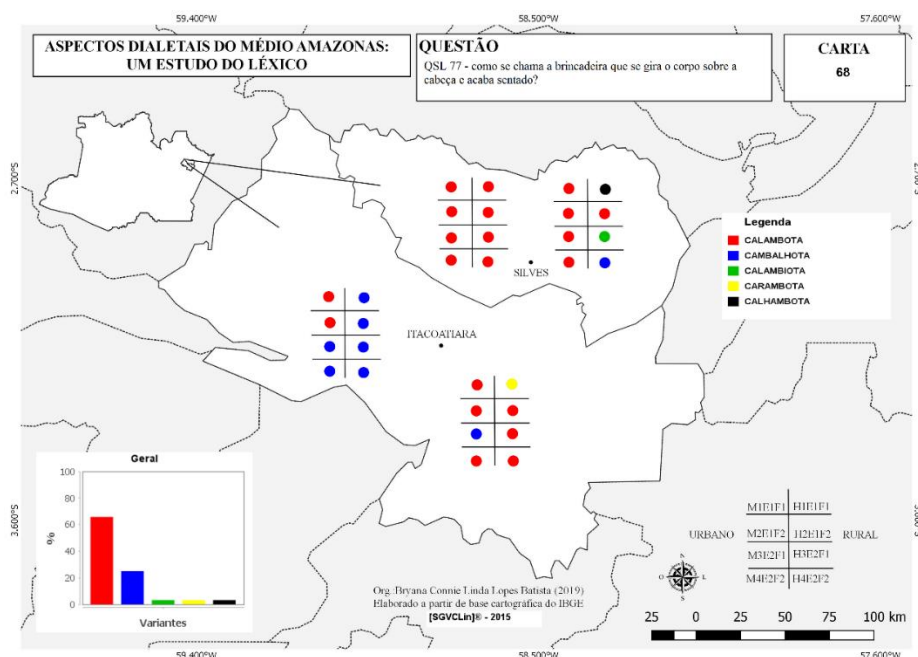
A Questão 77 “como se chama a brincadeira que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” gerou 5 variantes, conforme quadro 75 abaixo:

Quadro 75 -CALAMBOTA (CAMBALHOTA)

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Calambota	21	65,62	2	25%	6	75%	8	100%	5	62,50%
Cambalhota	8	25	6	75%	1	12,5%	0	0	1	12,50%
Carambota	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Calambiota	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Calhambota	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Os dados acima mostram que a variante “calambota” é a mais produtiva nos dois municípios, sendo que em Itacoatiara é mais utilizada na área rural, e, em Silves, na área urbana. Em Cruz (2004), foram registradas as variantes “cambalhota”, “carambota” e “calambota” para este referente e em Maia (2018) são encontradas as formas “calambota”, “calhambota”, “carambota”, “cambalhota”, “mortal”, “carambola”, “calambiota”, “cangapé” e “bunda canastra”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 68:

CARTA 68 -CALAMBOTA (CAMBALHOTA)



69. BOLINHA/PETECA

A Questão 78 “como se chamam umas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” gerou 3 variantes lexicais e duas ocorrências de “vazio”, conforme quadro 76 abaixo:

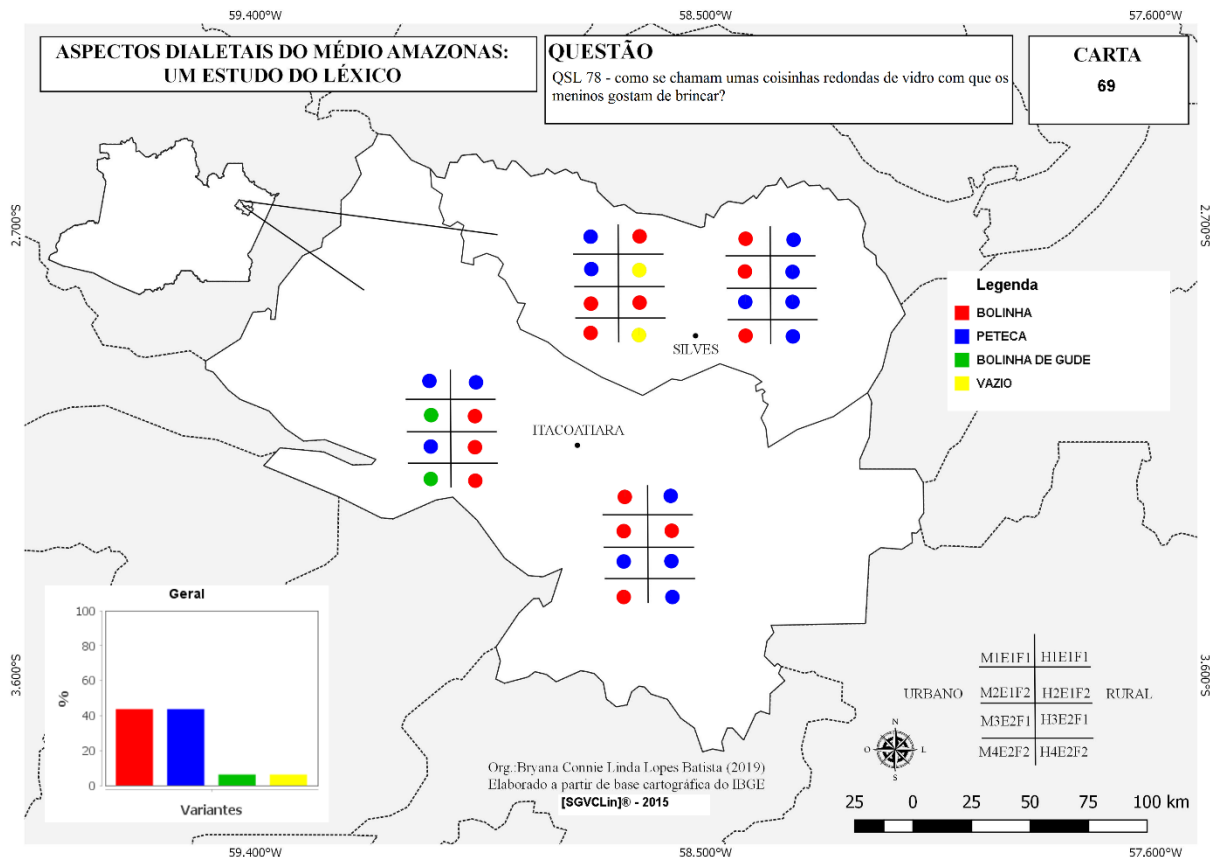
Quadro 76 -BOLINHA/PETECA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Bolinha	14	43,75	3	37,5%	4	50%	4	50%	3	37,5%
Peteca	14	43,75	3	37,5%	4	50%	2	25%	5	62,5%
Bolinha de Gude	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	2	25%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Conforme os resultados gerais, a forma “bolinha” e “peteca” estão em concorrência, principalmente no município de Itacoatiara. No município de Silves, a forma “bolinha” é mais utilizada na área urbana, enquanto que a variante “peteca” é mais produtiva na área rural. Em Cruz (2004), registram-se as formas “peteca” e “bolinha” em Itacoatiara. Em Maia (2018) estão registradas as variantes “peteca”, bola-de-gude” e “bolinha”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 69:

CARTA 69 -BOLINHA/PETECA



70. BALADEIRA

A QSL – 79 “como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos?” gerou 3 variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”, conforme quadro 77 abaixo:

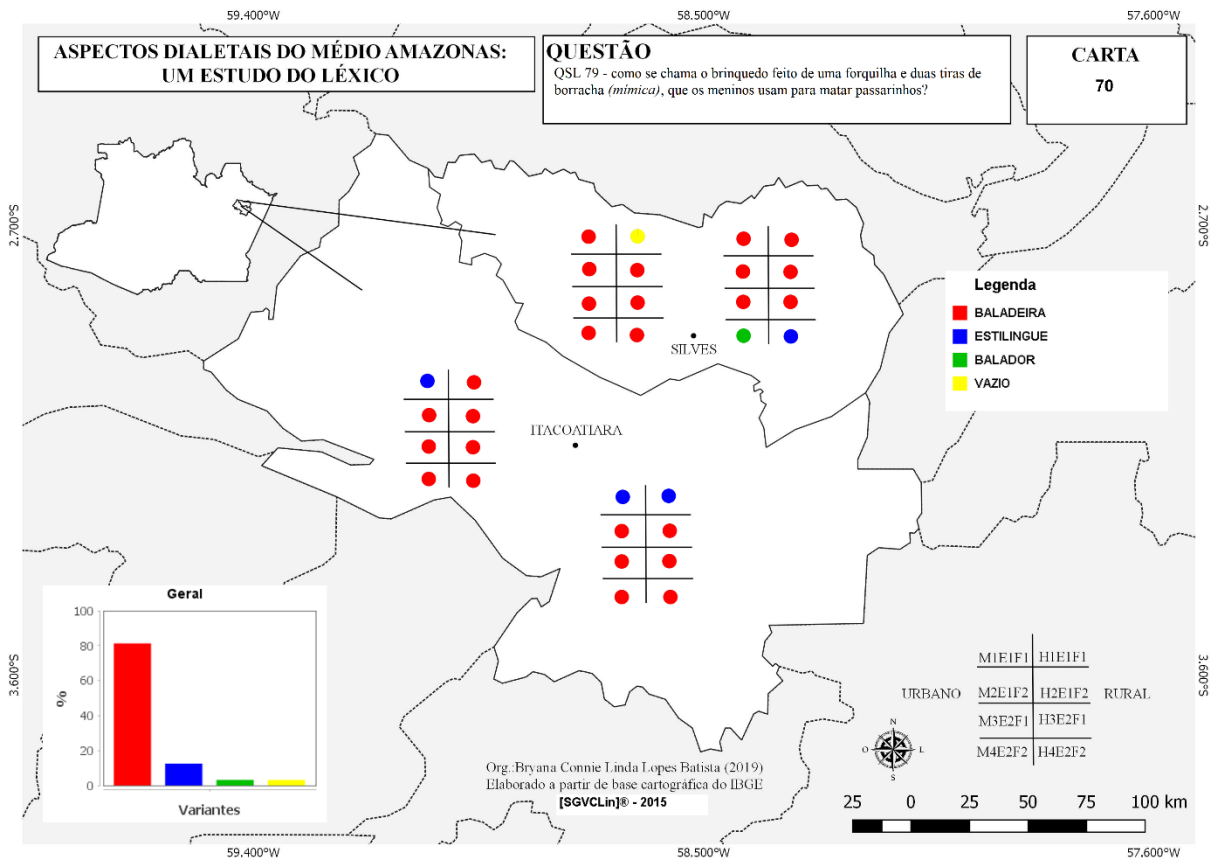
Quadro 77 - BALADEIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Baladeira	26	81,25	7	87,5%	6	75%	7	87,5%	6	75%
Estilingue	4	12,5	1	12,5%	2	25%	0	0	1	12,5%
Balador	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Conforme os dados gerais, a variante “baladeira” é produtiva em Itacoatiara e Silves. Em Cruz (2004), foi encontrado somente a lexia “baladeira” em Itacoatiara. Já em Campos (2005), foram registradas as formas “baladeira” e “estilingue”. Em Maia (2018) registram-se as variantes “baladeira” e “estilingue”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 70:

CARTA 70 -BALADEIRA



71. PAPAGAIO

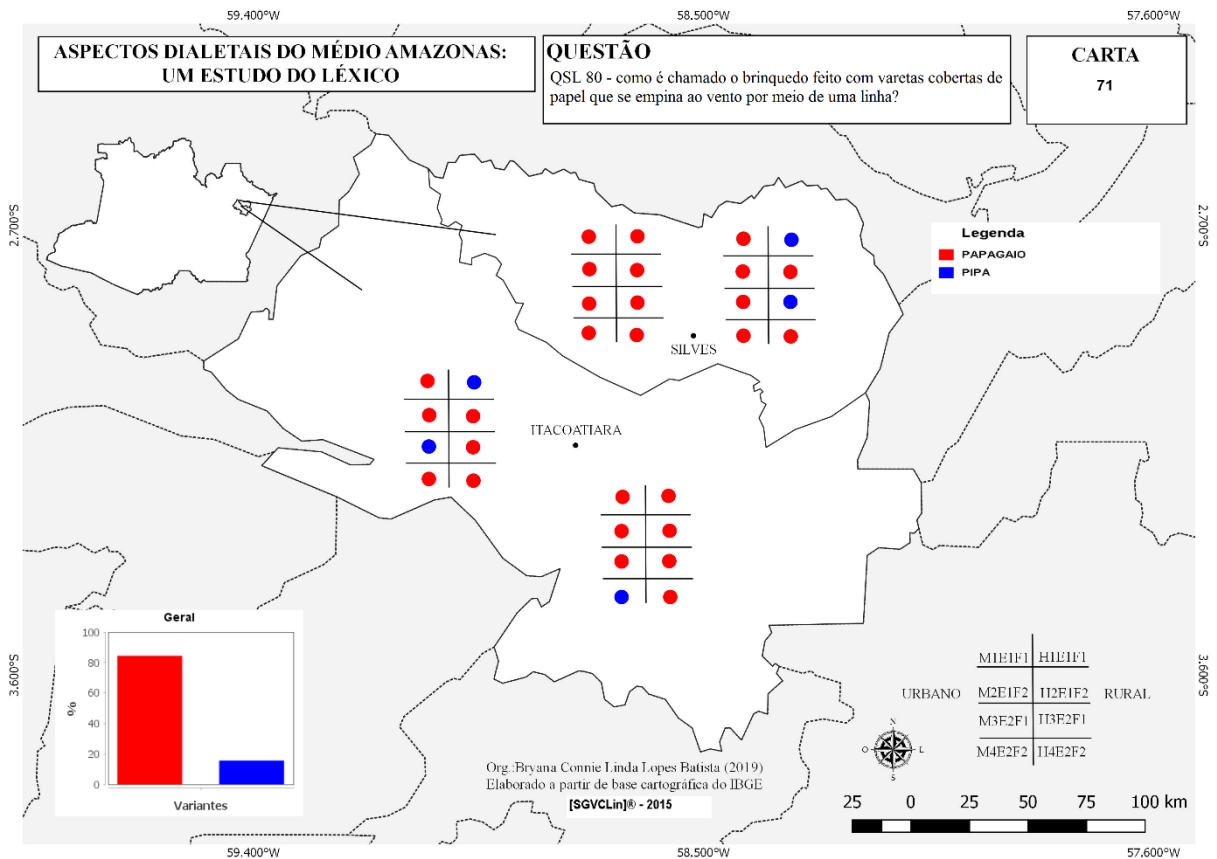
A Questão 80 “como é chamado o brinquedo feito com varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha?” gerou 2 variantes lexicais, conforme quadro 78, a seguir:

Quadro 78 -PAPAGAIO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Papagaio	27	84,38	6	75%	7	87,5%	8	100%	6	75%
Pipa	5	15,62	2	25%	1	12,5%	0	0	2	25%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “papagaio” é predominante em Itacoatiara e Silves, com destaque na área urbana com 100% de frequência. Em Maia (2018) foram registradas as formas “papagaio”, “pipa” e “pepeta”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 71:

CARTA 71 - PAPAGAIO



72. CURICA

A Questão 81 “como é chamado um brinquedo parecido com o item anterior, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?” gerou 2 variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme distribuição no quadro 79 abaixo:

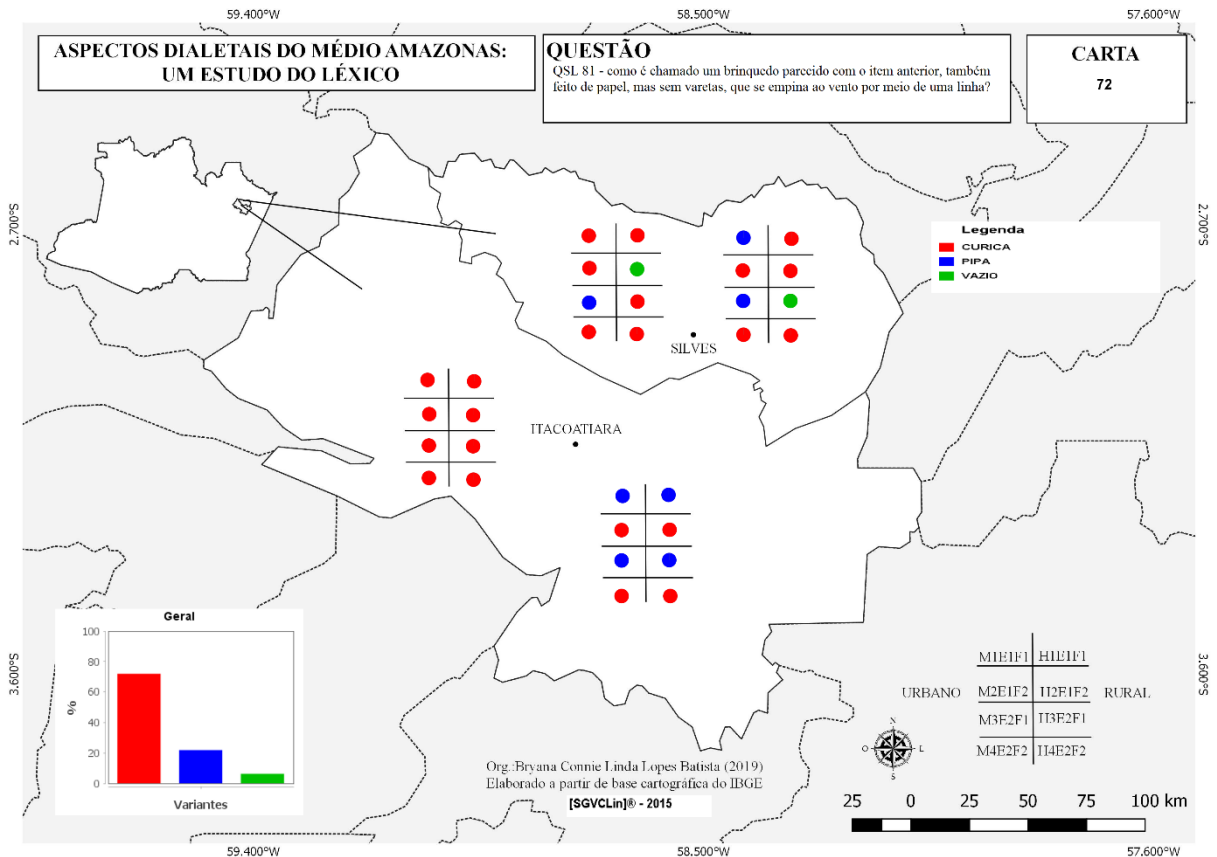
Quadro 79 -CURICA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Curica	23	71,88	8	100%	4	50%	6	75%	5	62,50%
Pipa	7	21,88	0	0	4	50%	1	12,5%	2	25,00%
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,50%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos resultados gerais, a forma “curica” é predominante em Itacoatiara e Silves. Na área urbana de Itacoatiara, esta variante apresenta 100% de frequência, enquanto que na área rural, a mesma concorre com a forma “pipa”. No município de Silves, é mais frequente na área urbana. A seguir, apresenta-se a carta linguística 72:

CARTA 72 -CURICA



73. PIRA SE ESCONDE

A Questão 82 “como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou

os olhos vai procurar as outras?” gerou 8 variantes lexicais e duas ocorrências de “vazio”, conforme quadro 80 abaixo:

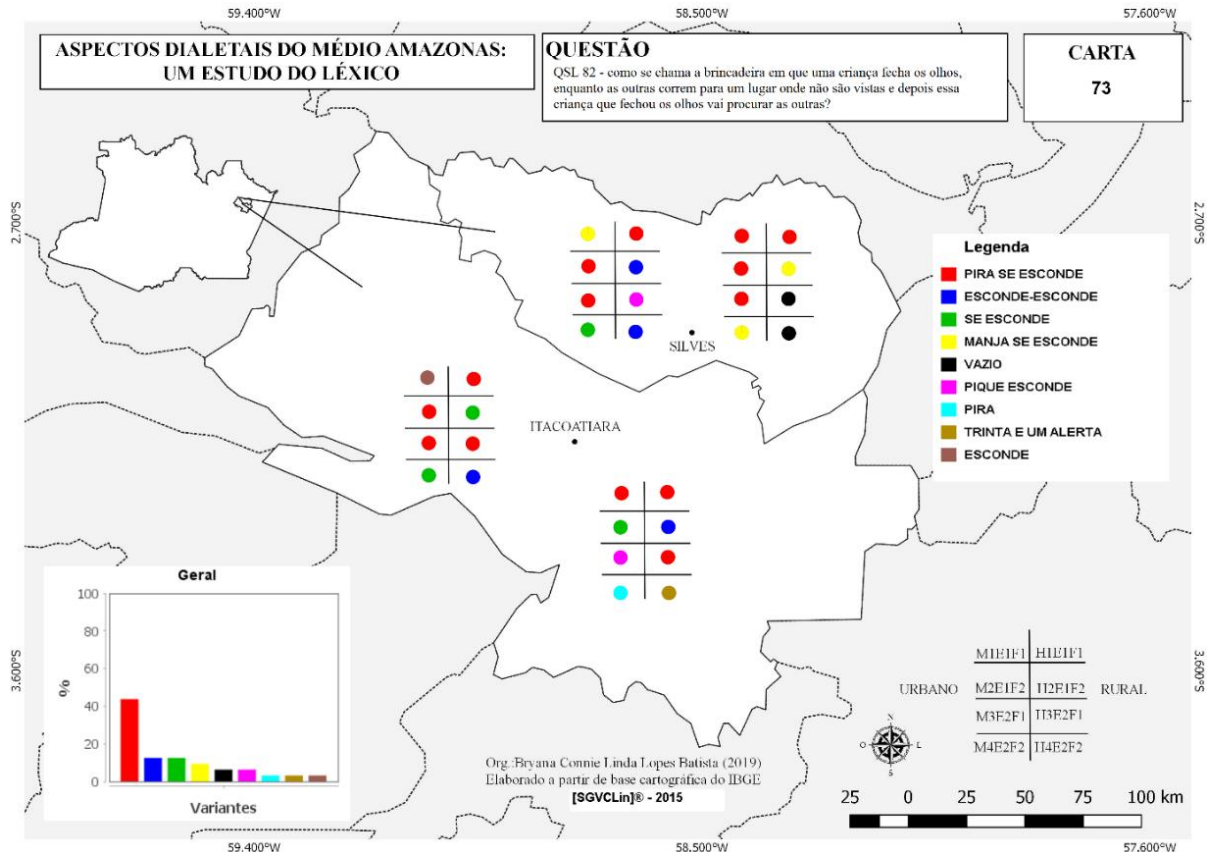
Quadro 80 -PIRA SE ESCONDE

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pira se esconde	14	43,75	4	50%	3	37,5%	3	37,5%	4	50%
Esconde-esconde	4	12,5	1	12,5%	1	12,5%	2	25%	0	0
Se esconde	4	12,5	2	25%	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Manja se esconde	3	9,38	0	0	0	0	1	12,5%	2	25%
Vazio*	2	6,25	0	0	0	0	0	0	2	25%
Pique esconde	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	0	0
Esconde	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Trinta e um alerta	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Pira	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, a variante “pira se esconde” é predominante em Itacoatiara e Silves. A seguir, apresenta-se a carta linguística 73:

CARTA 73 -PIRA SE ESCONDE



Quanto ao fator idade, esta lexia é mais produtiva entre os jovens, enquanto que entre os idosos, as variantes “se esconde”, “esconde-esconde” e “pira se esconde” estão em

concorrência. Em Maia (2018) encontram-se as formas “esconde-esconde”, “escondido”, “se esconde”, “mancha/manja”, “mancha se esconda/manja-esconde” e “pira (do) se esconde/pira-esconde”.

74. PIRA

A Questão 83 “qual é o nome da brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?” gerou 5 variantes lexicais e 1 ocorrência de “vazio”, conforme quadro 81 abaixo:

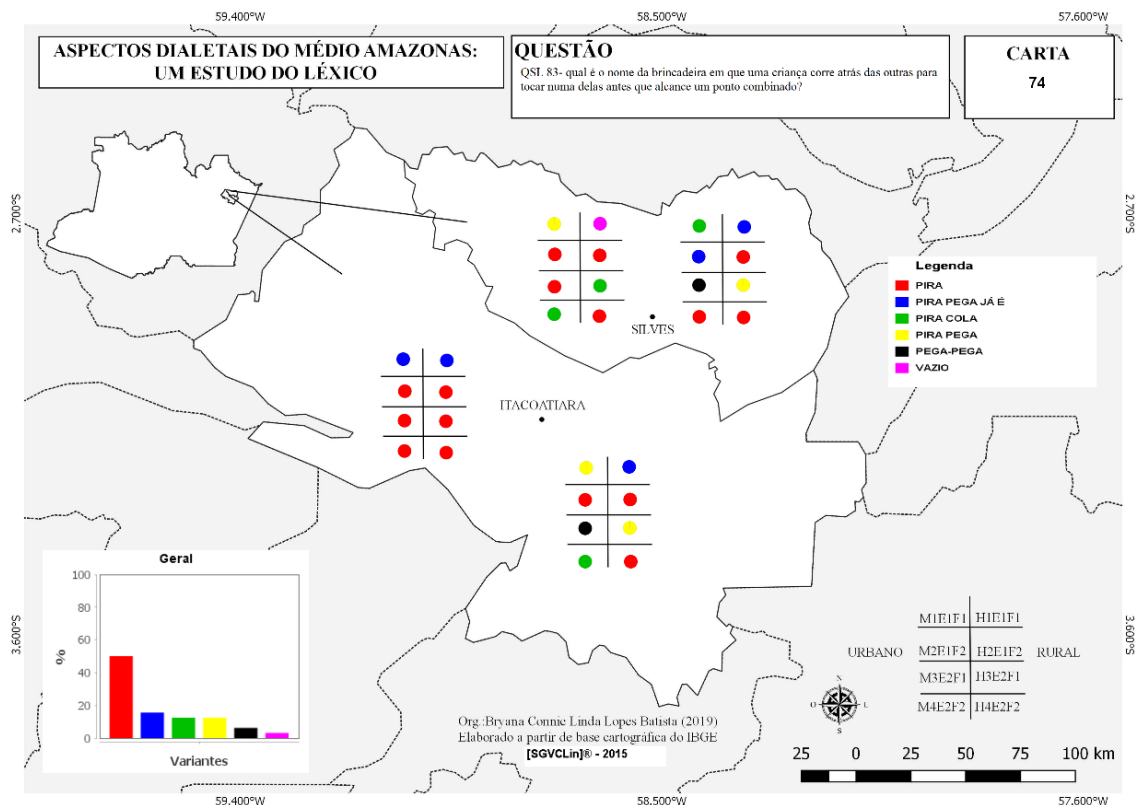
Quadro 81-PIRA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pira	16	50	6	75%	3	37,5%	4	50%	3	37,5%
Pira pega já é	5	15,62	2	25%	1	12,5%	0	0	2	25%
Pira cola	4	12,5	0	0	1	12,5%	2	25%	1	12,5%
Pira pega	4	12,5	0	0	2	25%	1	12,5%	1	12,5%
Pega-pega	2	6,25	0	0	1	12,5%	1	12,5%	1	12,5%
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos resultados gerais, a variante “pira” é predominante na área urbana de Itacoatiara e Silves. A seguir, apresenta-se a carta linguística 74:

CARTA 74 - PIRA



Quanto ao fator idade, as formas “pira pega já é” e “pira pega” estão em concorrência entre jovens, enquanto que entre idosos, a variante “pira” é predominante. Quanto ao fator sexo e escolaridade, a lexia “pira” é mais produtiva entre homens e entre falantes com o ensino médio. A lexia “pira” foi encontrada com maior produtividade em Cruz (2004) e Azevedo (2013). Em Maia, encontram-se as variantes “pira”, “mancha/manja”, “do trisca”, “manja-pega”, “mancha do atrepa”, “pira-picolé”, “pega-pega”, “pira-ajuda”, “pira-corre”, “mancha do pegão” e “pira do descola”.

75. MACACA

A Questão 84 “qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” gerou 2 variantes lexicais, conforme quadro 82 abaixo:

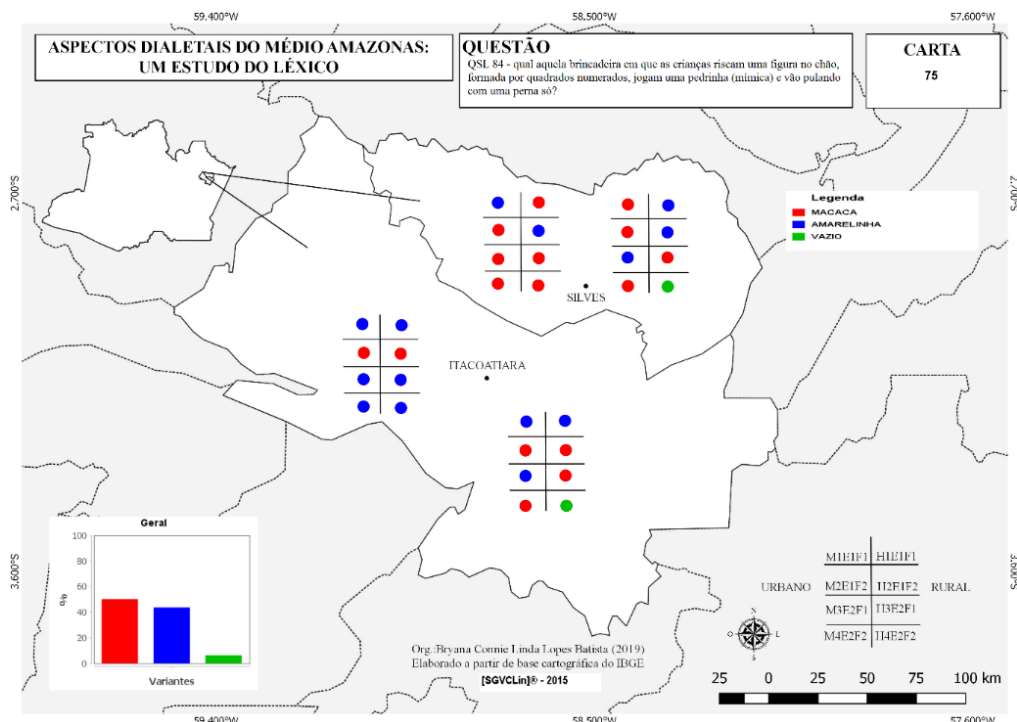
Quadro 82 -MACACA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Macaca	16	50	2	25%	4	50%	6	75%	4	50%
Amarelinha	14	43,75	6	75%	3	37,5%	2	25%	3	37,5%
Vazio	2	6,25	0	0	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, a variante “amarelinha” é predominante em Itacoatiara (56,25%) e “macaca” é mais produtiva em Silves (62,5%). Esta mesma variante também é mais utilizada na área rural dos municípios (50%) e na área urbana, as lexias “macaca” e “amarelinha” estão em concorrência, cada uma com 50% de frequência.

Quanto ao fator idade, a forma “amarelinha” é mais predominante entre jovens, enquanto que a lexia “macaca” é mais utilizada entre idosos, ambos com a mesma frequência de 62,5%. Quanto ao fator sexo, a variante “macaca” predomina mais entre as mulheres (56,25%), já entre os homens, ocorre variação entre as formas “macaca” e “amarelinha”, cada uma com 43,75%. Quanto ao fator escolaridade, essas duas formas também estão em concorrência entre falantes com ensino fundamental com a frequência de 50% cada uma, enquanto que os falantes com o ensino médio optam pela forma “macaca” (50%). A variante “macaca” foi a mais produtiva em Cruz (2004) e Azevedo (2013). Em Maia (2018) foram encontradas as formas “macaca”, “amarelinha”, “aranha macaca” e “bole-bole”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 75:

CARTA 75-MACACA



J. EXPRESSÕES POPULARES

Para este campo semântico foram elaboradas 15 cartas linguísticas acerca dos seguintes referentes: acesa, avexado, desmentido, espinhela caída, fofoqueiro, pequeno, abestado, feio, malino, pávula, maceta, galeroso, cheio e de bubuia. Por apresentar 100% de produtividade nos dois municípios, o referente “dindim” não possui carta linguística.

76. ACESA

A Questão 85 “como se chama uma menina que é danada, travessa?” gerou 10 variantes lexicais e 2 ocorrências de “vazio”, conforme distribuição no quadro 83 abaixo:

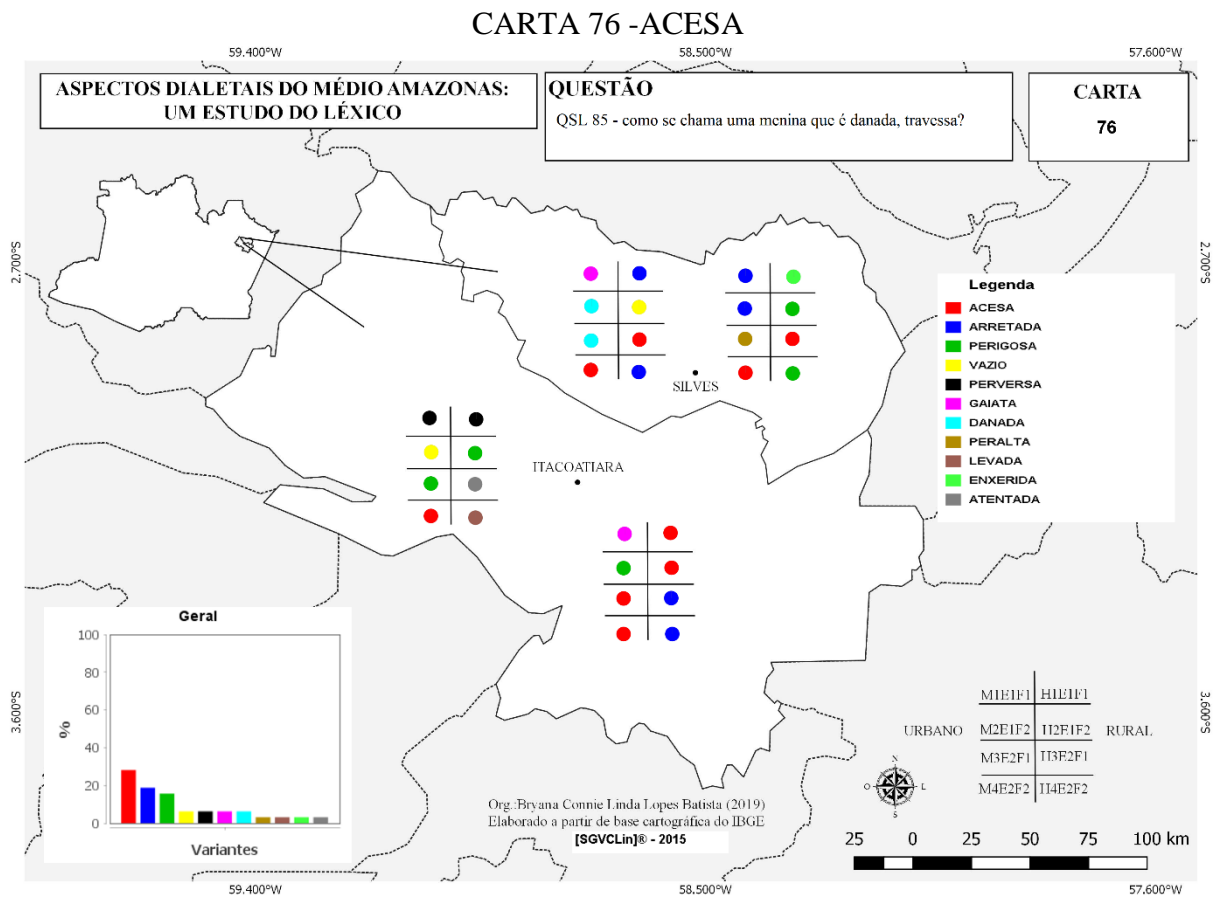
Quadro 83 -ACESA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Acesa	9	28,12	1	12,5%	4	50%	4	50%	2	25%
Arretada	6	18,75	0	0	2	25%	3	37,5%	2	25%
Perigosa	5	15,62	2	25%	1	12,5%	1	12,5%	2	25%
Danada	2	6,25	0	0	0	0	0	0	0	0
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Perversa	2	6,25	2	25%	0	0	0	0	0	0
Gaiata	2	6,25	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Peralta	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Atentada	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Enxerida	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Levada	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, a variante “acesa” predomina nos dois municípios. Em Itacoatiara, esta variante é mais produtiva na área rural. Em Silves, a forma “acesa” na área urbana, porém, na área rural, apresenta concorrência entre as variants “acesa”, “arretada” e “perigosa”. Quanto ao fator idade, a variante “acesa” é mais usada entre idosos. Quanto ao fator sexo, esta mesma forma é predominante entre as mulheres; já entre homens, a concorrência está entre “acesa” e “arretada”. Quanto ao fator escolaridade, as formas “arretada” e “perigosa” são concorrentes entre os falantes com ensino fundamental, enquanto que entre os falantes com ensino médio, a variante que predomina é “acesa”.

Em comparação com outras pesquisas, Corrêa (1980) apresenta a forma “acesa” e Campos (2005) registra “acesa” e “danada” para esta questão. Cruz (2004) apresentou as leixias “danada” e “horrrível” em Itacoatiara. A seguir, apresenta-se a carta linguística 76:



77. AVEXADO

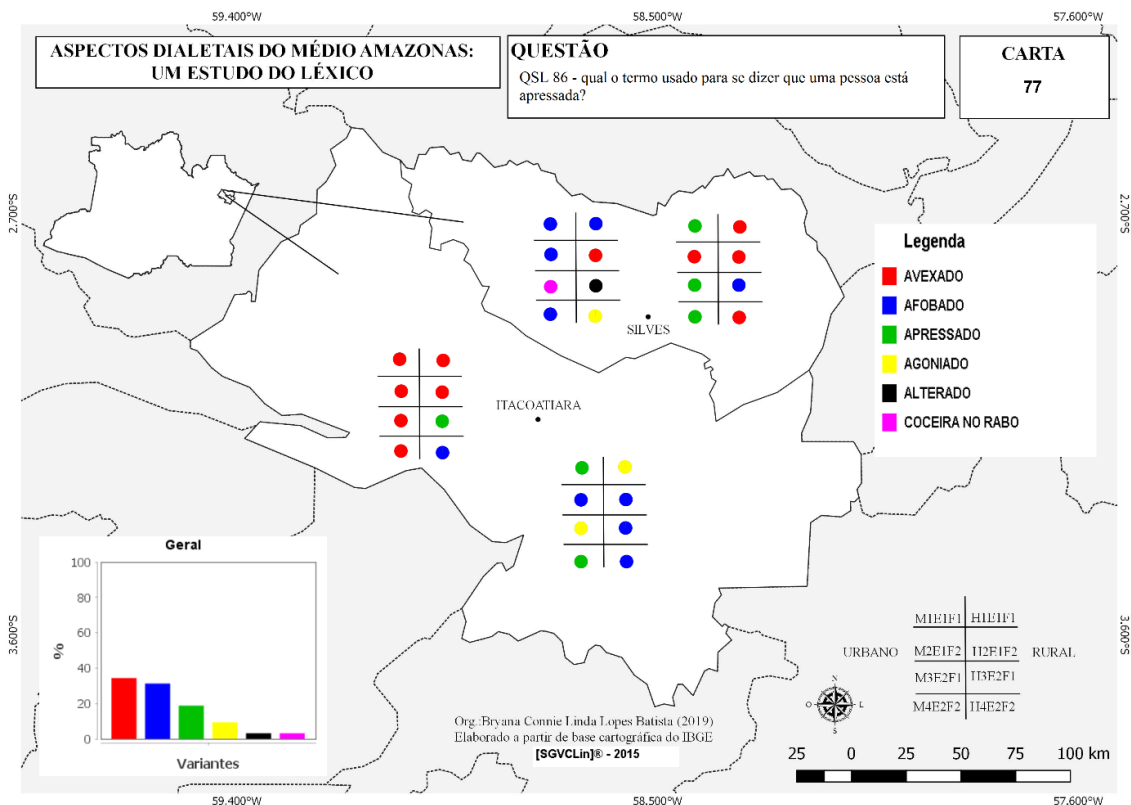
A Questão 86 “qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?” gerou 6 variantes lexicais, conforme distribuição no quadro 84, a seguir:

Quadro 84 -AVEXADO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Avexado	11	34,38	6	75%	0	0	1	12,5%	4	50%
Afobado	10	31,25	1	12,5%	4	50%	4	50%	1	12,5%
Apressado	6	18,75	1	12,5%	2	25%	0	0	3	37,5%
Agoniado	3	9,38	0	0	2	25%	1	12,5%	0	0
Alterado	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Coceira no rabo	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos dados gerais, a forma “avexado” é mais predominante em Itacoatiara e, em Silves, esta variante concorre com “afobado”. Quanto ao fator idade, as formas “apressado”, “afobado” e “avexado” estão em concorrência entre os jovens, mas entre os idosos predomina a variante “avexado”. Quanto ao sexo, entre as mulheres, a concorrência está entre “apressado” e “avexado”. Já entre homens, as variantes “afobado” e “avexado” são concorrentes. Quanto ao fator escolaridade, a lexia “avexado” é mais produtiva entre falantes com ensino fundamental, enquanto que entre falantes com ensino médio, a ocorrência maior é da forma “afobado”. No município de Itacoatiara, foi só registrada a forma “avexado” em Cruz (2004) e na pesquisa de Corrêa (1980) também. A seguir, apresenta-se a carta linguística 77:

CARTA 77-AVEXADO



78. DESMENTIDO

A Questão 87 “qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo está fora do lugar?” gerou duas variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”, conforme quadro 85 abaixo:

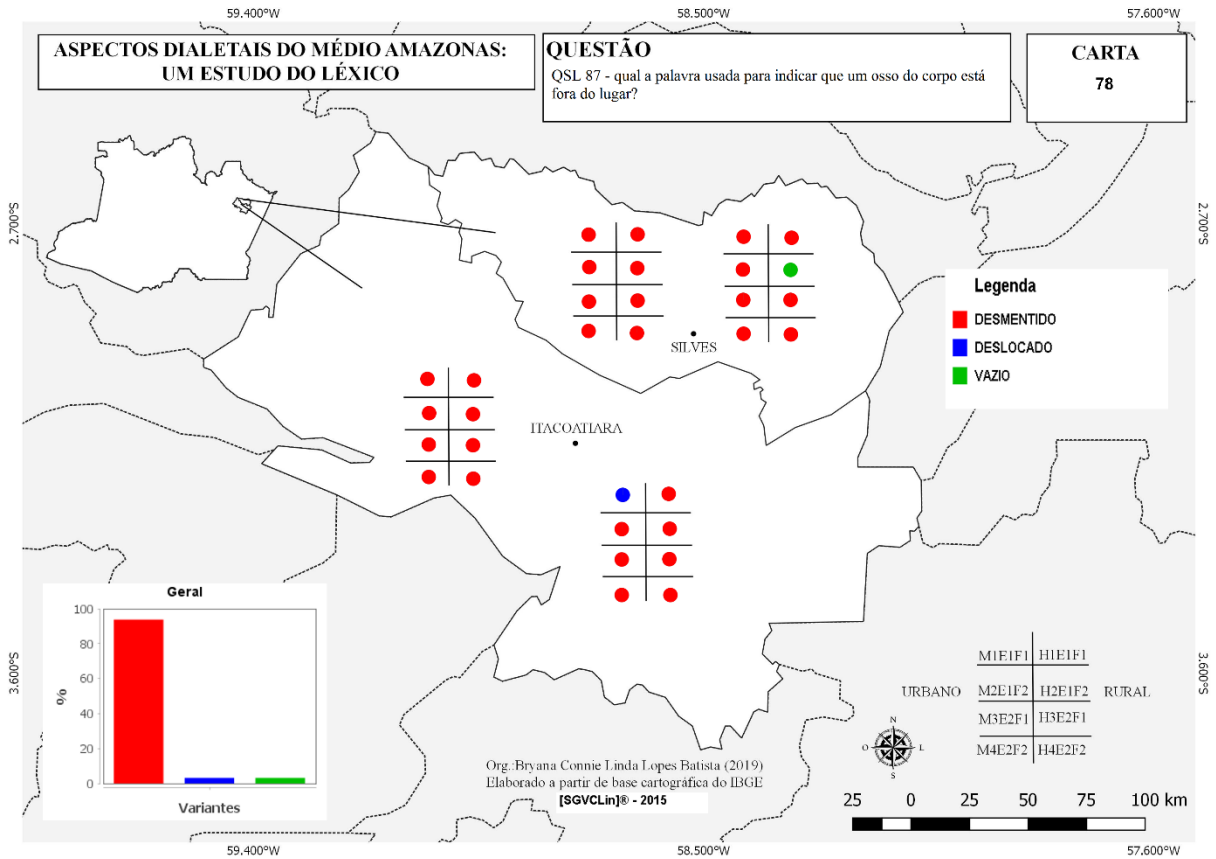
Quadro 85 - DESMENTIDO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Desmentido	30	93,75	8	100%	7	87,5%	8	100%	7	87,5%
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Deslocado	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos resultados acima, a variante “desmentido” foi predominante tanto em Silves quanto em Itacoatiara na área urbana, com a frequência de 100%. Na área rural de cada município, esta variante também foi a mais produtiva. Corrêa (1980) e Campos (2005) registraram a forma “desmentidura” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 78:

Carta 78 -DESMENTIDO



79. ESPINHELA CAÍDA

A Questão 88 “qual expressão é usada para indicar que a espinhela de uma pessoa deslocou-se e caiu sobre o estômago?” gerou 3 variantes lexicais e 17 ocorrências de “vazio”, conforme distribuição no quadro 86 abaixo:

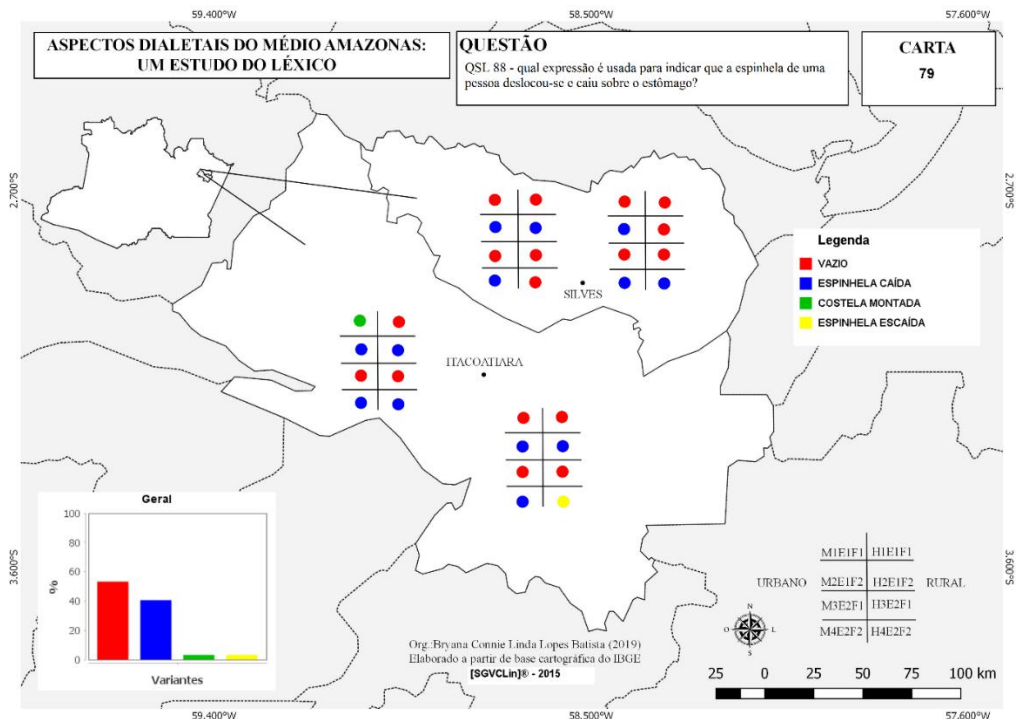
Quadro 86 - ESPINHELA CAÍDA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Vazio*	17	53,12	3	37,5%	4	50%	5	62,5%	5	62,5%
Espinhela caída**	13	40,62	4	50%	3	37,5%	3	37,5%	3	37,5%
Espinhela escaída	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Costela montada	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão; ** sugestão durante a entrevista

Para essa questão foi utilizada uma técnica diferente, pois a maioria dos informantes não sabiam do que se tratavam, mesmo depois de saberem qual era a expressão da questão. O resultado disso foram as 17 ocorrências registradas como “vazio”. As variantes “espinhela escaída” e “costela montada” foram respostas dos informantes sem nenhuma sugestão. Já os 13 registros da variante “espinhela caída” ocorreu após sugestão dentro da entrevista, pois os informantes não sabiam do que se tratava. Então, o mesmo era indagado se conhecia a expressão e, diante de resposta positiva, era solicitado que explicasse o que significava. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 79:

CARTA 79 - ESPINHELA CAÍDA



Quanto ao fator idade, a forma “espinhela caída” somente é registrada entre idosos, enquanto que entre os jovens, a ausência de resposta registrada como “vazio” é maior. Quanto ao fator sexo, a variante “espinhela caída” foi respondida entre mulheres, enquanto que entre homens, a maior parte não sabia a resposta e a ausência de resposta foi registrada como “vazio”. Corrêa (1980) e Campos (2005) registraram a forma “espinhela caída” para este referente.

80. FOFOQUEIRO

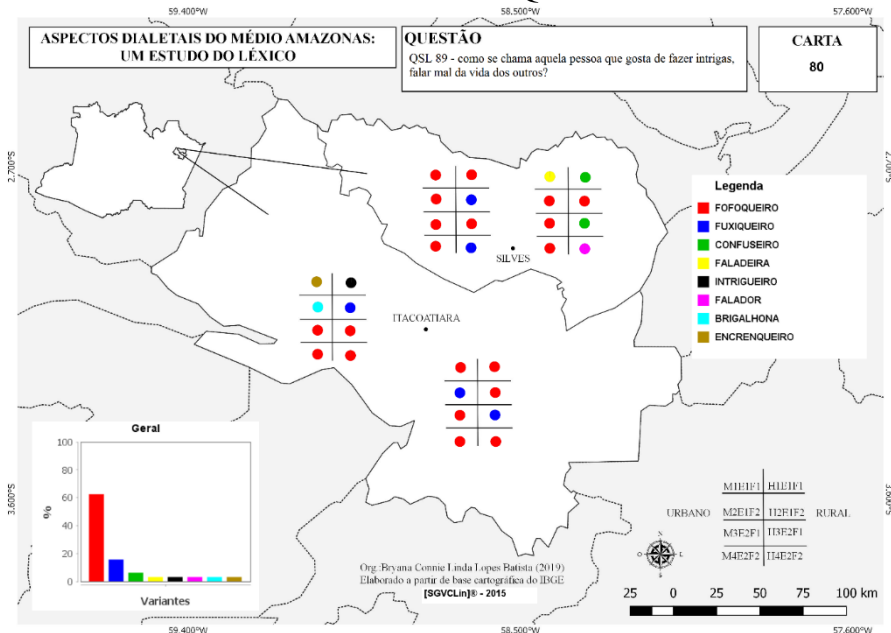
A Questão 89 “como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?” gerou 8 variantes lexicais, conforme quadro 87 abaixo:

Quadro 87 - FOFOQUEIRO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Fofoqueiro	20	62,50	4	50%	6	75%	6	75%	4	50%
Fuxiqueiro	5	15,62	1	12,5%	2	25%	2	25%	0	0
Confuseiro	2	6,25	0	0	0	0	0	0	2	25%
Brigalhona	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Intrigueiro	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Faladeira	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Falador	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Encrenqueiro	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos resultados gerais, a variante “fofoqueiro” é a mais produtiva nos dois municípios. Em Itacoatiara, esta variante é mais frequente na área rural e, em Silves, é mais produtiva na área urbana. A seguir, apresenta-se a carta linguística 80:

CARTA 80 - FOFOQUEIRO



Para este referente, Corrêa (1980) registra a forma “fuxiqueiro”. Já em Cruz (2004), é possível encontrar no município de Itacoatiara as formas “fofoqueiro”, “fuxiqueiro” e “brigalhão”.

81. PEQUENO

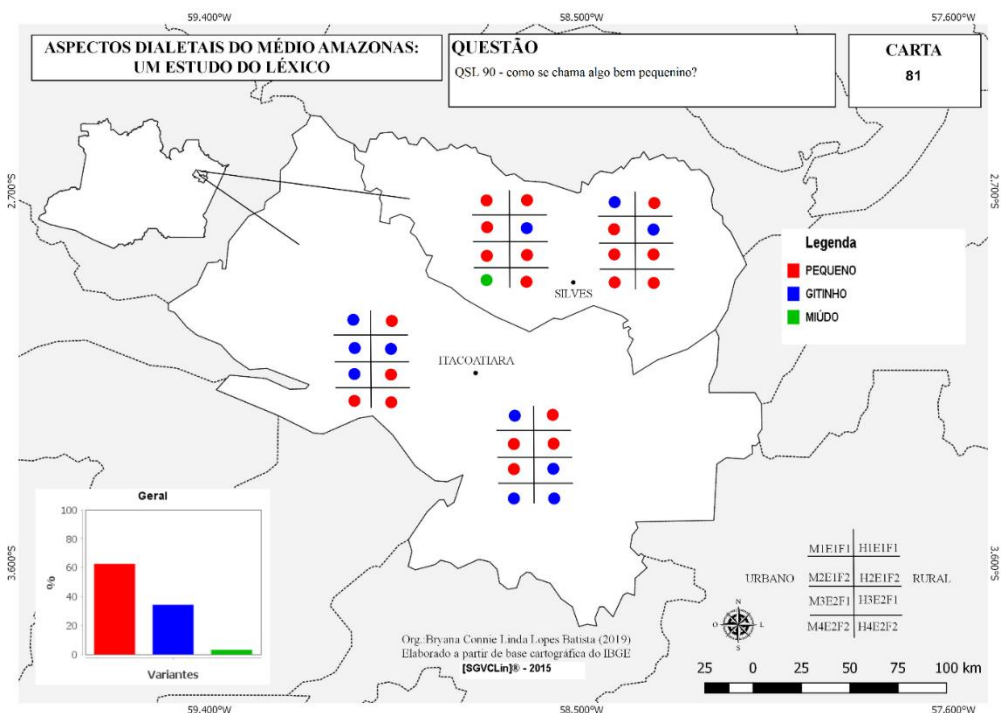
A Questão 90 “como se chama algo bem pequenino?” gerou 3 variantes lexicais, conforme a distribuição no quadro 88 abaixo:

Quadro 88 -PEQUENO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pequeno	20	62,5	4	50%	4	50%	6	75%	6	75%
Gitinho	11	34,38	4	50%	4	50%	1	12,5%	2	25%
Miúdo	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados gerais, a variante “pequeno” é mais produtiva em Silves tanto na área rural quanto na área urbana, enquanto que em Itacoatiara, esta forma concorre com “gitinho”. Quanto ao fator escolaridade, a forma “pequeno” concorre com a variante “gitinho” entre falantes com ensino fundamental, já entre falantes com ensino médio, a forma “pequeno” é a mais produtiva. Corrêa (1980) registra para este referente as formas “gito” e “gitinho”, já em Campos (2005), encontra-se somente a lexia “gitinho”. Em Cruz (2004), no município de Itacoatiara, foram registradas as variantes “pequeno/pequeninho”, “gitinho/gito” e “bem miúdo/miúdo/miudinho”. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 81:

CARTA 81 -PEQUENO



82. ABESTADO

A Questão 91 “como se chama uma pessoa que é boba, idiota?” gerou 5 variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”, conforme quadro 89 abaixo:

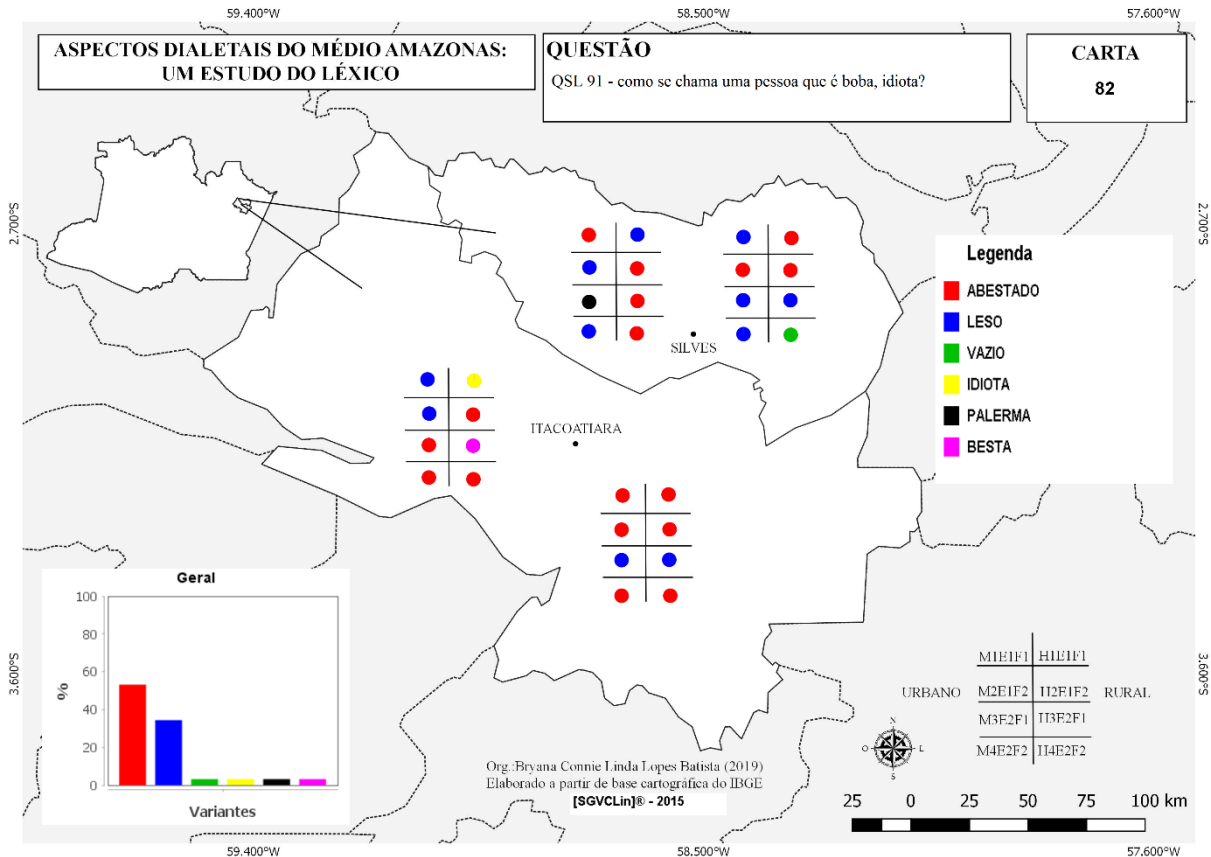
Quadro 89 - ABESTADO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Abestado	17	53,12	4	50%	6	75%	4	50%	3	37,50%
Leso	11	34,38	2	25%	2	25%	3	37,5%	4	50,00%
Palerma	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Idiota	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,50%
Besta	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos resultados gerais, a forma “abestado” é mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Já em Silves, esta variante concorre com a lexia “leso”. A seguir, apresenta-se a carta lingüística 82:

CARTA 82 -ABESTADO



Quanto ao fator idade, a lexia “leso” concorre com “abestado” entre os jovens. Entre os idosos, a forma “abestado” é a mais produtiva. Quanto ao fator sexo, as variantes “leso” e “abestado” concorrem entre as mulheres, enquanto que a lexia “abestado” é a mais produtiva entre os homens. Quanto ao fator escolaridade, a lexia “abestado” é mais produtiva entre falantes com o ensino fundamental, enquanto que entre falantes com o ensino médio, as variantes “abestado” e “leso” concorrem. Para este referente, Corrêa (1980) registrou as formas “leso(a)” e “lesinho(a)”. No município de Itacoatiara, Cruz (2004) apresenta as formas “leso (a)” e “palerma”. Já Campos (2005), registrou somente a variante “lesa”.

83. FEIO

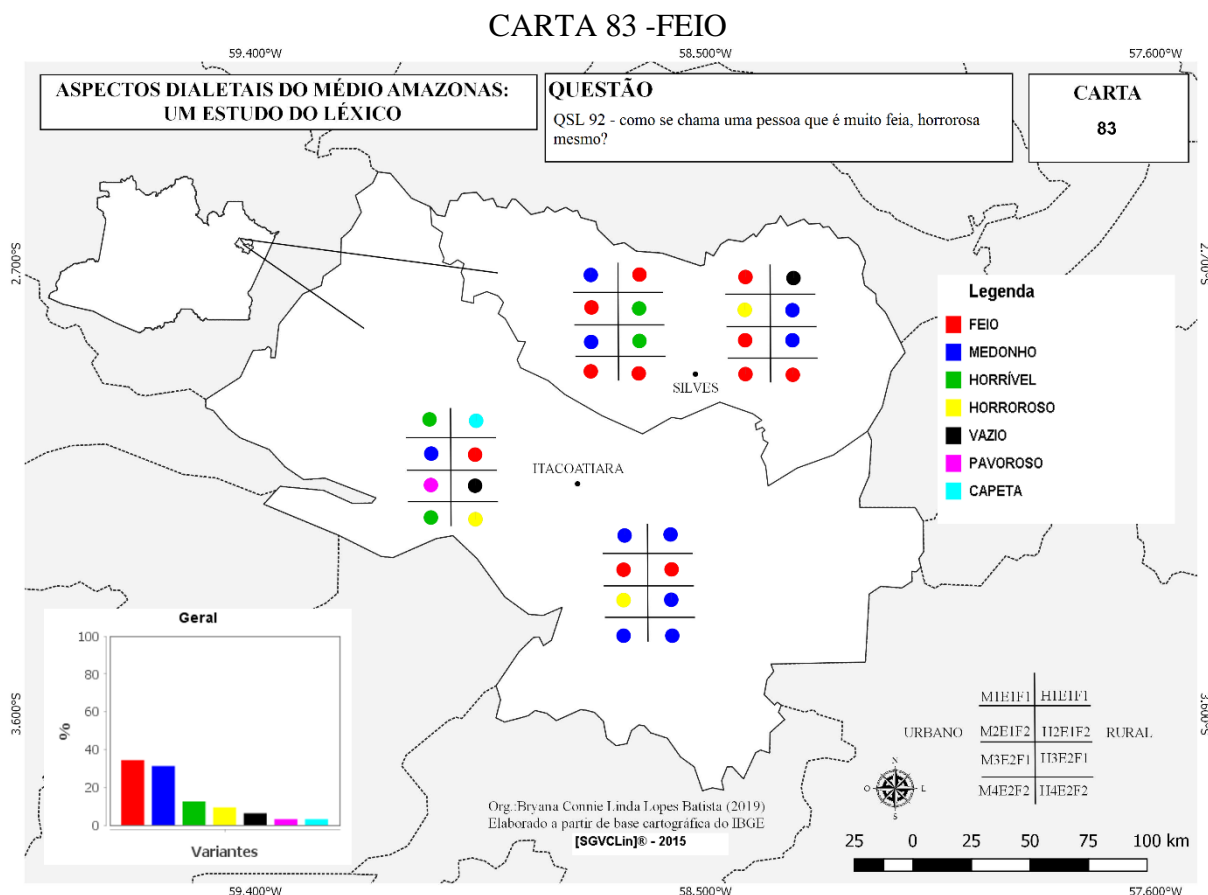
A Questão 92 “como se chama uma pessoa que é muito feia, horrorosa mesmo?” gerou 6 variantes lexicais, conforme quadro 90 abaixo:

Quadro 90 -FEIO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Feio	11	34,38	1	12,5%	2	25%	4	50%	4	50%
Medonho	10	31,25	1	12,5%	5	62,5%	2	25%	2	25%
Horrível	4	12,50	2	25%	0	0	2	25%	0	0
Horroroso	3	9,38	0	0	1	12,5%	0	0	1	12,5%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	0	0	1	12,5%
Capeta	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Pavoroso	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

De acordo com os dados gerais, a variante “medonho” é mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Já em Silves, a variante mais produtiva é “feio”. Em Corrêa (1980) e em Campos (2005), encontra-se a lexia “medonho” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 83:



84. MALINO

A Questão 93 “como se chama as crianças que são travessas, traquinas e que gostam de malinar?” gerou 9 variantes lexicais e 1 registro de “vazio”, conforme quadro 91:

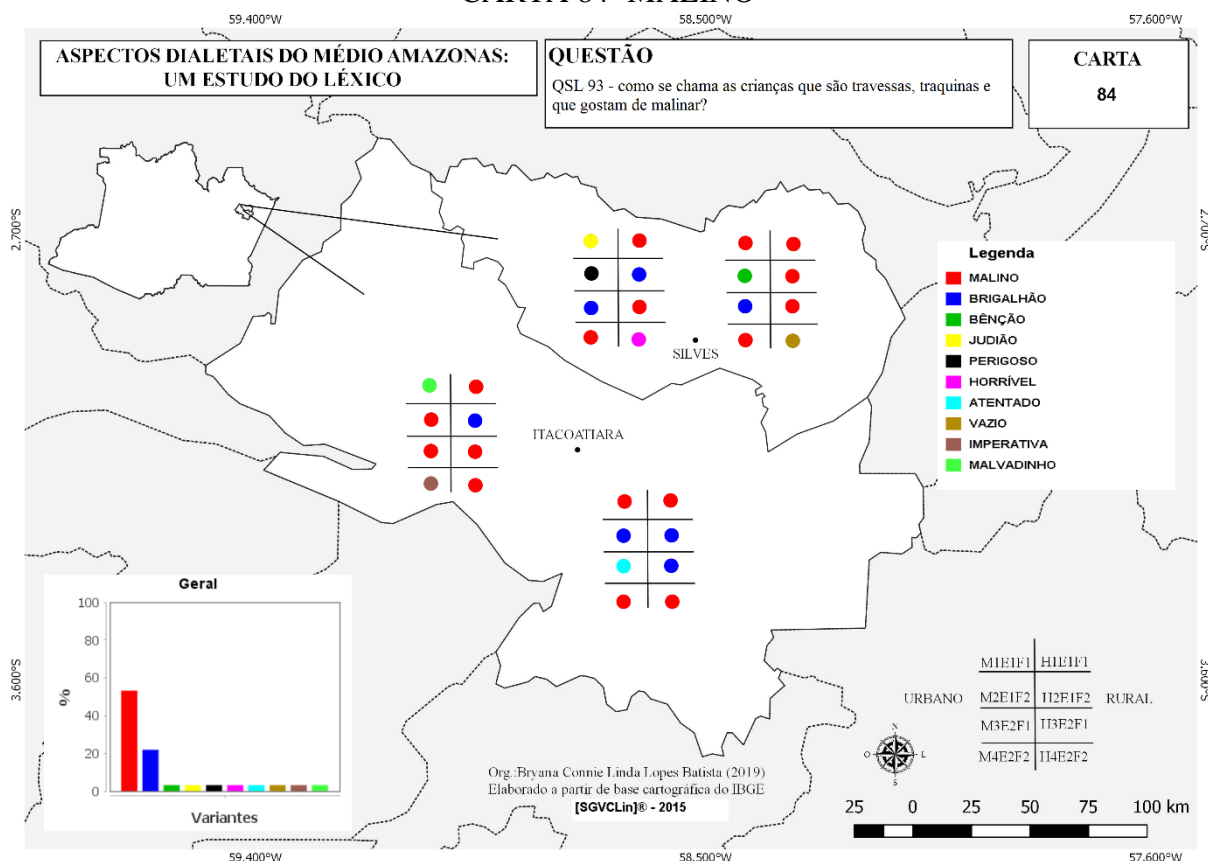
Quadro 91 -MALINO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Malino	17	53,12	5	62,5%	4	50%	3	37,5%	5	62,5%
Brigalhão	7	21,88	1	12,5%	3	37,5%	2	25%	1	12,5%
Horrível	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Vazio*	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Atentado	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Perigoso	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Judião	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Malvadinho	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Imperativa	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Benção	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos resultados gerais, a variante “malino” é predominante no município de Itacoatiara e Silves. Para este referente, Corrêa (1980) e Campos (2005) já haviam registrado a forma “malino”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 84:

CARTA 84 -MALINO



85. PÁVULA

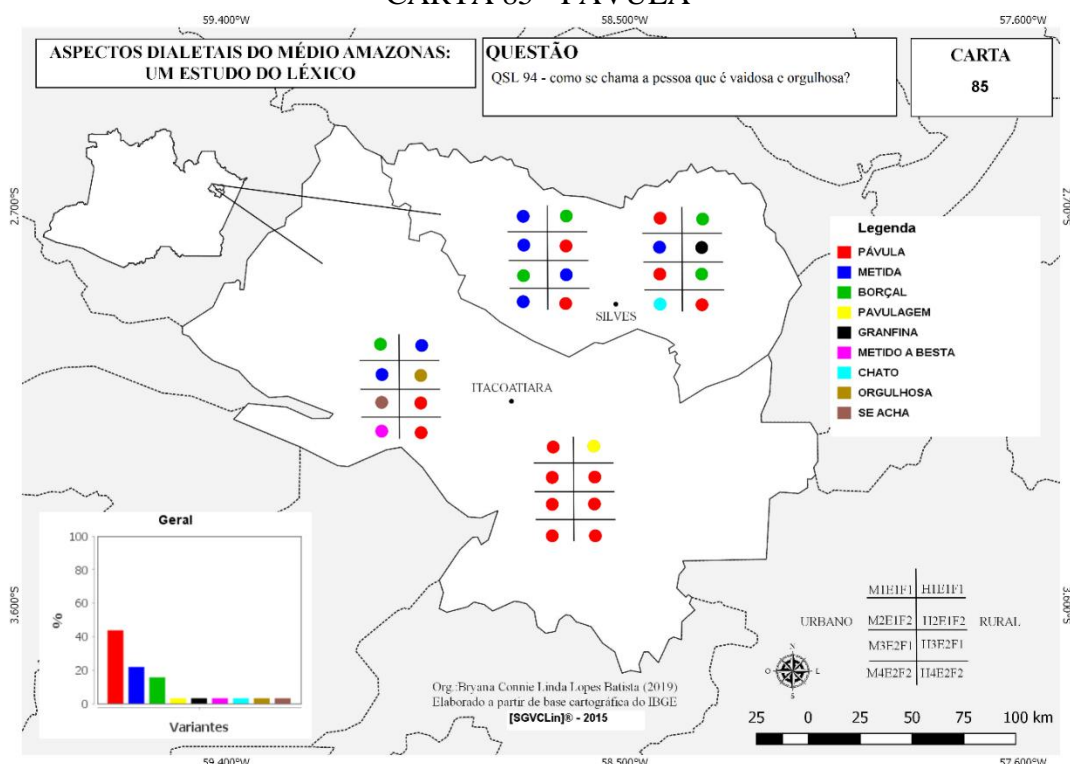
A Questão 94 “como se chama a pessoa que é vaidosa e orgulhosa?” gerou 9 variantes lexicais, conforme quadro 92:

Quadro 92 -PÁVULA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pávula	14	43,75	2	25%	7	87,5%	2	25%	3	37,5%
Metida	7	21,88	2	25%	0	0	4	50%	1	12,5%
Borçal	5	15,62	1	12,5%	0	0	2	25%	2	25%
Granfina	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Se acha	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Orgulhosa	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Metido a besta	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Pavulagem	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Chato	1	3,12	0	0	0	0	0	0	1	12,5%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

Com base nos resultados gerais, a variante “pávula” é a mais produtiva em Itacoatiara, principalmente na área rural. Em Silves, a mesma concorre com a forma “metida”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 85:

CARTA 85 - PÁVULA



Quanto ao fator idade e sexo, as variantes “pácula” e “borçal” estão em concorrência entre os jovens e entre as mulheres. Já a lexia “pácula” é a mais produtiva entre os idosos e entre os homens. Quanto ao fator escolaridade, as formas “metida” e “pácula” estão em concorrência entre falantes com ensino fundamental. Enquanto que a forma “pácula” é a mais utilizada entre falantes com o ensino médio. Em Corrêa (1980) e em Campos (2005) encontra-se a lexia “pácula” para este referente.

86. MACETA

A Questão 95 “como é que se diz de algo muito grande, imenso ou de uma pessoa grandona e bem forte?” gerou 5 variantes lexicais e uma ocorrência de “vazio”, conforme quadro 93, a seguir:

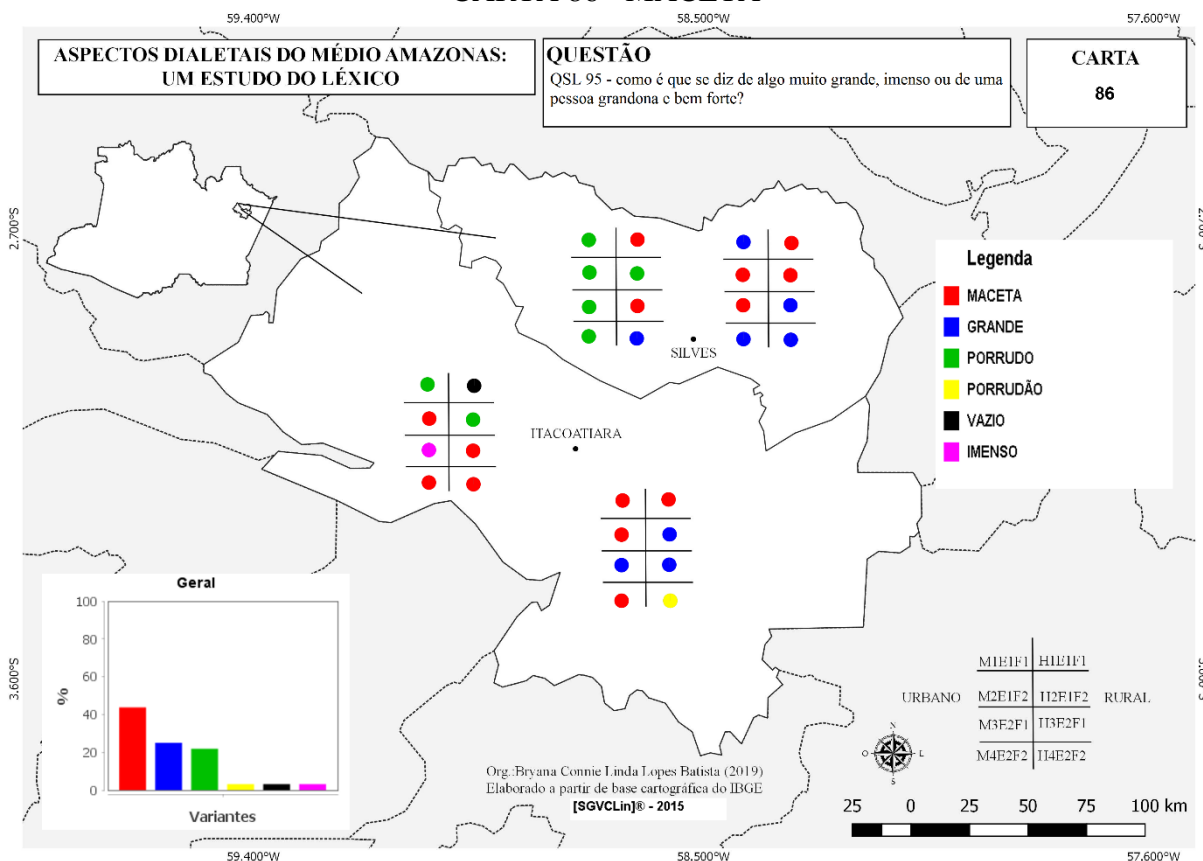
Quadro 93 - MACETA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Maceta	14	43,75	4	50%	4	50%	2	25%	4	50%
Grande	8	25	0	0	3	37,5%	1	12,5%	4	50%
Porrudo	7	21,88	2	25%	0	0	5	62,5%	0	0
Porrudão	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Vazio*	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Imenso	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Conforme os dados gerais, a variante “maceta” é produtiva em Itacoatiara, enquanto que em Silves, há concorrência entre as lexias “maceta”, “grande” e “porrudo”. Na área rural de Itacoatiara, a forma “maceta” é a mais produtiva, enquanto que na área urbana, a forma “porrudo” é a mais utilizada. Em Silves, a variante “porrudo” é mais frequente na área urbana, enquanto que na área rural, há concorrência entre as formas “maceta” e “grande”. Quanto aos fatores idade e sexo, a variante “maceta” é a mais produtiva entre os jovens, idosos, mulheres e homens. Quanto ao fator escolaridade, os falantes com ensino fundamental optam pela lexia “maceta”, enquanto que entre os falantes com ensino médio apresentam as variantes “grande” e “maceta” em concorrência. Em Campos (2005), encontra-se a lexia “grandona” e “maceta” para este referente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 86:

CARTA 86 - MACETA



87. GALEROSO

A Questão 96 “como se chama a pessoa que pertence a uma gangue de rua?” gerou 3 variantes lexicais, conforme quadro 94 abaixo:

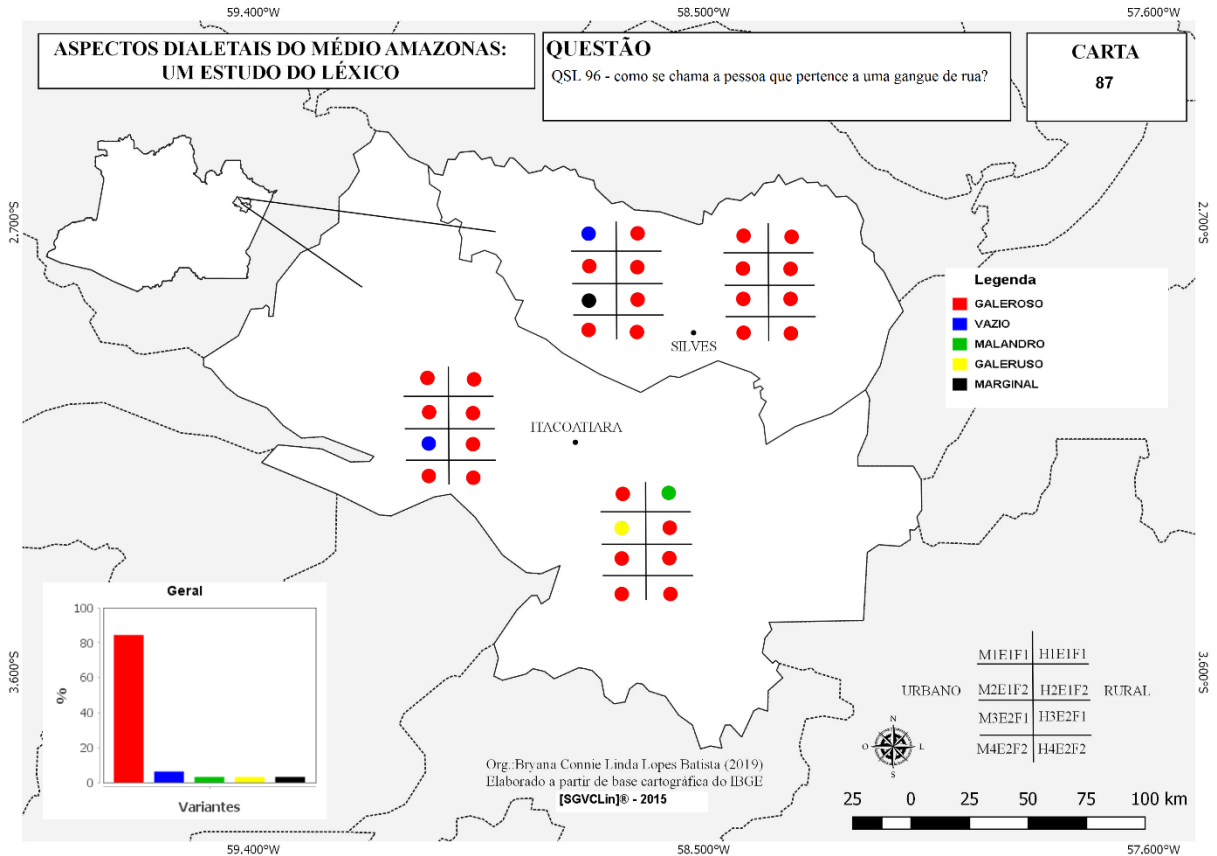
Quadro 94 -GALEROSO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Galeroso	27	84,38	7	87,5%	6	75%	6	75%	8	100%
Vazio*	2	6,25	1	12,5%	0	0	1	12,5%	0	0
Malandro	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Galeruso	1	3,12	0	0	1	12,5%	0	0	0	0
Marginal	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, observa-se que a variante “galeroso” é predominante nos dois municípios. Em Silves, esta variante atinge 100% de frequência na área rural. A seguir, apresenta-se a carta linguística 87:

CARTA 87 -GALEROSO



88. CHEIO

A Questão 97 “qual é a expressão que quer dizer que carro, ônibus ou canoa está até o máximo que pode suportar? Ele (a) está _____ de pessoas.” gerou 8 variantes lexicais e 3 ocorrências de vazio, conforme quadro 95 abaixo:

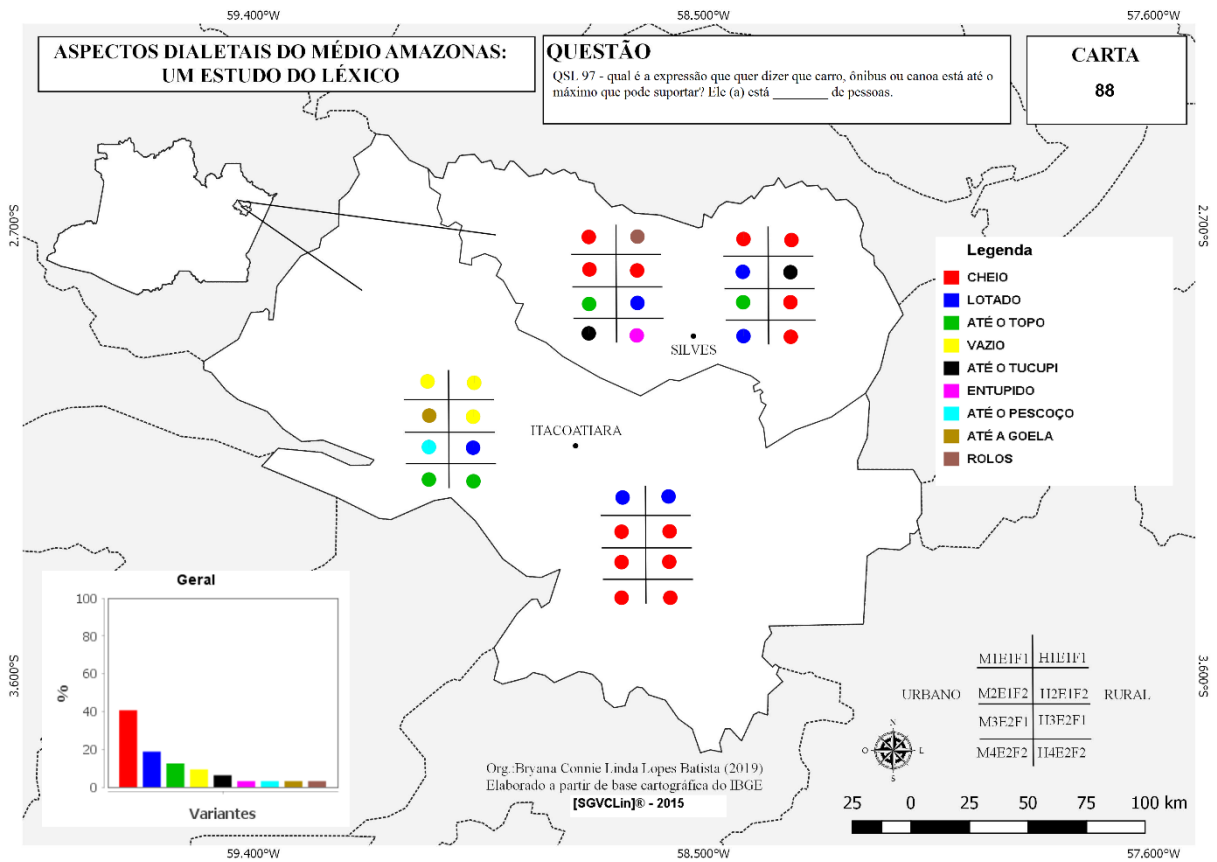
Quadro 95 - CHEIO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Cheio	13	40,62	0	0	6	75%	3	37,5%	4	50%
Lotado	6	18,75	1	12,5%	2	25%	1	12,5%	2	25%
Até o topo	4	12,5	2	25%	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Vazio*	3	9,38	3	37,5%	0	0	0	0	0	0
Até o tucupi	2	6,25	0	0	0	0	1	12,5%	1	12,5%
Entupido	1	3,12	0	0	0	0	0	12,5%	0	0
Até o pescoço	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Até a goela	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Rolos	1	3,12	0	0	0	0	1	12,5%	0	0
Total	32	100%	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Conforme os dados gerais, a variante “cheio” é a mais produtiva na área rural de Itacoatiara. Já em Silves, a forma “cheio” é mais frequente no município. A seguir, apresenta-se a carta linguística 88:

CARTA 88 -CHEIO



89. DE BUBUIA

A Questão 98 “quando a pessoa fica tomando banho no rio, e ela está parada na água descansando. Ela está _____.” gerou 4 variantes lexicais, conforme quadro 97 abaixo:

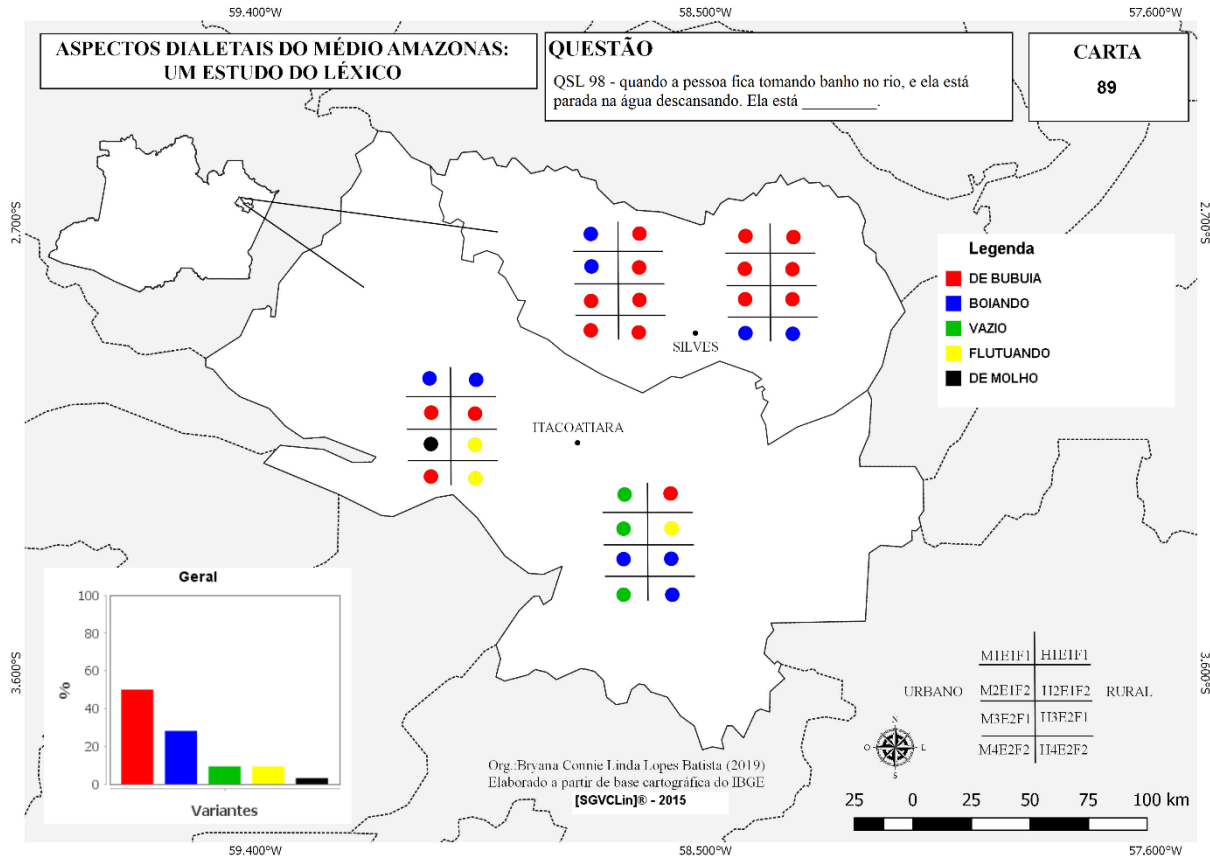
Quadro 96- DE BUBUIA

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
De bubuia	16	50	3	37,5%	1	12,5%	6	75%	6	75%
Boiando	9	28,12	2	25%	3	37,5%	2	25%	2	25%
Flutuando	3	9,38	2	25%	1	12,5%	0	0	0	0
Vazio*	3	9,38	0	0	3	37,5%	0	0	0	0
De molho	1	3,12	1	12,5%	0	0	0	0	0	0
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

* o informante não soube responder esta questão.

Com base nos dados gerais, a variante “de bubuia” é a mais produtiva em Silves. Já em Itacoatiara, na área urbana, optou-se pela forma “de bubuia” e na área rural, a mais produtiva foi “boiando”. Em Campos (2005), registra-se a forma “bubuia” para esta questão e em Azevedo (2013), a variante “de bubuia” também foi a mais frequente. A seguir, apresenta-se a carta linguística 89:

CARTA 89 - DE BUBUIA



90. PIRÃO

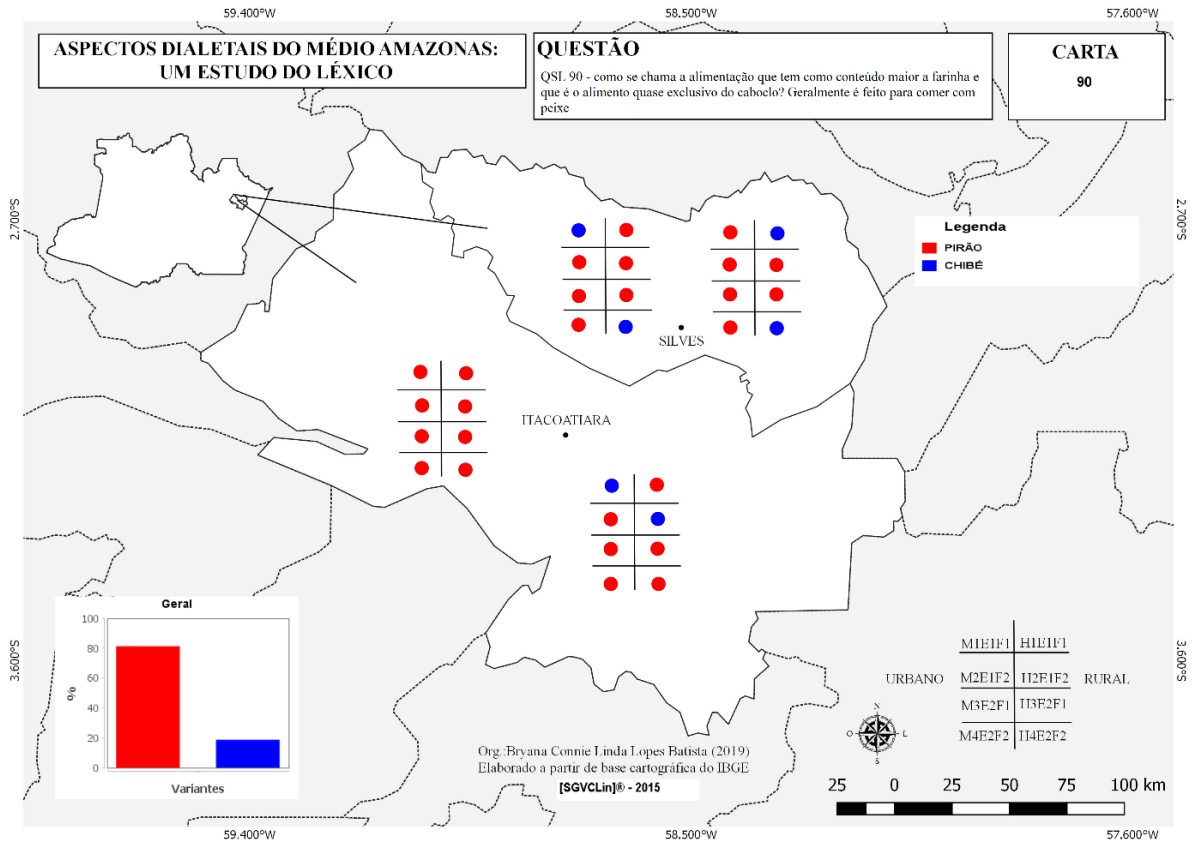
A Questão 99 "como se chama a alimentação que tem como conteúdo maior a farinha e que é o alimento quase exclusivo do caboclo? Geralmente é feito para comer com peixe" gerou 2 variantes lexicais, conforme quadro 97 abaixo:

Quadro 97 -PIRÃO

Variantes	Total	%	Itacoatiara				Silves			
			Urbano		Rural		Urbano		Rural	
Pirão	26	81,25	8	100%	6	75%	6	75%	6	75%
Chibé	6	18,75	0	0	2	25%	2	25%	2	25%
Total	32	100	8	100%	8	100%	8	100%	8	100%

De acordo com os dados apresentados, a variante “pirão” é a mais produtiva em Itacoatiara e Silves. Na área urbana de Itacoatiara, esta variante atingiu 100% de frequência. Em Corrêa (1980), Campos (2005), Cruz (2004) e Azevedo (2013), registra-se “chibé” para este referente. Em Maia (2018) foram registradas as formas “pirão”, “pirão escaldado”, “chibé”, “angu”, “jacuba” e “farinha escaldada”. A seguir, apresenta-se a carta linguística 90:

CARTA 90 - PIRÃO



As outras questões do questionário eram abertas e apresentaram poucas respostas. A pergunta “você conhece outros tipos de embarcações usadas na região?” obteve as seguintes respostas: garipé, balsa, empurrador, lancha, casco e casquinho. A pergunta “você conhece

outros peixes que possuem nomes diferentes, mas que são os mesmos?” obteve as seguintes respostas: roelo para tambaqui, sulamba, lebreia e macaco d’água para aruanã, peixe-cachorro para peixe liso, pongó para traíra, jacunda para bangulau, baruca para bararuá, tucunaré pintado para tucunaré paca, entre outros. A pergunta “você conhece os nomes de frutas que os peixes comem e que tem formações em –rana?” obteve respostas como: canarana, juruarana, abiurana, jatuarana, jabuticarana, irana, cacaiarana, cajurana, batatarana, jotoarana e cubiurana. A questão “você conhece outras brincadeiras dessa região? Quais são?” obteve as seguintes respostas: quadrado, cemitério, jameson, peão e geral.

Quanto a norma apresentada neste trabalho, embasada nas ideias de Coseriu (1973) sobre “sistema, norma e fala”, juntamente com orientações de Cristianini (2007) acerca da alta frequência e distribuição regular, elaborou-se as seguintes tabelas que mostram as lexias que constituem a norma do Médio Amazonas, segundo os pontos de inquérito selecionados: Itacoatiara e Silves.

Inicia-se pelas lexias que tiveram a frequência elevada e sua distribuição regular, pois todos os sujeitos da pesquisa deram a mesma resposta a questão, conforme a tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Lexias com 100% de frequência

Lexias	Frequência absoluta e relativa (%)	Questão
Canoa	32 - 100	8
Lamparina	32 - 100	13
Jirau	32 - 100	14
Carapanã	32 - 100	18
Jacina	32 - 100	23
Parteira	32 - 100	47
Caçula	32 - 100	50
Catapora	32 - 100	64
Tuxina	32 - 100	70
Cambalhota	32 - 100	77
Dindim	32 - 100	100

Também foram registradas as lexias com alta frequência, com índices iguais ou superiores a 50%, com distribuição regular, pois estavam presentes em todos os pontos de inquérito, como pode ser visto na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Lexias com frequência $\geq 50\%$

Lexias	Frequência absoluta e relativa (%)	Questão
Banzeiro	28 – 87,5%	02
Temporal	26 – 81,25%	03
Repiquete	25 – 78,12%	04
Capim-arroz	21 – 65,62%	05
Neblina	17 – 53,12%	06
Diesel	28 – 87,5%	12
Tapiri	18 – 56,25%	16
Bacio	17 – 53,12%	17
Embuá	22 – 68,75%	19
Osga	24 – 75%	21
Rasga-mortalha	16 – 50%	22
Bodó	22 – 68,75%	25
Apapá	26 – 81,25%	26
Ticar	24 – 75%	27
Nuca	25 – 78,12%	28
Gogó	22 – 68,75%	29
Muleira	22 – 68,75%	30
Bunda	21 – 65,62%	31
Banguelo	24 – 75%	33
Fonfon	21 – 65,62%	34
Vesgo	22 – 68,75%	35
Bustela	22 – 68,75%	37
Suvaco	21 – 65,62%	38
Cecê	25 – 78,12%	39
Canela	30 – 93,75%	41
Batata	25 – 78,12%	42
Mocotó	21 – 65,62%	43
Goela	22 – 68,75%	44
Munheca	26 – 81,25%	45
Menstruação	31 – 96,88%	46
Curumim	19 – 59,38%	50
Grávida	16 – 50%	52
Virgem	19 – 59,38%	53
Mão de vaca	24 – 75%	56
Prostituta	17 – 53,12%	57
Cachaceiro	17 – 53,12%	58
Machuda	21 – 65,62%	59
Gay	20 – 62,5%	60
Mano	20 – 62,5%	61
Puxirum	21 – 65,62%	62
Papeira	30 – 93,75%	65

Mingau de caridade	23 – 71,88%	66
Empachado	16 – 50%	67
Mijacão	18 – 56,25%	68
Impinja	21 – 65,62%	69
Frieira	27 – 84,38%	71
Visagem	23 – 71,88%	73
Benzedeira	18 – 56,25%	74
Curandeiro	20 – 62,5%	75
Mau-olhado	23 – 71,88%	76
Calambota	21 – 65,62%	77
Baladeira	26 – 81,25%	79
Papagaio	27 – 84,38%	80
Curica	23 – 71,88%	81
Pira	16 – 50%	83
Macaca	16 – 50%	84
Desmentido	30 – 93,75%	87
Foqueiro	20 – 62,5%	89
Pequeno	20 – 62,5%	90
Abestado	17 – 53,12%	91
Malino	17 – 53,12%	93
Galeroso	27 – 84,38%	96
De bubuia	16 – 50%	98
Pirão	26 – 81,25%	99

Outras lexias tiveram sua distribuição regular, pois estiveram em todos os pontos de inquérito, mas apresentaram frequência inferior a 50% das ocorrências, conforme tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Lexias com frequência < 50%

Lexias	Frequência absoluta e relativa (%)	Questão
Redemoinho	11 – 34,38%	01
Canoa com rabeta	13 – 40,62%	09
Lancha	13 – 40,62%	10
Motor de linha	12 – 37,5%	11
Sanitário	12 – 37,5%	15
Lacrau	12 – 37,5%	12
Curimatá (ã)	14 – 43,75%	24
Pratinho	12 – 37,5%	32
Terçol	11 – 34,38%	36
Cosca	15 – 46,88%	40
Adotivo	13 – 40,62%	48
Menina/Cunhantain	13 – 40,62%	51

Faladeira	9 – 28,12%	54
Corno/Chifrudo	15 – 46,88%	55
Curuba	11 – 34,38%	63
Satanás	13 – 40,62%	72
Bolinha/Peteca	14 – 43,75%	78
Pira se esconde	14 – 43,75%	82
Acesa	9 – 28,12%	85
Avexado	11 – 34,38%	86
Espinhela caída	13 – 40,62%	88
Feio	11 – 34,38%	92
Pávula	14 – 43,75%	94
Maceta	14 – 43,75%	95
Cheio	13 – 40,62%	97

Ocorreu também a situação de uma questão em que a lexia de maior ocorrência possuiu uma frequência baixa – inferior a 25%, como é o caso da lexia “tapagem”, que possuiu apenas 6 ocorrências (18,75%). Desta forma, buscou-se apresentar a norma do Médio Amazonas conforme a distribuição de cada lexia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de um mesmo referente ser chamado de várias formas em determinados lugares e por pessoas diferentes fez com que esta pesquisa viesse a ser realizada. A divisão territorial de um estado não determina que a fala de seus habitantes seja homogênea. Pelo contrário, a heterogeneidade da língua e a possibilidade de ela se transformar ao longo do tempo mostram que as variantes linguísticas estão presentes em todos os níveis da língua.

A Dialetoologia e a Sociolinguística contribuem para os estudos linguísticos, dispondo de ferramentas metodológicas para averiguação das hipóteses. Para esta pesquisa, foram utilizados os princípios teórico-metodológico do estudo pluridimensional (THUN, 1998).

Nascentes (1953), em sua divisão dialetal acerca dos falares no Brasil, já considerava o falar amazonense, pertencendo ao falar amazônico, colocando o caboclo como protagonista desta variação. A partir disso, surgiram pesquisas como de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005), Azevedo (2013), Maia (2018), entre outros que buscam conhecer ainda mais a variedade falada no norte, principalmente no Amazonas.

No intuito de revisitar os pontos de inquérito da primeira pesquisa dialetológica do Amazonas, a hipótese inicial era de que a fala cabocla de Itacoatiara e Silves apresentaria algumas diferenças em seu aspecto linguístico lexical. Sendo assim, na dissertação postula-se as seguintes hipóteses:

1. Os falantes apresentarão as lexias encontradas nas pesquisas de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005) e Azevedo (2013) para a mesma variável lexical;
2. Haverá uso categórico de variantes nos dois municípios;
3. Haverá formas inovadoras substituindo variantes regionais;
4. As lexias, para a mesma variável lexical, apresentadas no Médio Amazonas serão diferentes das localizadas em outros municípios amazonenses.

De acordo com o presente, algumas lexias faladas na década de 80 continuam sendo faladas atualmente, como redemoinho, banzeiro, canoa, lamparina, tapiri, rasga-mortalha. Também foi confirmado o uso categórico nos dois municípios das seguintes lexias: canoa, lamparina, jirau, carapanã, jacina, parteira, caçula, catapora, tuxina e dindim.

Também foi confirmada nesta pesquisa lexias diferentes das formas encontradas nas pesquisas de Cruz (2004), Campos (2005) e de Azevedo (2013), pois registram-se neste trabalho lexias como neblina, mas neve, cerração e sereno em Cruz (2004); registra-se “ticar”, mas “retalhar” em Azevedo (2013); “lanhar” e “retalhar” em Campos (2005).

No primeiro momento, foram selecionados 3 municípios para compor a pesquisa: Itacoatiara, Silves e Itapiranga. Porém, este último foi retirado por motivos financeiros e por orientações da banca de um Seminário de Metodologia da Pesquisa, organizado pelo Programa de Pós-Graduação de Letras da UFAM. Sendo assim, os dois municípios iniciais foram considerados, tanto a área urbana quanto a rural.

Para isso, a pesquisa foi submetida aos princípios metodológicos da Dialectologia Pluridimensional, a qual sistematiza itens necessários como rede de pontos, informantes, questionários, entrevistas, organização dos dados e a cartografia dos resultados obtidos. Para realização da coleta de dados, foi adaptado um Questionário Semântico-Lexical (QSL) contendo 100 questões distribuídas em 10 campos semânticos (meio físico; habitação e meios de transporte; fauna; corpo humano; ciclo de vida; convívio e comportamento social; saúde; religião e crenças; jogos e diversões infantis e expressões populares). Desta forma, o objetivo principal do projeto, que era elaborar as cartas linguísticas lexicais na modalidade pluridimensional, foi cumprido com os resultados da pesquisa.

Para cumprir o objetivo específico “verificar a produtividade das variantes semântico-lexicais na dimensão diatópica (espaço), diastrática (escolaridade), diageracional (idade), diassexual (sexo) e diazonal (rural/urbano)” foram gerados, no software SGVCLin, 640 relatórios das variantes lexicais desta pesquisa, sobre a frequência diatópica, diageracional, diazonal, diastrática e diassexual de cada item.

Outro objetivo alcançado foi a comparação dos itens lexicais encontrados nesse trabalho com os registros de outras pesquisas como de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005), Azevedo (2013) e Maia (2018). Em dados gerais, muitas variantes permaneceram as mesmas, independente do tempo decorrido, como “lamparina”, “canoa” e “jirau”. Outras foram registradas pela primeira vez como “machuda”, “gay” e “dindim”. Algumas formas estão em concorrência com outras na dimensão diatópica, como é o caso de “penico” e “bacio”, em que o primeiro é mais falado em Silves e o outro é mais frequente em Itacoatiara.

Algumas variações ocorrem entre homem e mulher ou entre falantes com escolaridades diferentes (ensino fundamental e médio), como é o caso de “sanitário” e “privada”, respectivamente. Entre a área urbana e área rural dos municípios, a variação é mais expressiva. No que diz respeito à idade, jovens e idosos apresentam divergências lexicais, como é o caso de “penico” e “bacio”, respectivamente.

Sendo assim, tem-se a convicção de que esta pesquisa traz relevantes contribuições para os trabalhos dialetológicos realizados no Amazonas. Nos próximos trabalhos acerca do

componente lexical, os pesquisadores poderão inserir outras pesquisas publicadas em forma de tese, dissertação e cartas linguísticas sobre a forma de falar de outros estados brasileiros.

Quanto às dificuldades, foi difícil encontrar pessoas dispostas a dar a entrevista, pois alguns falantes que seriam ideais se recusaram a fazer. Além disso, os recursos financeiros também são necessários para manter as viagens de pesquisa, visto que o estado do Amazonas é grande e tudo depende dos meios de transporte fluviais.

Diante de tudo o que foi exposto, este trabalho soma-se aos que já foram realizados e outros que ainda serão elaborados. Afinal, a língua mostra todos os dias a sua heterogeneidade em cada componente linguístico, o qual é possível ser estudado e verificado de acordo com os objetivos de cada pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística (Parte I)**. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, Volume 1. 9. Ed. rev.- São Paulo: Cortez, 2012.
- ALTINO, F. C. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007. Tese (doutorado) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina.
- ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BARBOSA, Quezia Maria R. de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. Manaus. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: (teoria lexical e linguística computacional)**. 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Dimensões da palavra**. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, n. 2, p.81-118, 1998. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>>. Acesso em 17 de jan de 2018.
- BÍBLIA SAGRADA**. Almeida Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BUSSE, Sanimar. **Investigações Geossociolinguísticas: considerações para uma descrição dos fenômenos da variação**. In: Dossiê: inclusão social e políticas sociais para minorias: o papel das pesquisas na área de letras e linguística. *Línguas & Letras*. Vol. 13 nº 24 1º Sem . 2012. p.89 – 116.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMPOS, Maria Sandra. **Aspectos Fonético-Fonológicos e Léxico-Semânticos do português falado na zona rural de Borba**. Mestrado em Língua Portuguesa. Centro de estudos gerais – Instituto de Letras – UFF. Niterói, 2005. CHAMBERS, J. k.; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Madri: Visor Libros, 1994.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____; MOTA, Jacyra Andrade. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual**. Revista Alfa, São Paulo, 56, 2012. Disponível: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4924/4364>>. Acesso em: 24 jan2018

CORRÊA, Hydelyvia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980 –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

COSERIU, Eugenio. **Sistema, Norma y Habla**. In: Teoría del Leguaje y Lingüística General. 3 ed., Madrid: Biblioteca RomânicaHispanica / Editorial Gredos, 1973, p.11-113.

_____. **La geografía Linguística**. In: El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Gredos, 1977.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO ESTADO DO AMAZONAS. Governo do Estado do Amazonas. Disponível em: <www.ale.am.gov.br/wp.../Constituicao-do-Estado-do-Amazonas-atualizada-2013.pdf>. Acesso em: 01 de mar de 2018.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC**. Tese apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.). Salvador: Vento Leste, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C (Orgs). **Introdução à linguística – fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. **Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística**. Dissertação de mestrado. UFAM, Manaus, 2015.

GUY, G. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoais padrões de variação linguística**. Organon, Porto Alegre, vol. 14, n. 28 e 29, p. 17-32, 2000.

HOUAISS, A et ali . **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE SILVES. Assembleia legislativa do estado do Amazonas – ALEAM. 05 de dezembro de 2014. Disponível em:< <http://www.transparencia-am.com.br/SILVES/PM/lei-organica.html>>.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectología general e hispanoamericana: orientación Teórica, metodológica y bibliográfica**. 2.ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. In: Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil/ Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso (Orgs.). Salvador: Quarteto, 2006.

MULLER, C. **Initiation à la statistique linguistique**. Paris: Librairie Larousse, 1968.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução Walmirio Macedo. Rio de Janeiro: Presença/USU, 1978.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 4º ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

RAZKY, Abdelhak. **O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica**. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

_____; GUEDES, Regis José da Cunha. **Um recorte da variação lexical no projeto Atlas Lingüístico do Pará**. CALIGRAMA, Belo Horizonte, v. 18, n.2, p.51-68, 2013.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. **Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões centro-oeste, sudeste e sul a partir dos dados do projeto atlas lingüístico do Brasil**. Alfa, São Paulo, 58 (2): 463-497, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Editora Cultrix: São Paulo, 2006.

SEVERO, Cristine Gorsk. **A comunidade de fala na sociolingüística laboviana: algumas reflexões**. Revista Voz das Letras. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 9, I Semestre de 2008

SILVA, Lúcia Helena Ferreira da Silva. **Comportamento da vogal tônica posterior Média Fechada /O/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia). Universidade Federal do Amazonas. 2009. Disponível em: <<http://ppgsca.ufam.edu.br>> Acesso em: 12 de mar de 2018.

SILVA, Francisco Gomes da. **Câmara Municipal de Itacoatiara (Sinopse Histórica)**. Gráfica Ampla, Manaus, 2010.

_____, Francisco Gomes da. **Fundação de Itacoatiara (1º volume da Trilogia Itacoatiara 330 anos)**. 2º edição revista e ampliada. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2017.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas do Amazônia, 1957.

TARALLO, Fernando (1986). **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. MartinsFontes, 2001.

THUN, Harald. **La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni(org.). Atti... Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

TORRES, FrancineryGonçalves Lima. **A realização das variantes palatais / ʎ / e / ɲ / nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Solimões)**. Manaus: UFAM, mestrado em Sociedade e Cultura, 2010.

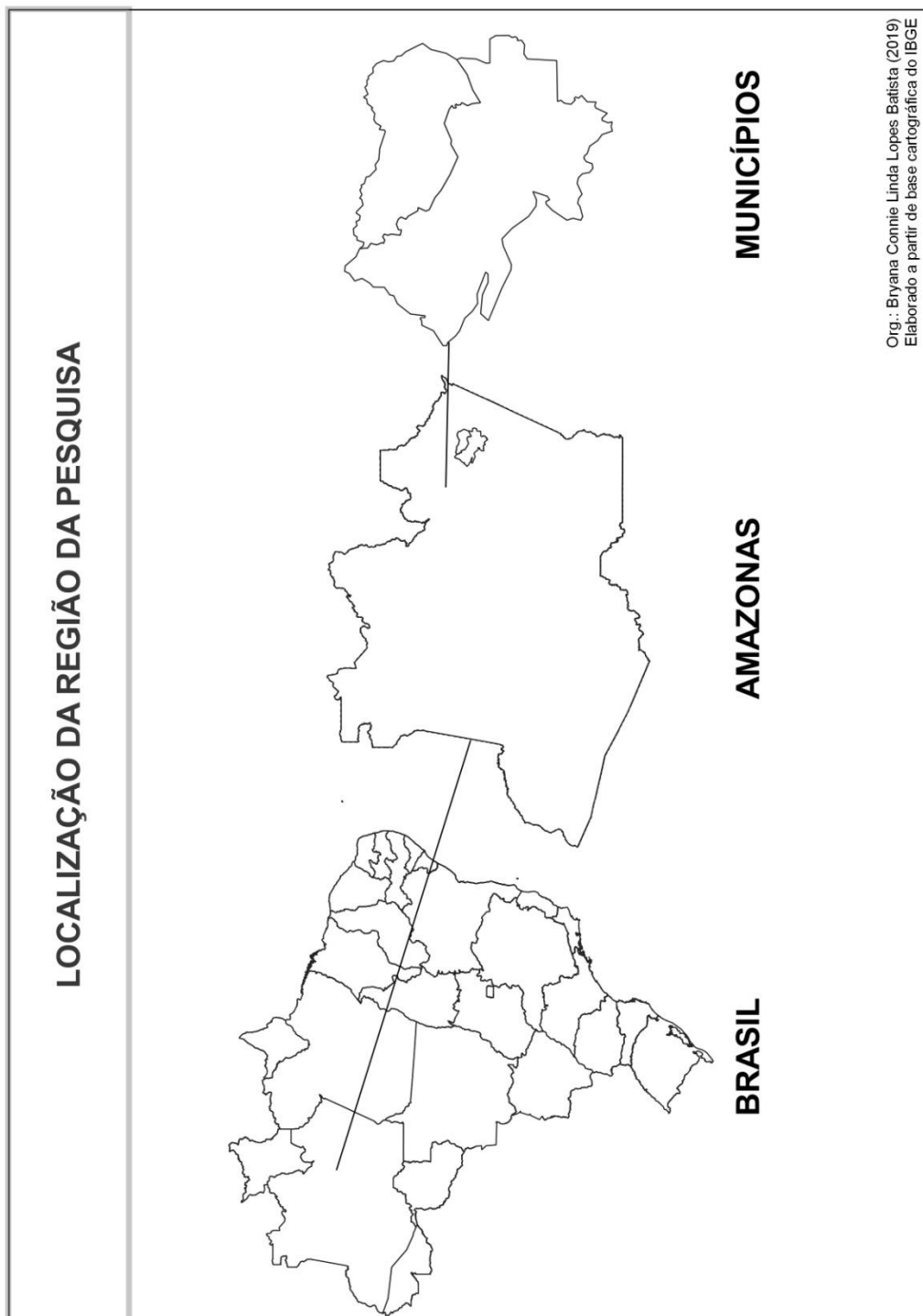
VANIN, Aline Aver. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’ idade de fala’**. ActaScientiarum. Language and Culture Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 24 jan 2019

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, M. R. **Os falares mineiros: esboço de um AtlasLingüístico de Minas Gerais**. In: AGUILERA, V. de A. (org.). A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.

APÊNDICE A – LOCALIZAÇÃO DA PESQUISA



APÊNDICE B –FICHA DO INFORMANTE

FICHA DO INFORMANTE

Código:

Nome:.....

Gênero (sexo): Faixa Etária: Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Profissão:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Quais municípios do Amazonas conhece?

Quais outros estados/países conhece?.....

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO–LEXICAL (QSL)

A. MEIO FÍSICO

1. REDEMOINHO (DE ÁGUA)

Muitas vezes, em um rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?(DOCUMENTOS 4, 2013)

2. BANZEIRO

Como se chama o movimento das águas do rio provocado pelo vento ou pela passagem de barcos? (CRUZ, 2004)

3. TEMPORAL/TORÓ

Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente? (DOCUMENTOS 4, 2013)

4. REPIQUETE

Qual é o nome dado ao fenômeno natural em que o rio depois de parar de encher, volta a encher novamente? (CRUZ, 2004)

5. CAPIM-ARROZ

Como se chama o tipo de capim que serve de alimentação ao peixe-boi? (CRUZ, 2004)

6. NEBLINA

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? (DOCUMENTOS 4, 2013)

7. TAPAGEM/CACURI

Como se chama o modo de pescaria em que se tem de tapar a boca dos igarapés e lagos para aprisionar os peixes? (CRUZ, 2004)

B. HABITAÇÃO E MEIOS DE TRANSPORTE

8. CANOA

Como é chamada essa embarcação típica dos ribeirinhos?(Imagem 1) (BATISTA, 2019)

9. CANOA COM RABETA

Como é conhecida a canoa motorizada nesta região? (Imagem 2) (BATISTA, 2019)

10. VOADEIRA

Como é conhecida a embarcação movida a motor com estrutura e casco de metal, geralmente alumínio, a maioria composta com motor de popa? (Imagem 3) (BATISTA, 2019)

11. RECREIO

Como é chamada a embarcação que transporta passageiro e carga, que em geral são as produções destas comunidades e é o principal meio de transporte entre diversos municípios do interior e também das capitais da Amazônia? (Imagem 4) (BATISTA, 2019)

12. COMBUSTOL

Qual o nome do óleo que faz a máquina dos barcos funcionar? (AZEVEDO, 2013)

13. LAMPARINA

Qual é o nome do pequeno recipiente, geralmente feito de alumínio, que fornece iluminação a querosene? (CORRÊA, 1980)

14. JIRAU

Como se chama aquele estrado, construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para se guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar de peixe, etc? (CRUZ, 2004)

15. PRIVADA

Qual é o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades? E para urinar? (CRUZ, 2004)

16. TAPIRI

Como é chamado o tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar? (CRUZ, 2004)

17. PENICO/BACIO

Como é chamado o recipiente usado para fazer as necessidades? (BATISTA, 2019)

Você conhece outros tipos de embarcações usadas na região?

C. FAUNA

18. CARAPANÃ

Como é chamado aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (*Imitar o zumbido*)(DOCUMENTOS 4, 2013)

19. EMBUÁ

Como são chamados os animais que possuem dois pares de patas em cada parte do seu corpo e se encolhe quando se sente ameaçado? Ele não é venenoso, vive sobre troncos, folhas ou pedras, mas é possível vê-los também dentro de residências, pois eles procuram lugares úmidos para se instalarem. (Imagem 5)

(BATISTA, 2019)

20. CENTOPEIA/LACRAIA

Como são chamados os animais que preferem locais úmidos, como debaixo de troncos, cascas de árvore e pedras, ocorrendo ocasionalmente em residências, especialmente em lugares úmidos como ralos de banheiros e bueiros? (Imagem 6)

(BATISTA, 2019)

21. CALANGO/OSGA

Qual é o animal réptil, que fica na parede da casa para comer carapanã e outros insetos pequenos? (BATISTA, 2019)

22. RASGA-MORTALHA

Como se chama aquela ave que quando passa em cima de uma casa anuncia a morte de alguém? (CRUZ, 2004)

23. LIBÉLULA

Como é chamado o inseto de quatro asas membranosas, que voa rapidamente junto às águas em perseguição a outros minúsculos insetos e cuja larva é aquática?

(Imagem 7) (BATISTA, 2019)

24. CURIMATÃ

Como é chamado o peixe que tem o corpo com a coloração prateada escura, coberto com escamas ásperas e pode atingir até 80 cm de comprimento? (Imagem 8)

(BATISTA, 2019)

25. ACARI-BODÓ

Como é chamado o peixetípico do Amazonas, pois ele não é encontrado em nenhum outro lugar do país, que faz parte da culinária cabocla por ter uma carne saborosa e costuma ser apreciado em forma de calderada, assado ou na forma de

farinha de peixe, também conhecida como farinha de piracuí? (Imagem 9) (BATISTA, 2019)

26. SARDINHÃO

Como é chamado o peixe de escamas, com corpo comprimido, cabeça pequena, boca pequena, ligeiramente voltada para cima, com coloração amarelada e seu dorso, escuro? (Imagem 10) (BATISTA, 2019)

27. TICAR

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa corta o peixe para quebrar as espinhas? (BATISTA, 2019)

Você conhece outros peixes que possuem nomes diferentes, mas que são os mesmos?

Você conhece os nomes de frutas que os peixes comem e que tem formações em -rana?

D. CORPO HUMANO

28. NUCA

Como é chamada essa parte do corpo? (*Apontar*) (DOCUMENTOS 4, 2013)

29. POMO-DE-ADÃO

Como é chamada essa parte alta do pescoço do homem? (*Apontar*) (DOCUMENTOS 4, 2013)

30. MOLEIRA

Como é chamado o espaço macio que une os ossos da cabeça de um recém-nascido? (*Apontar*) (BATISTA, 2019)

31. BUNDA

Como é chamada a parte traseira do corpo? (*Apontar*) (BATISTA, 2019)

32. RÓTULA

Como é chamado o osso que fica na frente do joelho? (*Apontar*) (DOCUMENTOS 4, 2013)

33. DESDENTADO

Como é chamada a pessoa que não tem dentes? (DOCUMENTOS 4, 2013)

34. FANHOSO

Como é chamada a pessoa que parece falar pelo nariz? (*Imitar*)(DOCUMENTOS 4, 2013)

35. VESGO

Como se chama a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (*Imitar*) (CRUZ, 2004)

36. TERÇOL

Como se chama uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha? (CRUZ, 2004)

37. BOSTELA

Como é chamada a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo? (DOCUMENTOS 4, 2013)

38. SUVACO

Como se chama esta parte aqui? (*Apontar*) (CRUZ, 2004)

39. CECÊ

Como se chama o mau cheiro debaixo dos braços? (CRUZ, 2004)

40. CÓCEGA

O que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? (DOCUMENTOS 4, 2013)

41. CANELA

Como é chamada essa parte após o joelho? (*Apontar*) (CRUZ, 2004)

42. PANTORILHA/PANTURRILHA/BATATA

Como se chama o músculo/carne que fica atrás da perna da pessoa? (*Apontar*) (AZEVEDO, 2013)

43. MOCOTÓ

Como é chamada essa parte entre a ____ (*item 43*) e o pé? (*Apontar*) (BATISTA, 2019)

44. GOELA/GARGANTA

Qual é o nome da parte do corpo que fica lá no fundo da boca? (*Apontar*) (AZEVEDO, 2013)

45. MUNHECA

Qual é o nome da parte do corpo que faz a junção da mão com o antebraço?
(Apontar) (BATISTA, 2019)

E. CICLOS DA VIDA

46. MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
(DOCUMENTOS 4, 2013)

47. PARTEIRA

Como é chamada a mulher que ajuda a criança a nascer? (DOCUMENTOS 4, 2013)

48. FILHO ADOTIVO

Como é chamada a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse? (DOCUMENTOS 4, 2013)

49. CAÇULA

Como é chamado o irmão/filho que nasceu por último? (DOCUMENTOS 4, 2013)

50. MENINO

Como é chamada a criança do sexo masculino aqui na região? (AZEVEDO, 2013)

51. MENINA

Como é chamada a criança do sexo feminino aqui na região? (BATISTA, 2019)

52. GRÁVIDA

Como é chamada a mulher que está esperando um bebê? (BATISTA, 2019)

53. VIRGEM

Como é chamada a menina que ainda não teve relação sexual? (BATISTA, 2019)

F. CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

54. TAGARELA

Como é chamada a pessoa que fala demais? (DOCUMENTOS 4, 2013)

55. CORNO

Como é chamado o homem que é traído pela esposa? (BATISTA, 2019)

56. PESSOA SOVINA

Como é chamada a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? (DOCUMENTOS 4, 2013)

57. PROSTITUTA

Como é chamada a mulher que se vende para qualquer homem? (DOCUMENTOS 4, 2013)

58. BÊBADO

Como é chamada a pessoa que bebe demais? (DOCUMENTOS 4, 2013)

59. MACHUDA

Qual é o nome mais usado neste local para a mulher que gosta de mulher?
(AZEVEDO, 2013)

60. HOMOSSEXUAL

Qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem?
(AZEVEDO, 2013)

61. MANO/PARENTE

Qual é o termo afetivo que você usa para falar com algum irmão, parente ou amigo? (CRUZ, 2004)

62. PUXIRUM

Qual é o nome dado à reunião de trabalhadores que vão ajudar a plantar maniva no roçado de alguém? (AZEVEDO, 2013)

G. SAÚDE

63. CORUBA

Como são chamadas aquelas feridas pelo corpo? (BATISTA, 2019)

64. CATAPORA

Como é chamada a doença caracterizada por bolhas que causam coceira?
(BATISTA, 2019)

65. PAPEIRA

Como é chamada a doença que faz inchar só um lado do queixo, que geralmente dá em criança? (CRUZ, 2004)

66. MINGAU DE CARIDADE

Como é chamado o alimento feito com farinha e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas? (CRUZ, 2004)

67. EMPACHADO

Qual é o termo usado para indicar que uma pessoa está com “prisão de ventre”?
(CORRÊA, 1980)

68. BICHO GEOGRÁFICO/MIJACÃO

Como é chamada a doença de pele causada pela entrada de parasitas através de feridas ou cortes na pele, causando sintomas como coceira e vermelhidão? (Imagem 11) (BATISTA, 2019)

69. IMPINGEM

Como é chamada aquela doença que apresenta manchas avermelhadas na pele com bordas marcadas e o centro mais claro, que causa muita coceira nas regiões afetadas? (BATISTA, 2019)

70. TUXINA

Qual é o verme pequeno que provoca coceiras terríveis no ânus de crianças ou de adultos? (AZEVEDO, 2013)

71. FRIEIRA

Como se chama a coceira que se aloja nos pés, entre os dedos, nas laterais, na sola e até nas unhas e é caracterizada por bolhas e rachaduras? (BATISTA, 2019)

H. RELIGIÃO E CRENÇAS**72. DIABO**

Que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo? (CRUZ, 2004)

73. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo? (DOCUMENTOS 4, 2013)

74. BENZEDEIRA

Como se chama a mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? (DOCUMENTOS 4, 2013)

75. CURANDEIRO

Como se chama a pessoa trata de doenças por meio de ervas e plantas? (DOCUMENTOS 4, 2013)

76. MAU-OLHADO

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra? (CRUZ, 2004)

I. JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

77. CAMBALHOTA

Como se chama a brincadeira que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (DOCUMENTOS 4, 2013)

78. BOLINHA DE GUDE

Como se chamam umas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar? (DOCUMENTOS 4, 2013)

79. ESTILINGUE

Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinhos? (DOCUMENTOS 4, 2013)

80. PIPA

Como é chamado o brinquedo feito com varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha? (DOCUMENTOS 4, 2013)

81. CURICA

Como é chamado um brinquedo parecido com o item anterior, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?(DOCUMENTOS 4, 2013)

82. ESCONDE-ESCONDE

Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? (DOCUMENTOS 4, 2013)

83. PEGA-PEGA/PIRA

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado? (DOCUMENTOS 4, 2013)

84. MACACA

Qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? (DOCUMENTOS 4, 2013)

Você conhece outras brincadeiras dessa região? Quais são?

J. EXPRESSÕES POPULARES

85. ACESA

Como se chama uma menina que é danada, travessa? (CRUZ, 2004)

86. AVEXADO

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?(CRUZ, 2004)

87. DESMENTIDURA

Qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo está fora do lugar?
(CRUZ, 2004)

88. ESPINHELA CAÍDA

Qual expressão é usada para indicar que a espinhela de uma pessoa deslocou-se e caiu sobre o estômago? (CORRÊA, 1980)

89. FUXIQUEIRO

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros? (CRUZ, 2004)

90. GITINHO

Como se chama algo bem pequenino? (CRUZ, 2004)

91. LESA

Como se chama uma pessoa que é boba, idiota?(CRUZ, 2004)

92. MEDONHO

Como se chama uma pessoa que é muito feia, horrorosa mesmo? (CRUZ, 2004)

93. MALINO

Como se chama as crianças que são travessas, traquinas e que gostam de malinar?
(CORRÊA, 1980)

94. PÁVULA

Como se chama a pessoa que é vaidosa e orgulhosa? (CORRÊA, 1980)

95. MACETA/PORRUDO

Como é que se diz de algo muito grande, imenso ou de uma pessoa grandona e bem forte? (BATISTA, 2019)

96. GALEROSO

Como se chama a pessoa que pertence a uma gangue de rua? (BATISTA, 2019)

97. ATÉ O TUCUPI

Qual é a expressão que quer dizer que carro, ônibus ou canoa está até o máximo que pode suportar? Ele (a) está _____ de pessoas. (BATISTA, 2019)

98. DE BUBUIA

Quando a pessoa fica tomando banho no rio, e ela está parada na água descansando. Ela está _____. (AZEVEDO, 2013)

99. PIRÃO

Como se chama a alimentação que tem como conteúdo maior a farinha e que é o alimento quase exclusivo do caboclo? Geralmente é feito para comer com peixe. (CRUZ, 2004)

100. DINDIM

Como se chama aquela espécie de picolé de suco de frutas ou achocolatado servido em um saquinho de plástico comprido e estreito, após ter sido congelado? (BATISTA, 2019)

Você conhece outras expressões típicas da região?

IMAGEM 1



Fonte: <http://oimpacto.com.br/2016/09/13/ribeirinhos-tem-suas-atividades-prejudicadas-pelo-icmbio/>

IMAGEM 2



Fonte: <http://rabetanoria.no.comunidades.net/index.php?pagina=galeria>

IMAGEM 3



Fonte: <https://www.clasf.com.br/voadeira-em-santana-ap-9141826/>

IMAGEM 4



Fonte: <http://isabellpelizzer.com.br/passeios-manaus-e-barcelos-2014/>

IMAGEM 5



Fonte: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/embua/>

IMAGEM 6



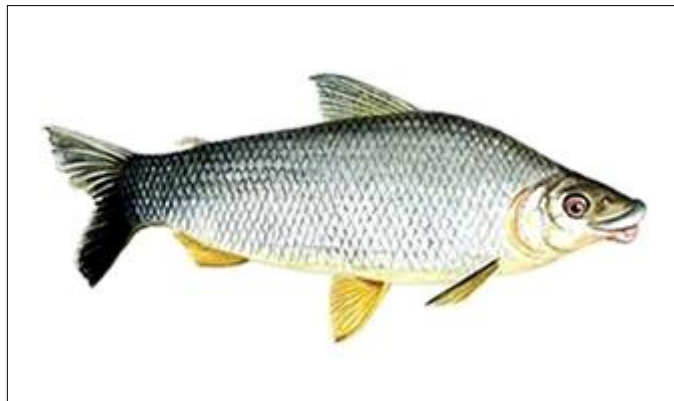
Fonte: <http://ecotecpragasurbanas.com.br/quem-e-quem-centopeia-ou-piolho-de-cobra>

IMAGEM 7



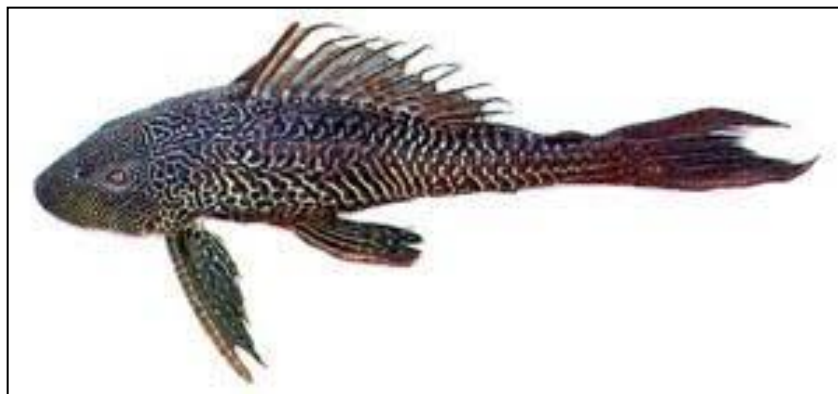
<https://hiveminer.com/Tags/amazonas%20Codonata>

IMAGEM 8



Fonte: <http://www.clubedapescaria.com.br/peixe/curimbata-curimata-curimata>

IMAGEM 9



Fonte: <http://pescamaisbrasil.com/p/navegacao/boxes>

IMAGEM 10



Fonte: <https://www.cpt.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-apapa-pellona-castelnaeana>

IMAGEM 11



Fonte: <https://www.noticiasominuto.com.br/brasil/508738/turistas-relatam-infeccao-causada-por-bicho-geografico-em-praia-de-sp>

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
 FACULDADE DE LETRAS - FLet
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo do léxico, sob a responsabilidade da pesquisadora Bryana Connie Linda Lopes Batista, a qual pretende traçar o perfil lexical do português falado em Itacoatiara e Silves (AM), sob a perspectiva da Dialectologia Pluridimensional.

Sua participação é voluntária e se dar á por meio de gravações em áudio que serão incorporados ao banco de dados, cuja responsável zelarà pelo uso e aplicabilidade das amostras exclusivamente para fins científicos.

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são possíveis preconceitos que serão evitados, já que estarei preservando sua identidade. Poderá ocorrer também um pequeno constrangimento, por eu ter que usar um gravador, mas se você se sentir incomodado (a), me comunique, que eu cancelarei imediatamente a entrevista. Caso ocorra algum problema ocasionado pela pesquisa, ele será resolvido e seus efeitos minimizados. No entanto, se você aceitar participar, estará contribuindo para o estudo do léxico dos municípios de Itacoatiara e Silves.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (92)99493-6500, pelo e-mail: bryconnie@gmail.com ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92)3305-5130.

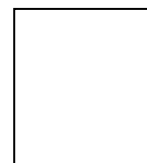
Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendia explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

 Assinatura do participante

 Assinatura do Pesquisador Responsável



Impressão do dedo polegar
 Caso não saiba assinar

APÊNDICE E – CARTOGRAMA BASE

